



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARIA LUCELIA DE ANDRADE

“UMA REVISTA BEM MODERNA E BEM CRISTÃ”
A REVISTA MARIA ENTRE O PASSADO E O FUTURO
(1915-1965)

FORTALEZA-CEARÁ
2019

MARIA LUCELIA DE ANDRADE

“UMA REVISTA BEM MODERNA E BEM CRISTÃ”
A REVISTA MARIA ENTRE O PASSADO E O FUTURO
(1915-1965)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História, do Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos

FORTALEZA-CEARÁ
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A568" Andrade, Maria Lucelia de.
"Uma revista bem moderna e bem cristã" : A revista Maria entre o passado e o futuro
(1915-1965) / Maria Lucelia de Andrade. – 2019.
310 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa
de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

1. Revista Católica. 2. Filhas de Maria. 3. Tradição. 4. Modernidade. I. Título.

CDD 900

MARIA LUCELIA DE ANDRADE

“UMA REVISTA BEM MODERNA E BEM CRISTÃ”
A REVISTA MARIA ENTRE O PASSADO E O FUTURO
(1915-1965)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História, do Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Lídia Noemia Silva dos Santos
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Edilberto Cavalcante Reis
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Rodrigo Alves Ribeiro (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para minha mãe, Dona Mundinha,
Pela força e pela fé.

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma tese é um trabalho longo, solitário, penoso às vezes. No período em que essa tese estava sendo gestada, o tempo, base de suas reflexões, parece que acelerou. O país que conhecíamos mudou. Nós, que ao adentrar o Programa de Pós-Graduação em História experimentávamos certo otimismo, assistimos estupefatos, não sem lutar, um ataque sórdido ao conhecimento e à educação. Nós professores e estudantes de História fomos transformados em suspeitos, perigosos doutrinadores e vagabundos por uma parcela da população que nos escolheu como um dos alvos do fascismo caboclo que ora nos assola. Paulo Freire foi transformado em vilão por essa horda furiosa que passou a perseguir as Ciências Humanas como um inimigo real a ser aniquilado. De nossas escrivadinhas, arquivos e leituras, passamos por uma eleição tensa, um golpe disfarçado de impeachment, um governo eivado de escândalos, uma eleição desesperadora, e a ascensão ao poder de um grupo que não tem projetos para o país a não ser destruir “tudo isso que está aí”. Foram e são tempos difíceis para os sonhadores. Tempos adoecedores. Difícil seguir o foco, manter o prumo e a teimosia de acreditar que dias melhores virão.

Por tudo isso, e pelo humano que nos define e que nos fragiliza, que é preciso pensar também nas pessoas que nos rodeiam, nos dão suporte e nos ajudaram, com todas as dores e crises, chegar até aqui. Por isso também é que a tarefa de agradecer nominalmente agora se torna tão ingrata, porque inevitavelmente nomes serão esquecidos.

À Deus e a Nossa Senhora das Graças. A fé de que Eles me protegem, me sustentam e me fortalecem me ajuda a seguir a caminhada. Nos momentos difíceis, me servem de refúgio e me provém esperança. Nos de alegria, ao agradecê-los, enxergo como a vida pode ser boa e generosa.

Ao fim dessa jornada só posso nutrir mais admiração e muita gratidão ao meu orientador, Régis Lopes. Intelectual que admiro desde a graduação, e que tive a honra e a alegria de conhecer no mestrado. No doutorado, mostrou-se a voz de conforto nos momentos de angústia, a serenidade dos conselhos nos momentos de

dúvida, a leveza da conversa despretensiosa fora das orientações. Fica a certeza de um carinho e admiração que só aumentam a cada dia por sua erudição e simplicidade tão próprios dos grandes intelectos. Sem você essa pesquisa não existiria.

Rutônio Sant'Anna. Impossível contar a história dessa pesquisa e não falar de você. Impossível admitir que ela existiria sem sua ajuda. Meu amigo, saiba que sua ajuda tornou esse sonho possível. Sem você, sua generosidade e empenho, não teria conseguido. Graças a você, de muitas formas, consegui ter acesso à revista Maria. A Biblioteca Nacional tem um acervo riquíssimo, mas mais incalculável é a riqueza do potencial humano que ela traz, e entre as joias desse cabedal, você é, com certeza, uma das mais reluzentes e valiosas. Me faltam palavras para expressar minha gratidão.

Ione Caser, para mim, sinônimo de doçura, generosidade e encanto. Foi isso que encontrei em você enquanto realizava minha pesquisa na Biblioteca Nacional. Você me faz crer que Deus coloca anjos nas nossas vidas. Você foi um deles na minha.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, que me servem de inspiração, em especial aqueles que dividiram conosco seus conhecimentos e suas reflexões nas disciplinas cursadas: Gilberto Ramos, Ana Rita Fonteles, João Ernani Furtado, Meize Lucas e Kênia Rios.

Aos meus colegas de doutorado. O tempo de convivência acabou sendo muito pouco, mas fiz amigos que levarei no coração com muito carinho: Kamillo, Eduardo, Ney, Jormana, José, Wellington, Danilo e Fábio.

Meize Lucas, uma amiga querida que nos conduziu de forma brilhante e instigante na disciplina de Tópicos Especiais em História Social. Além de ter colaborado de forma decisiva no Exame de Qualificação, trazendo críticas e sugestões preciosas para este trabalho. À você, "Iron Meize", minha admiração como intelectual e meu carinho por ser essa mulher tão forte, valente, sensível e generosa (assim tudo junto), e por tudo isso, maravilhosa.

Kênia Rios, outra querida que a UFC me trouxe. Todos que me conhecem sabem da admiração que nutro pela sua sagacidade, tranquilidade e erudição. Ao longo da minha trajetória acadêmica, seus ensinamentos têm me marcado. Suas colaborações na qualificação também foram primordiais para a escolha de alguns rumos e a correção de outros tantos.

Gostaria de agradecer imensamente ao Prof. Edilberto Reis e a Profa. Lídia Santos, pela solicitude com a qual receberam o convite para compor a banca deste trabalho.

Zilda Menezes. A você sempre. Minha mãe intelectual. A você devo muito do que sou como profissional e ser humano. Muito me honra que me consideres como uma filha. Muito me alegram o seu carinho, a sua torcida e o seu orgulho.

Ana Luzia, Mãe Luzia (Dona Luzia), e essa família maravilhosa que a vida me deu também. Obrigada pela torcida sempre sincera. À Wallacy, obrigada pelo zelo e presteza na confecção do Abstract!

Agradeço também a minha família (Rochele, Rita, Hermínia, Rayane, Luci, Henrique, Regina, D. Celma, Célio Chagas, os afilhados: João, Raylla e Pedro) que aprenderam a desculpar minhas ausências, me dedicando sempre uma torcida sincera. Essa conquista é nossa.

Cristiane Andrade, pela generosa receptividade, por ser casa fora de casa. Gratidão!

Marcos. Companheiro de uma vida.

Dona Mundinha. Minha mãe é semi-alfabetizada. Quis estudar, mas logo cedo seu pai lhe tirou da escola de zona rural para que ela ajudasse no cercado, junto com os irmãos e irmãs. Ela nunca entendeu realmente o que eu fazia em Fortaleza. Lamentava minha ausência. Chorava cada vez que me via entrar no ônibus e cada vez que eu chegava de volta. Foi assim no mestrado e também no doutorado. Quando me submeti à seleção, ela sempre dizia que estava rezando para “meu negócio” dar certo. Ela não sabe o que é um doutorado. Mas nunca deixou de rezar com fervor para que o “meu negócio” desse certo. Às vezes, impaciente, ela reclama

da demora em concluir, da minha ausência, da falta de tempo para sentar com ela, escutando suas histórias. Do alto dos seus 81 anos, já viveu muita coisa. A vida não foi gentil com ela, mas isso não a fez uma pessoa amarga, a fez uma mulher forte. Mãe é por você, e por todas as Raimundas, Franciscas, Marias com quem essa sociedade excludente nunca foi gentil, tirando-lhes a chance de traçar outros destinos. Sua filha não terá que se dedicar ao cercado, e agora poderá sentar e ouvir suas histórias, de um tempo que a senhora quis ser Filha de Maria, mas não pôde.

Aos amigos, os antigos e os novos. Obrigada pela torcida sincera e pela compreensão por meus “furos” e ausências.

Aos colegas de Departamento de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, que me receberam com os braços abertos e se mostraram generosos comigo, entendendo minhas limitações de tempo. Em especial, Sheva, que com sua torcida sincera se mostrou sempre disposta a me ajudar nos trâmites burocráticos das disciplinas e nos meus momentos de aperreio.

Quando iniciei a leitura das fontes e a escrita deste trabalho fui chamada para assumir minha vaga no concurso da Universidade Regional do Cariri - URCA. Tive, portanto que conciliar o feitio da tese com o estágio probatório. Embora cansativo, os encontros semanais com meus alunos da graduação foram sempre instigantes. A curiosidade e o entusiasmo inicial desses discentes me ajudaram a não perder o estímulo que nos mantem na pesquisa histórica. A todos os meus alunos da Graduação em História da URCA o meu muito obrigada. Este trabalho também é por vocês.

À todos aqueles que nas ruas, tem tentado resistir, lutando por nossos direitos, por uma educação universal, gratuita e de qualidade, por um país de todos.

O catolicismo é, em princípio, clerical e macho, à imagem da sociedade de seu tempo. Somente os homens podem ter acesso ao sacerdócio e ao latim. Eles detêm o poder, o saber e o sagrado. Entretanto, deixam escapatórias para as mulheres pecadoras: a prece, o convento das virgens consagradas, a santidade. E o prestígio crescente da Virgem Maria, antídoto de Eva. A rainha da cristandade medieval. De tudo isso, as mulheres fizeram a base de um contra-poder e de uma sociabilidade. A piedade, a devoção, era, para elas, um dever, mas também compensação e prazer.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, Contexto: 2007. p. 84

RESUMO

A Revista Maria voltava-se especialmente às associadas da Pia União das Filhas de Maria, congregação leiga, formada exclusivamente por mulheres solteiras. Tal associação representava um projeto de normatização e disciplinarização das jovens católicas, ao mesmo tempo em que buscava arregimentar esse público como apoio para as demandas da Igreja Católica, que vivia intensas mudanças desde o final do Império. Nas primeiras décadas do século XX, em todas as paróquias do país havia pelo menos uma Pia União das Filhas de Maria, congregando as jovens das camadas médias. Como forma de uniformizar tais grupos, oferecendo a eles uma instrução sempre atualizada com as questões em voga na sociedade, a revista foi pensada como um instrumento que permitiria às Filhas de Maria, nas palavras do arcebispo Dom Luis de Britto, “alcançar a força da união”. Definindo-se como uma “revista ilustrada, literária e apologética”, Maria era um impresso feito para mulheres e, em parte, por mulheres. Oscilando entre as normas da tradição e as novidades da modernidade, é a interação desses estratos do tempo nos comportamentos e demandas das leitoras que constitui o foco desta pesquisa. Maria teve longa duração, circulando por décadas em todo o território nacional. O período aqui em estudo compreende o recorte de 1915, ano que a revista volta a circular após uma pausa de aproximadamente um ano, até 1965, ano em que as determinações do Concílio do Vaticano II chegam ao Brasil, dando uma nova face à Igreja Católica, que iria aos poucos desencorajar as práticas do modelo de Igreja romanizada, entre elas a existência das Pias Uniões das Filhas de Maria.

Palavras-chave: Revista Católica. Filhas de Maria. Tradição. Modernidade.

ABSTRACT

The Maria Magazine was specially designed for the members of the Pia União das Filhas de Maria (Daughters of Mary), a congregation of only single women with no theological training. This association represented a project of norms and disciplines of Catholic girls, at the same time, tried to organize this public as support for the demands of the Catholic Church that has undergone intense changes since the end of the Empire. In the first decades of the twentieth century, in all the parishes of the country there was at least one Pia União das Filhas de Maria (Daughters of Mary), bringing together the young women of the middle class. As a means of leveling knowledge, it was offered the groups up-to-date instructions on contemporary issues in society. The magazine was designed as an instrument that would allow the Daughters of Mary, in the words of Archbishop Dom Luis de Britto, to "achieve the strength of unity." Defining itself as an "illustrated magazine, literary and apologetic," Maria was a print work made for women and partly by women. Varying between the norms of tradition and the news of modernity is the interaction of these layers of time in the behaviors and demands of the readers that constitute the focus of this research. Maria lasted a long time, being read for decades throughout the national territory. The period studied includes the edition of 1915, a year that the magazine returns to circulation after a pause of approximately one year, until 1965, when the determinations of the Second Vatican Council arrive in Brazil, giving a new face to the Catholic Church, which would gradually discourage the practices of the model of Romanized Church, among them the existence of the Pia União das Filhas de Maria (Daughters of Mary).

Keywords: Catholic Magazine. Daughters of Mary. Tradition. Modernity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Foto de “Ruth a respingar”	36
Figura 02 – Diploma de Admissão da Pia União das Filhas de Maria	61
Figura 03 – Foto da vencedora do concurso literário.	73
Figura 04 – Algumas Capas de Maria – A revista das Filhas de Maria.	78
Figura 05 – Capa de Março de 1924, trazendo a mudança no subtítulo de Maria - Revista das Congregações Marianas	79
Figura 06 – Capa do primeiro número da Revista Maria (março/1913)	90
Figura 07 – Ilustração do texto “As formigas. Como ellas vivem, praticam o feminismo, roubam, se aborrecem por causa da digestão e ficam calvas...”	146
Figura 08 – Ilustração do texto “As formigas. Como ellas vivem, praticam o feminismo, roubam, se aborrecem por causa da digestão e ficam calvas...”	146
Figura 09 – Foto do Mestre grafólogo	212
Figuras 10 e 11 – Capas da Revista Maria edições de Junho-Julho/1958 (Esq.) e Setembro/1957 (Dir.)	247
Figuras 12 e 13 – Capas da Revista Maria edições de Set/1958 (Esq.) e Jul- Ago/1960 (Dir.)	247
Figuras 14 e 15 – Capas da Revista Maria edições de Set-Out/1960 (Esq.) e Mar- Abro/1963 (Dir.)	248
Figura 16 – Capas das Revistas: A Cigarra; O Cruzeiro e Revista da Semana.	249
Figuras 17 – Clichês ilustrando a Filha de Maria do século XX.	259
Figura 18 – Clichês ilustrando a Página do Lar.	275

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DE PERNAMBUCO PARA O BRASIL – CIRCUITO DE LETRAS.....	29
2.1 A IGREJA NO BRASIL, AS IRMANDADES ROMANIZADAS E A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA – UMA BREVE CONSIDERAÇÃO.	37
2.2 MARIA – A REVISTA DAS FILHAS DE MARIA: LEITURA CONTROLADA, ESCRITA TUTELADA.	62
2.3 ESTRATÉGIAS DE EXISTÊNCIA E PERMANÊNCIA - OS PERCALÇOS DE UM IMPRESSO MODERNO.....	77
3 PASSADO PRESENTE E A FORÇA DA TRADIÇÃO.....	92
3.1 ENGENDRANDO UMA IDENTIDADE - A NOBREZA DE SER FILHA DE MARIA.....	93
3.2 O CORPO DISCIPLINADO – A BELEZA MÍSTICA DA FILHA DE MARIA.	111
3.3 FEMINISMO, FEMINISMOS – A REVISTA MARIA E A BUSCA POR UM “FEMINISMO ACEITÁVEL”.....	138
3.4 A LEITORA DE MARIA SOB A ÓTICA DE UM SACERDOTE – A GRAFOLOGIA E A “CIÊNCIA” DO JULGAMENTO.....	160
4 PASSADO FUTURO – UM DUELO ABERTO ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE.....	175
4.1 O CORPO DESPERTO - A FILHA DE MARIA E A AMEAÇA DE CORPO QUE DESEJA E É DESEJADO.	186
4.2 QUANDO OS CORPOS NÃO SE SUBMETEM – AS REBELDIAS DAS FILHAS DE MARIA MOSTRADAS NA REVISTA OU CRIANDO OS TEMPOS-MODOS DAS FILHAS DE MARIA.....	203
4.3 “MAIS UMA VEZ ENTRE O JÁ E O AINDA NÃO” – GRAPHOLOGIA, PRESENTE E FUTURO DAS LEITORAS DE MARIA	210
4.4 “QUANDO A POLÍTICA AMEAÇA O ALTAR” – O SUFRÁGIO FEMININO E O NOVO PAPEL SOCIAL DA MULHER CATÓLICA.....	227
5 FUTURO-PRESENTE - A FILHA DE MARIA DA MODERNIDADE.....	244
5.1 APRENDER A SER FILHA DE MARIA NA MODERNIDADE	253
5.2 A PÁGINA DAS NOIVAS – INSTRUÇÕES PARA UM PERIGOSO TEMPO DE TRANSIÇÃO .	267
5.3 A PÁGINA DO LAR – O CASAMENTO SOB A ÓTICA FEMININA.	275
5.4 OUTRO SENTIMENTO DE SI – O “APOSTOLADO DAS QUE NÃO CASARAM”	282
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	291
FONTES.....	299
REFERÊNCIAS.....	301

1 INTRODUÇÃO

“Um laço convém que haja a mantê-las sempre unidas, irmanadas sempre no mesmo fervor e nas mesmas práticas de uma devoção esclarecida”

Dom Sebastião Leme

Toda pesquisa tem uma história. A desta pesquisa começou há alguns anos, quando iniciei, ainda na graduação, a prática da pesquisa. Minha monografia versou sobre as Procissões Católicas em Limoeiro do Norte¹ e, durante a pesquisa de campo, feita principalmente a partir da oralidade, os entrevistados todos me falavam com muita ênfase nas irmandades e, principalmente, nas Filhas de Maria, assim, por tanta recorrência na menção às irmandades, isso se tornou um ponto de interesse e investigação. Essa investigação abriu o caminho que percorreria no mestrado, quando desenvolvi uma pesquisa sobre a Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro do Norte e suas práticas de leitura². E foi nos rastros das leituras das Filhas de Maria que cheguei à revista Maria: a revista das Filhas de Maria. Dito isso dessa forma, no entanto, talvez não seja possível entender como esse projeto de agrupamento feminino me despertou tanto fascínio. Sim, fascínio e afeto. Um grupo de mulheres, vigiadas, normatizadas, disciplinadas para atender um modelo proposto de mulher católica parecia, em princípio, para muitos com quem conversei, tão previsível. Mas, se as Filhas de Maria me intrigaram desde a primeira menção que ouvi, foi na fala de uma entrevistada que esse fascínio ganhou contornos firmes e me norteiam a pensá-las sob outros prismas.

Foi numa tarde nublada de 22 de novembro de 2002 que dona Raimunda Francisca de Andrade, sentada em frente a uma xícara de café fresquinho, falou-me num tom nostálgico:

Eu achava muito bonito quando chegava aquele pessoal que era da irmandade [das Filhas de Maria], tudo de branco, que se ajoelhava. Aí pegava a fita, beijava a medalha e era só botar no pescoço. Assistia a missa

¹ ANDRADE, Maria Lucelia de. **Nuanças de um ritual de fé: as procissões católicas em Limoeiro do Norte (1940-1980)**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2004.

² ANDRADE, Maria Lucelia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”**: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

todinha com aquela fita. Eu achei que era muito bom. Queria ser também. Era assim o plano das jovens nesse tempo, né?³

Dona Mundinha, como é conhecida, falou-me que não se importava com as rígidas regras que as Filhas de Maria deveriam seguir, afinal “era assim o plano das jovens nesse tempo”. Mas ela nunca foi Filha de Maria. Filha de agricultores pobres, semi-alfabetizada, moradora da zona rural, sua posição social não colaborava para que tomasse parte na associação e, no entanto, ela nunca esqueceu a beleza ritualística do grupo que ocupava lugar de destaque em todos os ritos públicos da Igreja Católica de Limoeiro do Norte.

A fala de dona Mundinha nos diz ainda mais. Se num primeiro momento é a repressão e a norma que nos chamam atenção na congregação, não podemos esquecer que, aí, há também uma dimensão de prazer, um mecanismo de compensação, afinal, toda repressão é positiva e negativa. No mesmo instante em que nega algo, compensa essa negação com algo que traz satisfação. Ser Filha de Maria, em parte, era esse processo de ressignificação que encontrava satisfação na busca da pureza e da santidade, enquanto abnegava alguns dos sedutores prazeres da modernidade. O sagrado também era sedutor e disputava com o moderno as percepções de prazer e felicidade dessas mulheres. Foucault, ao estudar os mecanismos de controle da sexualidade, nos fala dessas “técnicas polimorfos de poder”, que também trabalham com esses mecanismos de compensação, proibindo e incitando prazeres. Para o autor, é importante entender

Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano – tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas também, de incitação, de intensificação, em suma, as “técnicas polimorfos do poder”.⁴

O principal acervo documental deste trabalho é composto pela Revista Maria. Utilizamos também do Manual da Pia União das Filhas de Maria⁵, por conter os princípios fundadores e norteadores da associação e por representar a

³ Raimunda Francisca Andrade. Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 22/11/2002.

⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁵ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro:[s. n.], 1926.

principal leitura tradicional⁶, a qual as marianas tinham acesso. Em menor escala, utilizamos pontualmente fontes com as quais trabalhamos na dissertação, tais como: entrevistas orais, jornais (O Nordeste e O Ceará) e documentação da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro do Norte (atas de reuniões, controles da biblioteca, livro de registro de associadas, etc.).

O acervo da Revista Maria encontra-se microfilmado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Quando iniciei essa pesquisa em 2013, ainda como um projeto para o doutorado, fotografei na Biblioteca Nacional, a partir das telas do microfilme, as páginas da revista. Na época foi a forma que encontrei para conseguir ler o periódico, porque não tinha de recursos financeiros suficientes para adquirir o acervo digitalizado em CD ou mesmo impresso. Adquirir a duplicata dos rolos de microfilme também estava fora de cogitação, pelo seu custo e sua posterior dificuldade de leitura. Com uma parte do acervo fotografado a partir da tela do microfilme, iniciei a pesquisa, embora a leitura fosse uma tarefa árdua, pois a qualidade da imagem era/é muito ruim.

Em fins de 2015, a Hemeroteca Digital Brasileira, site mantido pela Biblioteca Nacional, disponibilizou online uma grande parte do acervo da revista Maria, mais especificamente o período de 1919 a 1969. A leitura do periódico a partir dos arquivos da hemeroteca foi mais tranquila e ficaram de fora, portanto, apenas os quatro primeiros anos do período aqui em estudo (1915-1965), ou seja, 1915 a 1918. Esses quatro anos tiveram que ser lidos a partir das fotos das telas de microfilme.

Fiz uma escolha audaciosa, imprudente talvez. Não quis trabalhar com amostragem da revista, pois me incomodava em demasia a ideia de que poderia perder algo importante pelo caminho. Foram cinquenta anos de revista: 1915 a 1965⁷. Quando iniciei essa empreitada, não tinha real noção do que significava. A jornada foi exaustiva e, depois de 388 exemplares de Maria, aproximadamente 11.799 páginas lidas, vi-me diante de uma encruzilhada. Tanta coisa, tanto a dizer, mas sem saber por onde começar. Noites a fio pensando em caminhos e

⁶ Essa leitura da tradição se caracteriza principalmente pela repetição. É uma leitura exemplar, com orações e narrativas hagiográficas cheias de exemplos através dos quais é possível instruir seus leitores.

⁷ Ressalte-se que a revista Maria foi fundada em 1913, no entanto, após pouco mais de um ano em circulação, devido a dificuldades que o conselho editorial não deixa claro, mas supomos que fossem de ordem financeira, a revista teve sua publicação suspensa. Por aproximadamente 1 ano a revista parou de circular. Voltou em abril de 1915, para não mais ser interrompida.

alternativas que contemplassem a contento tamanha jornada. Pegava-me constantemente falando de mudanças, permanências, rupturas, mas em períodos distantes. Não era fácil fazer os interlocutores entenderem as transições, especialmente porque o período era extenso, e, ao longo de cinco décadas, muita coisa ocorreu no país e na vida das mulheres. Esboços e mais esboços todos estancados nas encruzilhadas dos tempos, das décadas, dessas mulheres em metamorfose social.

Como explicar de uma maneira linear e sem fissuras algo que não é linear e é tão multiplamente fissurado? Não era possível. Retornei às fontes, às anotações, às observações e algo tão basicamente claro, até então, não me havia ocorrido.

Quando estamos trilhando os tortuosos caminhos da escrita historiográfica, muitas vezes o óbvio nos parece escapar. Por um tempo, uma espécie de cegueira metodológica parece que nos arrebatava, então lembrei o conselho de minha mãe: “quando a pessoa está ariada a melhor coisa é sentar, colocar os pensamentos em ordem, se acalmar e aí a pessoa se acha”. Ela falava de estar fisicamente perdido no espaço e, no entanto, numa operação historiográfica, me apropriei de sua sábia oralidade de narrador benjaminiano. Parei, tentei colocar os pensamentos em ordem e refazer caminhos. Foi aí que percebi o óbvio: A Revista Maria não foi uma só revista o tempo todo. Tal como a sociedade e as mulheres a quem ela se dirigia, sofreu mudanças significativas em sua estrutura, parte de sua essência mudou, parte permaneceu.

Pensando a partir de Reinhart Koselleck⁸, o fio condutor desta pesquisa é analisar como a relação entre *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*⁹ oscilou ao longo desses cinquenta anos na revista Maria. Dito de outra forma, como a relação tradição – modernidade aparece nas pautas do periódico.

No processo de determinação da distinção entre passado e futuro, ou, usando-se a terminologia antropológica, entre experiência e expectativa, constitui-se algo como um “tempo histórico”. É próprio das circunstâncias biologicamente determinadas do ser humano, que com o envelhecimento, também a relação com a experiência e a expectativa se modifiquem, seja por meio do recrudescimento de uma e desaparecimento da outra, seja por meio de um mecanismo em que ambas se compensem mutuamente, seja

⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

⁹ (...) experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político. Idem. p. 308.

ainda pela constituição de horizontes situados além da biografia de cada um, que ajudem a relativizar o tempo finito de uma vida individual. Mas a relação entre passado e futuro alterou-se, de forma evidente, também na sequência das gerações históricas.¹⁰

Em contraposição aos manuais religiosos, missais e catecismos que são impressos da tradição católica, a revista é um impresso moderno em sua concepção, é uma leitura acelerada, que traz em suas páginas a efemeridade da modernidade. Reinhart Koselleck nos lembra de que a leitura na modernidade, ao contrário da leitura cristã tradicional, será marcada pela aceleração, daí a revista ser uma leitura moderna em sua origem. Segundo Koselleck

A leitura dos lares burgueses também foi acelerada. A leitura repetida da Bíblia e dos clássicos foi substituída pelo consumo de produtos constantemente renovados, principalmente romances. A partir de 1814, a prensa rotativa aumentou as vendas e o Brockhaus, uma das nossas testemunhas-chave, adaptou-se a isso. Enquanto seus primeiros léxicos de conversação ainda eram atualizados por meio de volumes suplementares, em 1830 e 1840 a editora passou a produzir um Brockhaus da Atualidade que fazia um corte transversal da modernidade. Esse corte transversal logo se transformou em uma revista atual, “Die Gegenwart” [A atualidade], que, mês a mês, trazia para os lares os eventos de um tempo fugaz.¹¹

Para melhor entender essa modalidade de impresso foi preciso fazer uma incursão pela já vasta produção sobre revistas no Brasil¹². Segundo Ana Luiza Martins, de tão relevante na trajetória das revistas na imprensa brasileira, os primeiros estudos sobre o periodismo no Brasil versavam sobre elas. É uma fonte notadamente muito rica e que possibilita aos historiadores muitas possibilidades de análises, sem descuidar que, como nos lembra Martins, *“A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele*

¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 16.

¹¹ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora. PUC-Rio, 2014. p. 151.

¹² OLIVEIRA, Claudia (org). **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010; MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP, 2008; RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem**: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica/FAPESP, 2005; COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX**: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2002; A REVISTA no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000. Para citar alguns.

*envolvidos.*¹³ Daí não perdermos de vista a natureza da revista Maria: católica, feminina e pensada para as Filhas de Maria.

O projeto de Maria era ambicioso. No mesmo instante que se propunha a ser uma revista para entreter o público feminino católico, como alternativa a outras revistas¹⁴, cuja leitura podia trazer assuntos desviantes, também se propunha a ser o elo entre as associadas das Pias Uniões das Filhas de Maria espalhadas pelo país¹⁵, tidas pela Igreja Católica romanizada como um grupo estratégico, de forte apelo social dentro da sociedade brasileira. Com o projeto da revista, os editores – inicialmente só clérigos da arquidiocese de Recife e Olinda – tinham a pretensão de informar e formar suas leitoras, pautando suas demandas e mobilizando esses grupos de leigas para agir em defesa dos projetos da Igreja Católica brasileira. É essa, aliás, uma das especificidades do gênero revista, conforme Ilka Stern Cohen

À revista reservava-se a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, literárias ou acadêmicas, essas publicações atendiam interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses. Nesse sentido, nem sempre é o caráter comercial que marca as iniciativas; ao contrário, havia toda uma linhagem de publicações destinadas à defesa de interesses específicos.¹⁶

Nesse processo, os embates entre os ensinamentos da tradição e as novidades da modernidade perpassavam os conteúdos da revista, que, a seu modo, ia se colocando frente às mudanças da sociedade brasileira.

Refazendo os caminhos, percebi que ao pensar a revista Maria ao longo desses cinquenta anos é possível dividi-la em três fases distintas, que se

¹³ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP, 2008. p. 27.

¹⁴ Segundo Maria de Lourdes Eleutério, no transcorrer da chamada Primeira República (1889-1930), o Brasil viveu um período profícuo no que se refere à publicação de revistas. Muitas tiveram vida efêmera, mas algumas se firmaram no gosto popular, principalmente por se tratar de uma leitura leve, e com apuro gráfico. Entre as revistas mais longevas, a autora aponta: Careta (1908-1960), Fon-Fon (1907-1945), Eu sei tudo (1917-1956), Revista da Semana (1906-1962), O Tico-Tico (1905-1962), A vida Mordena (1906-1929). ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 83-102.

¹⁵ Dom Leme, em carta dirigida à revista e publicada na edição de janeiro de 1917, louvava a existência do periódico e exortava: “Um laço convém que haja a mantê-las sempre unidas, irmanadas sempre no mesmo fervor e nas mesmas práticas de uma devoção esclarecida”. Esse laço era, no projeto de seus editores, a revista Maria. In Revista Maria, Janeiro/1917. p. 170.

¹⁶ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 103-130.

complementam e se transformam. As transformações, por vezes, são sutis, por outras, nem tanto, mas o ponto de partida, para perceber como elas são possíveis, parte de uma análise de sua equipe editorial. Ao longo desses cinquenta anos, essa equipe inicia composta somente por sacerdotes e termina composta somente por mulheres, Filhas de Maria, que envelheceram tendo a revista como referência de leitura.

Foi assim que percebi que a única maneira de construir uma narrativa em torno da revista Maria ao longo dessas cinco décadas era admitir e explorar a ideia de que ela não foi Una, foi múltipla. Ao longo dos anos de sua existência, as mudanças no conselho editorial da revista e na sociedade brasileira e a forma como as Filhas de Maria se inseriam nessa sociedade, deram a ela feições diversas.

A forma como a revista lida com o tempo, resistindo ou aderindo à modernidade é também variável, tanto quanto a relação das leitoras com esse tempo, uma vez que, em suas interações com a revista, demonstram formas diferentes de perceber o passado, o presente e o futuro. Sobre essas interações temporais, Reinhart Koselleck afirma,

Assim, como o presente pode ser dissolvido entre o passado e o futuro, esse extremo mental também pode ser invertido: todo tempo é presente num sentido específico. Pois o futuro ainda não é, e o passado já não é mais. O futuro só existe como futuro presente; e o passado, só como passado presente. As três dimensões temporais se conjugam na presencialidade da existência humana, ou, como dizia Agostinho, em seu animus. O tempo só está presente como algo sempre esquivo: o futuro, na *expectatio futurorum*; o passado, na *memoria praeteritorum*. O chamado ser [Sein] do futuro ou do passado é, pois, seu presente, no qual eles estão presentes e são presenciados.¹⁷

Nessas mudanças, estratos do tempo se revezaram, reinventaram-se e trouxeram à tona questões óbvias e também outras bem diversas daquelas que se espera de uma revista católica feminina, pensada para modelos ideais de mulher.

A partir de tais reflexões, tomei a decisão de analisar a revista Maria a partir de três fases distintas por mim identificadas, e que foram aqui posicionadas em capítulos, como uma forma de facilitar a análise de cada fase, discutindo em cada um deles quais as principais pautas trazidas pela revista, considerando a interação passado-futuro sob o signo da tradição e da modernidade. Essas

¹⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora. PUC-Rio, 2014. p. 231.

interações se dão de formas variáveis no tempo e no espaço, pois como nos explica Koselleck, essa variação de entrelaçamento de tempos é própria do tempo histórico.

Evidentemente, o que esperamos para o futuro é delimitado de maneira diferente daquilo que experimentamos no passado. Expectativas cultivadas podem ser ultrapassadas; experiências realizadas, no entanto, são colecionadas. Por isso, o espaço de experiência e o horizonte de expectativas não podem ser remetidos um ao outro de forma estática. Eles constituem uma diferença temporal no presente, entrelaçando o passado e o futuro de modo desigual. Com isso, teríamos definido uma característica do tempo histórico que, ao mesmo tempo, pode indicar mutabilidade.¹⁸

Mas antes de adentrar nas fases da revista propriamente ditas, com as questões inerentes a cada uma delas, escolhi iniciar este trabalho explorando o espaço-tempo de criação da revista. Por isso, no **primeiro capítulo** intitulado “**De Pernambuco para o Brasil – Circuito de letras**” optamos por explorar as condições sociais de criação e características gerais da revista, bem como explicar o modelo de congregação leiga caracterizado pela Pia União das Filhas de Maria, o público-alvo do impresso aqui em estudo. Para isso, também optamos por fazer uma breve referência de como a Igreja Católica se estruturou no Brasil, possibilitando um percurso peculiar que terá relação com o tratamento que as Filhas de Maria receberam aqui no país.

No **segundo capítulo** “**Passado presente e a força da tradição**”, abordamos a primeira fase da revista, que nomeamos aqui como passado-presente, pois é a fase da revista em que a força da tradição se faz manifesta. Pensando a partir dos conceitos de Koselleck, é nessa fase que o *espaço de experiência*¹⁹ influencia os textos com um peso muito maior que o *horizonte de expectativa*²⁰, ou seja, são os ensinamentos do passado, seus valores e normas que norteiam os escritos e orientações do impresso. O recorte temporal dessa fase vai de 1915 até, aproximadamente, 1932.

É necessário que se ressalte que as datas aqui propostas como marcos temporais para as fases que trabalho são aproximações, uma vez que esses marcos

¹⁸ Idem. p. 308.

¹⁹ A experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 310.

²⁰ (...) expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. Idem. Ibidem.

são reflexos das mudanças mais significativas percebidas na própria revista. No caso da primeira fase, estabelecemos o ano de 1932 como marco final por ser o ano em que na revista começa a figurar uma participação feminina mais acentuada no que diz respeito à escrita de seções. É o ano também que marca a conquista do sufrágio feminino no Brasil e uma verdadeira guinada na postura da revista que antes militava pela ausência da mulher na política e passará a tentar politizar e conscientizar a Filha de Maria para alistar-se e, assim, poder votar nos candidatos da Liga Eleitoral Católica-LEC, bem como pressionar sempre que preciso, em favor das pautas políticas e sociais defendidas pela Igreja.

Pensada também como leitura complementar ao Manual da Pia União das Filhas de Maria, a revista apresenta, durante esse período, referências às leituras piedosas tradicionais, em especial o Manual da Pia União das Filhas de Maria. Não raro aparecem matérias que, ao final, indicam páginas do Manual que devem ser lidas para complementar a reflexão. Nesse período, encontraremos, também, nas páginas do periódico, muito do que o senso comum esperaria encontrar em uma publicação católica voltada para o público feminino: proselitismo, devocionismo, além das instruções moralizantes acerca do comportamento das filhas de Eva, que aparecem numa leitura de mulher muito sintonizada com a visão católica da mulher filha de Eva, que precisa ser “domada” sob pena de se tornar um mal para a sociedade.

Mas também já é possível perceber que, sem perder o elo com o passado e com a conservadora tradição católica, há uma necessidade de colocar em Re-vista as questões do presente que envolvem a Igreja - que vivencia seu processo de reordenação sob os parâmetros da romanização - e seus projetos político-sociais.

No **terceiro capítulo “Passado-Futuro – um duelo aberto entre tradição e modernidade”**, trazemos a segunda fase da revista que chamamos de Passado-Futuro, por se tratar de um momento em que o embate entre o velho e o novo, a tradição e a modernidade, parece mais equilibrado. É um período no qual as Filhas de Maria, por não viverem isoladas da sociedade, começam a querer usufruir das novidades da modernidade, mesmo que a Igreja condene tal desejo. É uma fase de autoafirmação dessas leitoras que querem colocar-se na revista de forma mais contundente e não serem apenas receptáculos passivos das orientações clericais.

Nesse período, que compreende aproximadamente de 1933 até 1955, a percepção da modernidade e da mudança já começa a aparecer na revista,

especialmente pelo fato de que as leitoras já participam com certa assiduidade do feito do periódico. Assim, é possível perceber esse período como um tempo de transição onde,

A nova experiência da transição se caracteriza por duas noções especificamente temporais: a diferença de qualidade que se espera para o futuro, e, associada a isto, a mudança dos ritmos temporais da experiência: a maior rapidez com que o tempo presente se diferencia do passado.²¹

A modernidade, ora demonizada ora aplaudida é o grande mote das falas da revista, que tenta construir um elo entre uma modernidade cristãmente aceitável e um passado cristão exemplar. Nesse período, enquanto a revista insiste em manter em evidência os valores e certezas do passado e da tradição, as Filhas de Maria, escrevendo para a revista, já sinalizam para o fato de que as incertezas do futuro parecem lhe causar mais angústia do que as piedosas certezas do passado. As receitas do passado são conhecidas: devoção, resignação, sacrifício e oração. As do futuro ainda estão sendo inventadas. Nas palavras de Koselleck, *“multiplicavam-se também as dificuldades para conhecer o tempo em que se vivia, pois ele se dirigia em uma direção que parecia não poder mais ser deduzida da história anterior. O futuro transformou-se em desafio, em enigma.”*²²

Em 1933 o cônego Xavier Pedrosa diretor da revista, assíduo escrevente da mesma, assume a presidência da Academia Pernambucana de Letras, função que certamente lhe trouxe outras ocupações, permitindo-nos inferir que a diminuição de textos assinados por ele tenha se dado também em razão disso. Esse afastamento parcial também abre espaço para que as colaboradoras usem mais um pouco em suas participações e opiniões. Nada que represente uma ruptura brusca, mas ideias que indicam que algo estava mudando e, ao invés de só receberem os ensinamentos, elas também tinham opiniões a respeito de algumas questões, tais como o papel social das Filhas de Maria, o direito ao voto, o usufruto do corpo, etc.

Uma rápida análise dos sumários das edições desse período permite perceber que as figuras de Guiomar de Sá, Miriam, Maria de Ipojuca, Lygia Sylvia e Cláudia Save já têm estabelecidos seus espaços na revista com contribuições

²¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. P 288.

²² Ibidem. p. 290.

mensais, especialmente redigindo textos de opinião sobre questões da atualidade de então. Além das escritoras mencionadas acima, ainda havia outras mulheres participando da revista, mas sem seções fixas, são textos esporádicos. Há ainda a figura de Virginia de Figueiredo, presença garantida em todos os números da revista, com poemas e músicas de temática religiosa. Assim, apontamos um crescimento da participação feminina na revista, embora ainda com acentuada tutela do corpo editorial formado em sua totalidade por sacerdotes, que em seus escritos concebem a revista como uma complementação, nos moldes modernos, das leituras da tradição.

Nas várias pequenas participações das leitoras comuns, especialmente na seção de grafologia, sobre a qual nos aprofundaremos mais adiante, as incertezas acerca de um futuro em que os valores do passado não parecem ser mais tão importantes, ficam patentes, reforçam-se e se multiplicam. Nessa fase também aparecem denúncias sobre desvios de conduta de algumas Filhas de Maria. Se na primeira fase, a revista constrói uma ideia e uma identidade de Filha de Maria ideal, na segunda fase percebe-se que esse modelo idealizado de mulher nem sempre se concretiza na vida real.

Nesse período, a revista busca dar vazão ao seu combate à modernidade com mais afinco e elege as mudanças comportamentais femininas como suas principais inimigas, com um claro apelo pelo retorno às tradições do passado para combater as mudanças que o presente vivido e o futuro próximo anunciam. O impasse entre o passado e o futuro, as tradições e as modernidades é o grande mote temático desse período, também, apesar dos esforços de alguns no sentido de manter inalterada a relação com a tradição, a modernidade já mostra sua força nas opiniões, comportamentos e argumentos veiculados pela revista.

As mulheres, emancipando-se paulatinamente já não aceitam caladas todas as imposições. As vozes dissonantes são mais numerosas e, com elas, as tensões aumentam e conquistas pequenas, mas indicativas de pequenas vitórias do futuro sobre o passado, vão sendo alcançadas. A esfinge da modernidade seria inventada e reinventada. Sob o desejo de serem modernas e sob o medo de desligarem-se da tradição as colaboradoras da revista, (re)inventam a modernidade cristã. Nela, futuro e passado juntam-se para formar a “moça cristã moderna”, que continua tendo o pudor e o recato como metas, mas já pode fazê-lo, por exemplo, com os cabelos *a la garçonne* sem ser demasiadamente censurada. A “moça

moderna” de Guiomar de Sá Fonte²³ nos diz muito sobre como nesse embricamento de tempos, as jovens Filhas de Maria vão abrindo fendas e ocupando espaços interditos.

Nessa fase, de tempo acelerado²⁴ e de certezas incertas, ou incertezas certas, a jovem leitora da revista já não buscava os ideais etéreos. A modernidade lhe impunha pressa e ela se angustiava com o futuro terreno. Não eram mais somente as questões da alma que lhe eram caras, o futuro próximo, o casamento, a profissão, a vocação passavam a ocupar mais espaço do que a preocupação em ser espiritualmente elevada.

Por outro lado, na equipe editorial da revista, um imprevisto trágico mexe com o próprio feitio do periódico: a morte repentina do cônego Euvaldo Souto Maior, diretor-gerente da revista e colaborador assíduo desta desde 1917. Souto Maior faleceu em 26 de novembro de 1943, aparentemente de um ataque cardíaco e, após seu falecimento, os textos pranteando o cônego Euvaldo revelam detalhes organizacionais internos da revista, que, por seu turno, sofreram mudanças bruscas, uma vez que Souto Maior, como diretor-gerente, era responsável por uma parcela significativa do funcionamento do periódico. Era também de sua alçada a diagramação da revista e a preocupação com uma escrita impecável.

Como escrevente da revista, era responsável por duas seções longevas e populares na revista: a “Página dos Maninhos”, iniciada em março de 1927 e a seção “Modas e Modos”. Na primeira cuidava da parte lúdica direcionada especialmente às crianças²⁵. Nela, charadas, desenhos a serem coloridos, palavras cruzadas e enigmas a serem decifrados, e outras brincadeiras incentivavam o pequeno público - que a revista supunha ser formado pelos irmãos e irmãs menores das Filhas de Maria leitoras - a participarem de concursos a prêmios: melhor pintura,

²³ Guiomar de Sá Fonte constantemente escrevia para a revista fazendo referências à “moça moderna cristã”. Discutir uma Filha de Maria sintonizada com a modernidade, mas dentro dos preceitos cristãos, era uma pauta da autora, que também lançou um livro intitulado “A moça moderna”, em 1940.

²⁴ Para Koselleck é possível falar em tempo acelerado, no sentido de construção social, uma vez que, “O próprio tempo natural permanece o mesmo, mas o conteúdo do tempo, criado pelos seres humanos, realiza-se de modo acelerado.” KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora. PUC-Rio, 2014. p. 166.

²⁵ O segmento de revistas infantis foi também um forte nicho de mercado na imprensa brasileira. Um dos seus maiores êxitos foi a revista Tico-Tico, lançada em 1905, que, além de histórias em quadrinhos também trazia, segundo Maria de Lourdes Eleutério, “toda a sorte de entretenimento para a garotada, com adivinhações, pequenos jogos, passatempos e quebra-cabeças”. Modelo que a “Página dos Maninhos” procurava imitar. Cf. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do Progresso*. Op. Cit. 92.

quem resolve o enigma, enfim, brincadeiras que giravam em torno de manter uma ligação entre a revista e o público infantil.

Já na “Página de Modas e... modos...” publicada pela primeira vez na edição de junho de 1922, Souto Maior tratava de abordar os males da moda e dos modos modernos, especialmente aqueles relacionados ao universo feminino. Dela nos deteremos mais adiante. Além de outros artigos que publicava sem assinatura.

A certeza de poder contar com um redator eficiente, dedicado com paixão ao periódico, “a alma da revista” - como o definiu Xavier Pedrosa - pela qual travava verdadeiras batalhas tentando angariar fundos, organizar a distribuição, havia chegado ao fim. Para a revista o futuro mostrava-se incerto. O passado desaparecia em velocidade acelerada e o diálogo com o futuro ainda parecia envolto em dúvidas e incertezas.

Para substituir Euvaldo Souto Maior nas funções burocráticas da gerência da revista, vieram em auxílio do periódico seus familiares, mais especificamente a irmã Adalgisa Souto Maior Genn, com a ajuda do marido Alberto Genn, anunciante da revista, proprietário da papelaria Vitória, em Recife. Mais tarde, a filha de Adalgisa, Maria Emilia Genn, assumiria as funções da mãe e ocuparia o posto de diretora da revista.

Ainda nessa fase, a revista sofreu outro golpe: em 06 de maio de 1952, morre o cômico Xavier Pedrosa. Ele que fizera parte da equipe de fundadores de Maria e que dava o tom mais acentuado de conservadorismo e tradição da revista, agora a deixava nas mãos já cansadas de Adalgisa Genn, a irmã guardiã da memória de Souto Maior. Adalgisa, por sua vez, morrerá três anos depois, em 17 de maio de 1955, assumindo a direção e administração da revista, sua filha Maria Emília.

A partir daí, a revista Maria começa a sofrer uma mudança substancial, mudam os assuntos, a estética, as seções. E as perspectivas de um futuro – o qual, ao que parece, não se deseja mais combater com tanto afinco – são repensadas.

No quarto capítulo, que intitulamos de **“Futuro-presente - A filha de Maria da modernidade”**, analisamos como a revista, ao mudar completamente de mãos e ser assumida exclusivamente por mulheres, elege como pauta as questões que se remetiam ao futuro das Filhas de Maria.

Nessa fase, iniciada a partir de 1955 e vai até o fim do recorte temporal aqui proposto (1965), a escrita da revista é assumida quase em sua totalidade por

mulheres. O próprio conselho editorial vê desaparecer o corpo clerical que antes o compunha, para ser formado quase que exclusivamente por mulheres. O redator-chefe ainda é um padre, o cônego Estáquio de Queiroz, mas este parece ter um papel mais figurativo, uma vez que sequer encontram-se escritos dele na revista, ao contrário do que acontecia com os clérigos das fases anteriores, que assinavam numerosos artigos.

Aqui é possível interpretar que a preocupação com o futuro ocupa o conteúdo da Revista, uma vez que a maioria de suas seções fixas volta-se para o futuro das leitoras. A preocupação com o noivado, o casamento, os filhos e as necessidades futuras dominaram a cena da revista, mas de uma forma muito diferenciada daquela que aparecia na primeira fase. Não se trata mais de pensar a função da mulher, esposa e mãe, abstratamente, mas de um ponto de vista pragmático²⁶. As seções assumem um tom realista de conselhos e receitas práticas direcionadas ao futuro almejado pelas leitoras, com um diferencial: já inclui de forma clara e ativa a figura da mulher solteira e da mulher que investe em uma formação e no cultivo de uma profissão, sem visar o casamento e a maternidade como únicas possibilidades.

Assim, o foco da revista nessa fase é o que a Filha de Maria poderá ser e como ser, num discurso que dava à leitora uma ideia de autonomia maior, com um grau elevado – se considerarmos que é uma revista católica feminina – de desvinculação com a Igreja em si. É uma fase em que a revista prepara a leitora para o futuro? Tudo indica que sim.

1965 é o ano que termina o Concílio do Vaticano II (1962-1965), por isso, é o marco temporal final dessa pesquisa. O inicial, 1915, diz respeito à inauguração da revista como um projeto duradouro de orientação das Filhas de Maria em todo o território nacional. Entendemos que o Vaticano II inaugurou uma nova visão de Igreja Católica, influenciando de maneira definitiva, principalmente, a forma como essa instituição lidava com a modernidade e com a tradição. Embora nem todas as mudanças propostas tenham sido implantadas, ousamos afirmar que o Vaticano II demonstra que a preocupação da Igreja Católica em sintonizar-se com o futuro, pela

²⁶ Ressalte-se que o fato de trazer conselhos práticos de como se comportar no casamento e na maternidade é algo que está relacionado ao futuro da Filha de Maria, uma vez que a Filha de Maria é incondicionalmente Solteira. O fato de noivar, já a coloca em processo de despedida da associação. E antes que o casamento aconteça, ela deve se despedir da Pia União. Ao tornar-se mãe, ela poderá entrar para a congregação que reuniria boa parte das ex-Filhas de Maria: A congregação das mães cristãs.

primeira vez, ocupará um espaço maior do que o seu esforço de manter a validade e a imutabilidade da tradição. Por hora, nos contentamos em dizer que o Vaticano II inaugurou uma nova forma da tradição católica se relacionar com a modernidade, bem como de enxergar a Igreja. Com isso, projetos como a Pia União das Filhas de Maria, para o qual a revista Maria foi criada, adquiriram outro significado e perderam espaço.

Agora, que esboçamos em linhas bem gerais as características mais acentuadas da pesquisa, deter-nos-emos nos pormenores, buscando explorar e analisar como, ao longo dessas três fases, a revista Maria se constitui como um impresso multifacetado, trazendo o discurso de uma tradição católica permeado de fissuras resultantes dos embates entre o passado e o futuro na perspectiva da Filha de Maria brasileira.

2 DE PERNAMBUCO PARA O BRASIL – CIRCUITO DE LETRAS

Oscar de Figueiredo Lustosa aponta o período de 1870 a 1900 como uma fase de consolidação da imprensa católica no Brasil, no qual esse meio de divulgação de informações “toma dimensões mais amplas, torna-se mais informativa, sempre sobre a vida interna da Igreja e também entra em uma perspectiva polêmica”²⁷, uma vez que é nesse período que se desenrolará a chamada “Questão Religiosa” no Brasil. Já nesse período, Recife figura entre os Estados que apresentam periódicos católicos importantes, no caso o jornal A União. Num período de imprensa católica ainda incipiente, o periódico pernambucano tinha reconhecimento nacional e desempenhava importante papel como porta-voz da causa da Igreja. Luiz Nascimento afirma que

depois de 1870, a famosa Questão Religiosa, que proporcionou a maior cobertura jornalística já verificada no Recife, intensamente vivida na imprensa diária e extravasada para a imprensa do plano periódico, que a explorou, sobretudo, pelo lado jocoso, satírico, através do epigrama e da charge, do ridículo e da desfaçatez.²⁸

Ao nos debruçarmos mais detidamente sobre a imprensa pernambucana, é possível encontrar estudos que buscam inventariar a numerosa produção literária do Estado, em especial a produção de periódicos os mais diversos.

Entre essas obras, a mais célebre, talvez em virtude de sua dimensão e fôlego, é a do jornalista Luiz Nascimento. Intitulada História da Imprensa de Pernambuco, a coletânea conta com 14 volumes que abordam o período de 1821 até 1954. A coleção busca, além de abarcar as publicações da capital, inventariar, também, as publicações periódicas do interior do Estado, mapeando uma promissora rede de impressos mesmo nas pequenas cidades do interior pernambucano.

O volume VIII da História da Imprensa de Pernambuco Luiz Nascimento informa que busca trazer

o histórico da vida das revistas de mais nomeada do Recife, com a indicação dos seus dirigentes, redatores e colaboradores, econômicos e até

²⁷ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Edições Loyola, 1983. p. 13.

²⁸ NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**: Recife: Arquivo Público: Ed. UFPE, 1970. v. 5. Palavras Iniciais. p. 18.

políticos. Assim nos jornais, de maior ou menor estatura, igualmente participantes da nossa vida cultural, envolvente e dinâmica.²⁹

Embora, para alguns títulos, Nascimento apresente em um ou dois parágrafos informações sucintas, com caráter de informativo geral, ele nos dá uma dimensão da origem e circulação da Revista Maria, ou pelo menos parte dela, já que o levantamento termina em 1954.

Em virtude do nosso recorte temporal, buscamos, em especial, as informações contidas do volume VII até o X³⁰. Neles, já é possível vislumbrar o intenso universo de letras em que se tornara Recife, com jornais e revistas surgindo e, também, definindo, em profusão a cada ano.

Na apresentação do Volume VIII, Nascimento saúda o leitor, indicando a predominância do “gênero-revista”:

Mais um volume da “História da Imprensa de Pernambuco”. Ei-lo. Entrego-o ao leitor e à posteridade.

Reúne o total de 382 publicações periódicas da área recifense, de todos os tipos e formações, postas em circulação no espaço de 15 anos, compreendidos entre 1916 e 1930.

Vale a pena salientar a quase predominância do gênero-revista. Uma avalanche de literatura, da prosa à poesia, madura ou prematura, envolvendo a pena dos medalhões e dos intelectuais imberbes.

[...] O que é certo é que se encontram alinhados, nas páginas a seguir, os títulos dos 382 periódicos nascidos nos referidos quinze anos.³¹

Somente no volume VII, no qual a Revista Maria está listada, Nascimento menciona a existência de 503 “*publicações periódicas recifenses nascidas e vividas no período de 1901 a 1915*”. Nos quatro volumes, que englobam periódicos do Recife, de 1901 até 1954, Luiz Nascimento chega à cifra de 1.591 periódicos no espaço de tempo de aproximadamente 54 anos³².

²⁹ NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**: Recife: Arquivo Público: Ed. UFPE, 1966. v. 8, p. 19

³⁰ A História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954) de Luiz Nascimento está assim organizada: Vol. I – Diário de Pernambuco (1821-1954); Vol. II – Diários do Recife (1829-1900); Vol. III – Diários do Recife (1901-1954); Vol. IV – Periódicos do Recife (1821-1850); Vol. V – Periódicos do Recife (1851-1875); Vol. VI – Periódicos do Recife (1876-1900); Vol. VII – Periódicos do Recife (1901-1915); Vol. VIII – Periódicos do Recife (1916-1930) ; Vol. IX – Periódicos do Recife (1931-1940); Vol. X – Periódicos do Recife (1942-1954); Vol. XI – Municípios das Letras A, B, C; Vol. XII – Municípios das Letras E a J; Vol. XIII – Municípios das Letras L a P; Vol. XIV – Municípios das Letras Q a Z.

³¹ Antes de tudo *In*: NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Recife: Arquivo Público: Ed. UFPE, 1966. v. 8. p. 19.

³² Ressalte-se que, conforme demonstrado na listagem dos 14 volumes da obra, os diários não estão inclusos nessa contagem. Para estes, a contagem está presente nos volumes II, III e IV da História da Imprensa de Pernambuco. Sendo que o primeiro volume é dedicado exclusivamente ao Jornal Diário de Pernambuco.

A efervescência do periodismo pernambucano é um indício de como a sociedade experienciava um espaço de múltiplas discussões e de muitas ideias. Afinal, ao pensarmos o espaço-tempo pernambucanos das primeiras décadas do século XX para além do circuito impresso, podemos perceber, especialmente Recife e Olinda, como espaços privilegiados de discussões acerca de pensar o Brasil moderno. Recife, assim como outras capitais brasileiras da época, vivia um surto modernizador. A modernidade e o moderno, os novos costumes, ocupavam as pautas de discussões da imprensa, da população e das ações políticas. Vivia-se, usando as palavras de Paulo Rezende, os “encantos e desencantos modernos” com muita intensidade.

A década de vinte, deste século, foi um dos momentos históricos significativos da tensão entre o moderno e o tradicional no Recife. Tensões que se expressavam nos debates dos seus intelectuais, nas notícias e opiniões registradas na imprensa, no cotidiano invadido por certas invenções e hábitos modernos.³³

Dentro dessa tradição pernambucana de uma imprensa numerosa e ativa, muitos eram os vieses que se apresentavam nos periódicos pernambucanos. Um desses vieses que se mostra particularmente forte era o viés católico, representante da tradição e crítico dos excessos dos costumes modernos.

Não podemos esquecer o fato de que, do ponto de vista da Igreja Católica, Recife e Olinda são referências importantes. Só para mencionar alguns episódios, na chamada questão religiosa da década de 1870, foi de Recife que saiu um dos bispos presos. No século XX, é da arquidiocese de Recife e Olinda que Dom Sebastião Leme sai para assumir a arquidiocese do Rio de Janeiro e de lá influenciar a Ação Católica. Pernambuco é espaço de pensadores e influenciadores da Igreja Católica Nacional. Não é ao acaso que, desde os primórdios da imprensa no Brasil, as “letras católicas” já florescia por lá.

O número de publicações identificadas como católicas, em Pernambuco, no início do século XX, não era algo desprezível. Pelo contrário. A ponto de, em 1939, vir a lume o livro intitulado “Letras Católicas em Pernambuco”, de autoria do cônego Alfredo Xavier Pedrosa³⁴. Tal compêndio, que também nos servirá de fonte

³³ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na Década de Vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 26.

³⁴ PEDROZA, Cônego Alfredo Xavier. **Letras Católicas em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

em alguns momentos da pesquisa, traz um número considerável de impressos identificados como sendo “letras católicas”.

O autor do livro, cônego Alfredo Xavier Pedrosa, professor do seminário de Olinda, membro da Academia Pernambucana de Letras, era um assíduo participante do circuito impresso pernambucano. Publicou alguns livros³⁵ e, ainda, era membro da redação e/ou colaborador de alguns impressos católicos, entre eles “A Tribuna”, jornal católico, no qual ocupou os cargos de secretário, redator e redator-chefe, e a Revista Maria, da qual foi secretário, diretor e redator-chefe, cargo que ocupou até 1952, ano de sua morte.³⁶

Cônego Xavier Pedrosa é, aliás, um personagem importante dentro da Revista Maria. Tendo assumido a direção da Revista em junho de 1920, mas já fazendo parte de seu corpo editorial antes disso, ele imprime sua escrita e opiniões em diversos espaços do periódico, especialmente aqueles mais carregados pelas discussões políticas.

Declarado admirador da família real brasileira, entusiasta do movimento patrianovista, aguerrido combatente contra as ideias comunistas, Xavier Pedrosa, por vezes, utilizava-se da Revista para expor suas opiniões políticas. No entanto, cada vez que o fazia, assinava com seu nome próprio, sempre deixando claro que a opinião era sua e não a colocava como “bandeira” erguida pela revista. Representante do catolicismo romanizado, clerical e conservador, Xavier Pedrosa exaltava abertamente a família real, e não poupava críticas à ingratidão do povo brasileiro para com Dom Pedro II, sobre quem tecia vastos elogios e de quem publicava fotos, poemas e textos que versavam sobre a vida do ex-imperador.

Desta forma, era dele, via de regra, o texto de abertura da Revista. Nesse espaço, sempre discorria acerca das festas religiosas do mês, porém, vez por outra, elegia pautas diferentes, de acordo com as questões da época.

Exceto quando tratava de assuntos políticos, era praticamente um hábito do sacerdote pernambucano utilizar-se de pseudônimos, ou somente das iniciais para assinar seus textos na Revista, assim Ignotus, C.X.P, X.P. e Ruth eram os mais

³⁵ Compêndio de Literatura Cristã (1937); Letras Católicas em Pernambuco (1939); Bem-Aventurada - M. Paula Frassinetti (1941); Compêndio de História da Literatura Latina (1947), além de artigos em periódicos tais como a Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e a Revista A Ordem, do Rio de Janeiro.

³⁶ Cf. NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**: Recife: Arquivo Público: Ed. UFPE, 1975. v. 7, p. 328-329.

usados. Sobre suas participações com o pseudônimo de “Ruth” é importante tecermos algumas observações.

Ruth surgiu na Revista Maria assinando uma secção, intitulada “Respingando”, em junho de 1918. Os respingos eram amplos, variados, de longo alcance. Diríamos até que variavam de acordo com os humores do sacerdote, que nas correspondências publicadas na revista e direcionadas às leitoras, não era nada dócil, mantinha sempre um tom ríspido e sem rodeios, sendo, por vezes, grosseiro e deseducado com aquelas que ousavam questionar suas posições.

Na secção Respingando, Ruth criticava o comportamento feminino, contava pequenas piadas, divulgava pequenas notas de notícias internacionais e encerrava com poemas, de diversos autores ou de sua própria autoria.

Nos primeiros números da referida secção, era possível ficar em dúvida se quem escrevia tais textos não seria realmente uma donzela Filha de Maria. Tanto que, logo em princípio, algumas leitoras, crendo estar escrevendo para igual, enviaram cartas à revista tecendo críticas às opiniões publicadas por Ruth e as respostas dela, para as críticas das leitoras, eram sempre ríspidas e sem rodeios. É o que ocorre na edição de julho de 1919, quando Ruth publica o trecho de uma carta enviada por uma leitora e que tecia comentários irônicos a respeito da postura dela. Logo em seguida, responde à leitora, com um toque desaforado, insinuando que a leitora vestiu a carapuça dos defeitos que apontou na revista.

Trecho de uma carta

“Eu julgava que também Ruth pagava tributo às vaidades humanas... Mas parece tão perfeita!... Já não acha defeitos em si propria e só os acha nos outros”.

Muito bem! A senhorita T.A.S. offendeu-se talvez porque lhe tocou a carapuça. Paciencia.

Eu continuarei a dizer aqui o que me convem dizer e aos outros não convem se diga.

Deus me vê e sabe que não sou insincera e hypocrita. O que eu reprovoo não approvo pelo exemplo. Com muito prazer, senhorita, receberei as suas correspondencias e ... commental-as-ei aqui, si me dá licença.³⁷

O uso de pseudônimos não era algo incomum no periodismo das primeiras décadas do século XX, constituía, outrossim, uma prática corriqueira desde os primórdios da tardia imprensa nacional. Tal prática se dava mais como

³⁷ Trecho de uma carta. *In*: Revista Maria, jul. 1919. p. 94-95. Ao longo de todo o trabalho, manteve-se a grafia original da revista.

uma forma do autor se proteger das retaliações, especialmente nas querelas políticas, tão presentes no periodismo nacional.

Acreditamos, no entanto, que o intuito de Xavier Pedrosa, com a piedosa Ruth era criar uma empatia maior com seu público leitor. Transformar a secção Respingando em um íntimo colóquio de amigas, onde Ruth deveria influenciar o comportamento e o pensamento da leitora. Xavier Pedrosa, ao escrever sob o pseudônimo de Ruth, se colocava como uma jovem Filha de Maria. Fazia questão de sempre colocá-la como sendo jovem, mas obediente, que não descuidava de suas obrigações religiosas e morais, e que não se deixava seduzir pelas coisas do mundo, apesar da juventude. Certamente, na lógica do clérigo, as Filhas de Maria seriam mais receptivas ao diálogo com uma jovem de sua idade, que vivenciasse as mesmas dúvidas, desejos e experiências que elas. Logo, os escritos de Ruth, sua postura tão crítica dos comportamentos femininos, despertaram, de início, a atenção e a curiosidade das leitoras. É o caso das cartas e comentários enviados que sondavam acerca da identidade da polêmica Ruth.

Curiosidades

Si eu soubesse quem era essa Ruth

Já se têm dito muitas vezes que a mulher é o animal mais curioso que existe na terra.

Chegaram até a inventar aquella historia do diabo engarrafado...

Pois, apesar de eu não ser muito amiga desses senhores homens que tanto ridicularizam a mulher, eu digo a Senhorita Z. é curiosa a mais não ser.

Outro dia ella dizia: Só queria saber quem é essa D. Ruth... só queria!

Ora, vejamos lá.

Eu estou aqui senhorinha.

Eu sou eu mesma.

Não se importe com a minha obscura pessôa.

Ouçã somente o que eu digo e quando uma carapuça lhe tocar... aproveite a lição e me não deixe perder o latim.

Ouviu? Quem sou eu? Sou Ruth, simplesmente isto. Ora! Adeus!³⁸

Ao que parece, no entanto, a estratégia de criar uma personagem com a qual as leitoras se identificassem e se espelhassem não funcionou como o desejado. Falando sempre da posição de modelo ideal de Filha de Maria, e respondendo às críticas sempre rispidamente, as correspondências interpelando as opiniões de Ruth parecem ter cessado, ou pelo menos deixaram de ser publicadas na secção, depois das primeiras respostas mais desaforadas. Ao que parece, as leitoras perceberam

³⁸ Respingando... In: Revista Maria, jun. 1919. p. 80

que, por trás de Ruth e suas ríspidas respostas e escritos, estava o rigoroso Xavier Pedrosa, e, por isso, de nada adiantaria atacá-la.

À medida que o tempo passa e a década de 1920 avança, a escrita de Ruth vai ficando cada vez mais clerical, deixando mais evidente que, por trás da pena, que respingava conselhos e repreensões, só poderia estar um rígido padre. E, embora até a década de 1950, quando o padre Pedrosa falece, a seção “Respingando...” figure em todos os números da revista, a partir da década de 1920, não veremos mais referências de cartas questionando a identidade, as práticas ou as ideias de Ruth. Até porque não será mais possível sustentar a juventude de Ruth ao longo de 30 anos de participação da revista. Xavier Pedrosa chega a publicar uma suposta fotografia de Ruth, já depois de duas décadas colaborando com a revista. Na fotografia, o biotipo de Ruth não é meramente ilustrativo. Ele passa um estereótipo de como o padre enxerga a filha de Maria ideal, não só do ponto de vista comportamental, como também estético.

Assim, não supomos que Xavier Pedrosa acreditasse que as leitoras realmente confiariam que Ruth é essa jovem retratada na foto. Duas décadas separam a primeira seção Respingando da foto publicada, no número de dezembro de 1938. Ruth é, antes de tudo, uma ideia. E a ideia, o modelo de Filha de Maria pensado por Pedrosa não envelhece. Daí Ruth preservar a imagem jovial mesmo depois de duas décadas. Além disso, a imagem de uma jovem branca, bem comportada, com o corpo coberto quase que completamente, e jovem. A juventude é importante, desde os primeiros tempos da congregação. Não era conveniente ligar a imagem das Filhas de Maria a mulheres já mais velhas, solteiras. A imagem da solteirona, até a década de 1950, será silenciada na revista. É um estereótipo que se quer evitar: a da solteirona, beata papa hóstia, preterida, enalhada.

Figura 1- Foto de “Ruth a respingar”



Fonte: Revista Maria. dez. 1938. p. 253.

Foi no universo do impresso, e se configurando como intelectual católico pernambucano, que Xavier Pedrosa optou por empreender seu apostolado, investindo grande parte de seu tempo na causa da imprensa católica. Homem de letras e da Igreja, o padre Alfredo Xavier Pedrosa e todo o conselho editorial da Revista Maria parecem ter escolhido cuidadosamente quais batalhas deveriam travar com a chamada modernidade e quais delas deveriam ser evitadas. Tanto que, em meio a múltiplas discussões da imprensa de Pernambuco, a revista apresenta poucas referências ao contexto local, mesmo quando localmente se discutia questões nacionais, tais como concepções de Nação, de modernismo, etc.

Dessa forma, o projeto d' Maria era mais ambicioso. Saindo de Olinda, e posteriormente de Recife, com a proposta de circular por todo o país para ser lido onde houvesse uma Pia União das Filhas de Maria, a revista não podia descuidar de englobar perspectivas espaço-temporais diferenciadas, onde o moderno era visto de maneira plural, afinal nunca houve uma percepção homogênea de modernidade. Para uma publicação que se propunha a circular por todo o país, não era conveniente carregar nas tintas do contexto local.

Direcionada a um público feminino específico, as Filhas de Maria, a revista trazia discussões que focavam o nacional romanizado, ao mesmo tempo em que não perdia totalmente os elos que a inseriam na realidade literária de Pernambuco.

2.1 A IGREJA NO BRASIL, AS IRMANDADES ROMANIZADAS E A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA – UMA BREVE CONSIDERAÇÃO.

Nosso objeto central é a Revista Maria, a revista das Filhas de Maria, uma revista feminina, católica, brasileira, de ampla circulação e longa duração, que teve que enfrentar muitos e longos percalços para tornar-se realidade e, principalmente, para continuar em circulação, num país onde as publicações periódicas via de regra não conseguiam superar o primeiro ano, isso quando não sucumbiam na chamada “maldição dos sete números”³⁹. O fato de ter sido criada para unificar as discussões que eram caras para a orientação das Pias Uniões das Filhas de Maria espalhadas pelo Brasil inteiro nos impele a dedicarmos um pouco do espaço dessa pesquisa para analisarmos a trajetória da Igreja Católica brasileira, ainda que de maneira resumida, posto que a historiografia que envolve tal questão é vastíssima, para finalmente entender como o projeto da Igreja agrega esses grupos de mulheres como parte importante de sua força social.

O termo “irmandade romanizada” que utilizamos aqui parte da compreensão de que as confrarias, uniões pias, apostolados e outros agrupamentos que a Igreja Católica brasileira organizou durante o chamado Processo de Romanização, em fins do século XIX e início do século XX, apropriam-se da imagem das irmandades, muito populares e poderosas nos séculos anteriores, para atrair a população a se associar a esses agrupamentos. O uso do termo “irmandade” não era feito oficialmente pela Igreja, dessa forma outras denominações, como as mencionadas acima, eram utilizadas. E essas agremiações tinham basicamente um fim devocional, muito diferenciado das irmandades de outrora, cujas funções iam muito além do devocional. Entretanto não era esse o entendimento das pessoas que tomavam parte nesses grupos. A população em geral costumava chamar tais grupos

³⁹ Falava-se que no Brasil, dificilmente um impresso ultrapassava o sétimo número. Por falta de recursos para manter-se, encerrava as atividades cedo, daí dizia-se que a imprensa brasileira sofria com a maldição dos sete números.

de irmandades, não sendo incomum, até a década de 1960, encontrar pessoas se referindo à Pia União das Filhas de Maria como “Irmandade das Filhas de Maria”⁴⁰.

A partir disso, optamos por entender a Pia União das Filhas de Maria, bem como outras congregações e confrarias criadas pela Igreja durante o período da romanização, como “irmandades romanizadas”, uma vez que elas se apropriavam da ideia de irmandade muito popular no Brasil, e adaptavam esse modelo aos parâmetros que o processo de Romanização buscava implementar. Para entender esse processo de reorganização da Igreja, apropriação de práticas do catolicismo não ortodoxo, e engendramento de um novo catolicismo brasileiro, é que abordaremos um pouco dessa Igreja e seu percurso até a chegada da Pia União das Filhas de Maria ao Brasil.

As relações Igreja Católica e Estado no Brasil, desde os tempos da colônia, eram regimentadas a partir do Padroado Régio e do beneplácito. É impossível entender a fundo como se configurou o catolicismo em terras brasileiras, sem considerar essas duas instituições.

O sistema de padroado adotado pela monarquia portuguesa remonta os tempos da chamada Reconquista⁴¹ da Península Ibérica. A legislação que envolvia a instituição do padroado entre a coroa portuguesa e a Igreja Católica era extensa e intrincada. Em termos gerais, tratava-se de uma série de trocas de direitos e deveres entre a Igreja e a Coroa portuguesa, que a partir do estabelecimento do Padroado, tornou-se padroeira da Igreja. Assim, ao chegar ao Novo mundo, como padroeira da Igreja, a coroa tinha para com ela algumas obrigações e também direitos. Segundo Guilherme Pereira Neves, o padroado

Implicava não só a criação de bispados e paróquias, a ereção de igrejas, a designação e manutenção de prelados, cônegos e pastores, que recebiam as chamadas cômruas, como ainda uma infinidade de providências destinadas a garantir o funcionamento desses dispositivos sobre o imenso território. Em troca dessas obrigações, o monarca detinha os privilégios de arrecadar e aplicar as receitas obtidas com o principal imposto direto da época, o dízimo, em princípio destinado à Igreja; de indicar bispos, cônegos e párocos para que as autoridades eclesiásticas os investissem em seus

⁴⁰ A esse respeito ver: ANDRADE, Maria Lucelia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”**: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

⁴¹ Grosso modo, a chamada Reconquista foi uma guerra travada durante séculos entre Cristãos e Muçulmanos. O objetivo cristão era reconquistar o domínio da península Ibérica que havia sido tomada pelos muçulmanos.

cargos; e de dar o seu beneplácito para que bulas e outros documentos pontifícios circulassem e tivessem validade no reino e domínios.⁴²

Logo, com o beneplácito em voga, muitas das determinações e bulas papais não foram adotadas no Brasil, ou foram apenas parcialmente aceitas. De acordo com Bruneau,

Toda comunicação da Igreja devia passar por Lisboa antes de ser recebida no Brasil. De fato, só depois de 1830 é que as informações do legado papal no Brasil passaram a ser transmitidas diretamente a Roma; e só algum tempo mais tarde é que Roma pôde se comunicar diretamente com o Brasil.⁴³

Desse modo, o catolicismo que foi implantado no Brasil colônia tinha feições próprias que se imbricaram de maneira indelével na forma do povo brasileiro viver sua religiosidade. Para além das questões institucionais da religião, ainda temos a particularidade de uma miscigenação intensa de povos que aqui se encontraram e, com esse encontro, engendraram uma religiosidade sincrética, plural, difícil de ser uniformizada, rotulada como uma só.

Uma religiosidade católica obrigatória, porém pouco ortodoxa desprovida do catecismo da Igreja e que enfrentava entre outras dificuldades a ausência de sacerdotes⁴⁴ que pudessem colocar em voga o catolicismo clerical proposto pelo Concílio de Trento⁴⁵, o que favoreceu um “catolicismo barroco” como denominou João José Reis⁴⁶. Tal catolicismo tinha como uma das principais características “elaboradas manifestações externas da fé”, cujas festas de santos era verdadeiras “festas para os olhos” e para os sentidos, em que “música, dança, mascaradas, banquetes e fogos de artifício alegravam os fiéis em apoteóticas homenagens aos santos de devoção.”⁴⁷

⁴² NEVES, Guilherme Pereira. A religião do império e a Igreja. *In.*: GRINBERG, KEILA & SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial**. Volume I – 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009. p. 383.

⁴³ BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 34

⁴⁴ Thomas Bruneau afirma que em fins do Império, o Brasil contava apenas com 700 padres para os mais de 14 milhões de habitantes espalhados pelo vasto território do Império. Cf.: BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 55.

⁴⁵ Como nos lembra Bruneau, diante dos poderes e práticas do padroado e do beneplácito, pode-se afirmar que “o que foi decretado no Concílio de Trento, pouca relevância tinha no Brasil”. BRUNEAU, Thomas C. Op. Cit. p. 43

⁴⁶ Cf. REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX, São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁴⁷ REIS, João José. Op. Cit. p. 49.

Dentro desse catolicismo, que privilegiava o corpo e os sentidos, quem assumia o protagonismo eram os leigos, que se organizavam em irmandades e ordens terceiras e dentro delas vivenciavam suas crenças e também suas sociabilidades em diversos sentidos. De acordo com Martha Abreu,

As festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, ou outros de devoção, eram o momento máximo da vida dessas associações. Para desagrado de muito as autoridades civis e religiosas, preocupadas com a continuidade da ordem e com o não cumprimento das normas litúrgicas, tais festas costumavam confundir as praticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas. Além das missas com músicas mundanas, sermões, te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas.⁴⁸

As irmandades leigo-religiosas e ordens terceiras ocuparam um papel primordial dentro do catolicismo brasileiro. A elas, o próprio clero se vinculava mais numa função de dependência do que de autoridade. Mesmo na construção dos templos, foram as irmandades que assumiram o papel negligenciado pelo padroeiro da igreja, o Estado, espalhando templos pelas cidades como forma de devoção aos santos padroeiros das irmandades.

Thomas Bruneau, ao falar da relação das irmandades com o clero, deixa claro que tais associações não se subordinavam à figura do padre, muito pelo contrário. A constante omissão da coroa para com seu papel de padroeira da Igreja, deixava os padres seculares numa posição de subordinação também junto aos mais abastados da sociedade, que podiam pagar suas cômruas.

Assim como as irmandades construíam as igrejas, elas também as administravam. O padre era pago pela irmandade para servir na sua igreja, embora muito mais tarde viessem a surgir disputas legais em torno dessa questão. Portanto o padre era considerado ou um funcionário público, uma vez que era pago pelo Estado que recolhia os dízimos para isso, ou um membro de uma família fazendeira, servindo na sua capela, ou um empregado da irmandade em cuja igreja trabalhava.⁴⁹

As confrarias e associações leigas são herança do catolicismo lusitano. As origens dessa modalidade de agrupamento social remontam tempos distantes. Em Portugal, a existência dessas confrarias já é documentada desde, pelo menos, o século XIII. Transferido esse modelo de agrupamento social para os domínios

⁴⁸ ABREU, Marta. **O Império do Divino**: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 34.

⁴⁹ BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 41.

ultramarinos, aqui assumiu, como é próprio da dinâmica social, feições próprias. Na colônia e depois no império, as confrarias foram se tornando cada vez mais numerosas e variadas em suas condições sociais. Iniciadas como agrupamentos de indivíduos de classes abastadas, logo começaram a surgir confrarias compostas por outros segmentos sociais, de pretos, de pardos, de ofícios, etc. Em nome da devoção, os irmãos de fé iam se fechando em grupos de identidade socioeconômicas semelhantes. João José Reis, em seu estudo sobre a Bahia do século XIX, afirma que

As irmandades tinham dessa maneira a função implícita de representar socialmente, se não politicamente, os diversos grupos sociais e ocupacionais da Bahia. Na ausência de associações propriamente de classe, elas ajudavam a tecer solidariedades fundamentadas na estrutura econômica, e algumas não fazia segredo disso em seus compromissos quando exigiam, por exemplo, que seus membros possuíssem, além de adequada devoção religiosa, bastantes bens materiais. Mas o critério que mais frequentemente regulava a entrada de membros nas confrarias não era ocupacional ou econômico, mas étnico racial.⁵⁰

Dentre elas, “Havia irmandades poderosíssimas, cujos membros pertenciam à nata da elite branca colonial”⁵¹. À medida que as irmandades cresciam em número e importância no Império, era também predominante uma religiosidade pouco ortodoxa, que uma igreja estruturalmente fraca não conseguia combater com eficiência.

Logo, dentro da estrutura do Brasil dos séculos XVIII e XIX, as irmandades foram se firmando como promotoras do catolicismo, em especial diante de uma Igreja dependente que se comportava cada vez mais como um departamento do Estado. Caio César Boschi afirma que dentro desse quadro, as irmandades leigas ofereceram para a Igreja

a dupla vantagem de serem, simultaneamente, promotoras e sedes da devoção, como também eficiente instrumento de sustentação material do culto, no primeiro aspecto, substituíram o papel precípua do clero como agentes e intermediários da religião. No segundo, arcando com os onerosos encargos dos ofícios religiosos [...]⁵²

⁵⁰ REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 53.

⁵¹ Idem. p. 51.

⁵² BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986. p. 65.

A posição da Igreja católica no Brasil, sob o padroado, a deixava em uma situação frágil em termos de poderes estruturais, ao mesmo tempo em que o beneplácito, de certo modo, a isolava da Sé romana, responsável por traçar os rumos da Igreja católica no mundo. Com uma significativa parcela do clero assumindo uma postura regalista e mais comprometido com seus interesses políticos e sociais, no Brasil, ainda havia muito a ser feito.

Em fins do século XIX, o mundo parecia ter acelerado suas mudanças, e com elas em uma velocidade maior, deveria pensar em novos valores e ideias. Roma, na pessoa do papa Pio IX, assumia uma postura de condenação do mundo moderno e seus males. Na bula papal *Quanta Cura* de 1864, juntamente com o seu anexo, a *Syllabus*, a Igreja declarava como inimigas diversas correntes de pensamento e práticas sociais. Trata-se do que ficou conhecido na historiografia como “Ultramontanismo do século XIX”, que, segundo Santirocchi,

se caracterizou por uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiais, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo nos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a Igreja (galicismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica *Quanta cura* e do “Sílabo dos Erros”, anexo à mesma, publicados em 1864.⁵³

No Brasil, entretanto, Dom Pedro II não deu o “placet” à *Quanta Cura*. É lugar comum apontar a condenação da Maçonaria como a razão para a proibição da *Quanta Cura* no Brasil, como também o estopim para o conflito da chamada *questão religiosa*. Mas as razões vão além, embora seja importante lembrar que os padres mais importantes da Igreja brasileira e o próprio imperador, eram membros de lojas maçônicas. No entanto, Thomas Bruneau chama a atenção para o fato de que se o imperador tivesse aprovado a bula em terras brasileiras, tornaria evidentes as contradições entre as ideias de Pio IX e a situação de igreja no país. Para Bruneau,

Não era de interesse do Imperador tornar conhecidas as contradições, pois elas só poderiam levantar problemas como de fato levantaram, afinal. Das

⁵³ SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. In: **Temporalidades**. Belo Horizonte: UFMG, v.2. p. 24 - 33, 2010. p. 24.

oitenta teses que compõem o Syllabus, destaco as seguintes: nº 28, que declarou o “placet” ilegal; nº 37, que se opõe às Igrejas nacionais; e o nº 42 que declara ser errônea a predominância, nos conflitos, do direito civil sobre o direito canônico. O Syllabus condena violentamente a Maçonaria, e nessa época, no Brasil, os padres mais importantes e o próprio Imperador pertenciam a lojas maçônicas. A importância e o impacto do Syllabus cresceram quando Pio IX obteve do Concílio Vaticano I, a declaração da infalibilidade papal em 1870; isto é, a centralização institucional da Igreja Universal no papado.⁵⁴

Não obstante, a Igreja Católica, em nível mundial, estivesse às voltas com os males da modernidade, combatendo-os através do ultramontanismo, no Brasil, as características que o catolicismo assumiu desde a colonização, exigindo-se da Igreja local outras reflexões e ações que iam além daquelas propostas pelo movimento ultramontano.

Com o acirramento do movimento ultramontano, a posição defendida na bula *Quanta Cura* encontra, no Brasil, eco em alguns prelados que decidem desafiar a hierarquia do padroado e do beneplácito, gerando uma acirrada disputa que termina com a chamada “questão religiosa” de 1874. Para alguns autores⁵⁵, esse episódio é tido como o ponto de partida do movimento que culminará com o fim do padroado régio e a separação oficial entre Igreja Católica e Estado brasileiro após a proclamação da República em 1889.

Nesse percurso, e após a separação, a Igreja Católica no Brasil precisou de certo modo se reinventar no processo de reorganização, com avanços e retrocessos, no que diz respeito às ideias ultramontanas. As mudanças pelas quais a igreja católica brasileira passou em sintonia com o movimento ultramontano foram chamadas, na historiografia nacional, como Processo de Romanização, termo que já se tornou clássico nos trabalhos que abordam a Igreja Católica brasileira em fins do século XIX e início do século XX.

Em meio às mudanças propostas pelo papa, com seu ultramontanismo fortalecido e as mudanças internas no Brasil, onde a monarquia estava enfraquecida, até que veio a cair por meio de um golpe em 1889, a Igreja Católica no Brasil se viu em meio a muitos dilemas e dificuldades. Primeiramente, era necessário considerar que os séculos de Padroado Régio e de Beneplácito fizeram dela uma igreja com características próprias, mais nacionais do que propriamente

⁵⁴ BRUNEAU, Thomas. Op. Cit. p. 58.

⁵⁵ Podemos citar: Riolando Azzi; Caio César Boschi; Thomas C. Bruneau; Guilherme Pereira Neves; Pedro A. Ribeiro Oliveira, entre outros.

romanas. Para uma significativa parcela do clero nacional, extremamente regalista, pensar numa igreja católica nacional era mais conveniente e viável do que pensar numa reestruturação a partir dos moldes romanos.

A ideia de uma igreja nacional, nos moldes anglicanos não era ideia nova, e a forma como a igreja fora organizada durante a colônia e o império favorecia isso. No entanto, as ideias ultramontanas parecem ter tido forte ressonância entre parte importante do clero, e a opção por voltar-se a Roma, retomando suas determinações acabou prevalecendo, quando a separação oficial entre Igreja e Estado ocorreu.

Entretanto, essa opção não era algo simples de ser posto em prática. A fraqueza institucional da Igreja, a “ignorância religiosa” da grande maioria da população, associada à indiferença religiosa das classes mais abastadas, mostravam aos nomes de maior destaque da Igreja, que longa seria a jornada e árduo o trabalho a ser feito para reestruturar a Igreja brasileira. Dom Sebastião Leme, um dos nomes mais importantes do processo de romanização e do pensamento ultramontano nacional, em sua histórica Carta pastoral de 1916, apontava as dificuldades que a Igreja deveria enfrentar para se fortalecer no país. Logo no sumário de sua carta pastoral, D. Leme aponta “o grande mal e suas causas” da situação religiosa do Brasil⁵⁶.

As formas de vivenciar o catolicismo eram vistas como fruto da ignorância religiosa e as irmandades leigas, com seus festejos e devoções, eram representantes desse mal.

As irmandades leigas prevaleciam na vivência religiosa do país, inclusive arrecadando, junto aos fiéis, substanciais contribuições financeiras, enquanto o clero carecia de apoio material para sobreviver. Os templos, em grande parte de propriedades das irmandades, ainda eram poucos, se considerarmos a numerosa população e menos numerosos ainda eram os seminários e as dioceses. O Estado

⁵⁶ Em sua carta Dom Leme aponta:

O grande mal e suas causas

I - O mal - A situação religiosa do Brasil

A grande maioria é catholica, a quase totalidade, mesmo – falta-nos, porém o cumprimento dos deveres religiosos e sociaes – Catholicos de nome, por tradição, apenas – Somos uma força colossal, mas força que não actúa – O Brasil-nação – não é catholico.

II - As causas do mal - Quaes são ellas?

Respeito humano, paixões, preocupação da vida material e principalmente a ignorancia da Religiao.

A ignorancia religiosa é a causa ultima da descrença e do catholicismo por metade. – A falta de acção catholica social é a causa da nossa pouca influencia nos destinos sociaes do paiz. *In.*: LEME, Sebastião. **Carta pastoral de Dom Sebastião Leme saudando a sua Archidiocese**. Petropolis: Typ. Vozes de Petropolis, 1916. Summario.

brasileiro foi negligente com a organização da igreja, impedindo, ao máximo, a criação de dioceses e outras circunscrições eclesiais⁵⁷, evitando, assim, maiores gastos com a manutenção do aparelho eclesial, ao mesmo tempo em que impedia uma presença eficiente do clero junto à população nacional, que em sua maioria, vivia sua religiosidade sem a orientação direta do clero católico.

Por seu turno, a Igreja Católica, com o fim do Padroado, mantinha-se numa postura ambígua, uma vez que não podia combater com violência as práticas do chamado “catolicismo popular” e das irmandades leigas, mas também não podia continuar legitimando as práticas e relações que antes mantinham. Assim, aos poucos, com avanços e recuos, o clero, embasado não apenas nos valores ultramontanos, mas também nas orientações tridentinas, que até então só haviam sido implantadas parcialmente no Brasil, começou um movimento que levava a clericalização do catolicismo, ao enfraquecimento dos festejos das irmandades, cada vez mais incentivados a serem celebrados exclusivamente dentro dos templos.

Os “excessos” das festas, batuques, bebedeiras e fogos, tão em voga nas celebrações dos santos, iam sendo combatidos, à medida que se investia na legitimação de uma nova forma de viver a fé católica, mais baseada na moralidade, na continência e nas práticas piedosas do catolicismo ortodoxo. O modelo de irmandade até então em voga também passou a ser alvo de constantes ataques do clero. Em seus discursos, o clero apontava as falhas, excessos e desvios do modelo de irmandade leiga até então vigente, e propunha um novo modelo, este em sintonia com o catolicismo tridentino, ultramontano, controlado pelo clero. Desse modo, trazia-se o entusiasmo da população pelo modelo de associação leiga de devoção católica para ser aproveitado e purificado dentro dos modelos de irmandades leigas romanizadas.

Muito embora o conceito de Romanização já esteja cristalizado na historiografia brasileira, nos últimos anos, a forma como o conceito de romanização foi engendrado por diversos historiadores tem sido questionada por um pequeno grupo de pesquisadores⁵⁸, que veem tal conceito como simplista e que não leva em

⁵⁷ Em 1889, a Igreja no Brasil contava com apenas 11 dioceses e 1 Arquidiocese, o que é um número muito pequeno considerando-se a imensidão do território brasileiro.

⁵⁸ DUTRA NETO, Luciano. **Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas**: uma contribuição à história das missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006; VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de Reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. 2005. Tese (Doutorado em História Eclesial) - Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2005;

conta a complexidade que foi o processo de mudanças vivenciado pela Igreja Católica brasileira a partir de fins do século XIX e que se estendeu até meados do século XX. Para tais críticos, o conceito de romanização não se adequa à realidade brasileira, sendo eivado de certo peso pejorativo e certo ranço marxista que vê o processo como algo unilateral.

Para Ítalo Domingos Santirocchi, mais adequado seria falar em Reforma católica, que tornaria mais ampla a abordagem dos movimentos de mudança experimentados pela igreja.

Quando se fala em reforma, está implícito no conceito a conservação do existente e a retirada de algo que descaracteriza o objeto ou, de detalhes lhe tiram a originalidade ou mesmo a eficiência. Isso torna evidente que a reforma do catolicismo, promovida no período em questão, retirou-lhe exageros, desvios, enfim, aspectos que o descaracterizavam como tal pela ausência, quase total de uma identidade doutrinária. Entretanto aqueles aspectos que não o desfiguravam, tais como, manifestações externas da fé, devoção aos santos, solenidades e festividades despidas de abusos, foram mantidos.⁵⁹

É importante que se possa colocar em questionamento ideias e conceitos, no entanto devemos ter cuidado com certos excessos. Se é verdade que não podemos pensar o processo de romanização como um desmantelamento completo e bem sucedido das práticas devocionais populares no Brasil, acreditamos também que não seja possível desprezar tal conceito em sua totalidade. Acreditamos que o processo de romanização não possa ser absolutizado nem em seu sentido clássico nem em seu sentido revisado. O fato é que o projeto de reorganizar as práticas católicas no Brasil, em sintonia com os ditames romanos, existiu de fato. Conquanto seu alcance e eficiência não foram, como nenhum processo devidamente o é, totais, nem uniformes. Pesquisas⁶⁰ realizadas em diversas partes do país dão conta de

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Questão de consciência:** os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Rio de Janeiro: Editora Fino Traço, 2015; SANTIROCCHI, Priscylla Cordeiro. A Congregação da Missão e a fundação do Seminário da Prainha: Reflexões sobre a Reforma Ultramontana no Ceará. **Revista de História**, Salvador, v. 6, n. 1-2, p. 64-77, 2017.

⁵⁹ DUTRA NETO apud. SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Op. Cit. p. 33.

⁶⁰ Muitos são os trabalhos que abordam o processo de Romanização no Brasil. Entre eles podemos citar: FERNANDES, Luciana Maria Pimentel. **Irmandade, Devoção e Romanização:** A vida material da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Quixeramobim-Ce (1896-1923). 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016; STAKONSKI, Michele Maria. **Tramas da sacristia, Táticas do consistório:** Modernidade e Romanização na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Florianópolis, 1905-1925). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010; DIAS, Roberto Barros. **Deus e a pátria:** Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008; BRITO, Eliane Maria. **A Romanização no Espírito Santo:** D. João Nery (1896-1901). 2007. Dissertação

como tal processo foi sendo realizado, com particularidade e peculiaridades inerentes aos espaços-tempo em que ocorreu.

O fato é que, por todas suas particularidades em fins do século XIX e início do século XX, a Igreja brasileira não tinha poder suficiente para impor uma nova forma de vivenciar o cristianismo, totalmente diferente do que se vivenciava até então, por isso era essencial para a Igreja fazer concessões às formas populares de viver o catolicismo sob pena de perder sua única base de apoio, após o fim do padroado: o povo.

Para Pedro A. Ribeiro de Oliveira, os agentes da romanização

Tanto quanto possível, preferiam não combater diretamente as devoções tradicionais, limitando-se a não participar delas e a condenar os excessos cometidos durante as festas de santos, como a dança, a bebida e o mau uso do dinheiro recolhido pelos devotos.⁶¹

Os movimentos da Igreja em relação a “práticas populares” tiveram que se adequar a uma espécie de dança, em que se avançava e se recuava à medida que a melodia se desenvolvia. Com o discurso de que o que faltava ao povo era instrução religiosa e que os excessos e desvios do povo eram fruto da sua própria ignorância, a igreja justificava suas concessões, ao mesmo tempo em que, incansavelmente, buscava fortalecer-se e fazer-se presente nos lugares mais longínquos, espalhando dioceses e fazendo uma espécie de catequização tardia de um povo já oficialmente cristão católico, embora na prática, muitas vezes, esse catolicismo se revestisse de inúmeras facetas que muito pouco lembravam o que a Igreja pregava.

(Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007; RIGOLO FILHO, Pedro. **A Romanização como Cultura Religiosa**: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Corrêa Nery, Bispo de Campinas, 1908 – 1920. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, Campinas, 2006; PORTO, Márcio de Souza. **Catolicismo Laico e Catolicismo Romanizado no Ceará: Tensões, Conflitos e Resistências, na transição do século XIX para o XX (Esse estranho Felismino)**. In: **MNEME, Revista de Humanidades**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó. v. 7. n.17, ago./set. 2005; COSTA FILHO, Luiz Moreira da. **A Inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na Romanização do Ceará (1864 – 1912)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004; PEREIRA, Mabel Salgado. **Romanização e Reforma Católica ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: Projetos e Limites (1890-1924)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2002; SILVA, Mônica Maria da. “As Folias do Divino: Sociedade, Igreja e Romanização em Pirenópolis (Go) 1910-1950”. In: **Estudos de História**, Franca, v.7, n.1, 2000; REIS, Edilberto Cavalcante. **Pro Animarum Salute**: a diocese do Ceará como vitrine da romanização no Brasil (1853-1912). 2000. Dissertação (Mestrado História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

⁶¹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 285.

Dentro desse processo, serão novamente as irmandades leigas que farão total diferença na arregimentação da população e das devoções.

Para Riolando Azzi,

Na mente dos bispos, o povo devia ser afastado da superstição, da ignorância e do fanatismo religioso. Para isso a Igreja decidiu assumir o controle das festas religiosas tradicionais e dos centros de romarias populares. Ao mesmo tempo os prelados se preocupavam em promover novas devoções e associações religiosas, mais diretamente vinculadas ao clero, e orientadas especificamente para a prática sacramental.⁶²

Dentro desse movimento reformador, a igreja investiu na criação de novas associações religiosas que estivessem em sintonia com o catolicismo romanizado.

Para Pedro Oliveira,

essas novas associações religiosas para leigos têm características inteiramente diferentes das antigas irmandades, confrarias e ordens-terceiras. Enquanto estas eram associações de leigos, autônomas quanto à sua direção e organização, as novas associações piás são entidades fundadas e dirigidas por padres, ficando os seus membros leigos sob a tutela clerical. Este é um ponto-chave no processo de romanização, pois os leigos não têm nelas o poder de decisão que vai para as mãos do vigário ou o assistente espiritual por ele nomeado é aquele que de direito ou de fato dirige a associação pia.⁶³

A grande participação feminina nessas associações piás será outro ponto de destaque nesse novo modelo. Se nas antigas irmandades não havia muito espaço a participação feminina⁶⁴, no modelo romanizado de associação leiga católica, a presença do gênero feminino será uma constante, e se constituirá como sólida base de apoio da igreja. No modelo de devoção romanizada, algumas associações serão exclusivamente femininas, é o caso da Pia União das Filhas de Maria e também da Associação das Mães Cristãs⁶⁵.

Durante a Colônia e o Império, poucas eram as irmandades e confrarias que permitiam a participação de mulheres entre seus associados. Mesmo aquelas

⁶² AZZI, Riolando. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **A mulher pobre na história da Igreja Latino-americana**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 101.

⁶³ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 286-287.

⁶⁴ Poucas eram as irmandades e confrarias que permitiam a participação de mulheres entre seus associados. Mesmo aquelas que permitiam, restringiam a participação feminina vetando a elas lugares de destaque na associação. Não encontrei registros de irmandades leigas exclusivamente femininas anteriores ao processo de romanização.

⁶⁵ A associação das Mães Cristãs, como o próprio nome sugere, era formada por mulheres católicas, casadas ou viúvas, que já eram mães. As Filhas de Maria era aconselhadas, depois de casarem e ter filhos, a que se associassem a essa associação, como forma de continuar vivendo sua devoção.

que permitiam, restringiam a participação feminina vetando a elas lugares de destaque na associação. Não encontrei registros de irmandades leigas exclusivamente femininas anteriores ao processo de romanização. É importante também que façamos uma ressalva: a Pia União das Filhas de Maria era oficialmente uma confraria e não uma irmandade nos moldes que se conhecia no Brasil. Entretanto, quando recorremos à documentação da Pia União de Limoeiro do Norte e a entrevistas orais, a forma como as pessoas se referiam à congregação era sempre como “irmandade das Filhas de Maria”. Acreditamos que tal nomenclatura extraoficial se dava principalmente por certa associação realizada pelos leigos ao modelo até então conhecido, que era o modelo das irmandades.

Sustentamos que, não obstante a Pia União das Filhas de Maria fosse uma congregação que visava o controle feminino, normatizando comportamentos e impondo regras, ela representou também para as mulheres, que dela tomaram parte, um importante espaço de participação na vivência do catolicismo brasileiro, sendo, inclusive, um importante espaço de projeção e protagonismo sociais. A atenção e promoção desse modelo devocional empreendidos pela Igreja Católica logo tornaram as Pia Uniões das Filhas de Maria associações de destaque dentro dos cultos da Igreja romanizada. Elas tinham lugar relevante nos principais ritos da Igreja: missas, procissões, celebrações especiais, dessa forma, em todos esses espaços estava reservado um espaço privilegiado para elas.

Além disso, vemos na estratégia de fundar Pias Uniões das Filhas de Maria em todas as paróquias do país um indicativo de como a Igreja Católica brasileira passou a enxergar o sexo feminino como um importante aliado nas batalhas que a Igreja enfrentava, durante seu processo de reorganização. Embora fosse um protagonismo tutelado⁶⁶, cujas ações se davam sob os auspícios do clero, as Filhas de Maria ganharam um papel de destaque nas paróquias do país especialmente até a década de 1960.

⁶⁶ Trabalhamos com a perspectiva de protagonismo tutelado, pois entendemos que, a partir da inserção da Pia União das Filhas de Maria como um modelo devocional importante na sociedade brasileira, as moças associadas a ela passam a ter um papel de destaque e de protagonismo em diversas atuações da Igreja Católica. Embora entendamos que esse protagonismo não é absoluto, posto que partindo da Pia União havia também toda uma estratégia de orientação e controle dessas mulheres que não dava a elas uma liberdade de ação, havendo, outrossim, uma tutela de como, onde e quando agir. Por fim, a tutela não era totalmente eficiente. Não englobava todos os aspectos da vida dessas mulheres que, por vezes, escapavam do controle ao qual eram submetidas e em determinadas brechas exerciam seu protagonismo para além do papel social inicialmente pensado para elas. Essa tutela e esse protagonismo, por vezes, são exercidos em uma tensão entre o ser, o dever, o poder e o querer dos sujeitos envolvidos nessa relação, Igreja Católica e Filhas de Maria.

A estratégia do clero para enfraquecer as festividades das irmandades leigas incluía a gradativa mudança de horários nos festejos, realizando-os diuturnamente, ao invés de noturnamente, horário que facilitava os excessos, os batuques e as bebedeiras, além das faltas ao trabalho nos dias que sucediam as festas. Tal mudança favorecia a audiência do público feminino às celebrações litúrgicas, especialmente aquelas jovens de famílias mais conservadoras que se sentiam mais seguras nas festas romanizadas. Para essas famílias, o modelo proposto pela Pia União das Filhas de Maria era também muito oportuno por seu caráter moralizador e disciplinador, cuidadosamente pensado para as jovens católicas solteiras. Para Riolando Azzi,

a reforma católica dava à religião uma forma acentuadamente clerical, não só pela ênfase na recepção dos sacramentos administrados pelos clérigos, como também pelo controle maior que os padres passavam a exercer nas associações e movimentos religiosos. Foram as mulheres que mais sintonizaram com essa nova modalidade de vivência da fé vinculada diretamente ao clero.⁶⁷

Para colaborar com o fortalecimento do modelo romanizado e suas associações pias, havia a orientação para que os bispos brasileiros não mais aprovassem estatutos de novas confrarias “na forma de costume”. Recomendando ainda:

É melhor que os bispos se limitem a fundar simples associações piedosas, sem organização oficial, sem existência civil. Estas simples associações de devoção permanecem sob o poder exclusivo do bispo, e é desta maneira que podem prestar bons serviços ao culto.⁶⁸

As associações leigas conhecidas amplamente como irmandades que prevaleciam no Brasil nos séculos XVIII e XIX tinham seus estatutos aprovados não só na Igreja, como também nas câmaras municipais, constituindo, assim, uma existência civil. Já as irmandades criadas pelo clero, durante o processo, não tinham estatutos registrados nas câmaras municipais. Sua natureza era exclusivamente devocional.

⁶⁷ AZZI, Riolando. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **A mulher pobre na história da Igreja Latino-americana**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p.101.

⁶⁸ AZZI, Riolando. Op. Cit. p.109. Vale ressaltar que as irmandades não romanizadas tinham a obrigação de registrar o Compromisso da Irmandade junto a Câmara municipal.

Assim, em 1910, os bispos apontavam “como meios importantes para a preservação da fé cristã no Brasil” a criação de irmandades romanizadas. Entre elas, a Pia União das Filhas de Maria se destacava na preferência entre as jovens católicas⁶⁹, embora não fosse a, única confraria feminina. O clero, por seu turno, fazia forte propaganda dos benefícios sociais e espirituais da Pia União das Filhas de Maria. Torna-se projeto da Igreja espalhar por todas as paróquias brasileiras, pelo menos uma Pia União das Filhas de Maria. Além das paróquias, sua criação era incentivada também nos colégios católicos das capitais e do interior. Logo, a Pia União das Filhas de Maria estaria entre o modelo mais difundido de associação piedosa entre as jovens católicas brasileiras, especialmente aquelas das camadas mais abastadas da sociedade.

O modelo devocional e disciplinador representado pela Pia União das Filhas de Maria, no Brasil⁷⁰ agregará outra faceta. Em uma Igreja que estava se afirmando como poder independente numa sociedade que passava por um complexo contexto de mudanças, essa associação terá para a igreja importância estratégica. Utilizando a metáfora da guerra e do conflito, a Igreja não se privará de organizar e orientar a “Legião Branca” em defesa de suas causas políticas e sociais mais urgentes e importantes.

A “Pia União das Filhas de Maria, sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inez Virgem e Mártir”, não teve suas origens no Brasil. Este modelo de confraria religiosa direcionada ao apostolado leigo foi criado em Roma, na Basílica de Santa Inês, extramuros, em 30 de setembro de 1864, pelo cônego regular Alberto Passéri. A Pia União de Roma foi submetida à apreciação do papa Pio IX e, depois de aprovada, foi elevada à Primária, o que significa que todas as outras Pias Uniões das Filhas de Maria, que viessem a serem erigidas ao redor do mundo, deveriam estar subordinadas a ela.

Seguindo o respeito à hierarquia, ponto muito importante para a Igreja romanizada, cada nova Pia União criada no Brasil deveria ser agregada à Primária romana, para que fosse validada, e pudesse gozar de todos os privilégios

⁶⁹ Havia ainda outras confrarias que foram sendo criadas à medida que a romanização avançava. Para Riolando Azzi, os bispos do Brasil elencaram como **as mais importantes**: “o Apostolado da Oração, a Guarda de Honra de S. Coração de Jesus, as Congregações Marianas, a Pia União das Filhas de Maria, as Associações das Senhoras da Caridade e das Mães Cristãs”, além da confraria da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Cf. AZZI, Riolando. *Idem*, *Ibidem*.

⁷⁰ Embora seja um modelo europeu em seu nascimento, depois de analisar os estatutos, normas e conselhos contidos no Manual da Pia União, é possível perceber que, no Brasil, muitas outras funções e leituras foram agregadas à atuação social das Filhas de Maria.

concedidos à irmandade. Para que uma nova confraria fosse agregada à primária romana era necessário enviar o pedido a Roma e, uma vez aprovado, a nova associação se tornava oficialmente uma irmandade reconhecida pela Primária de Roma e, conseqüentemente, pela Igreja Católica Romana. A partir da aprovação, os benefícios concedidos à Primária romana, estendiam-se também à nova Pia União recém-agregada.

Por estar em sintonia com os valores ultramontanos de combate aos liberalismos e aos males da modernidade, e em orientação de obediência irrestrita ao papado, a Primária romana da Pia União das Filhas de Maria, e suas agregadas, receberam da Sé apostólica grande deferência. Para que sua aceitação fosse ainda mais propagada, além da rapidez com a qual foi elevada à primária, o Papa tratou de conceder inúmeras e abundantes indulgências para aquelas que dela tomassem parte⁷¹.

Este modelo deveria trazer às fileiras católicas jovens fiéis devidamente disciplinadas, de acordo com os valores e ensinamentos católicos. Segundo a Sé Romana, esse modelo de associação era uma das formas mais eficazes de cuidar “da virtude do sexo frágil”.

Instruir a juventude do sexo frágil e muni-la desde a mais tenra idade com os auxílios da nossa santa religião, para que, crescendo na virtude, persevere até a senetude no bom caminho uma vez trilhado. Ora, entre tantos meios que se conhecem aptos para este fim, é fora de duvida, que se devem contar os pios Sodalícios que, canonicamente eretos, de modo especial sob o título Bem aventurada Virgem Maria, têm sido, não só muitas vezes recomendados pela Sé Apostólica, mas ainda enriquecidos do auxílio espiritual das indulgências e principalmente o que tem por título – Pia União das Filhas de Maria. [...]⁷²

No Brasil, a instituição católica iniciou uma orientação em torno da Pia União das Filhas de Maria, visando sua propagação e incentivando o clero, nas paróquias dos mais recônditos lugares, a fundarem Pias Uniões. Estas ações eram incentivadas e elogiadas não só por parte da hierarquia eclesial, mas também pela sociedade dos espaços onde eram instaladas, que viam nessa irmandade um

⁷¹ Nos primeiros anos da Revista Maria, é possível perceber que se dá visibilidade a todas as indulgências concedidas às Associadas da Pia União. A indulgência, dentro do catolicismo, tem o papel de conceder o perdão dos pecados e diminuir as penas e o tempo que a alma permaneceria no purgatório. A indulgência, portanto, cria uma categoria de tempo própria, em que as ações são contabilizadas em dias a menos no purgatório.

⁷² Decreto URBI ET ORBI da Sagrada Congregação das Indulgências. In: MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro: [s. n.], 1926. Aprovações. p. XXV. Em todas as citações do *Manual*, manteve-se a grafia original.

modelo sadio de comportamento feminino e também uma ferramenta de controle das jovens católicas.

A partir da Pia União, estabelecia-se, em nome da reputação do grupo, uma rede de vigilância mútua, e o título de Filha de Maria dava respaldo àquela que o carregava, além de criar uma espécie de garantia de que aquela jovem portava-se de acordo com a moralidade cristã, livre de escândalos e desvios, muito embora na prática, as coisas nem sempre seguissem essa regra. Ao estudar a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (CE), percebi que os casos de “desvios” das associadas não eram raros,

Submetidas a muitas regras e cobradas em seus comportamentos, as Filhas de Maria de Limoeiro não se resignaram diante da vigilância, pelo contrário, resistiram sutilmente de muitas formas. Porém a sutileza de suas resistências nem sempre as livraram da punição. Uma vez punidas, não desistiam de permanecer na irmandade, que havia se constituído como um espaço privilegiado.

Essa importância, conquistada paulatinamente pelas ações do grupo, tornava a Pia União um projeto não só da Igreja, mas também dessas jovens mulheres, que atuavam com vigor na manutenção de sua associação.⁷³

Como uma irmandade romanizada, sintonizada com os valores ultramontanos, as regras e condições impostas às jovens que tomavam parte da Pia União das Filhas de Maria eram muitas. Mais ligada aos comportamentos morais e seus reflexos na sociedade, a associação se voltava para uma série de instruções que se obedecidas, resultariam na construção de modelos ideais de mulheres cristãs. Se na Europa a Pia União já surgiu com o ideal moralizante, no Brasil, esse ideal será aumentado, com incorporação de outras expectativas em torno da figura da Filha de Maria, de acordo com as demandas que a Igreja enfrentava em nível nacional. Essas expectativas giravam em torno da Filha de Maria como uma militante das causas da Igreja, que deveria se responsabilizar por defender as determinações de Roma dentro e fora de casa. Em casa, elas deveriam conversar com seus pais e irmãos, evitando que eles se deixassem seduzir pelos males da modernidade (comunismo, maçonaria, protestantismo, liberalismo, etc.). Fora de casa seriam “soldados” da Igreja, ocupando espaços de professoras, catequistas, atentas defensoras das mulheres operárias e dos órfãos, tudo em nome de um

⁷³ ANDRADE, Maria Lucelia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”**: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. p. 65.

projeto de futuro compromissado com os ensinamentos e regras da Igreja. Seriam elas, as educadoras dos filhos do amanhã. A sementeira das Filhas de Maria visava não somente as ações do presente, em que apareciam organizadas em seus congressos e nos rituais da Igreja, mas também se dedicavam com afinco à formação dos filhos do amanhã. Tudo isso sem esquecer seu papel como modelo de conduta moral, que já estava intrínseco na identidade da Filha de Maria.

A forma como as associadas deveriam se portar, bem como as regras para a formação e funcionamento da Pia União estava detalhada no Manual da Pia União das Filhas de Maria, no qual podemos encontrar os princípios que orientaram a criação e funcionamento dessas associações. E era esse manual, até a criação da revista Maria em 1913, a única orientação sistematizada que as associações possuíam.

De acordo com o Manual da Pia União das Filhas de Maria, o intuito da irmandade era formar jovens piedosas obedientes aos ditames católicos. No entanto, engana-se quem pensar que objetivo maior era formar religiosas e freiras. Pelo contrário. Embora não desprezassem as vocações que surgiam dentro da Pia União, não eram freiras que esse modelo de associação queria formar, mas, sim, jovens mulheres que viessem a ocupar na sociedade o papel de modelos de virtude e comportamento com a missão de posteriormente educar as novas gerações que as sucederiam. Incentivadas aos papéis de mães e educadoras, no próprio manual da Pia União, esse pensamento era explicitado com clareza.

Em suma, o fim desta Pia União não consiste em encher o mundo de freiras, como a cada passo dizem os inimigos do bem, mas em fazer crescer as jovens na piedade cristã, na honestidade dos costumes, em torná-las obedientes e respeitosas para com seus pais, a fim de que um dia, segundo o estatuto a que forem chamadas por Deus, possam ser ou esposas fiéis e ótimas mães de família no século, ou esposa do Senhor no claustro, ou ainda castas donzelas no meio do mundo, no seio das suas famílias, servindo aí como flores ilibadas, de exemplo a todos na piedade e na virtude. [...]

Ela quer formar RELIGIOSAS com verdadeiro espírito de pureza, de caridade, de abnegação e humildade, com verdadeira vocação; FILHAS dedicadíssimas a seus pais e ESPOSAS verdadeiramente cristãs, que fomentem em suas casas o amor, a virtude e a piedade, e eduquem os seus filhos, no santo temor de Deus.⁷⁴ (Caixas altas no original)

⁷⁴ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro:[s. n.], 1926. p. 6-7.

A Igreja cuidava de exaltar e propagar os benefícios para a sociedade como um todo, de ter jovens, herdeiras da natureza de Eva, vivendo na piedade, devoção, obediência e recato da Pia União.

Se, nas duas primeiras décadas do século XX, para atrair jovens para as fileiras da Pia União, argumentava-se que as exigências não eram demasiadas, posto que era o que se exigia de toda jovem católica, à medida que as décadas avançam e os costumes começam a incorporar novidades, o peso das exigências passava a ser maior. As modas, os comportamentos, as festas, as influências dos costumes modernos, principalmente nas cidades maiores, tornavam ser Filha de Maria uma constante renúncia de quase tudo que a modernidade oferecia como novidade.

Toda Pia União deveria seguir um modelo organizacional padrão. No topo da hierarquia estava o Diretor Espiritual, que era um padre da paróquia onde a associação estava instalada, de preferência o próprio pároco e cabiam a ele todas as decisões acerca dos assuntos internos da Pia União. Era o padre também que deveria presidir as reuniões mensais das associadas. Nessas reuniões, eram feitas leituras e elocuições pelo padre, que orientava as Filhas de Maria sobre seu papel na sociedade, os modelos que deveriam seguir, além de planejarem as ações da congregação na cidade, fossem elas de ordem caritativa (visitas a enfermos, esmolas aos necessitados), devocional (assistência de missas, comunhões, confissões, etc), festiva (participação nas festas e procissões de santos) etc. Ao padre subordinavam-se todas as ações das Filhas de Maria.

Entre as associadas, a hierarquia da irmandade também era regulamentada. Havia os cargos de Diretora, vice-diretora, presidente, vice-presidente, assistentes, consultoras, mestra das aspirantes, tesoureira, secretária, as quais eram as chamadas Dignatárias. A escolha das dignatárias era feita mediante eleição interna, em que todas as Filhas de Maria votavam.

Embora fosse uma devoção incentivada pela Igreja, não era tarefa rápida, nem de todo fácil, compor uma Pia União. Para que se pudesse chegar ao “grau de Filha de Maria” era antes necessário passar por um período de experiência, durante o qual a candidata à Filha de Maria era chamada de “Aspirante”. Somente depois de um período, que poderia variar de três meses a um ano, é que a Aspirante seria avaliada pelas associadas da Pia União, bem como pelo diretor, que em um “escrutínio secreto” votariam pela “promoção” da aspirante à Filha de Maria. Para

que uma jovem fosse admitida como Aspirante, o Manual aponta como requisitos mínimos:

- 1º - que seja solteira;
- 2º - que mostre singular devoção a Maria Santíssima;
- 3º - que a sua conduta seja tal, que dê esperanças de que será virtuosa;
- 4º - que requeira a sua admissão ao diretor, ou diretora, conforme se determinar cada Congregação;
- 5º - que haja frequentado a Congregação ao menos durante um mês, se nela houver as reuniões semanais, e não as havendo, que tenha, pelo menos, assistido a uma reunião mensal,
- 6º - que obtenha, finalmente, no escrutínio secreto, a maioria dos votos em seu favor.⁷⁵

É importante perceber que as exigências giram em torno da necessidade de um controle absoluto e da valorização de um catolicismo devocional e moralizante. Ser solteira⁷⁶ era condição primeira para ser Filha de Maria. Uma vez mudando de estado, a congregada deveria deixar de participar do grupo. Da exigência de ser solteira, só estavam isentas as figuras da diretora e da vice-diretora. Tais cargos, de acordo com a escolha do diretor da Pia União, poderiam ser ocupados por senhoras de conduta ilibada, bem vistas na sociedade e que assumiriam papéis de orientadoras maternais dentro do grupo.

Uma exigência complementar ainda deveria ser feita àquela que se candidatava à aspirante a Filhas de Maria:

esta garantirá perante o diretor o seu procedimento irrepreensível e sua piedade sincera, com o testemunho de duas Filhas de Maria, da plena confiança do Diretor. Para isto, depois de consultado o diretor, sobre as Filhas de Maria que deve apresentar como suas fiadoras, apresentar-se-á com essas ao diretor, na sede da Congregação, pedindo-lhe para ser admitida como Aspirante e proposta ao Conselho para esse fim.⁷⁷

Tudo para que as possibilidades de mácula a esse modelo piedoso fossem reduzidas, garantindo o papel que se esperava das Filhas de Maria, que

⁷⁵ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro: [s. n.], 1926. p. 31-32.

⁷⁶ Uma vez que oficializasse o noivado, a associada entrava numa espécie de tempo de desligamento. Marcada a data do casamento, a despedida definitiva do grupo se dava na última reunião que antecederesse o enlace. Desligada da associação em virtude do matrimônio, a ela era sugerido que depois de tornar-se mãe, se associasse à Associação das Mães Cristãs. Outras irmandades também poderiam recebê-la, no entanto, a disciplina rígida, as reuniões mensais, o prestígio dentro da Igreja e as ações religioso-sociais, elas só encontravam na Pia União. Uma vez Filha de Maria, aquele título passava a acompanhá-la como parte importante de sua identidade, mesmo depois de desligada do grupo.

⁷⁷ MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro:[s. n.], 1926. p. 46.

fossem “exemplares de virtude em tudo e em toda parte”⁷⁸. O comprometimento perante o padre e o grupo, trazia consigo um peso simbólico elevado e se estendia às fiadoras, que colocavam também sua reputação sob avaliação.

O Manual da Pia União das Filhas de Maria, juntamente com a fita azul e a medalha, eram as insígnias da irmandade e apontam para a importância que tal impresso tinha na associação. Mas não somente, pois nos dá indícios também de como a leitura ocupa um lugar importante no cotidiano da Filha de Maria.

Embora não seja o foco principal dessa pesquisa, esse impresso é uma referência importante para entendermos a Pia União das Filhas de Maria como um espaço de leituras, representando a voz impressa da tradição. Nele estão as diretrizes principais do universo que envolve a Pia União das Filhas de Maria, trazendo instruções precisas para a criação e funcionamento de um grupo. Representa, também, desde sua compilação inicial, na segunda metade do século XIX, o desejo de espalhar esse modelo de sodalício pelo mundo, de modo uniformizado, obedecendo aos mesmos parâmetros e regras de funcionamento.

Mesmo na Revista Maria, especialmente entre 1915 e 1917⁷⁹, as referências ao Manual são comuns. Assim, Revista e Manual, em alguns momentos, desempenham papéis de leituras que se complementam. No periódico, as referências ao Manual estavam sempre ao final de um texto curto, cujas questões, a consulta indicada ao Manual deveria aprofundar. Entretanto, após esse período as referências ao Manual como consulta complementar somem da revista.

Concebemos o Manual como a leitura da experiência, a autoridade do passado, que a revista, por seu caráter periódico e de leitura da expectativa vem atualizar mensalmente. E se até 1917 o manual era a complementação/fundamentação dessa leitura mensal, a partir desse momento a revista e seus textos deixam de fazer referência ao Manual como complementação de conteúdo, e os textos passam ser mais autorreferenciados. É possível pensar que tal mudança esteja focada numa maior valorização dos escritos da revista, como não necessitando mais de uma complementação advinda da leitura do manual.

⁷⁸ Idem. p. 32

⁷⁹ Estabelecemos 1917 como marco temporal, porque é esse o último ano que localizamos na revista uma indicação para que a leitora busque no Manual, com indicação de páginas, a complementação de uma determinada leitura. Após esse ano, as referências ao manual não indicam mais as páginas para leitura, mas continuam apontando a importância do Manual para orientar as Filhas de Maria conforme os ensinamentos da Igreja. É a reafirmação da importância da tradição, especialmente no que se refere aos comportamentos femininos.

Entretanto, consideramos que tal medida não está relacionada apenas a uma mera troca de protagonismo de leituras. O século XX, especialmente a partir de seu segundo decênio, foi marcado no Brasil por rápidas e variadas mudanças, que atingiram múltiplos aspectos da sociedade: progresso técnico, comportamentos, relações políticas e sociais, tudo isso em constante aceleração.

Com tais mudanças, as novas conjunturas com as quais a Igreja deveria lidar, na maioria das vezes, já não encontravam uma resposta satisfatória na tradição, no caso, na leitura da tradição representada pelo Manual da Pia União das Filhas de Maria. Novas questões iam sendo postas a cada dia, e a revista, por ser fruto desse tempo acelerado da modernidade⁸⁰, mensalmente atualizado, visto e revisto, estava mais apta a abordar as questões que as mudanças impunham e que não estavam na pauta dos autores do Manual da Pia União. Além do fato de a revista trazer as demandas locais do espaço-tempo brasileiro e que não eram contempladas pelo Manual escrito a partir da Europa.

A primeira edição do Manual é de 1866 e remonta o esforço centralizador e uniformizador da Igreja ultramontana. Sua estrutura tinha o intuito de contemplar várias esferas da vida da associada da Pia União, fornecendo-lhes instruções seguras e claras de como proceder na vida religiosa e social, buscando uniformizar as práticas e normas seguidas por todas as Filhas de Maria.

Traduzido do italiano pelo “Conego Dr. Ananias Corrêa do Amaral”, tal livro traz em suas páginas a aprovação de diversos bispos de Portugal e do Brasil. Nele, em pequeno texto direcionado às Filhas de Maria, o fundador e diretor da primária romana, Alberto Passeri afirma “[...] *êste Manual, desde há muito tempo desejado, saiu finalmente á luz, e vos foi oferecido, para que, mediante as mesmas normas e usos, podesseis conseguir o almejado fim que é a União do espirito, a qual como uma fonte, dimana da Pia União Primária.*” O intuito era fornecer instruções que deveriam ser seguidas igualmente por todas as Pias Uniões das Filhas de Maria em todo o mundo e conceber uma obra que estivesse com sua leitora em todos os seus momentos.

⁸⁰ Reinhart Koselleck nos lembra de que na sequência das gerações históricas, “*À medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito, como um “novo tempo” moderno, o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador. (...) E se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim a alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida*”. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 16.

Roger Chartier afirma que “deve-se lembrar de que não há texto fora do suporte que o dá a ler”⁸¹, daí a importância de pensarmos o suporte físico desse impresso, que apresenta uma altura de 13,5 cm e largura de 8,5 cm. Seu formato é pensado para isso, para uma leitura íntima, individual, para acompanhar a leitora, ser sempre carregado por ela e folheado com facilidade. Ele deve ser guia, orientar ações e pensamentos além de auxiliar no controle de si nos momentos em que o pecado se aproxima. Nesse sentido, Chartier nos ajuda a pensar como “*os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.*”⁸²

Ao longo do século XX, muitas foram as reimpressões do referido Manual, especialmente no Brasil. Ao longo dessa pesquisa, buscamos adquirir, em sebos e com ex-integrantes da Pia União, edições do referido Manual.

É importante ressaltar que, a partir da década de 1930, é possível localizar edições⁸³ mais compactas, com o intuito de oferecer, segundo seus editores, um exemplar mais portátil e, ao mesmo tempo, mais barato. A diferença básica entre essa versão mais compacta e a versão completa do Manual é que, na primeira, a parte relativa ao hinário foi suprimida e a parte do devocionário, onde se colocam hinos e orações, ficam restritos àqueles específicos para as cerimônias da Pia União. No entanto, toda a parte dos estatutos e normas permanece inalterada. Tivemos o cuidado de examinar algumas edições, de diferentes décadas, do manual e, para efeito de fonte, optamos por sua versão mais longa, que inclui também o hinário. São dessa edição as referências aqui apontadas.

As diferenças em torno do impresso não se restringiam apenas a questões estéticas, mas também econômicas, afinal o Manual da Pia União das Filhas de Maria chegou mesmo a ser impresso em edições luxuosas, com capa em madrepérola. Tais diferenciações nas edições certamente refletiam a condição social

⁸¹ CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 17.

⁸² Op. Cit. p. 08.

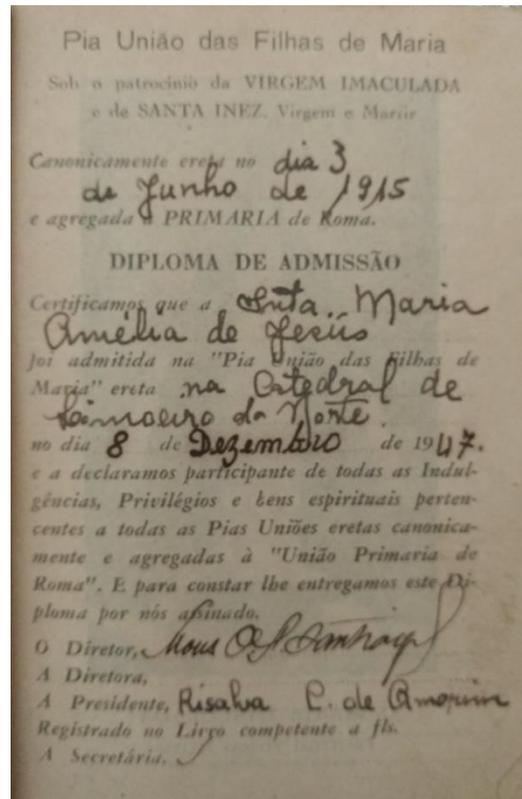
⁸³ Ao buscar por edições do Manual da Pia União das Filhas de Maria, deparamo-nos com várias edições. Algumas, as mais antigas como de 1911, por exemplo, tem como editora a Livraria Católica Portuense. Mas encontramos também edições feitas pela Editora Salesiana, Vozes, Federação Mariana Feminina. Não nos foi possível fazer um levantamento completo de quantas edições do manual foram lançadas. Entretanto, priorizamos adquirir Manuais impressos em décadas diferentes, compreendendo o período de 1910 a 1970. O que podemos perceber é que, apesar de apresentar até editoras diferentes, o conteúdo do manual permaneceu inalterado.

de sua proprietária e servia de distintivo dentro da associação. Como era um artigo obrigatório a todas as associadas da congregação, havia opções para gostos e condições sociais diferenciadas.

O Manual é uma compilação que reúne as informações, estatutos, normas, orientações práticas do funcionamento da congregação, além de trazer uma coleção de preceitos e práticas da vida cristã, muitas orações, cânticos e exercícios de devoção. Nele, o diretor encontrará as orientações práticas para a criação e funcionamento da Pia União, e as Filhas de Maria encontrarão orientações para todos os momentos do dia, da semana, do mês e do ano. É ele, grosso modo, e salvo exceções que deveriam ser avaliados pelo diretor da congregação, que deveria orientar o comportamento das associadas da Pia União das Filhas de Maria. Por isso, assume um caráter de fonte importante dentro desse trabalho, posto que representa “a voz” oficial da Igreja e a leitura da tradição, em que nada mais precisaria ser acrescentado à norma, a qual deve ser observada pela mulher católica ideal, reiterada por prelados de várias partes do Brasil.

Logo em sua primeira página, após a folha de rosto, o Manual traz o Diploma de Admissão, que deveria ser preenchido manualmente com os dados da associada, bem como os dados da Pia União da qual fazia parte, devidamente assinado pelo Diretor, diretora e presidente da associação. Aquele diploma representava a oficialização de sua identidade de Filha de Maria.

Figura 2 - Diploma de Admissão da Pia União das Filhas de Maria⁸⁴



Fonte: MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro:[s. n.], 1926.

Recebido no dia em que a associada era admitida na Pia União, o Manual, juntamente com a medalha da congregação presa a uma cintilante fita de cetim azul, constituíam as insígnias da Filha de Maria.

Sua leitura era compulsória e diária. Recomendava-se pelo menos meia hora de leitura ao dia, seguida de profunda reflexão. A leitura do Manual deveria ocupar o tempo que poderia ser perigosamente ocupado com outras leituras não sãs. Possuía um formato pequeno, de fácil manuseio, mas de páginas finas e frágeis, assim, exigia uma relação de cuidado por parte da leitora. Manuseá-lo diariamente com delicadeza e lê-lo intensiva e repetidamente dava a esse compêndio um significado que ia além de um mero livro. Era o guia da Filha de Maria que quisesse manter sua devoção piedosamente.⁸⁵

⁸⁴ No Diploma de Admissão constava a data em que a associação foi canonicamente erigida e a data de entrada da associada. Assinada pelo diretor e pela presidente, era o documento que marcava o início do tempo de Filha de Maria.

⁸⁵ Os exemplos de maior destaque no Manual eram Maria e Santa Inês. Santa Inês “é um exemplo de jovem virtuosa que “abraçou a morte” para não ter sua pureza maculada e que, durante a vida terrena, deu diversos exemplos de caridade e obediência.” Dois modelos de virtude cristã que a Igreja colocava como espelho para as associadas da Pia União. Cf. ANDRADE, Maria Lucélia de. “**Filhas**

Entretanto, as primeiras décadas do século XX foram vertiginosas, e a experiência da Grande Guerra mudou a percepção do mundo e parece ter acelerado a marcha do tempo. Logo, as instruções contidas no Manual pareciam já não contemplar todas as questões que rapidamente surgiam no cotidiano das jovens católicas. É nesse sentido que a Revista Maria surge como leitura complementar do Manual, e com ele dialoga, trazendo nesse diálogo a interação da tradição com a modernidade que avança tornando quase tudo assustadoramente efêmero.

Deste modo, Maria põe em (re)vista, em um suporte impresso moderno, as questões que os novos tempos impunham com urgência. Nos primeiros anos da revista, é possível localizar constantes referências e recomendações para que a reflexão da leitura fosse complementada com a leitura do Manual, mostram como “Maria” tentava tratar as questões impostas pelos novos tempos sem perder a sintonia com os valores impostos pela tradição católica: expectativa, mas com experiência.

2.2 MARIA – A REVISTA DAS FILHAS DE MARIA: LEITURA CONTROLADA, ESCRITA TUTELADA.

A Revista Maria foi fundada em março de 1913 e circulou regularmente até maio de 1914, quando devido a dificuldades de manutenção, sofreu uma suspensão na sua circulação. Entretanto, o projeto de fazer circular uma revista direcionada às associadas das Pia Uniões das Filhas de Maria espalhadas pelo país não foi abandonado. Assim, a publicação voltou a circular em abril de 1915 e não mais sofreu interrupções ao longo do período aqui estudado, que se estende de 1915 a 1965.

Quando Dom Sebastião Leme, então arcebispo de Olinda e Recife, lançou sua célebre carta pastoral, saudando os arqui-diocesanos de Olinda e Recife, além de todos os fiéis de Pernambuco, e dando ênfase à importância da leitura e da imprensa, em 1916, a revista Maria já contava, portanto com três anos de existência. Dom Leme foi um entusiasta da imprensa católica. Em sua carta pastoral e em toda sua trajetória dentro da alta hierarquia católica, a questão da imprensa ocupou papel de destaque em suas pregações. Seu apelo era a criação e manutenção de uma

imprensa católica numerosa e combativa, que fosse lida assiduamente pelo público leitor brasileiro, pois para ele, “Uma fome de ler, digamos assim, devora o homem dos nossos dias.”⁸⁶ Segundo o arcebispo, a palavra falada já não era suficiente

O apostolado da verdade e do bem não pôde limitar-se á palavra falada. Esta é passageira e momentânea. Poucos a ouvem e depressa a esquecem. Impõe-se a evangelização por meio da palavra escripta. Em quasi todos os paizes da Europa, a doutrinação oral é acompanhada da pregação impressa: - folhetos, boletins parochiaes, folhas avulsas, etc. Taes impressos, que contêm explicações doutrinarias ou conselhos Moraes, percorrem as casas da parochia e, passando de mão em mão, levam a palavra santa do pastor até os pontos mais distantes, onde, de outro modo, nunca chegaria, talvez, o ensinamento da fé. Parece-Nos que é tempo de, no Brasil, algo tentarmos, neste sentido. Em algumas partes, já se fez a experiencia, infelizmente, porém, quase sempre de pouca duração.⁸⁷

No entanto, como já foi dito, a revista Maria veio antes. Não objetivamos com tal afirmação ressaltar por mero preciosismo o pioneirismo da revista com relação à imprensa católica, mas mostrar que a Revista Maria nasceu de um projeto, com fins próprios, voltados para um grupo específico: as Filhas de Maria, pensado como uma equipe diferenciada de fiéis católicas, ainda que, em alguns momentos, as ações da revista se cruzem com as demandas da Ação Católica Brasileira, que atingirá seu ápice na década de 1930. Sempre que o projeto da revista é explicitado em suas páginas, aponta para a necessidade de formar e normatizar as Filhas de Maria. Não há uma tentativa de ligar a existência de Maria às ações de outros projetos da Igreja relacionados à imprensa, tais como a chamada cruzada da boa imprensa⁸⁸. Tanto que mesmo Dom Leme, ao escrever uma carta para a revista, que foi devidamente publicada, aponta Maria como o elo que deveria unir as Filhas de Maria de todo o país.

O fato é que, antes mesmo de “A Ordem”, famosa revista católica editada pelo Centro Dom Vital, criada em 1921, a revista das Filhas de Maria já era uma

⁸⁶ LEME, Sebastião. **Carta pastoral de Dom Sebastião Leme saudando a sua Archidiocese**. Petropolis: Typ. Vozes de Petropolis, 1916. p. 74.

⁸⁷ Idem. p. 73.

⁸⁸ Durante a década de 1920, e intensificando-se na década de 1930, a Igreja Católica investiu com afinco no projeto de fomentar uma imprensa católica, bem como um circuito de livros e outros impressos ligados à defesa da fé. Dentro desse esforço, alguns projetos se destacaram como é o caso da revista A Ordem criada em 1921, vista como um espaço de escrita de intelectuais católicos. Os esforços engendrados em torno da questão dos impressos levará a criação da vários jornais e revistas em vários Estados do país, muitos de duração efêmera em virtude das dificuldades e percalços que era manter em circulação periódicos, em um país com um número muito elevado de não alfabetizados.

realidade com um projeto próprio, que ia se adequando também as necessidades político-sociais da Igreja Católica brasileira como um todo, circulando por vários Estados do país⁸⁹.

Descrita em seus próprios anúncios como sendo uma Revista ilustrada, literária, apologética e Noticiosa, a revista Maria também é filha da modernidade. E como tal, assim conforme nos lembra de Marshall Berman, também é paradoxal, contraditória⁹⁰. A proposta de um impresso dirigido às jovens Filhas de Maria do Brasil é, em si, paradoxal, posto que nascido de uma instituição que representa a tradição e que propõe uma constante leitura do passado como modelo, “Maria” nasce Revista mensal, “bem moderna e bem cristã”, nas palavras de seus editores, numa tentativa de juntar num mesmo veículo impresso duas necessidades de suas leitoras: o respeito à tradição e a orientação sobre a vivência na modernidade. Um projeto que une e reinventa as relações entre moderno e tradicional, numa interação entre presente, passado e futuro, sendo construída mensalmente, nas páginas cada vez mais lidas do periódico.

Adepta dos manuais, hagiografias e catecismos, a leitora de Maria de repente se via contemplada com uma leitura que mensalmente era (re)vista, atualizando-a das questões e posturas que os novos tempos traziam e cujas respostas não pareciam ser facilmente encontradas nos manuais e missais. O próprio formato de Revista, moderno em sua concepção, era apropriado em nome de um projeto conservador. Mudar o suporte para não mudar o costume. Mudar para não mudar, talvez reflita a contradição de permeará todo o período da revista.

Dirigida por padres, a revista, desde seu primeiro número de 1915, incentivava a criação de um corpo de colaboradoras que não apenas lessem a revista, mas que a escrevessem e, por conseguinte, propagassem seus ensinamentos.

Oscar de Figueiredo Lustosa afirma que uma das dificuldades de definição da Imprensa católica no Brasil passava pela dificuldade de encontrar um corpo de jornalistas católicos, competentes e que abraçassem o empreendimento da “Boa Imprensa” com afinco e, muitas vezes, com generosidade, posto que, em sua

⁸⁹ Mapeamos, a partir das correspondências e da secção de Graças, os estados onde a revista Maria contava com leitores. A partir desse levantamento, foi possível percebermos que a revista chegava a todos os Estados brasileiros.

⁹⁰ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

maioria, as dificuldades da própria imprensa católica em se manter não davam condições de pagamentos aos seus colaboradores.⁹¹

Tal dificuldade parece ter sido sentida pela Revista também. Afinal, logo em seu retorno do período que permanecera fora de circulação, a direção do periódico já fazia apelos para que as assinantes da Revista dela participassem mandando textos a serem publicados.

A's nossas leitoras, assignantes, colaboradoras; todas as Filhas de Maria de Pernambuco e de outros estados, que receberam a revista com signaes de satisfacção, pedimos que continuem a protegel-a e espalhal-a, já procurando novas assignantes, **já enviando-nos chronicas, noticias, escriptos, que não deixaremos de publicar, contanto que sejam convenientes e proporcionados á índole da nossa revista.** [Grifo Nosso]
A Direcção [...]⁹²

Também não podemos igualmente acatar completamente o discurso que lamentava as dificuldades financeiras da revista, pois, tanto quanto se manter, materialmente falando, era importante espalhar a revista país a fora aumentando constantemente o numero de assinantes.

Partindo dos apelos, da revista e das recomendações dos editores, inferimos que outra necessidade prática e urgente da concepção do projeto de Maria era incentivar as leitoras a mandarem escritos, contos, crônicas, ensaios e poesias para o periódico. Tal iniciativa não se dava somente em virtude da falta de colaboradores. Para uma revista que nasce para fortalecer um grupo, sua identidade e união em todo o país, seria um incontestável avanço conseguir extrair, deste mesmo grupo, “intelectuais” que pudessem se destacar na concepção de ideias e programas para fortalecimento e crescimento do grupo. Com isso, Filhas de Maria escrevendo para Filhas de Maria seria um profícuo espaço de comunicação e conversão do modelo feminino que a Igreja buscava construir. Tal troca também possibilitaria uma maior integração entre os grupos, fazendo uma ponte entre os clérigos e as associadas marianas do país inteiro.

Como estratégia inicial de incentivo à participação das leitoras, foram pensados os chamados “Concursos a prêmio”. Nos primeiros concursos, eram propostos os chamados “quesitos”, que eram perguntas a partir das quais as

⁹¹ Cf. LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

⁹² A's piedosas leitoras. *In*: Revista Maria, abr. 1915. p. 02.

participantes deveriam gerar suas reflexões e engendrar seus textos, que deveriam ser enviados para a revista, onde seriam avaliados por um grupo de críticos que escolheria as melhores respostas. As três melhores respostas teriam a garantia de serem publicadas e as outras colocadas poderiam ser publicadas em outro momento, mas sem garantia de que isso realmente ocorreria, ficando a mercê da vontade da direção e da disponibilidade de espaço no mensário.

Os prêmios dados às vencedoras não são revelados nos anúncios dos concursos. As chamadas para participação, no entanto, fazem-nos inferir que não fossem objetos de grande valor monetário. Seu valor era mais simbólico, de incentivo à continuidade na participação da escrita da revista, daí, vez por outra, vemos referências a quadros, ilustrações, livros, que, por vezes, as ganhadoras sequer iam buscar⁹³. Inferimos que não eram os prêmios materiais oferecidos os quais importavam para aquelas leitoras que se aventuravam em participar do certame. O que motivava tais jovens era a alegria e, também, o reconhecimento, de ter um texto publicado e lido por Filhas de Maria do país inteiro, colocando a autora como colaboradora e referência de uma obra pia e cristã. Era um protagonismo, até então, não experimentado por elas, especialmente as primeiras colaboradoras.

Tais concursos deveriam servir como um incentivo inicial para que as leitoras, sentindo-se reconhecidas em sua capacidade literária, ousassem voos maiores, ensaios mais aprofundados, com a devida aprovação da atenta redação. Era a porta de entrada para a participação e o reconhecimento no universo da boa imprensa católica, que a revista defendia e representava.

Cada premiação de textos era seguida por um novo quesito desafiando as leitoras, criando um círculo constante de reflexão, escrita e interação com a revista⁹⁴. A princípio, as questões do concurso diziam respeito a temas mais espirituais, no entanto, logo passaram a englobar também questões da contemporaneidade vivida pelas leitoras. Pensar sua tradição, pensar a modernidade do presente e saber articular isso em escritos para a revista, um desafio que instigava muitas leitoras.

⁹³ Para as ganhadoras moradoras em outros Estados, a revista se encarregava de enviar o prêmio via correios. Já para as que moravam em Recife ou Olinda, a revista deixava o prêmio para ser entregue na redação. Quando as ganhadoras não iam buscar, a revista publicava pequenas notas, avisando-as que os prêmios ainda estavam à espera.

⁹⁴ O anúncio do resultado de um concurso já vinha acompanhado da chamada de um novo certame, não havendo, pelo menos no que diz respeito aos três primeiros anos (1915-1918), um intervalo de tempo sem que houvesse um concurso em andamento.

Ao lançar um novo concurso, após a finalização de outros tantos, a própria revista admitia alguns de seus objetivos.

Concurso a premio da nossa Revista

Abrimos hoje um novo concurso para as jovens leitoras da Revista “Maria” É duplo o objetivo que temos em vista. Estimular o trabalho intellectual e a colaboração das nossas gentis leitoras e avivar nos seus corações o interesse por esses problemas de ordem religioso-social que se relacionam de perto com a verdadeira missão da mulher catholica na sociedade e no lar. [...] ⁹⁵

Como a própria revista aponta, a ideia era estimular o trabalho intelectual. Isso porque a Filha de Maria, via de regra, pertencia às camadas médias e altas da sociedade. Alfabetizadas, leitoras, essas mulheres tinham um lugar social muito específico, se tomarmos como definidor a imagem que a revista trazia delas.

Os textos da revista, ao falar do cotidiano da sua leitora, fazem referência a mulheres que não têm emprego, que têm empregados em casa, que devem usar suas horas vagas para trabalhar em prol das causas da Igreja. É uma mulher que frequenta bailes da sociedade, tem acesso a carros (chega-se a discutir se ela deve dirigir), maquiagem, vestidos da moda, joias. O trabalho que a revista espera delas é intelectual, porque, na concepção da revista, a Filha de Maria não é uma jovem que faz trabalho braçal. Isto está fora da sua realidade, tanto que não se fala em Filhas de Maria operárias, fala-se em Filhas de Maria que devem proteger as pobres operárias desvalidas e exploradas por seus patrões. Está fora da sua realidade, também, o analfabetismo, para a revista não há Filhas de Maria analfabetas, embora no Brasil da década de 1920, segundo dados do IBGE, 65% da população na faixa etária de 15 anos fosse analfabeta⁹⁶. Na década de 1940, ainda segundo o IBGE, o índice de analfabetismo entre as mulheres brasileiras era de 67,21%.⁹⁷ Ressalte-se que no Manual, ainda faz referência à possibilidade de uma associada não saber ler, entretanto, na revista isso sequer é mencionado, desta maneira, entendemos que o Manual ocupa o papel de um dos distintivos da Filha de Maria, compondo, inclusive,

⁹⁵ Concurso a premio da nossa Revista. *In*: Revista Maria, ago. 1919. p. 107.

⁹⁶ Cf. BRAGA, Ana Carolina & MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n.1. p. 24-46, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/download/9986/6590>. Acesso em: 16 fev. 2019.

⁹⁷ Cf. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1425.pdf>, Acesso em: 15 fev. 2019.

o rito de entrada na associação. Já a revista Maria tem uma função não ritualística, seu papel é de ordem prática, precisa, portanto, ser lida e propagada.

Pensando nessa leitora, os quesitos propostos pelos concursos da revista vão também oscilando nessa constante tentativa de aliar as questões da tradição católica com as questões da modernidade que se anuncia acelerada e que, por isso, deveria ser pensada e normatizada. Nos concursos as leitoras são desafiadas a pensar desde questões como “Qual é o obséquio mais agradável a Maria durante o mês de maio?” e “Qual dentre os títulos com que Igreja Catholica e a Christandade invocam Maria é para vós o mais poético e qual o mais terno?” Até questões como: “Que papel está reservado hoje á jovem catholica no lar domestico?”

Nesses concursos, tinham prioridade nas premiações aquelas que fossem Filhas de Maria e assinantes da Revista. O perfil daquela que escrevia também era pensado, de forma a fortalecer laços e fidelidade à causa mariana, além de incentivar àquelas que não eram associadas de uma Pia União ainda, fazê-lo.

NOVO CONCURSO A PREMIO
[...] Condições do Concurso.

2º Todas as leitoras podem concorrer, sendo, porém preferidas as Filhas de Maria assignantes, na atribuição do prêmio.⁹⁸

Tal estratégia parece ter encontrado eco nas práticas das leitoras de Maria, as quais, incentivadas mensalmente a colocarem seus pensamentos no papel, começam a mandar muitos escritos à redação de Maria, não apenas para os concursos, mas também para serem publicados regularmente na revista, que, em resposta, começa a ir adequando e corrigindo rumos de quais escritos eram necessários e estavam em sintonia com o projeto da Revista.

A's nossas colaboradoras recomendamos que não queiram mandar-nos sempre traducções, sendo preferíveis os trabalhos originaes. Estes aguçam o engenho, exercitam a intelligência, obrigam a pensar, e, quando são bem feitos e merecem ser publicados, causam uma satisfacção profunda no espirito dos próprios autores. Experimentem as nossas colaboradoras.⁹⁹

Se num primeiro momento as traduções foram suficientes, e até bem vindas, para preencher os espaços da revista e cultivar o hábito da escrita entre

⁹⁸ Novo Concurso a premio. *In*: Revista Maria, jun. 1915. p. 48.

⁹⁹ Recados/Notas. *In*: Revista Maria, abr. 1915. p. 05.

leitoras, agora as candidatas a escritoras da revista deveriam esforçar-se para criar algo novo, “aguçando o engenho” e “obrigando-se a pensar”. Novo, sem perder a sintonia com a tradição, ou seja, elas deveriam escrever para a revista exaltando os valores e ideias que a Igreja defendia. Assim, logo os concursos assumem uma nova postura e, ao invés de propor um quesito, abrem a pauta para que as leitoras contribuam com o que considerarem interessante e, dessa forma, tornarem a leitura da revista mais atrativa.

Embora a revista Maria fosse uma publicação que visava um público específico de leitoras, era necessário pensar na concorrência de outros impressos que já circulavam no país. Logo, sem ignorar o projeto de ter uma publicação que servia de laço entre as Filhas de Maria, a revista precisava ser atrativa, formar e divertir ao mesmo tempo, para que não se tornasse apenas mais uma leitura devocional, mas ganhasse também um caráter recreativo.

A revista Maria procurando sempre tornar-se agradável aos seus numerosos assignantes, proporciona, agora, aos seus amáveis leitores deste e dos outros Estados um attrahente concurso [...]
 Enviar a esta Redacção, até o dia 30 de abril de 1923, **um conto ou novella que retrate um caso real ou imaginário**, contanto seja num assumpto conforme á orientação desta Revista. (Grifo meu)¹⁰⁰

Lidando essencialmente com leitoras, a redação da revista, no entanto, enfrentava uma espécie de revés da moeda. Solicitadas a escreverem para a revista, as leitoras tinham pressa em ver seus escritos publicados. Ansiavam por um retorno, um *imprimatur* de seus pensamentos, daí direcionarem constantemente cobranças a redação da revista, que a cada número sentia-se “obrigada” a justificar a demora e o silêncio sobre os escritos enviados, publicando logo no verso da capa em letras garrafais: “*N.B – Não se devolvem os manuscriptos inda que não sejam publicados*”.

As correspondências publicadas e a própria reincidência do anúncio acima nos dão indícios de que muitas se sentiam aborrecidas pela não publicação de seus escritos, pedindo-os de volta. Se o desejo de ter de volta seus escritos significava que iriam reescrevê-los, ou enviá-los para outros periódicos, não sabemos, mas é uma possibilidade que não pode ser desprezada. O esforço de escrita dessas jovens só tinha uma recompensa satisfatória: sua publicação.

¹⁰⁰ Revista Maria, dez. 1922. p. 204.

O que a revista fazia com os escritos também não fica claro, mas ao não devolvê-los para as colaboradoras não deixava de mantê-las atentas à publicação, fiéis à leitura da revista na esperança de finalmente verem seus escritos publicados. Por outro lado, partindo das respostas dadas pelos editores da revista, é possível apontar também um cuidado e um padrão de qualidade estabelecido internamente, no qual as contribuições deveriam ter uma boa qualidade para que ocupassem as páginas do impresso. Não era apenas uma questão de enviar escritos, as colaborações deveriam ter também uma boa qualidade, para que pudessem manter a revista interessante e, ao mesmo tempo, dentro dos padrões de moralidade exigidos pela Igreja.

Inseguras da validade de seus textos, muitas das leitoras optavam pelo uso de pseudônimos ou Letras iniciais do nome, mesmo quando não estavam disputando os concursos. Tal prática nos leva a inferir que, por trás de um pseudônimo, sentiam-se mais à vontade para deixar a imaginação guiar as curvas de sua escrita, enquanto se resguardavam de possíveis críticas das “irmãs” marianas de longe e de perto, bem como dos exigentes editores da revista, que não se furtavam em criticar os escritos na seção de correspondência, evidenciando a tutela e a reprimenda em torno da produção literária que as leitoras enviavam.

Berangère – (Olinda). Gostámos do estylo florido de seu conto “Soror Rosa”.

Mas o motivo dado por V. Exc. á vocação religiosa da protagonista de sua novela faz-nos omitir a sua publicação. Não é para imitar-se, Esperamos em breve a sua distincta colaboração.¹⁰¹

Os pseudônimos buscavam indicar humildade. Eram usadas, por exemplo, metáforas da natureza, em especial das flores, posto que muitas das referências às Filhas de Maria, na imprensa católica e no Manual da Pia União, as colocavam-nas como “Flores dos jardins do Senhor”. Logo, seus escritos eram assinados com pseudônimos tais como: Mínima, Simples, Uma Filha de Maria. Além disso, o jardim das Flores também era plural: Lotus, Lirio, Orchidea, Flor de Lys, Magnolia, entre outras e cada pseudônimo vinha acompanhado de qual Pia União era a Filha de Maria associada. Complementar o anonimato do pseudônimo com a Pia União de origem era uma forma de ter minimamente publicizada, ainda que não totalmente revelada, a identidade da autora.

¹⁰¹ A Nossa Correspondencia. In: Revista Maria, mar. 1919. p. 49.

No caso dos concursos, que escolhiam textos escritos para a Revista, ao final do certame, o nome da vencedora era revelado, mesmo que esta tivesse optado em assinar o texto com um pseudônimo. É o caso do concurso que escolheu o texto que melhor respondeu a pergunta: *“Qual é o obséquio que julgaes mais agradável a Maria durante o mes de Maio?”*

No dia 17 de Maio de 1915 reuniu-se a comissão encarregada de julgar as respostas, publicadas na nossa revista ao quesito:

“Qual é o obséquio mais agradável a Maria durante o mes de Maio?”. Foi julgada a melhor, e portanto digna do premio prometido, a resposta assignada com o pseudônimo Minima, publicada no fascículo de Abril deste anno.

Esta resposta pertence á Exama. Senhorita D. Cecilia Melquin filha de Maria da Congregação externa do Collegio do Coração Eucharistico [...] ¹⁰²

Em seguida, a resposta premiada é publicada. As participantes do concurso foram informadas pela revista que a vencedora teria sua identidade revelada, para aquelas que não alcançaram êxito na competição, ao menos tiveram o conforto da sua identidade preservada, enquanto podiam ainda se alegrar com a possibilidade de um dia verem seus textos publicados pela revista, que os mantinha sob sua guarda, com a promessa de publicá-los quando fosse possível, ou seja, quando faltassem colaborações mais interessantes para preencher as páginas do periódico.

Por outro lado, ter um grupo de Filhas de Maria que se mostrasse com certo amadurecimento intelectual para pensar-se seria ultrapassar o meramente devocional e estabelecer um corpo intelectual bem fundamentado, que fortalecesse a “milícia” mariana diante da sociedade brasileira. Refletir sobre as questões sociais, teológicas, bem como sobre as ações do grupo e seus deveres para com a Igreja, eram pautas privilegiadas da escrita das colaboradoras.

A fé é perseverante, quando suportamos todas as dores e aflições, assim como todas as alegrias sem renunciar a Deus e a sua Igreja.

Para que a fé seja perseverante, devemos adoptar todas as verdades, todos os dogmas que a Igreja ensina. Há muitas pessoas que por não compreenderem um dogma da fé, atrevem-se a regeital-o. Ora, si todos os sábios e filósofos não desvendam todos os mysterios da natureza, como poderemos nos discernir todos os mysterios divinos? Não, embora não possamos comprehendel-os, devemos crer. Crer por que tudo vem de Deus. E nós, filhas de Maria, nunca devemos mostrar pelo nosso porte nos templos sagrados, pelas nossas palavras, pelas nossas acções, que nos falta fé; [...]

Maria Pia.

¹⁰² O êxito do Nosso Concurso – A resposta premiada. *In*: Revista Maria, jun. 1915. p. 45.

F.d.M. de Goyanna.¹⁰³

Em textos, por vezes demasiado longos, que ocupavam uma página inteira da revista, ocasionalmente até mais, tal como o texto acima citado, que ocupa uma página inteira do periódico¹⁰⁴, essas colaboradoras mostravam um nível argumentativo bem estruturado e referenciado, indicando se tratar de jovens que liam outras referências e estavam em sintonia com as questões do mundo e da religião, demonstrando uma erudição que desconstrói o estereótipo da beata “papa-hóstias”, que se resume ao pietismo. Era esse tipo de colaboração, que os diretores da Revista ansiavam por contar.

Assim, ao longo dos primeiros anos da revista, os concursos sucediam-se. Dava-se cada vez mais visibilidade às três primeiras colocadas. Com os avanços tipográficos, a revista passa a, além de divulgar o nome completo e uma pequena biografia das vencedoras, publicar também suas fotos. Os nomes piedosos por trás dos textos escolhidos ganham um rosto nas páginas da revista. O mais comum era que depois disso, as vencedoras ficassem colaborando com o mensário, enviando novos textos, ainda sob o pseudônimo que haviam usado no concurso, ou sob seus nomes reais.

¹⁰³ A fé. *In*: Revista Maria, nov. 1915. p.116-117.

¹⁰⁴ Os textos da revista, via de regra, vinham diagramados em duas colunas, distribuídas em páginas de 17 cm de largura.

Figura 3 – Foto da vencedora do concurso literário.



Senhorita Guiomar Maria de Sá Fonte, distinta collaboradora da Revista "Maria", que obteve o 1.º lugar no concurso literário, com o trabalho "Depois do baile," assignado pelo pseudonymo *Lygia Sylvia*.

Fonte. Revista Maria, julho/1923, pág. 129.

Além dos escritos referendando a fé, em forma de contos e reflexões apologéticas, havia também a recorrência de poemas, enviados pelas Filhas de Maria. Em geral, tais poemas também versavam sobre a devoção mariana e as obrigações devocionais do gênero feminino para com a Igreja. Mas ter os poemas publicados parecia ser mais difícil, já que as poesias enviadas à revista eram observadas com cuidado pelo conselho editorial, que constantemente evitava publicá-los por não corresponderem adequadamente às artes das métricas e das rimas.

Maria, F.M. (Floresta), Não publicamos a sua poesia Sou Filha de Maria. Não é para desanimar. Com mais esforço e cuidado pode V. Exc. fazer boa composição poetica. A's vezes a prosa é um genero mais fácil de literatura, especialmente para os que se querem iniciar nas letras.¹⁰⁵

¹⁰⁵ Correio da Revista. In: Revista Maria, jan./fev. 1921. p. 10.

Numa redação em que um dos principais sujeitos era professor de gramática, satisfazer as exigências da escrita poética e metrificada não era tarefa fácil e as respostas nem sempre eram delicadas ou encorajadoras. Mas podemos argumentar ainda que, mais do que rimas e métricas, a poesia trazia em si um universo mais amplo¹⁰⁶. Metafórica, a poesia podia dar abertura para a imaginação das leitoras que poderiam se sentir indevidamente tocadas pelas poesias das irmãs marianas.

C.A.D. – Senhorita, quer um excelente conselho? Não faça mais versos, não perpetre mais sonetos. E logo soneto em versos alexandrinos... Si Malgré Tout, quer mesmo cultivar a poesia, estude, primeiro, o português, depois os clássicos, a versificação, etc, etc. e depois talvez que o resultado seja satisfatório ou... não o seja... e nesse caso será mais uma vez comprovada a sentença: Poeta nascitur. Mais uma palavrinha: cultive a prosa é mais fácil e ... mais útil.¹⁰⁷

De todas as colaboradoras da revista, somente uma se notabilizou por se aventurar em poemas: Virgínia de Figueiredo. Virginia foi certamente a colaboradora mais assídua e longeva da Revista Maria. Quando a Revista Maria retornou as atividades, em abril de 1915, Virginia de Figueiredo já figurava entre os colaboradores com a poesia “Mater Dolorosa”. Essa participação se tornou regular ao longo de toda a sua vida.

Ao contrário das outras colaboradoras da Revista, Virginia não escrevia textos em prosa. Todas as suas colaborações, com raríssimas exceções¹⁰⁸, eram em forma de poesia ou música. Suas composições poéticas têm lugar garantido em quase todos os números da Revista Maria, no período que se estende de 1915 até 1961, ano de sua morte.

Durante a maior parte do tempo que escreveu para a revista, ela assinava como Virginia de Figueiredo – Filha de Maria da Estancia, depois mudou para Filha de Maria Immaculada e, finalmente, “Cantora de Nossa Senhora”, que usou nos últimos anos de vida. Filha de família abastada “de pintores, prima de Pedro Americo e de Aurelio de Figueiredo – pincéis famosos – era também filha de poeta”.

¹⁰⁶ Ver DARNTON, Robert. Poesia e Polícia. **Redes de comunicação na Paria do século XVIII**. Tradução Rubens Figueiredo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

¹⁰⁷ Correio da Revista. *In*: Revista Maria, jun. 1924. p. 108.

¹⁰⁸ Ao longo de todo o período aqui em estudo, só localizei dois textos de Virginia Figueiredo em prosa: um conto e um texto de opinião sobre comportamento feminino.

Por ocasião de sua morte, a Revista Maria publicou algumas homenagens, lamentando a perda da colaboradora, mas exaltando os valores elevados e a resignação santa na qual a mesma faleceu.

Portanto, era a prosa o forte da Revista, pois seus editores viam a prosa, como mais útil e necessária à causa católica. Juntamente com textos noticiosos e artigos de opinião, que versavam basicamente sobre os males da modernidade e a beleza da tradição, a revista trazia muitos contos, gênero literário adotado por boa parte das colaboradoras da revista. Tais contos versavam mais costumeiramente sobre comportamento e moral, trazendo sempre ao final uma lição edificante, não raro aprendida a partir de uma tragédia irreversível ocasionada por descuidos morais. A tragédia irreversível nos textos da revista tinha a função de despertar na leitora o medo de que arriscar-se no terreno da moral era perigoso demais e podia custar uma vida inteira desgraçada por um descuido¹⁰⁹.

Como fruto de uma *leitura tradicional da modernidade*, a revista desejava uma leitora-escritora, com uma escrita em sintonia com os valores defendidos pela Igreja e, ao mesmo tempo, leve, interessante e atraente ao público da revista. A escrita desejada e incentivada pelos editores de Maria era, portanto, uma escrita tutelada, cujas reprimendas, tornadas públicas nas páginas da própria revista, iam ajustando suas diretrizes a partir da prática da escrita feminina.

Toda escrita passa pela apreciação prévia do conselho da revista, formado por padres. Nada mais moderno, nada mais conservador: Espaço de expressão e tutela. Escrita feminina, censura clerical.

Dentro da perspectiva de uma escrita tutelada, os clérigos estavam atentos não só ao conteúdo, mas também à forma. Aquelas que agregavam muito entusiasmo a sua escrita eram devidamente colocadas em “seus lugares”. Certas “animações” e “exortações” eram próprias dos sacerdotes no púlpito, não cabia, portanto às colaboradoras. Com isso, a escrita feminina desejada pela revista deveria ser contida e humilde, tal como o gênero que a escrevia. Incentivá-las a uma

¹⁰⁹ A revista guardava uma ligação com as histórias exemplares. Essas histórias exemplares, muitas vezes, relatadas na forma de contos e hagiografias, traziam consigo a perspectiva da “*Historia magistra vitae*” (História mestre da vida), que podia educar pelos exemplos, fossem eles “dignos ou repulsivos de serem imitados”. Assim, cheias de exemplos, essas histórias deveriam instruir as leitoras de como deveriam ou não agir. A esse respeito ver: Cap. 2 - História Magistra Vitae. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 41-60.

participação mais efusiva poderia ser entendido como uma tentativa de usurpar um espaço e um estilo de fala que só cabia aos sacerdotes.

Recommendamos ás nossas gentis collaboradoras a brevidade em seus escriptos originaes as traducções que, entretanto, si forem muito interessantes e não muito cumpridas, não deixaremos de publicar.

Francamente não gostamos de assumptos romanescos e sentimentaes.

Tambem não achamos proporcionao á índole humilde da nossa revista o estylo oratório e empolgante de certos escriptos; e por isso recomendamos ás nossas collaboradoras que deixem certas exclamações exageradas e outras exhortações e animações cujo logar proprio são as praticas e as allocuções feitas aos fieis, do púlpito ou do altar, pelos pregadores do Evangelho.

Maria não é uma revista de sacra oratoria, mas de leituras amenas e edificantes.¹¹⁰

Não bastassem as dificuldades iniciais de praticar a escrita, as exigências vão aumentando à medida que a participação das jovens se torna mais numerosa e, colocadas sob a tutela dos editores da Revista, que vão tornando-se mais sensíveis à imaginação das colaboradoras, por razões variadas, nem todos os escritos eram publicados.

Rosa Perrone – Rio de Janeiro. Recebi a sua correspondência. Publico o pensamento, mas o outro trabalho, “Mãe e refugio” parece-me muito intimo e por isto não o posso publicar.¹¹¹

Ao que parece, para os editores, sempre que uma colaboradora enviava um texto mais erudito, que pudesse elevar o nível de dificuldade de leitura, o escrito era prontamente recusado. A ideia de manter certa “amenidade” na leitura da revista era bem observada quando a autoria era de uma das leitoras, embora tal critério nem sempre fosse respeitado pelos clérigos, que, por vezes, publicavam verdadeiros tratados teológicos, cuja leitura era árdua e nem um pouco amena. Tal postura, no entanto, não é de se estranhar, afinal, em sua primeira fase, a revista Maria era muito mais PARA as Filhas de Maria do que DELAS propriamente.

Flor de Lys – Depois de uma seria reflexão resolvemos não discutir o seu O Thema. A Sra. Tocou numa questão muito melindrosa e difícil de se resolver; isto é: a sinceridade na arte. Um tal assumpto, além de não ser muito acessivel não é nada conforme á índole da nossa revista. Não acha.¹¹²

¹¹⁰ Revista Maria, jun. 1916. p.: 77-78.

¹¹¹ Correspondência. *In*: Revista Maria, fev. 1916. p.30.

¹¹² Correspondência. *In*: Revista Maria, set. 1915. p. 92.

Num universo onde os homens detêm a exclusividade da palavra escrita e, também, falada, Maria traz leitoras-escritoras, que, com o aval da redação da revista, vão mensalmente dissertando sobre as questões que as incomodam e povoam seu cotidiano. No entanto, esse exercício de reflexão sobre si e sobre o mundo que as rodeia não é, de todo, livre.

Nas respostas às cartas enviadas para a redação, percebemos os vieses da desaprovação e, ao mesmo tempo, o esforço das leitoras para serem publicadas. Então, em um espaço de tutela, as colaboradoras da revista também têm a oportunidade de se expressar, assim escrevem, com pequenos detalhes de modernidade, uma escrita que deve seguir parâmetros conservadores. Maria e suas colaboradoras estão sempre nesse limiar, nessa dobra do tempo, onde passado, presente e futuro se misturam sem limites claros. Em todo o tempo, essa tensão entre o passado e o futuro se realiza no presente de cada página. Na edição de cada mês, que, materialmente, também precisava se adequar às demandas da modernidade, a revista traz a mulher moderna x a mulher cristã, sugerindo uma terceira via prenhe do desejo de controle: a mulher moderna cristã.

Em sua primeira fase, a força da tradição com suas estratégias de controle consegue se sobressair. No entanto, o tempo moderno é acelerado e a mulher Filha de Maria inserida no tempo em que vive não tem só a deferência como valor-guia. Pequenas rebeldias, sutis resistências, suaves astúcias vão se imprimindo com o passar do tempo. Portanto, a tensão passado-futuro se adensa e as Filhas de Maria vão rabiscando suas letras e traços nas páginas de uma revista cada vez mais sua, apesar da pressão do conselho editorial composto exclusivamente por clérigos.

2.3 ESTRATÉGIAS DE EXISTÊNCIA E PERMANÊNCIA - OS PERCALÇOS DE UM IMPRESSO MODERNO

Maria, até sua edição de março de 1924, trazia estampado em suas capas com motivos religiosos, o subtítulo “Revista das Filhas de Maria”. Subtítulo que era repetido também no cabeçalho da primeira página.

Figura 4 – Algumas Capas de Maria – A revista das Filhas de Maria.



Fonte: Acervo da Revista Maria – Hemeroteca Digital

Mas, na edição de março de 1924, o subtítulo que aparecia na capa de Maria mudou, assim como o cabeçalho da primeira página, sem que houvesse nenhum esclarecimento acerca da sutil mudança. Maria passou a trazer como subtítulo “Revista das Congregações Marianas”.

Figura 5 – Capa de Março de 1924, trazendo a mudança no subtítulo de Maria - Revista das Congregações Marianas.



Fonte: Acervo da Revista Maria – Hemeroteca Digital

Embora a mudança do subtítulo em princípio possa induzir a conclusão de que a revista mudara seu público-alvo e, conseqüentemente, seus interesses e abordagens, verificamos que, na realidade, isso não ocorre. Entendemos tal mudança como uma estratégia editorial. A mudança do subtítulo não trouxe mudanças à estrutura e conteúdo da Revista.

O público-alvo continuava o mesmo e os escritos continuavam sendo direcionados às Filhas de Maria e ao seu papel na sociedade, alargando, vez por outra, o leque para todas as mulheres católicas, ao invés de somente as Filhas de Maria. Acrescentaram-se, de maneira esparsa, referências à União dos Moços

Católicos, uma espécie de versão masculina das Filhas de Maria, que, justamente por agregar o gênero oposto, não tinha regras tão rígidas como às que eram impostas às associadas das Pias Uniões.

É em virtude das dificuldades materiais e da ambição de aumentar o leque de leitoras, mais do que da mudança de público em si, portanto, que gira a mudança do subtítulo da Revista. Ao “tornar-se” Revista das Congregações Marianas, Maria pretende contar com a leitura e proteção de outras associações que têm como santo de devoção a virgem Maria. Várias eram as congregações leigas que traziam o elo com o Marianismo¹¹³. Apelar para elas era uma estratégia inteligente que ampliaria o alcance da revista que antes se identificava como exclusiva das Filhas de Maria.

Assim, o fato é que a Revista Maria, desde seus primeiros números, tinha dificuldades de manutenção. Embora contasse com inúmeras assinantes espalhadas pelo Brasil, havia muitos problemas para manter o dispendioso projeto de um periódico voltado exclusivamente para o público feminino associado às Pias Uniões das Filhas de Maria.

A própria pontualidade do pagamento das assinantes, que não era assim “tão religiosa” e isso, segundo as queixas dos editores, deixava a revista em situação financeiramente instável. O fato de ter assinantes nos mais recônditos lugares do país dificultava o recebimento do pagamento, muitas vezes feito por cartas que extraviavam com o dinheiro dentro dos envelopes.

Por outro lado, as constantes dificuldades de conseguir papel para impressão, cada vez mais caro e de difícil importação, especialmente na Europa¹¹⁴, tornavam a confecção da revista cada dia mais onerosa, obrigando os editores a buscarem constantemente mais assinantes.

Logo em dezembro de 1915, a revista anunciou, como uma forma de buscar auxílio extra para as despesas elevadas, a categoria de assinatura chamada “assinatura de proteção da Revista Maria”. Com validade de um ano e um custo de cinco vezes o valor de uma assinatura simples, esse modelo de assinatura

¹¹³ Entre elas podemos citar: Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, Associação das Mães Cristãs, União dos Moços Católicos, Irmandade da Imaculada Conceição, entre outras.

¹¹⁴ O papel utilizado para impressão de periódicos no Brasil era importado da Europa e dos Estados Unidos. Com as crises desencadeadas pelas Grandes Guerras Mundiais (I e II), além do difícil período entreguerras, o papel ficava cada vez mais escasso e caro, dificultando ainda mais a impressão da revista que a cada nova edição sentia os efeitos da elevação dos custos. A esse respeito ver: MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Edusp-Fapesp, 2008.

representava um elemento de diferenciação na medida em que dava o direito às assinantes de figurarem no “Quadro de Honra dos Protectores da Revista Maria”, impresso logo no verso da capa da Revista, um atestado de gratidão, principalmente de distinção.

É nossa intenção, si nos não faltar o favor das almas boas e o apoio das que protegem a boa imprensa, melhorarmos e aperfeiçoar-mos a nossa modesta revista. Para isto precisamos aumentar o numero das assignantes e invocar a generosa e livre contribuição das que podem e querem socorrer-nos.

A este fim, vamos publicar no próximo numero de janeiro uma lista de Assignantes Protectoras da Revista Maria, cuja contribuição annual será, ao minimum de 10\$000.

Os nomes destas Assignantes Protectoras serão publicados em um quadro de honra, em todos os numeros da revista Maria, como um atestado de gratidão á sua generosa protecção. [...] ¹¹⁵

Era uma intenção do conselho editorial da revista torná-la cada vez maior, com mais páginas e, também, se possível, semanal ou pelo menos quinzenal. Planos que não conseguiram efetivar, uma vez que, durante todo o período aqui em estudo, a revista Maria permaneceu uma publicação mensal, ainda que em momentos de maior dificuldade lançasse mão de publicar dois números juntos. A média de páginas de cada edição girava em torno de 30 a 40, não mais que isso, exceto nas edições duplas ou triplas, que contavam com mais páginas para compensar o atraso na edição do mês. Sempre que era obrigada a uma publicação bimestral ou mesmo trimestral em algumas ocasiões, a revista se desculpava com suas assinantes, justificando as dificuldades, especialmente financeiras, para que houvesse o atraso de um mês, buscando regularizar a situação o quanto antes.

Mesmo com as chamadas assinaturas de proteção, feitas pelas ricas senhoras de Recife e Olinda, por instituições de ensino e por algumas Pias Uniões do país¹¹⁶, tornava-se um projeto muito custoso editar mensalmente a revista, especialmente com os atrasos nos pagamentos das assinaturas. Daí os apelos constantes:

A´s nossas assignantes

Tornamos a solicitar das assignantes, que ainda não nos enviaram a assinatura do anno passado, obséquo de nos ajudarem para, deste

¹¹⁵ Revista Maria, dez. 1915. p. 129.

¹¹⁶ No que se refere aos Estados do Nordeste, a Revista Maria contava com protetoras do Rio Grande do Norte, Alagoas, Ceará e Paraíba, enquanto no Sul e Sudeste, tinham destaques os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

modo, podermos enfrentar as despesas de publicação e expedição da nossa revista.

Para este fim, invocamos a piedosa generosidade das ditas assignantes e o zelo dos Rvms. Padres Directores e esperamos ser atendidos sem mais pedidos e instancias.¹¹⁷

Apesar dos apelos contundentes, novos “pedidos e instancias” serão corriqueiros. Textos pedindo para que se mantivesse a pontualidade no pagamento das assinaturas são constantes nas páginas do periódico, e neles é possível perceber que os diretores da revista viam as Filhas de Maria como abastadas o suficiente para arcar com os custos da “piedosa” publicação, uma vez que para eles, o valor da assinatura era “módico”, daí insistirem na pontualidade do pagamento, que se transformava também numa questão espiritual, de “piedade filial”.

A modicidade do preço de assignatura annual (2\$000 rs) não parece offerecer serias dificuldades a quem queira concorrer para sustentar a nossa revista Maria, dando assim, mais prova de piedade filial a nossa Mãe do Céu Maria Santíssima, a cuja honra e gloria nos dedicamos os escriptos e trabalhos de nossa publicação.¹¹⁸

É interessante observar que a revista parte do pressuposto que sua leitora pode pagar com tranquilidade o preço “módico” da assinatura e, por isso, no discurso que fala da inadimplência que coloca a revista em dificuldades, é colocada tal falta como um problema de consciência e não uma questão econômica apenas. Afinal, a revista e sua manutenção seria também uma obra pia. Mesmo as assinaturas de proteção, que traziam intrínseco a condição abastada das subscreventes padeciam do mal da inadimplência, levando a revista a fazer apelos as suas assinantes diferenciadas, ressaltando a “benemerência” de sua posição e de como isso era incompatível com qualquer descuido no amparo da publicação.

Diversas assignantes de protecção – (Aqui e Ali) – Aguardamos, há dois annos, os seus generosos auxílios.

Reconhecemos que assignatura de protecção é uma coisa toda voluntaria e de especial benemerência, mas precisamos saber quaes as pessoas continuam a prestar a esta revista uma protecção real. Esperamos confiantes, uma respostas sobre esse assumpto.¹¹⁹

O tom da correspondência é direcionado: às assinantes protetoras é mais ameno. Mais do que uma cobrança, é um apelo, posto que, além de se

¹¹⁷ A’s nossas assignantes. *In*: Revista Maria, jun. 1915. p. 48.

¹¹⁸ A’s nossas assignantes. *In*: Revista Maria, jun. 1915. p. 48.

¹¹⁹ Correio da Revista. *In*: Revista Maria, dez. 1920. p. 173.

constituírem leitoras mais abastadas e que poderiam ter um peso importante nas campanhas da revista, não deixá-las ressentidas era uma precaução inteligente.

A principal renda da Revista era proveniente das assinaturas e dos auxílios monetários enviados pelas assinantes. O dinheiro era direcionado basicamente para as despesas de impressão e distribuição do periódico, uma vez que os que dela tomavam parte não recebiam pagamentos por isso, eram todos voluntários.

Embora os anúncios publicitários tenham se constituídos como uma das principais fontes de renda dos periódicos brasileiros, especialmente as revistas, o fato é que Maria não trazia muitos anunciantes. Nos primeiros anos de sua publicação, sequer havia anúncios e, mesmo nos anos posteriores, quando começam a aparecer anúncios de produtos, serviços e lojas, a seção de anúncios da revista ainda é deveras diminuta. Figurando nas últimas páginas de cada edição, os anúncios giravam em torno de produtos vistos como voltados para a família, tais como alimentos para crianças (farinha láctea, leite condensado, etc.), médicos, livrarias católicas, lojas de artigos diversos, alfaiate para clérigos (especialista em batinas). Embora possamos encontrar esses anúncios em algumas edições, não é realmente o forte da revista.

Não sabemos o motivo para essa quase ausência na revista, especialmente se levarmos em consideração as constantes reclamações sobre as dificuldades financeiras, mas, ao considerarmos o período de 50 anos aqui analisados, inferimos que tal característica tem uma ligação direta com a própria direção da revista.

O que nos leva a tal pensamento é o fato de que, somente na década de 1950, após a morte de Xavier Pedrosa, quando a direção da revista é assumida por leigas, os anúncios serão mais abundantes. Certamente, o cuidado que os sacerdotes tinham em não ir contra “a índole da Revista” colaborou para que os anúncios se restringissem a um ou outro produto, principalmente aqueles voltados para o consumo familiar, como é o caso dos anúncios da Farinha Mandy, o corante Guarany, o Leite Condensado “Moça” e alguns das lojas locais de Recife e Olinda. No entanto, essa secção dificilmente ultrapassava duas páginas inteiras do periódico.

Chama atenção o fato de que, apesar de todas as dificuldades relatadas na revista, a publicação não abriu mão de certos expedientes que deixavam a

publicação mais dispendiosa, tais como o papel couche no qual a mesma era impressa, priorizar os textos e não a publicidade, além de manter a impressão, fotografias e desenhos.

A assinatura da Revista tinha um valor baixo, se comparado a outros periódicos em circulação no Brasil naquele momento¹²⁰, mas era causa de muitos aborrecimentos da direção e redatores da revista os atrasos constantes das assinantes, que pareciam gostar de receber o impresso, mas descuidavam de seu pagamento.

Estive outro dia com um redactor deste mensario, que, rodeado duma papelada descommunal, vendo-me chegar ao seu gabinete disse-me logo: “caro amigo não repare o desarranjo da minha banca está um verdadeiro ninho de gata: olhe este papelório são contas e mais contas, cartas e mais cartas, cobrando magros 2\$000, ainda dos annos de 1917, 1918, 1919. Como sabe, precisamos todos os mezes, de centenas de mil reis para custear as grandes despesas de impressão e toca a gastar-se dinheiro em papel, sellos e grude para lembrar certa gente, quem recebe um jornal tem que pagar a sua assinatura. E pagamento? Uns vinte tostões por anno. E quer saber ainda o cumulo da ... pandega? – não mandam suspender a revista, não mandam pagal-a, não mandam dizer nada...”¹²¹

A tática do silêncio, de continuar recebendo a revista sem pagar por ela, era beneficiada pela sistemática adotada pela revista nos primeiros anos. Uma vez feita a assinatura, esta era automaticamente renovada após um ano, sem a exigência, de praxe na imprensa da época, do pagamento adiantado. Assim, tornava-se fácil continuar recebendo a revista sem ter pagado por ela, o que, por sua vez, agravava ainda mais as dificuldades econômicas enfrentadas por Maria.

Somente a partir de 1920, quando o volume de inadimplência das assinaturas já era considerável, a revista mudou a sistemática e passou a cobrar, tal como outros periódicos, o valor da assinatura anual adiantado. Mudança a qual, ao que parece, desagradou algumas assinantes, que escreveram para a revista e tiveram a resposta publicada coletivamente.

Diversas – É de praxe de todo jornal e toda revista exigir o pagamento das assinaturas adiantadamente. Esta medida faz-se necessaria sobremodo

¹²⁰ Fazendo uma breve busca na Biblioteca Nacional entre revistas contemporâneas a Maria, podemos perceber tal diferença nos preços. O jornal das Moças, por exemplo, em 1922 tinha uma assinatura anual no valor de 22\$000, enquanto que a assinatura de Maria para o mesmo ano era de 3\$000. Mesmo a assinatura de proteção de Maria, que era bem mais cara que a assinatura ordinária, ainda ficava muito abaixo, custando 10\$000.

¹²¹ Pequenas Cartas. *In*: Revista Maria, fev. 1920. p. 27.

para uma publicação como a Revista Maria, cujos recursos são parcos e as despesas foram triplicadas. Não é justa portanto a nossa exigência?¹²²

Enquanto as cobranças das assinaturas atrasadas eram feitas apenas via revista, com apelos às assinantes inadimplentes, o silêncio era a resposta mais confortável. Mas quando as cobranças passaram a ser feitas mediante o envio de cartas àquelas que estavam em débito, algumas delas não reagiram bem à abordagem. Com isso, em resposta às cobranças, algumas assinantes irritadas enviaram cartas em tom ríspido e atrevido à direção, rompendo com o periódico, que recebiam mesmo estando com o pagamento em atraso. A piedade e o respeito esperado de uma Filha de Maria ideal nem sempre se realizava na prática. As leitoras de Maria nem sempre eram deferentes com os editores da revista.

Outro dia, vi em mãos de um redactor desta Revista uma carta, ou melhor, um bilhetinho barato (pois estava escripto num papelinho mal amanhado) no qual uma certa pessoa rispidamente dizia – “deste já risque o meu nome da lista das assignantes” e otras cositas más, (pode-se pedir a suspensão do envio de um jornal, com os devidos termos)

O motivo desta correspondencia pouca (sic) agradável foi o enormissimo peccado de ter a gerencia lembrado a essa tal pessoa o pagamento da sua anuidade, um tanto atrasada. [...] ¹²³

Cobranças, pedidos, apelos, campanhas para que as Filhas de Maria conseguissem novas assinaturas, tombolas e todos os tipos de meios que pudessem garantir que Maria continuasse circulando foram postas em prática pela direção da revista. E ainda que, em determinados momentos, a situação parecesse dramática, a revista prestes a ser extinta, seu público leitor sempre garantia um apoio de última hora que ajudava a manter o periódico.

Um telegramma e tanto

Recebemos o seguinte telegramma de Natal:

“Pode contar trezentas cincoenta assignaturas 350 revistas “Maria” começar dezembro. Macêdo.

Comprehenderam?

São mais 350 assignaturas para serem acrescentadas ás centenas de assignaturas já espalhadas na diocese do Rio Grande do Norte.

Não podemos occultar o nome do benemerito da revista “Maria”, o joven (sic) levita Diacono Antonio Macedo, que, alem de inúmeros favores nos mimoseia, agora, com esse valioso *presente de Natal*.¹²⁴

¹²² Correio da Revista. *In*: Revista Maria, dez. 1920. p.173.

¹²³ Pequenas Cartas. *In*: Revista Maria, maio 1920. p. 71.

¹²⁴ Um telegramma e tanto. *In*: Revista Maria, dez. 1924. p. 243.

Manter a revista Maria em circulação acarretava dificuldades que ultrapassam meramente o econômico, posto que questões de ordem prática também abalavam o sossego dos editores do periódico. A ousadia de distribuí-la por todos os Estados brasileiros, deixava o trabalho de envio mais árduo. A revista se utilizava dos serviços dos correios para fazer a distribuição e constantes eram as queixas de atrasos, extravios e outros contratemplos. Às diversas assinantes que reclamavam, a revista informava e lamentava

Diversas – Nada temos a fazer. As revistas são remetidas com máxima regularidade. A pessoa que preside aos trabalhos da expedição age com verdadeiro escrúpulo no bom desempenho dessa obsequiosa tarefa. Mas depois vem o correio... e basta.
Talvez o Presidente da República possa influir nos negócios dessa celeberrima instituição.¹²⁵

Outro contratempo que o periódico enfrentava era a dificuldade relacionada à própria impressão da revista. Dirigida por um professor especializado em língua portuguesa e contando com a colaboração de alguns homens de letras de Pernambuco, não eram incomuns as queixas sobre textos “estropiados” pelos tipógrafos.

Além de custosa, a impressão também era demorada. Mesmo havendo um esmero em fechar a edição com antecedência para evitar atrasos, ainda havia que enfrentar tipografias lotadas que atrasavam a entrega da revista pronta.

Uma palavra aos assignantes
Levamos ao conhecimento dos nossos prezados assignantes que a Redacção e Administração desta revista não tem culpa nem responsabilidade alguma no lamentavel atrazo de sua publicação. Há mais de um mÊs que entregamos á casa impressora originaes, que dariam mais de dois numeros deste mensario, e os respectivos “clichés”. Temos a notar que o chefe da casa estava insciente dessas graves anomalias e innominaveis dismantelos. O pouco espaço que nos resta tira-nos o ensejo de dar mais amplas explicações e bordar commentarios sobre o assumpto. Deixamos aos leitores (sic) fazer as devidas conclusões...¹²⁶

Diante de tantas dificuldades, cada exemplar que vinha a lume pode ser visto como uma vitória da persistência e um forte indício de como o projeto representado pela revista Maria era caro, não apenas do ponto de vista financeiro, mas também para a Igreja católica brasileira.

¹²⁵ Correio da Revista. In: Revista Maria, abr. 1924. p.76.

¹²⁶ Uma palavra aos assignantes. In: Revista Maria, jun./jul. 1932. p. 165.

Mesmo que em alguns momentos possamos duvidar da intensidade das dificuldades financeiras de manter a revista, não é possível ignorar o espaço que tal assunto ocupou nas páginas do periódico. Reclamar e lamentar fazia parte do jogo. Matérias, notas, avisos, eram tão recorrentes que devia ser difícil para as leitoras ignorarem sensação de que cada número da revista poderia ser o último, especialmente nas duas primeiras décadas de sua existência (1915-1935). Mesmo depois desse período, as queixas não se extinguiram. É bem verdade que o desejo de ter um número cada vez maior de assinantes está por trás dos apelos por novas assinaturas, além disso, aumentar a circulação do impresso e garantir sua manutenção financeira também são complementares, não excludentes. Entretanto, podemos apontar o fato de que alguns projetos da revista, como uma periodicidade quinzenal e um número maior de páginas, nunca conseguiram se efetivar e as dificuldades financeiras certamente tinham influência sobre essa postergação de planos.

Ana Luiza Martins afirma que a revista no Brasil, especialmente em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, é “um objeto de difícil definição”, desde a sua forma, que, por vezes, se aproximava demais dos jornais, até *“suas variações no tempo, presididas por circunstanças de produção (técnica) e recepção (público), conferiram-lhe traços temporais específicos, mutáveis diante das transformações da sociedade à qual serviu.”*¹²⁷

Ainda que uma definição precisa do impresso revista seja uma tarefa difícil de pôr em prática a contento, a natureza desse impresso, não há como negar, traz a marca do efêmero. Clara Rocha afirma que a revista é [...] *“um tipo de publicação que, depois de re-vista, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora.”*¹²⁸

A natureza do impresso Revista é sem dúvida moderna, alimenta-se da novidade e a imprensa brasileira no século XX é marcada por essa constante busca de novidades, num mundo cada vez mais rápido, mais acelerado. A revista Maria, em princípio, busca manter-se na contramão do efêmero. Como filha da tradição que procura dialogar com os desafios da modernidade, seus editores induzem as leitoras que guardem suas revistas, mas não apenas como uma coleção de exemplares

¹²⁷ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP, 2008.p. 43.

¹²⁸ ROCHA, Clara. **Revistas literárias do século XX em Portugal**. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 25.

soltos, eles procuravam incentivar as assinantes a encadernarem todos os exemplares, transformando-os num livro ao final do ano. Para isso, tinham o cuidado de publicar no início do ano seguinte, na forma de anexo, o sumário com todas as revistas do ano anterior, para que, assim, a encadernação ficasse com a aparência mais acabada e organizada de livro.

Uma vez encadernada, organizada, conformada como um livro, a leitura efêmera e extensiva de uma revista, poderia tornar-se perene e intensiva. Suas páginas de tamanho 23 x 17 cm, impressas em papel “couché” e com numeração contínua, formavam um belo livro, quando encadernadas ao fim de um ano, especialmente naqueles anos em que os editores da Revista tinham o cuidado de publicar em folha avulsa na edição do mês de janeiro do ano subsequente um índice escrupuloso contemplando todos doze volumes do ano que se passara, completando a transformação das revistas avulsas em livro.

A despeito de todas as dificuldades enfrentadas por “Maria”, a qualidade da revista era sempre exaltada por aqueles e aquelas que a recebiam. Sintonizados com os avanços técnicos tipográficos, nota-se que os editores da revista, dentro de seu projeto de um periódico defensor dos valores e das tradições católicas, faziam-no em moldes modernos, que agradassem seu público, prezando por acompanhar as novidades, atualizando clichês, criando secções que agradavam o público, tais como cruzadas, charges, grafologia, entre outras, para não ficar atrás de outras revistas ilustradas em circulação pelo país, as quais também apresentavam tais recursos.

Como forma de divulgação, a revista era também enviada a órgãos da imprensa pernambucana e nacional. Os comentários e apreciações destes sobre a revista eram posteriormente publicados¹²⁹, como parte de uma estratégia de autopropaganda, em que os cumprimentos elogiosos da imprensa sempre reverenciavam a boa qualidade gráfica de Maria, que, em edições especiais e comemorativas, apresentava-se ainda mais refinada.

¹²⁹ Era uma estratégia comum no circuito impresso no Brasil, as revistas e jornais mandarem suas edições para outros órgãos impressos, a fim de garantir uma maior divulgação. Nas publicações de um modo geral é possível encontrar com frequência notas que apontam o recebimento de outras publicações. Era de praxe agradecer a gentileza. Quando se tratava de órgãos do periodismo católico, além do agradecimento, as notas traziam também elogios, exaltando a qualidade da publicação, como uma forma de aumentar a exposição da imprensa católica.

Maria – é uma revista ilustrada, literária e apologética que se publica em Pernambuco, sob a direção do revmo. Pe. Conego Alfredo Xavier Pedrosa e que mensalmente nos dá a honra da sua visita.

O numero ultimo é, sem duvida, o mais bello e encantador que nos tem oferecido e, para o nosso paladar, uma das provas de affecto franciscano que melhor tem surgido neste anno centenario. É um numero bellissimo dedicado a São Francisco de Assis. Que a revista “Maria” não perca o lindo habito de aparecer assim tão bem trajada e com tanta fartura de ideas boas e sãs.

Da A Cruz, do Rio.¹³⁰

O número da revista que comemorava seus dez anos de aparecimento, em abril de 1923, também chamou atenção pelos cuidados e clichês que trouxe

Recebemos o nº 3, anno XI dessa sympathica revista catholica, órgão das Filhas de Maria, que se publica nesta capital.

Belamente confeccionada, de attrahente e variada leitura, traz na capa um esplendido cliché representando Mater Dolorosa, tendo ao regaço o sagrado cadaver de Jesus , e aos lados dois pequenos anjos de semblante tristonho, como a compartilhar de sua immensa dôr.

Estampa o retrato de D. Luiz da Silva Britto em homenagem á memoria do inolvidável antistite, numa pagina rôxa, artisticamente cuidada.

Dedica uma pagina a Ruy Barbosa, com um nítido cliché do grande brasileiro desaparecido.

“Christo crucificado”, porém é a pagina que dentre todas mais se destaca pela sua beleza de arte e de expressão. [...]

A Noticia¹³¹

É nessa edição comemorativa que temos a oportunidade de ter contato minimamente com o primeiro número da revista, publicado em 1913. O primeiro ano da revista Maria, como já foi mencionado, não consta no acervo da Biblioteca Nacional. Mesmo pesquisadores locais, como é o caso do jornalista Luiz Nascimento, que escreveu uma obra monumental sobre a imprensa pernambucana, não encontraram tais exemplares. Este jornalista reafirma a fundação da revista em 1913, mas deixa claro que não conseguiu provas disso, apoiando suas informações na obra de Xavier Pedrosa,

"Foi fundada em abril de 1913 pelos revdmos. Padres Alberto Pequeno, José Pereira Alves, José do Carmo Barata e Guilherme Wassen, e circulou regularmente até maio de 1914"

(1) Até aí, em vista da inexistência de comprovantes, a Informação é do livro "Letras Católicas em Pernambuco", do Conego Xavier Pedrosa.¹³²

¹³⁰ O que dizem de nós. *In*: Revista Maria, jan./fev. 1927. p. 29.

¹³¹ O nosso 2º Lustro. *In*: Revista Maria, abr. 1923. p. 75.

¹³² NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Recife: Arquivo Público: Ed; UFPE, 1975. v. 7. p. 328.

O clichê com a capa de março de 1913 aparece na primeira página da edição de março de 1923.

Figura 6 - Capa do primeiro número da Revista Maria (março/1913).



Fonte: Revista Maria, mar. 1913. p. 01

Vale esclarecer o que pode parecer um pequeno desencontro de datas. Na capa do primeiro número, consta Março de 1913, mas, na obra de Xavier Pedrosa, ele aponta Abril de 1913. Acreditamos que Pedrosa toma como base a data de início de circulação da revista, em que o número de março foi distribuído em

início de abril, daí em algumas datas a referência aparecer como abril de 1913 e outras como março. O aniversário de dez anos do mensário, entretanto, foi festejado na edição de março de 1923.

Ainda que houvesse assinantes que descuidavam de seu contrato de leitura com a revista, deixando de honrar com o pagamento da assinatura, em sua maioria, as leitoras do periódico pareciam realmente apreciá-lo.

Assinar e ler Maria eram manter uma espécie de compromisso, em que, ao mesmo tempo em que tinham uma revista própria, direcionada especificamente às Filhas de Maria, elas também se associavam a uma missão maior, que era propagar a boa imprensa numa espécie de apostolado e, ao mesmo tempo, cultivavam o espírito com leituras sãs, moralmente corretas e religiosamente edificantes. Daí, para algumas, a chegada da revista era motivo de deleite e alegria e, depois de um mês, era novamente hora de colocar o mundo em (re)vista,

...e tenho recebido pontualmente a nossa revista Maria que tanto me deleita. Não imagina com que ancia estou sempre a esperar o numero do mez.

M. de A. F.

Itambé, out de 919

... a revista Maria que é na imprensa catholica do Brasil o escrínio de perolas escriptas para maior honra de Deus e edificação das jovens catholicas.

P.C.T

Fortaleza, 15-9-919

... Recebi o ultimo numero da sympathica revista Maria que sempre leio e releio com muito carinho.

N.M.

Bananeiras, X-919¹³³

Assim, as jovens Filhas de Maria, que recebiam a revista, partilhavam seus sentimentos escrevendo para a redação, num misto de alegria e sensação de dever cumprido. Uma vez estabelecido o laço de leitura entre a revista e a leitora, cabia agora ao impresso buscar moldá-las de acordo com os ensinamentos e demandas da Igreja Católica brasileira. Às leitoras, cabiam ser deferentes, mas nem sempre isso era possível, e as rebeldias também iriam figurar nas páginas de Maria.

¹³³ O que dizem de nós. *In*: Revista Maria, dez. 1919. p. 172.

3 PASSADO PRESENTE E A FORÇA DA TRADIÇÃO

Em sua primeira fase, a revista volta-se para a construção de uma imagem e de um sentimento de pertencimento e de identidade, envolvendo a figura da Filha de Maria. Nesse primeiro momento, o periódico sente que disciplinar a Filha de Maria ainda não é necessário, posto que a força da tradição presente na sociedade brasileira colabora para o modelo de recato que têm essas mulheres como exemplo.

Logo, busca criar e confirmar a imagem da jovem que se sente diferente, que é especial e exemplar e, mais do que isso, procura-se fortalecer a ideia da jovem mariana que não só é exemplo, mas também é educadora e fiscal da moral, assim, caberá a elas combater as modas e os males da modernidade. Nessa primeira fase da revista, não há admoestações ao comportamento das Filhas de Maria, pelo contrário, o alvo da reprimenda é sempre a outra, aquela que não é Filha de Maria e que, portanto, relaxa no bom cumprimento da moral e da devoção, que, para a leitora de “Maria”, são lados de uma mesma moeda.

A primeira fase da revista coloca essa mulher ainda presa aos valores do passado e, por isso, suas preocupações ainda giram em torno das obrigações, deveres e papéis da Filha de Maria na sociedade. É um momento de definições de ações e de posicionamento da “legião branca” na sociedade, as reprimendas são para as outras.

Dessa forma, o passado e sua tradição se impõem com maior força nas páginas do periódico, da mesma forma a modernidade ainda não é vista de forma muito ameaçadora. Apesar dos ataques aos modismos, de forma geral, a revista parece ter a confiança que as ações e comportamento orientados das leitoras serão suficientes para combater os males da modernidade, afinal, desviantes e seduzidas pela modernidade são as “outras”, não as Filhas de Maria.

Os escritos e ataques aos costumes condenáveis da modernidade giram sempre em torno da mulher católica em geral, com isso à Filha de Maria cabe informar-se para combater e evitar os males e, se possível, educar as católicas sobre o comportamento ideal.

3.1 ENGENDRANDO UMA IDENTIDADE - A NOBREZA DE SER FILHA DE MARIA

A proposta inicial da Pia União das Filhas de Maria, representada em seu Manual, não fugia do ideal de piedade feminina imposto pela Igreja Católica. O projeto representado pela Primária romana era de uma associação piedosa que tinha, através da devoção à virgem Maria e a Santa Inês, o ideal da pureza e do recato e que tinha tal diretriz como fim em si mesma. Recorrendo à tradição católica e reafirmando a dicotomia Eva-Maria, o Manual que regia a primária romana, e que foi traduzido no Brasil pelo Cônego Ananias Correa do Amaral, visava orientar, de maneira a uniformizar, os ritos dentro do grupo. Assim como os rituais litúrgicos da Igreja, os ritos da Pia União deveriam seguir os mesmos passos dos praticados pela Primária Romana, num desejo de uniformização característico da tradição católica tridentina.

Os comportamentos recomendados no Manual, em sua maioria, não fugiam ou extrapolavam as diretrizes que a Igreja queria impor a todas as jovens católicas do mundo. A voz da tradição presente no Manual não traz uma proposta de elitização do grupo. O propósito de tornar o grupo de mulheres associadas à Pia União um grupo diferenciado, de maior destaque dentro da Igreja e de influência na sociedade é brasileiro.

Em meio ao processo de romanização, a Pia União das Filhas de Maria no Brasil assume outra posição social e, como tal, suas proposições, as quais vão além do que está posto no Manual, precisam ser pensadas, instrumentalizadas e construídas de acordo com as necessidades que a modernidade e o novo contexto político-social do Brasil impõem. A letra da tradição representada pelo Manual da Pia União das Filhas de Maria só trazia a norma e não estava apta a disciplinar a mulher católica na modernidade, não abarcava o turbilhão de mudanças pelas quais passavam a igreja católica e a sociedade brasileiras.

A Filha de Maria que o Manual normatiza é idealizada, é genérica. É um esboço de modelo pensado a partir da Europa, a ele poderiam ser agregadas outras particularidades. No Brasil, à associação piedosa foram sendo agregadas funções sociais que deveriam colaborar para o fortalecimento da Igreja e para a imposição dos valores católicos nos projetos políticos do futuro e no comportamento feminino do presente.

Nesse projeto de construir um grupo uniformizado, disciplinado e sintonizado com os valores da Igreja romana e de utilizar a força social de tal grupo para auxiliar as demandas da Igreja brasileira, a revista Maria é um instrumento estratégico. Como já se disse, uma revista em si é uma linguagem moderna, é um impresso que põe em (re) vista as questões mais recentes e que merecem uma apreciação imediata.

Na primeira fase da revista, a mola mestra dos artigos, contos, hagiografias será fazer as associadas das Pias Uniões espalhadas pelo país sentirem-se diferentes, especiais. Moralmente mais elevadas, comprometidas com a moralidade cristã, a sobrevivência da Igreja e a elevação moral das gerações do presente e do futuro, as missões que a revista atribuía às Filhas de Maria eram múltiplas e não abriam espaços para hesitações. Ser Filha de Maria deveria estar acima das individualidades, dos prazeres mundanos e das tentações da modernidade.

Nos seus primeiros números, “Maria” já deixava claro que buscava construir um projeto conjunto de associação, em que as associadas em todo o Brasil estivessem em sintonia com os mesmos valores, ideais e defendessem os mesmos pensamentos e projetos. Mais do que pensar uma associação mariana, a revista pensava na “Legião Mariana”, um exército de jovens não apenas dispostas, mas, principalmente, aptas a defenderem as demandas da Igreja Católica brasileira. Para isso, não bastava cuidados sobre como essas moças deveriam pensar, dessa forma, era essencial cuidar sobre como elas deveriam sentir, ou melhor, sentirem-se Filhas de Maria. Ser Filha de Maria, mais do que um pertencimento, era um sentimento de si, dar a si mesma a distinção da diferença. Distinguindo-se das jovens católicas em geral, ser e sentir-se Filha de Maria era se colocar no mundo de uma forma diferente. Portanto, era esse sentimento que a revista buscava despertar nas suas leitoras desde o primeiro número.

A identidade que foi sendo construída no Brasil em torno do “Ser Filha de Maria” deveria passar pelo cultivo de valores cristãos, puritanos, devocionais, mas necessitaria, também, passar pelo sentimento de ser diferente, ser especial, ser espiritual e moralmente superior àquelas que não tomavam parte da “Legião branca”. Mais do que isso, precisaria ser cultivado o sentimento de que, sendo moralmente exemplar, ser Filha de Maria também passava a constituir um ponto essencial de sua própria identidade. Assim, quando do retorno da revista Maria,

depois de quase um ano sem circular, o então Arcebispo de Olinda¹³⁴, Dom Luiz Raimundo da Silva Brito envia uma Carta às Filhas de Maria, publicada em destaque na revista, na qual dá indícios de como as Pias Uniões das Filhas de Maria espalhadas pelo Brasil deveriam assumir papéis além dos meramente devocionais.

Dilectas Filhas; embora vos tenha-n'os sempre presentes á nossa alma, como as mais delicadas flores, que podem ser cultivadas na corôa da Mãe de Deus e Rainha dos Céos; agora que vos sabemos congregando vossos esforços para publicamente afirmardes o vosso amor áquella que nos aceitou no numero de suas filhas, queremos vos dar o testemunho do quanto vos temos em estima e apreciação, aderindo esta nova sessão de nossa revista. [...]

O simples factó de serdes alistadas entre as Filhas de Maria, seria um título morto, se não fosse acompanhado e justificado pelo vosso esforço não só para imitardes a pureza, a humildade, a piedade, e caridade de nossa Mãe, como pelo fructo que produzis com o exemplo de vossa fé, e de coragem christã de a testemunhardes no meio do mundo, que parece fugir de Deus.¹³⁵

De maneira explícita, ou por meio de metáforas religiosas, as associadas leitoras da revista eram exortadas à missão da “milícia pacífica” das Filhas de Maria. Isso porque não podemos perder de vista que todas as referências à missão da Filha de Maria tinham também uma dimensão religiosa, fio condutor do discurso do clero, que colocava tais mulheres como soldados de uma “guerra santa” num mundo de ameaças mundanas e, por isso mesmo, superiores a todas as outras, mais valorosas e mais abençoadas pelos céus. Seu apostolado começava com o exemplo, mas não deveria restringir-se a isso.

Sim, queridas filhas; pregoeiras do amor de Maria, que não pode existir senão nos corações puros, vós mostrais por vossas obras, que a vocação que tivestes para esta milícia pacifica do amor puro, produz em vós fructos de benção.

A mulher christã é sem duvida uma perola de valor inestimável, mas engastada na coroa de Maria, sobra de preço porque brilha com a luz do Céu.¹³⁶

¹³⁴ De acordo com o site da Arquidiocese de Olinda e Recife, “A Prelazia de Pernambuco foi criada em 15/07/1614 p ela Bula “Fasti noviorbis” do Papa Paulo V. O Papa Urbano VIII, com a Bula “Romanus Pontifex”, do dia 06/07/1624, constituiu-a sufragânea da então Diocese de São Salvador da Bahia. O Papa Inocência XI, no dia 16/11/1676, pela Bula “Ad sacram Beati Petri sedem”, elevou-a como diocese, denominando-se Diocese de Olinda. Em 05/12/1910, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana pelo Decreto da Sagrada Congregação Consistorial. Pela Bula “Cum urbs Recife” do Papa Bento XV de 26/07/1918, passou a denominar-se Arquidiocese de Olinda e Recife.” Disponível em: <http://www.arquidioceseolindarecife.org/historia/>. Acesso em 27 jul. 2016, às 09:00.

¹³⁵ Uma carta do Exm. Sr. Arcebispo ás Filhas de Maria. *In*: Revista Maria, abr. 1915. p. 03.

¹³⁶ Uma carta do Exm. Sr. Arcebispo ás Filhas de Maria. *In*: Revista Maria, abr. 1915. p. 03.

Assim seria a revista, o elemento de junção entre todas as Pias Uniões das Filhas de Maria, a fortalecê-las e direcioná-las.

Com a Vossa Revista alcançareis a força da união, animareis as tíbias e fracas, e mostrareis que a vossa Pia União fermenta em vossos peitos o vigor que vos tornará invencíveis na luta com que defendereis a virtude. [...] Exercitai-vos no trabalho que vos faz portadoras de boa nova às vossas irmãs, e ficai certas que grande será a colheita que tereis de recolher. Para vos fortificar, recebei a benção que de coração vos envia o Vosso servo em Jesus e Maria.
LUIS, Arcebispo de Olinda.¹³⁷

A carta do Arcebispo de Olinda, que figura logo na terceira página da revista, dá-nos os indícios de como será conduzida e pensada a figura da Filha de Maria nas páginas da Revista: como filha especial com uma importante missão pela frente. Caberia agora ao impresso instituir e reforçar esse sentimento de pertença às suas atentas leitoras. Como elo, a revista as colocava como defensoras da virtude e anunciadoras das boas novas às mulheres brasileiras.

A percepção que as Filhas de Maria deveriam ser personagens de ação também está presente logo no primeiro número de 1915. A revista não desejava apenas leitoras, necessitava de colaboradoras, que deveriam não apenas garantir a circulação do periódico através das assinaturas, leitura e propaganda, mas também precisariam participar do feitiço da revista, tomá-la para si, dar-lhe feição própria, ainda que essa ação fosse tutelada pelos editores da revista. Pensar a Filha de Maria, escrever a Filha de Maria, ser a Filha de Maria, mas dentro dos parâmetros estabelecidos pelo clero atento.

Às nossas leitoras, assignantes, colaboradoras; a todas as Filhas de Maria de Pernambuco e de outros estados, que receberam a revista com signaes de satisfação, pedimos que continuem a protegê-la e espalhá-la, já procurando novas assignantes, já enviando-nos chronicas, noticiais, escriptos, que não deixaremos de publicar, contanto que sejam convenientes e proporcionados á índole da nossa revista.
A Direcção.¹³⁸

Como parte do processo de construção de uma identidade própria e que exalte a Filha de Maria, a Revista e seus colaboradores e colaboradoras usam as páginas do impresso para, a cada texto, irem mostrando as suas leitoras as virtudes que precisam cultivar e exaltando as qualidades, as quais elas, talvez, ainda sequer

¹³⁷ Uma carta do Exm. Sr. Arcebispo ás Filhas de Maria. *In*: Revista Maria, abr. 1915. p. 03.

¹³⁸ Às piedosas leitoras. *In*: Revista Maria, abr. 1915. p. 02.

soubessem que detinham apenas por serem Filhas de Maria. Na Revista Maria dos primeiros anos, a Filha de Maria é exaltada em verso e prosa.

Filhas de Maria

Poder gosar de um coração materno
As delicias sem conta, vale tanto,
E ter quem possa enfim secar o pranto
Que alaga a vida em prolongado inverno

É ter essa ventura de ao Eterno
Dar o nome de irmão, e ao nome santo
Da virgem pura unir o nome (Oh quanto
Apraz dizer) de Mãe... Prazer superno!

Há quem no mundo á própria vida augmente
Glórias, prazeres, famas, que somente
Correm emquanto (sic) há vida, e á luz do dia

Essas donzelas, não; modestas, puras,
Podem dizer: na terra e nas alturas
Somos irmãos do Filho de Maria.

P. do Vale
Filha de Maria¹³⁹

Havia um signo que trazia consigo um valor especial: a fita azul. Cada Filha de Maria, sempre que participasse de celebrações ou encontros na Igreja, e em todos os eventos promovidos para elas, deveria usar em volta do pescoço, caindo sobre os ombros e repousando em seu colo a cintilante fita de cetim azul com a medalha da Pia União na ponta. Era o distintivo da Filha de Maria. Sobre os sóbrios vestidos brancos de saia e mangas longas tal adorno parecia ganhar um destaque especial. Michelle Perrot afirma que “*a memória feminina é vestida. A roupa é a sua segunda pele, a única de que se ousa falar ou ao menos sonhar*”¹⁴⁰. Assim como a memória, a identidade da Filha de Maria é trajada. A construção e aceitação da identidade de Filha de Maria passam pela construção de um hábito de vestir próprio, em sintonia com os ideais de recato, pudor e resguardo do corpo, veículo do pecado. Para a Filha de Maria, o vestir-se está ligado a uma relação com o corpo e, com ela, uma percepção de mundo, de pecado e salvação.

A importância dada ao vestir e, especialmente, a visibilidade que se dá ao pequeno adorno distintivo da irmandade era algo particular das Filhas de Maria

¹³⁹ Filhas de Maria. In: Revista Maria, jul. 1915. p. 54.

¹⁴⁰ Michelle Perrot. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 39.

brasileiras. Herdeiras de um “catolicismo barroco”¹⁴¹ muito afeito aos sentidos e a riqueza de cores e símbolos, o principal adorno da Filha de Maria era sua Fita Azul. A construção da sua identidade passava pela idealização da Fita Azul como um distintivo especial, alçado a um plano quase celestial e que era sempre referenciado.

[...] Chama-se Angelica e é Filha de Maria; e quando a vejo digo... “Cá com os meus botões”: “Que acertado andou quem lhe escolheu tal nome! Como N. Sra. deve se ufanar em possuir uma tal filha!”
E quando a contemplo, na igreja, de volta da comunhão, **vestida de branco, com o véu longo, longo e a fita azul como uma nesga do céu**, sinto menos alvos os lírios do altar e menos brilhantes os círios accesos ante sua alma pura e luminosa a espelhar-se nos seus olhos, no seu todo. (Grifos meus)¹⁴²

Com sua pequena medalha pendente em sua cintilante fita azul, a associada da Pia União já não era uma jovem qualquer. A beleza feminina representada pela Filha de Maria era celestial e seus adjetivos eram de outra natureza, espiritualmente elevados, não havia espaço para a sensualidade, mas deveria sobrar espaço para a santidade. Pureza, encanto e devoção eram os atrativos da jovem trajada de branco com a cintilante fita azul. E no processo de legitimação da distinção da Filha de Maria, essa fita era a chancela visual de uma identidade firmada entre o etéreo e o terreno.

A Filha de Maria

**De côr azul bem claro, é assim a fita
Angelical e piedosa veste;**
Lembro-me, vendo-a, a abobada infinita
De Deus, e os anjos na mansão celeste!

Tambem de côr igual é o manto augusto
Da bôa Mãe de toda a criatura;
Manto que ampara e abriga a alma do justo
E onde se encontra a protecção segura!
**Desce dos hombros delicadamente
Sobre o vestido branco como a neve;
E a pequenina effigie allí pendente**
Ser de Maria certamente deve!

Quanta expressão, na sua singeleza!
Que doce encanto, quanta poesia!
Parece um lírio santo de pureza
Desabrochando ao pé da Eucharistia!

¹⁴¹ Cf. REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

¹⁴² Lê... Medita... Age!... *In*: Revista Maria, out. 1933. p. 207

Jandira Maia¹⁴³
(Grifos meus)

O conteúdo simbólico que a Fita azul agregava era multifacetado, não era apenas pureza, devoção, recato, mas também status e diferenciação. Ao pesquisar a Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro¹⁴⁴, interior do Ceará, pude perceber que, simbolicamente, era a fita que distinguia este grupo de jovens de qualquer outro grupo de donzelas das primeiras décadas do século XX da cidade. O desejo de participar daquele grupo distinto vestido de branco, com sua cintilante fita azul caindo sobre os ombros, povoava os sonhos de algumas jovens e era despertado a cada vez que, adentrando a Igreja para as celebrações, as associadas ajoelhavam-se em frente ao altar e colocavam a fita em volta do pescoço. O encanto sedutor do rito devocional e, também, de distinção social, enchia os olhos das jovens que presenciavam tal cena. Tal rito, que tinha seu valor distintivo complementado pelos lugares a elas reservados, nas primeiras fileiras da Igreja, não passava despercebido e deixava explícito que ali estava presente um grupo atípico.

Mas o status social da Filha de Maria não ficava restrito aos ritos da Igreja. De um modo geral, a associada da Pia União também contava com certo destaque na sociedade onde estava inserida, especialmente nas cidades menores. Para as pessoas da cidade, dizer que uma jovem era Filha de Maria era implicitamente colocá-la como uma mulher piedosa, de comportamento exemplar. É também identificar que essa jovem pertencia a um grupo social distinto, que ocupava lugar de destaque nas festividades formais do município, além das festas da Igreja, tais como congressos eucarísticos, festas de padroeiros, recepção de autoridades, etc. Qualquer ocasião onde a Igreja se fizesse representar, certamente lá estaria, também, a postos as jovens Filhas de Maria.

A revista, porta-voz e propagandista dessas jovens, trazia em versos, o “encanto” de ser Filha de Maria.

Já sou Filha de Maria

***No templo, nas horas calmas,
Ardentes preces erguia
Havendo santo desejo***

¹⁴³ A Filha de Maria. *In*: Revista Maria, maio 1916. p. 58.

¹⁴⁴ Ver ANDRADE, Maria Lucelia de. “**Filhas de Eva como anjos sobre a Terra**”: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

De ser Filha de Maria

Maria escudo das Virgens
 Emfim mandaste-me o dia!
De tantos, tantos suspiros
P'ra ser Filha de Maria

Minh'alma se rejubila
 Em votos de alegria,
 Somente quando se lembra
 Que sou Filha de Maria

Maria, minha mãe pura
 Amparo seguro e guia
 Jurei seguir teus exemplos
 Pois sou Filha de Maria
 Si o mundo, a carne, o inferno
 Fizerem-me tyrannia,
 Não temo, vence-los-ei
 Que sou Filha de Maria (Grifos meus)

A. Pureza¹⁴⁵

Entretanto, passado o momento de fascínio inicial, a fita azul representava mais do que um simples adorno de caráter religioso. Ela demarcava a entrada num grupo social específico, fechado e regido por inúmeras regras e singularidades. Aos poucos, com uma fala que exalta e legitima a dimensão do sacrifício cristão, a revista agregava à figura da associada mariana a responsabilidade e a exigência de fazer parte de um grupo dileto. O cuidado constante em torno da vestimenta, do comportamento, do bom uso do tempo era ainda complementado pela vigília dos pensamentos, dos desejos e das sensações. Era importante sanear a mente e ocupar o tempo para garantir que o escândalo não atingisse a associação. Afinal, em um modelo tão caro para a Igreja romanizada, deslizes deveriam ser evitados a todo custo, sob pena de macular um projeto inteiro. Por isso, passado o momento inicial de deslumbre, a cintilante fita azul já começa a acrescentar peso aos ombros das associadas, e a revista não deixa de lembrar isso a suas leitoras, num zelo do qual não se pode descuidar.

[...] A verdadeira Filha de Maria não é aquella que apenas traz aos hombros a fita azul, como que uma ostentação orgulhosa da sua piedade.
 A verdadeira Filha de Maria não é aquella que pelos seus modos e suas modas é antes objecto de escandalo do que de veneração e admiração.
 A verdadeira Filha de Maria não é aquella que vive esquecida dos seus deveres, entregue á trivial occupação do seu *eu*, perdendo horas a fio pelas

¹⁴⁵ Já sou Filha de Maria. *In*: Revista Maria, nov. 1917. p. 337.

nossas avenidas, cabecinhas loucas, envolvidas no torvelinho do mundo atraídas pelos seus encantos.

A Filha de Maria deve passar a sua vida nas varias ocupações da Oração, da Caridade e do Trabalho.

Deve viver afastada dos *pensamentos que dissipam*, dos *desejos que perturbam* e dos *projectos que atormentam*.

Condição essencial para ser Filha de Maria: a Modestia nas palavras, no traje e no andar; disposição para tudo soffrer, tudo perdoar e... tudo esquecer.¹⁴⁶

É importante aqui nos determos num aspecto relevante em torno da Filha de Maria: a questão do trabalho, e, conseqüentemente, do ócio, este é veementemente condenado pela revista. Sabemos que essa conexão não é aleatória, uma vez que para a Igreja Católica o ócio está nas raízes de diversos males. A Filha de Maria retratada pela revista ocupava um lugar social favorecido. Os valores, orientações e representações que o impresso veiculava em torno da figura das suas leitoras eram de mulheres das camadas médias e altas da sociedade brasileira. Logo, o trabalho que a revista recomendava que fosse feito por essas mulheres, para que ocupassem o tempo, não era um trabalho remunerado, e sim um trabalho caritativo, visto nas camadas mais abastadas como uma forma útil e aceitável de colocar a mulher a serviço da sociedade.

Já para as camadas mais pobres, o trabalho era visto de outra forma. Segundo Susan Besse¹⁴⁷, os interesses burgueses em conseguir mão de obra mais barata motivaram, nas quatro primeiras décadas do século XX, uma intensa campanha junto aos pobres, veiculada na imprensa, argumentando que as mulheres precisavam contribuir social e economicamente para a sociedade. Mas esse discurso era socialmente direcionado: as mulheres pobres. Argumentava-se que nas camadas pobres urbanas, muitos lares eram chefiados por mulheres¹⁴⁸ e que as famílias mais carentes tinham dificuldade de prover até mesmo o alimento dos filhos e, por essa razão, as mulheres pobres deveriam ingressar no mercado de trabalho para garantir o sustento da família. Aquelas das camadas médias e altas não deveriam submeter-se ao mercado de trabalho, já que não precisavam prover o sustento da família.

¹⁴⁶ A Filha de Maria. In: Revista Maria, jun. 1925. p. 117.

¹⁴⁷ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999.

¹⁴⁸ Na História do Brasil, a mulher pobre sempre precisou trabalhar para garantir a própria sobrevivência, bem como da sua família. No século XIX, as mulheres que trabalhavam para garantir o sustento consistiam uma parcela considerável da população feminina nos centros urbanos, a exemplo de São Paulo. A esse respeito ver: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo do século XIX**. 2. ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Entretanto, havia uma categoria de trabalho, na qual o trabalho pensado para as Filhas de Maria se encaixa, que é o chamado trabalho voluntário e caritativo, o qual não enfrentava resistência na sociedade, que via com preconceito e discriminação as mulheres que exerciam algum trabalho remunerado. Pedro Holanda Filho nos lembra de que a prática da caridade está da formação cristã e na sua busca pela salvação. Segundo o autor, *“para a Igreja Católica, a maior das virtudes teológicas é a caridade, que juntamente com a fé e a esperança formam as três virtudes que norteiam os fieis para serem habilitados a viverem como filhos de Deus”*¹⁴⁹.

Susan Besse argumenta que o modo como o trabalho feminino voluntário estava organizado no Brasil, executado por mulheres de classe alta, servia de instrumento para diminuir os conflitos entre as classes, além de tratar de moralizar aqueles que recebiam as obras dessas mulheres.

As organizações femininas de caridade, dirigidas quase que totalmente por mulheres da classe alta, exploravam da maneira mais aberta a autoridade moral das mulheres em favor dos interesses das classes altas do Brasil. (...) as líderes femininas de classe alta das organizações de caridade do Brasil atuavam conscientemente como membros de sua classe e com frequência empregava uma retórica que enfatizava sua identidade e objetivos de classe: atenuar o conflito entre as classes e legitimar a ordem social. O trabalho de caridade das mulheres era bem visto pelos profissionais e intelectuais homens – dos mais conservadores aos mais progressistas – como um meio importante de promover a paz social e “moralizar os costumes”.¹⁵⁰

O trabalho caritativo posicionava essas mulheres como cidadãs úteis, dando uma contribuição à sociedade enquanto se caracterizavam como representantes da Igreja, uma forma de atrair para as causas católicas um público cada vez mais amplo, enquanto garantia que essas moças se mantivessem ocupadas, sem precisar se arriscar no suspeito mercado de trabalho.

A construção de uma identidade para as Filhas de Maria brasileiras passava pelo cultivo do orgulho de fazer parte de um grupo diferenciado. Esse orgulho de pertença foi sendo construído, primeiramente, por um processo afirmativo das qualidades que só uma diletta Filha de Maria poderia ter. “Filha predileta de

¹⁴⁹ HOLANDA FILHO, Pedro. **O Barão da caridade: a morte de Guilherme Studart e a invenção de uma vida exemplar (1856 – 1938)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. p. 79.

¹⁵⁰ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 168.

Maria”, “irmã de Jesus”, “anjo na terra” eram apenas alguns dos adjetivos atribuídos a elas, que, mais do que valores terrenos, lhes atribuem valores sagrados. A distinção da figura da Filha de Maria é construída não só na dimensão terrena, mas também na dimensão sagrada, por isso, enquanto “anjo da terra” traz consigo uma responsabilidade social e moral. Socialmente deverá encampar as batalhas da Igreja. Moralmente deve ser o exemplo, propagandear-lo e espalhá-lo como padrão de comportamento feminino, ainda que, para isso, tenha que desenvolver a capacidade “para tudo sofrer”.

A Filha de Maria

Ser Filha de Maria é ser predilecta daquela Virgem que foi escolhida por Deus para ser a Mãe de Nosso Senhor Jesus Christo. Filha de Maria quer dizer irmã de Jesus, e a quem Elle dispensa as maiores provas de amor. A Filha de Maria é o anjo da terra, e a sua vida oferece ao mundo o mais acabado tratado de perfeição christã. O seu logar na sociedade destaca-se dos demais, e a ella compete encargo de alto valor social e moral.¹⁵¹

Numa relação constante entre distinção e obrigação, entre honra e missão, exaltava-se a função nobre da sua leitora, daí a revista apregoar que ser Filha de Maria era possuir o “título de nobreza de filha da Excelsa Rainha do Céu”, lembrando sempre que, com o ostensivo título, vinha a obrigação de uma conduta irretocável. Delas esperava-se mais do que devoção, esperava-se uma ativa participação nas batalhas enfrentadas pela Igreja brasileira. O título de nobreza trazia implícita a obrigação da ação.

Filhas de Maria

É título de nobreza assignar uma donzella, após o patronymico, F.M, (Filha de Maria); mas, usando-se de tão insigne honra, é preciso cumprir as obrigações que lhe são anexas. Conta-se, que nas falanges macedônicas, havia um soldado chamado Alexandre, que era muito covarde; Alexandre Magno mandou vi-lo á sua presença, e disse-lhe: “Ou mudas de nome, ou te tornas um heróe!” O joven militar saiu da presença do Rei, coberto de confusão, porem encheu-se de brios, e no primeiro combate que travou-se nas campinas da Persia, cobriu-se de glorias, batendo-se com denodo, em defesa da Patria. Assim tambem uma virgem christã, que se diz Filha da Virgem Immaculada deve ser copia fiel de uma mãe tão pura; do contrário, será a chimera do século, em vez de ser o fermento incumbido de levedar da massa popular o contagio dos vícios que arruinam os alicerces da sociedade. Maria só se mostra, verdadeiramente Mãe, daquela que aos seus pés se prostra como verdadeira filha, revestida da túnica nupcial da

¹⁵¹ A Filha de Maria. In: Revista Maria, jun. 1925. p. 117.

graça, Filhas de Maria, lembrae-vos do episodio entre o soldado grego e o Rei da Macedonia.¹⁵²

A posição privilegiada, o título nobiliárquico e o status que a Revista confere à Filha de Maria são sempre condicionais. Só é válido se a jovem cumprir com suas funções. As exigências são a base para o merecimento, um não existe sem o outro. Não era suficiente tornar-se Filha de Maria, era preciso Ser Filha de Maria e, para isso, tal como um jovem militar, era preciso bravura para enfrentar os vícios da modernidade.

Algo que se observa no processo inicial de construção da identidade da Filha de Maria, que ocorre especialmente na primeira fase da revista é que somente seus acertos e seu modelo ideal são exaltados. Não se pode afirmar, e certamente seria errôneo fazê-lo, que as Filhas de Maria desse período não cometiam desvios ou descuidavam das obrigações de seu “nobiliárquico título”. No entanto, durante o processo de construção de um modelo ideal, os desvios são silenciados, só os desvios e falhas das outras é que são noticiados. Em sua primeira fase, a tradição se encarrega de descartar, em silêncio, as desviantes e alardear com vigor as que não sendo Filhas de Maria corrompem-se com os “males hodiernos”.

O processo de construção de identidade, no entanto é também relacional. Partir da diferença, das características do outro, também é uma forma eficaz de construir a identidade. A Filha de Maria, em sua revista, é pensada e caracterizada a partir do que ela é e, principalmente, do que ela não é, ou não deve ser.

Embora haja o flagrante esforço do impresso em valorizar a figura da Filha de Maria, a revista, inicialmente escrita e pensada por padres, não se furta de lembrar as mulheres o quanto sua natureza é frágil. A construção da Filha de Maria também passa pelo exame minucioso e condenação da Filha de Eva, assim, já que são opostas em comportamento, idênticas em “natureza”, o processo de construção da Filha de Maria se dá entre a valorização e a depreciação da “natureza feminina” representada ao mesmo tempo por Maria e por Eva.

Dispostas entre a “natureza” e a norma, as leitoras da revista viviam a constante tensão de estar entre a tradição reguladora e a modernidade tentadora. Mais do que entre passado e presente ou passado e futuro, essas jovens viviam numa mescla de tempos, em que se podia ser e não ser ao mesmo tempo. Na

¹⁵² Filhas de Maria. In: Revista Maria, jul. 1923. p. 139.

incerteza de que a leitura da modernidade pela tradição gerava, e para a qual não parecia haver solução fácil, ser Filha de Maria, por vezes, tornava-se algo aparentemente confuso, pois, na busca do ideal de mulher católica, não deveria haver espaço para a natureza de Eva.

O que a Filha de Maria de ser e o que não deve ser

A Filha de Maria deve ser como o sol, porque dá vida, mas não deve ser como o sol, porque este tem manchas.

Deve parecer-se com a lua, que é companheira inseparável da terra; mas não deve ser como a lua porque esta tem muitas caras.

Deve ser como as obreiras, porque servem para guardar segredos; mas não deve ser como as obreiras que andam nas línguas de todo mundo.

Deve ser como vidro, que não encobre nada do que tem dentro; mas não deve ser como o vidro porque é muito frágil.

Deve rezar o terço todo dia porque deve ter piedade e amor a Virgem; mas não deve rezar o terço o dia todo porque assim faltará às obrigações domésticas.

Deve ser como os espelhos porque dizem sempre a verdade; mas não deve ser como o espelho porque nem todas as verdades se dizem.

Deve ser como a areia que é subtil e fina; mas não deve ser como a areia que não serve para base de edifícios duráveis.

Deve parecer-se com o vinho que é espirituoso; mas não deve parecer-se com o vinho que transforma o juízo da gente.

Deve cultivar a leitura porque recreia o espirito; mas não deve cultivar a leitura porque quasi sempre escolhe livros que lhe fazem perder o gosto e lhe estragam os costumes.

Toda F. de M. deve ser assignante da Revista Maria porque é boa e só faz bem; mas não deve ser assignante de toda revista porque ha umas que fazem mal e matam.

Toda F.de M. deve guardar esses conselhos para ser o que deve ser; mas não deve GUARDAR esses conselhos para não ser o que não deve ser.

A. Lins.¹⁵³

Ao que parece, para o periódico, exaltar as virtudes que se esperava de uma Filha de Maria era algo que poderia tornar-se repetitivo, ou demasiadamente abstrato, afinal, valores como pudor, modéstia, recato e piedade poderiam ser relativizados. Por isso, para educar e criar uma feição própria de Filha de Maria, muitas vezes a construção deveria partir do concreto e, daí, ilustrar o modelo a começar do inverso. Ao buscar criar e reforçar uma identidade a partir da diferença, mostrar às leitoras o mau exemplo daquelas que não estavam entre as “irmãs do Filho de Maria” parecia ser mais didático. Afinal, o ideal da Filha de Maria deveria ser mais elevado, menos mundano. Na edição de Agosto de 1926, um artigo compara e afirma haver pouca diferença entre a “moça moderna de família” e a prostituta, ambas vítimas da vaidade e da modernidade.

¹⁵³ O que a Filha de Maria de ser e o que não deve ser. In: Revista Maria, abr. 1919. p. 50.

[...] Até onde pôde a vaidade levar uma jovem!
 Expõe a sua honra, sacrifica o nome de sua família, ouve os mais ridiculos commentarios, sofre na sua dignidade, prefere perder-se nesta vida e na outra, contanto que acompanhe a moda e os costumes modernos!
 Ah! si certas mocinhas do meu tempo e da minha terra percebessem o ridículo em que cahem, quando se deixam levar na corrente violenta dos costumes modernos!
 Felizmente as minhas leitoras, na mór parte Filhas de Maria, estão mais ou menos livres do ridículo, e da escravidão da moda e dos costumes modernos. [...] ¹⁵⁴

Os textos que falam das influências da modernidade ou “dos costumes modernos” nessa fase, ainda não são direcionados especificamente para as Filhas de Maria. Pelo contrário, são elas que representam a permanência dos costumes e que ocupam a resistência aos valores e comportamentos da modernidade, cabendo-lhe ratificar e fortalecer a continuidade dos valores da tradição católica.

Nos tempos actuaes, tempos de grande crise moral para as nossas jovens, compete á Filha de Maria a missão de ser a reformadora dos costumes pelo seu exemplo, que na sua vida parochial, quer em meio dos seus deveres sociaes.
 Ser Filha de Maria não é ser um ente segregado da sociedade, não; ser Filha de Maria é ser um vivo modelo de perfeição christã no meio da sociedade, destacando-se dos demais pelos seus modos e pelas suas modas, atraindo veneração e acatamento, e não ser objecto de escandalo. ¹⁵⁵

Por toda sua importância como projeto da Igreja, entre os aspectos que mereciam cuidados por parte daqueles que pretendiam colocar a Filha de Maria como o modelo ideal de mulher católica na sociedade brasileira, estava o tempo e como esse tempo era gasto dentro do universo das Filhas de Maria. Era importante que o tempo fosse muito bem aproveitado. O tempo do agir. O tempo do rezar. O tempo da leitura. Seguindo as preocupações da Igreja Católica, uma Filha de Maria não tinha direito ao ócio, esse em si, fonte de possíveis desvios morais, pois, como lembrava a revista, “*a ociosidade é a porta por onde passam todos os vícios*” ¹⁵⁶

[...]
 Quem trabalha não pecca.
 Filhas de Maria, já lestes sem duvida no vosso precioso Manual que o trabalho é a “salvaguada da virtude.” Crede-o, assim o é.
 [...]

¹⁵⁴ Cousas do meu tempo e da minha terra. In: Revista Maria, ago. 1926. p. 145.

¹⁵⁵ A Filha de Maria na parochia e na sociedade – Exemplo, dedicação, zelo, modestia – Meios práticos. In: Revista Maria, jan./fev. 1927. p. 09.

¹⁵⁶ A Filha de Maria. In: Revista Maria, jun. 1925. p. 117.

Ociosidade, suicídio brutal, para longe de nós.
 Ociosidade, esquecimento da vida, galopae como o corseil indômito, correi
 como as nuvens, precipitae-vos pelo espaço como a luz, voae como o
 pensamento para longe de nós, perdei-vos e não queiraes voltar.¹⁵⁷

Às leitoras da revista, era constantemente lembrado o valor do tempo e a importância de não desperdiçá-lo, uma vez que o presente vivido era computado nos anais da eternidade, para o julgamento final. Poemas, máximas, contos eram usados para lembrar as leitoras da importância do tempo presente e sua ligação com a eternidade futura.

O tempo vôa, passado
 já não o tens:
 No que te resta, cuidado!
 Reflecte em como tu avéns.
 Nada, nada de demoras
 Procura tornar fecundos,
 Não os dias, nem as horas,
 Mas minutos e segundos.¹⁵⁸

O tempo que deveria importar para as Filhas de Maria era o tempo da eternidade, lá onde repousa a salvação ou a danação eterna. Mas, ou justamente por isso, o tempo terreno do presente não poderia ser desperdiçado. O tempo vivido, lembrava “Maria”, é contabilizado na eternidade, mas esta, nesse caso, também depende da matemática do relógio.

Está no princípio da criação da Pia União um sistema de contagem própria e religiosa do tempo, em que o registro do uso deste reinventa-se. Contam-se jaculatórias, jejuns, penitências e outras ações em função de indulgências¹⁵⁹, que, acumuladas, podem resultar em anos de salvação. Com a máxima “*O tempo é moeda de ouro que Deus põe em nossas mãos para, com ella, agenciarmos o Céu*” a revista lembra que o bom uso do tempo é moeda de salvação. Essa frase apareceu

¹⁵⁷ O Trabalho. *In*: Revista Maria, jan./fev. 1921. p. 10.

¹⁵⁸ Do meu canhenho. *In*: Revista Maria, maio 1921. p. 58.

¹⁵⁹ Ressalte-se que o princípio da indulgência, grosso modo, é uma questão de contagem e passagem do tempo. Afinal, a indulgência, na doutrina católica, diz respeito a uma diminuição do tempo que a alma passará no purgatório depois da morte. Pois, mesmo tendo os pecados perdoados através da absolvição, resta, ainda, ao fiel católico, um tempo de penitência no purgatório. Esse tempo é diminuído com a conquista de indulgências. Assim, o tempo que passaria no purgatório pagando sua pena temporal, passa a ser contado na terra, logo a alma passará menos tempo no purgatório. As indulgências indicadas para as Filhas de Maria mensalmente na revista, eram contadas em dias, dias a menos de purgação, pois como explica Le Goff: “É que o tempo parece muito longo no Purgatório, por causa da dureza (acerbitas) das penas sofridas. Um dia, parece para alguns, como se verá, tão comprido como um ano. Esta intensidade do tempo do Purgatório é notável a vários títulos.” Cf. LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 348.

algumas vezes na revista, por vezes na seção “Respingando...”, outras vezes ocupando pequenos espaços no rodapé da página, como um tipo de frase motivacional.

Em meio a toda a discussão da função social da Filha de Maria, em sua primeira fase, o periódico não deixava de estimular as práticas devocionais, embora, a partir do modelo devocional que se buscava construir em torno da figura da Filha de Maria, tais práticas começassem a ganhar tonalidades diferenciadas e um “verniz” de modernidade esclarecida. Dom Leme, em carta publicada na revista do mês de janeiro de 1917, afirma que a devoção das Filhas de Maria é uma “devoção esclarecida” e, como tal, tem na revista um laço de união de práticas e fervor devocional. A devoção esclarecida, à qual Dom Leme se referia, tinha a ver com a contraposição ao modelo não romanizado de irmandade, que, a partir do processo de romanização, passou a ser visto como uma manifestação religiosa ignorante, cheia de vícios e superstições, enfim um catolicismo que nada tem a ver com a proposta de catolicismo representado pela romanização marcada pela ortodoxia romana. Ao contrário dessas irmandades vigentes no Brasil até início da primeira república, a Pia União das Filhas de Maria estava sob a tutela do catolicismo ortodoxo, romanizado e como um ponto distintivo tinha ainda a leitura como parâmetro de formação. Em um país de maioria analfabeta, uma associação piedosa que tem na leitura e - a partir da criação da revista - na escrita suas principais ferramentas de formação, torna-se um grupo diferenciado, o qual adquire para si um status de erudição ainda não experimentado pelos outros grupos leigos da Igreja.

A existência da revista certamente influenciou a forma como tal fervor era experimentado, criando novas formas de se relacionar com a fé, prova disso é a seção de “Supplicas e Graças” da Revista. Especialmente durante a primeira fase do periódico, numerosas eram as publicações de graças alcançadas por leitoras de todo o país. A publicização da graça alcançada não era algo novo no catolicismo brasileiro, dessa forma, o que é ressignificado é o espaço onde tal anúncio de graças acontece: as páginas de “Maria”. Se antes o espaço da publicidade era o púlpito, instantes antes da missa, ou os ex-votos em lugares de peregrinação, agora eram as páginas do periódico.

Mais do que a necessidade de comunicar a todos a eficiência de novenas, orações, devoção e fé, o que as graças publicadas mostram é que a publicação na revista transformara-se também em moeda de troca com o sagrado. Assim, publicar

o agradecimento na revista aparecia fartamente como parte integrante da promessa, por vezes o único pagamento prometido. Muitos eram os agradecimentos, tantos que, ocasionalmente, a direção da revista desculpava-se por não poder publicá-los todos em um único número, devido ao excesso.

Com o coração cheio de reconhecimentos, venho agradecer a minha Mãe, Maria Santíssima a graça que alcancei, **prometendo publicar na revista Maria**. Hasel G. Bradley. F.M da Penha.

Venho humildemente agradecer a Virgem Santíssima, três graças que obtive, com a eficaz novena das três Ave Maria **e com a promessa de publicar nesta revista** – Eulina Rocha.

Com a alma cheia de júbilo e gratidão agradeço a Virgem Mãe de Deus e minha Mãe a graça que me fez **com a promessa de publicar-a na revista Maria**. Severina de Almeida – Caxangá, 14 de Junho de 1919.¹⁶⁰ (Grifos meus)

Cuidadasas em pagarem as promessas de publicação das graças na revista, as Filhas de Maria nem sempre queriam publicizar suas identidades. Muito comum é que publicassem seus agradecimentos seguidos das iniciais do nome, ou com codinomes genéricos tais como “uma Filha de Maria”, “Uma devota” ou simplesmente com o local de origem da carta.

O aumento do número de agraciadas anônimas na secção acarretou uma nova regra na publicação das graças: somente aquelas que se identificassem teriam suas graças publicadas.

Mais uma vez rogamos aos nossos caríssimos assignantes que mandarem publicações para essa secção a fineza de assignarem com o proprio nome as graças a serem ahi registradas. Esta medida vem da bôa vontade que temos para que não se omita nenhuma das graças enviadas. Não publicaremos os escriptos que tiverem como assignatura apenas iniciaes ou quaesquer outras denominações vagas.¹⁶¹

Ao que parece, o anonimato das agraciadas não agradava aos editores da revista que não viam motivo para vergonha em tornar público o nome de quem alcançou uma graça. Em tal espaço, reinventado de trocas simbólicas com o sagrado, novas devoções também pareciam serem suscitadas entre as Filhas de Maria. Em cada fase da revista é possível perceber o surgimento de “santos” nem

¹⁶⁰ Supplicas e Graças. *In*: Revista Maria, jul. 1919. p. 102.

¹⁶¹ Secção “Supplicas e Graças”. *In*: Revista Maria, maio 1928. p. 106.

sempre oficiais, distribuindo graças às fiéis leitoras, como o caso de Dom Vital¹⁶² e do bispo Dom Expedito¹⁶³, dois representantes emblemáticos do processo de romanização da Igreja Católica no Brasil, entre outros.

A publicação das Graças era gratuita, mas isso não impedia que algumas Filhas de Maria enviassem juntamente com o agradecimento uma quantia em dinheiro como “óbolo” para revista. Tal contribuição era publicizada no próprio texto de agradecimento. Graça alcançada, promessa duplamente paga.

Uma Filha de Maria agradece de coração á Virgem das Graças e ao Sagrado Coração de Jesus um grande favor. Envia 1\$000.

Profundamente agradecida a minha bôa Mãe do Perpetuo Socorro, publico uma graça alcançada por uma novena. Envio a diminuta esportula de 5\$000 – Uma Filha de Maria de Caruarú.¹⁶⁴

Enquanto publicizavam a eficiência do fervor devocional das fiéis leitoras, as pequenas notas de agradecimento também evidenciavam a distinção das que foram agraciadas. Afinal, dentro da fé católica somente aqueles que têm merecimento são passíveis de terem seus pedidos atendidos pelos santos. O excessivo número de graças alcançadas, constantemente exaltado na Revista, também parece indicar aos leitores que ali há um grupo que tem relação privilegiada com o sagrado e, por isso, é agraciado de maneira recorrente com as graças celestes.

Ao folhear os exemplares de Maria em sua primeira fase, é possível perceber uma diversidade considerável de temas, especialmente nos escritos de Xavier Pedrosa. O sacerdote gostava de ocupar sua pena com fatos políticos do Brasil e do mundo, deste modo temas como socialismo, comunismo e monarquia estão entre os que o padre parecia apreciar. No entanto, essa diversidade de assuntos não se reflete na revista como um todo, ao contrário, ainda que a força da tradição presente na primeira fase da revista alimente inúmeras críticas às novidades da acelerada modernidade, o periódico parece ter escolhido

¹⁶² Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira (27/11/1844 - 04/07/1878) foi um dos protagonistas da chamada questão religiosa, na década de 1870.

¹⁶³ Dom Expedito (08/07/1914 a 02/07/1957). O caso do bispo de Garanhuns é emblemático. Assassinado por um padre, em virtude de querelas internas da diocese, que o bispo queria moralizar, houve por parte da Igreja de Pernambuco, um esforço para incentivar uma devoção ao clérigo que morreu oferecendo sua morte em sacrifício pela Igreja Católica. A esse respeito ver MOREIRA, Igor Alves. **Do bispo morto ao padre matador** (Dom Expedito e padre Hosana nas construções da memória – 1957/2004). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: 2008.

¹⁶⁴ Supplicas e Graças. *In*: Revista Maria, dez. 1920. p.183.

critérios, pensando em seu público-alvo, quais os males seriam combatidos com mais frequência em suas páginas.

Elegendo e reunindo inimigos, escolhendo quais batalhas travar com as Filhas de Maria e com a ajuda delas, em certas ocasiões, os inimigos são confundidos ou agregados. Diante de uma sociedade em processo de mudança acelerada era preciso estabelecer quais campos de batalha ocupar, quais inimigos combater. Assim, nas fases da revista, há inimigos que permanecem e outros que são agregados de acordo com as demandas do presente. As lentes pelas quais tais inimigos são vistos também mudam, assim como variam as estratégias de enfrentamento.

Dentre os que receberam cuidadosa atenção da revista, a moda certamente foi um dos inimigos mais recorrentes e, também, que conhecerá, ao longo do período, aqui em estudo as maiores variações de opinião. A moda, bailarina dos tempos em busca da novidade, será condenada, reavaliada, aceita, renegada, revisitada posto que ela, a priori é o cartão de visita da moralidade cristã, que relega o corpo ao que deve ser ocultado, escondido, negado posto que é o veículo do pecado por excelência. Por isso, mais do que de modas, o ideal é falarmos de corpo, o feminino em especial, uma vez que é ele que amedronta, o qual fomenta e incita o pecado na visão da Igreja.

3.2 O CORPO DISCIPLINADO – A BELEZA MÍSTICA DA FILHA DE MARIA.

O corpo feminino, ao longo da história da Igreja Católica, ocupa um importante espaço de preocupação e cuidados. No catolicismo, o corpo feminino foi sendo pensado e teorizado por sacerdotes celibatários que viam no desejo despertado pelo corpo feminino um obstáculo ao seu celibato, que, por sua vez, se constituiu como o principal argumento de superioridade do clero católico. Apesar de a base da valorização do celibato advir ainda dos primeiros séculos da Igreja Católica, Uta Ranke-Heinemann afirma que “Com os dogmas da Imaculada Conceição em 1854 e da infalibilidade papal em 1870, o século XIX seria não apenas o século da Mariologia e do papado, como também o do celibato.”¹⁶⁵, esse mesmo século que traz os fundamentos do ultramontanismo e da romanização dos

¹⁶⁵ RANKE-HEINENMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996. p. 130.

quais a Pia União das Filhas de Maria é herdeira direta. Ademais, Ranke-Heinemann também argumenta que

Os celibatários da Igreja nunca conseguiram lidar livre e abertamente com as mulheres. Seu status e estilo de vida foram por demais baseados na diferenciação e oposição ao casamento e à feminilidade para que não vissem as mulheres como a negação de sua existência celibatária e uma ameaça a ela. As mulheres muitas vezes os atingiram como a personificação das armadilhas do demônio.¹⁶⁶

São esses homens que buscarão ensinar às mulheres católicas, em especial as Filhas de Maria, como devem lidar com seus corpos, num momento em que as modas, modos e costumes estão mudando de forma acelerada, e colocam em evidência os corpos femininos na sociedade. Corpos, os quais, principalmente nos maiores centros urbanos, passam a reivindicar, não sem resistências por parte da sociedade conservadora, seus espaços e um maior protagonismo diante das novidades que os novos tempos oferecem.

Logo, como forma de combater as mudanças que influenciavam os comportamentos femininos, a revista valorizava a contrição e uma concepção de beleza feminina que disciplinava o corpo, ou seja, trata-se de um corpo feminino que sempre faz alusão ao espírito, como verdadeiro distintivo de beleza e que deve ser valorizado. O corpo feminino, na primeira fase, é essencialmente um corpo rigidamente delimitado, elevado na dimensão espiritual que lhe é atribuída. Desta forma, o que se fala sobre ele é velado, mas sobre as modas, que cobrem ou descobrem o corpo fala-se muito, embora o que fica implícito é que é preciso renegar as novas modas para que se continue disciplinando um corpo, já que, a partir do instante que o corpo fica em evidência e à mostra, sua tendência é o pecado. O corpo, veículo de prazer, quando sentido, fisicamente falando, é objeto de perdição, pois é a partir dele que a mulher peca e induz ao pecado.

Assim, o corpo feminino é insinuado, porém nunca mencionado claramente, principalmente no que se refere a prazeres terrenos, com isso incentiva-se um corpo sensível ao espírito, não ao mundo. A beleza feminina, na primeira fase da revista, passa pelo resguardo do corpo que nunca deve estar à mostra e, mais do que isso, o ideal de beleza de uma Filha de Maria, nesse período (1915-1932),

¹⁶⁶ Idem. p. 134.

passa por valores etéreos. Logo é a beleza espiritual que é concebida como o ideal de beleza de uma Filha de Maria.

Em virtude dessa preocupação de cercear o corpo feminino, a moda foi um dos assuntos que mais incomodou a Igreja católica em se tratando do gênero feminino. Para a Igreja, pensamento ecoado pela revista “Maria”, todas as virtudes femininas pareciam começar a partir de sua vestimenta, desse modo, não havia, portanto, nenhuma possibilidade de redenção feminina que não passasse pelo trajar com pudor, recato, ou melhor, não havia redenção feminina sem a preocupação com o corpo. O corpo feminino, sedutor, sensual deveria ser anulado, escondido sob tecidos grossos, mangas longas e saias compridas.

A moda, especialmente para as Filhas de Maria da primeira fase da revista, tem essa conotação proibitiva, como tudo aquilo que visava embelezar e colocar em evidência o corpo feminino. Essa necessidade de embelezar o corpo era vista como algo da fútil vaidade feminina, que alimentava a moda. A vaidade em torno do corpo, entretanto, é a pior de todas elas.

Os anos 1920 foram marcados pelo desejo de mudança de comportamentos. É a época das melindrosas e das “a la garçonne”. De mulheres que começam a reivindicar, mostrar e usufruir dos seus corpos. A moda ousa colocar esse corpo até então velado à mostra. Ao contrário do que se possa pensar, as novas modas não colocavam em demasia o corpo à mostra. Entretanto, a Igreja estava atenta aos mínimos detalhes e qualquer sinal de um corpo rebelde que ousa desvelar-se, ainda que aos poucos, é logo encarado como um perigo a ser combatido. Braços começam a escapar dos vestidos de manga longa e compor um visual com vestidos de mangas mais curtas; vestidos que se aproximam perigosamente dos joelhos incomodam os conservadores que achavam um escândalo as pernas visíveis. Como se não bastasse, com o argumento de se adaptar melhor ao nosso clima tropical, as grossas meias femininas, as quais deveriam impedir que a pele das pernas ficasse minimamente à mostra, passam a ser substituídas por meias finas, que não escondiam totalmente as pernas das moças e, por isso, seu uso era motivo de reprimenda na revista.

No processo de construção da identidade da Filha de Maria como espelho de Maria, era necessário constituir ela mesma como exemplo. Quando nos debruçamos sobre as relações estabelecidas entre a Igreja Católica e o gênero feminino no Brasil, a questão da moda é inevitável. Entretanto, o que se torna

possível verificar ao analisar detidamente a revista Maria é que essa questão não surge nos primeiros momentos da associação. A inclusão da moda nas questões que envolvem as Filhas de Maria é uma consequência direta da modernidade e das mudanças vivenciadas pela sociedade brasileira.

[...] Se examinarmos atentamente a sociedade moderna, acabamos por constatar que nos trajes actuaes predomina a moda inconveniente. Podemos adiantar que o vestir-se o menos possivel bate o record, e as conveniencias mais elementares não são respeitadas.

Decotes imprudentes, ausencia de mangas, transparencias atrevidas, constituem na quase totalidade o vestuario feminino.

[...] Chegamos ao cumulo do exagero. É uma questão mais grave do que se pensa. Deve haver uma reacção para convencer as adeptas destas modas que a belleza, o encanto e a elegância são unicamente a simplicidade e a graça da modestia christã. Precisamos mostrar publicamente que não somos moças pagãs, mas cathólicas decididas, promptas para a reacção contra o paganismo dos costumes.

[...] Chegou o tempo da reacção, em obediência á voz do Santo Padre, que é a Voz da Igreja.

É de mistér a luta, individual e colectiva. [...] ¹⁶⁷

A preocupação, as reprimendas e as orientações sobre o “Flagello hodierno” não aparecem com tanta ênfase nos primeiros anos da revista. Somente a partir de 1919, as referências e condenações às modas estarão presentes em praticamente todos os números do periódico. Importa ressaltar que, em princípio, em se tratando de modas, a revista fala de forma genérica da mulher, sem, no entanto, fazer qualquer referência às Filhas de Maria e seu modo de trajar. Ao contrário, recomenda-se a elas a permanência de suas práticas, são elas: dar exemplo pelo pudor, não aderir aos trajes modernos, manter seus corpos ocultos debaixo de pesados tecidos, longas mangas, grossas meias, decotes ausentes e ainda tentar convencer às jovens católicas o quão perniciososa pode ser a sedutora moda, a qual tem por princípio colocar à mostra aquilo que em nome do recato deve ser escondido: o corpo feminino. Na visão da revista, são as Filhas de Maria, diante das transformações, o sustentáculo da tradição, quer dizer, os baluartes dos corpos silenciados, enclausurados, ou pelo menos deveriam ser.

Ao eleger a moda como um inimigo da moralidade a ser duramente confrontado, os editores da revista pareciam ter ciência de que as associadas da Pia União, apesar da vigilância, da constante pregação, não eram imunes à sedução do trajar moderno e, por isso, era imprescindível combater o corpo visível das Filhas de

¹⁶⁷ A modéstia christã e as modas. *In*: Revista Maria, jan./fev. 1932. p. 2-5.

Maria. Por outro lado, seus corpos domados, deveriam ser redutos do exemplo e, a partir disso, a elas caberia também combater o excesso dos corpos indomados das “levianas” filhas de Eva. Não demorará muito para que a revista comece a dar sinais de que tais jovens não estavam tão imunes assim, especialmente aquelas que residiam nas capitais e estavam mais suscetíveis às novidades modernas. Afinal, a Filha de Maria protagonista da primeira fase da revista é reflexo da imagem da tradição cristã católica que tem Maria como modelo e inspiração, entretanto, por ser mulher, há sempre o risco da “natureza” de Eva e, como todas as outras mulheres do seu tempo, estavam na sociedade e não numa casta redoma de vidro.

Postaes de amiga
Querida Santinha

A vida do campo faz tanto bem! Não tenho saudades dos dias que passei nessa tua capital que te fascina tanto com seus entretenimentos frívolos, passa-tempos perigosos, variedades infinitas nos trajes, nos modos e...

Ah! não imaginas como me impressionou mal essa fome de moda que tem ameaçado até mesmo as F. de M. Lembras-te daquelle passeio? Ao nosso lado trajando rigorosamente, um decote exagerado e livre que chamou a attencção de todo bonde, ia O. D. que nem se dava por achada. Descuidada, leviana, os braços nus, inteiramente nus, não tinham socego: ora sobre as pernas cruzadas (cruzadas de tal modo que mortificava a qualquer passageiro pudico e christão) ora sobre o espaldar do largo banco, já segurando a cabeça, já corrigindo caprichosa e irrequieta o lindo penteado que vento buliçoso e brincalhão ia de quando em vez desarrumando. Vi-a d’outra feita, entrar de fita azul na capella do... Que Filha de Maria!

As d’aqui são mais simples nos modos e na moda e por isto me edificam mais. Felizmente ahi mesmo são poucas, como O.D. que vive a copiar as vaidades do seculo, quando devia pelo nome e pela fita que traz, salvar a modéstia, o recato e o pudor que são melhor ornamento das donzelas christãs. – Tua Aline.¹⁶⁸

Mesmo fazendo referência ao trajar de O.D., a personagem do texto, o que parece incomodar na imagem dessa Filha de Maria desviante é a libertação do corpo que se movimenta com liberdade, sem amarras. É o cabelo cujo penteado esvoaça com o vento e contrasta com o ideal comportado de cabelo que deve ser longo, mas não livre, de preferência preso a um coque, pois o cabelo solto deixa a mulher mais atraente. Os braços “nus” também incomodam, mais ainda incomoda sua inquietação, espaldados no banco contrastando com os movimentos contidos, discretos, limitados que deveriam ter um corpo feminino em público. E, por fim, as pernas que se cruzam e descruzam quando bem entende O.D. Como nos lembra Michelle Perrot,

¹⁶⁸ Postaes de amiga. In: Revista Maria, jun. 1919. p. 79.

O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar, e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra. Enclausura-las seria a melhor solução: em um espaço fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária.¹⁶⁹

É importante ainda que se ressalte o recorte espacial que a autora do texto faz: na capital, e acrescentamos nas cidades maiores, as influências das novidades modernas eram mais presentes e, conseqüentemente, mais tentadoras. No campo e nas cidades menores, a modernidade chegava com menos intensidade e, com isso, os corpos femininos estavam menos à mostra. Embora a autora faça questão de ressaltar que são poucas as Filhas de Maria que cedem à tentação da “nudez”, não é de se desprezar que, em um grupo, cuja vigilância constante visa um corpo velado, haja corpos rebeldes que insistem em se mostrar, apesar das admoestações do contrário. As “ vaidades do século ” colocavam em risco o recato e o pudor representados pela fita azul.

Em sua primeira fase, a revista parece enfrentar tal missão com certa tranquilidade, mas a aparentemente fácil tarefa de criar jovens marianas exemplares torna-se a cada ano mais complexa. As Filhas de Maria não estavam isoladas do mundo e a questão do trabalho feminino também diz respeito a elas. Mas como já sinalizamos nesse capítulo, a revista esperava contar com o trabalho das leitoras, mas não o trabalho remunerado, que abria para a mulher o mercado de trabalho, algo visto com muita cautela pelos setores conservadores. Entretanto, é bom que reafirmemos que a mão de obra feminina que incomoda é aquela das classes mais abastadas, posto que camadas médias e altas, que reivindicavam para si os valores burgueses da mulher “ rainha do lar ”, não devem arriscar a honra de sua família trabalhando fora do lar.

De acordo com o estudo de Susan K. Besse, em se tratando da força de trabalho feminina no Brasil, as discussões, por vezes, parecem paradoxais, especialmente nas camadas pequeno-burguesas, onde uma série de argumentos era levantada em favor do trabalho feminino. Entre eles, as dificuldades materiais de sobrevivência, que na década 10 e 20 do século XX, estavam agravadas com a

¹⁶⁹ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 447.

inflação e a depressão econômica e, além das dificuldades financeiras, que poderiam ser aliviadas com a renda extra das mulheres da casa, (mãe, filhas, tias solteiras), havia também o discurso da modernização do país, com a necessidade de novas ocupações femininas.

Não obstante, havia também aqueles que viam com muita desconfiança essa saída da mulher para o mercado de trabalho. Muitos consideravam essa saída como fator de desagregação social e de desmantelamento do modelo de família burguesa. A ausência da mulher do lar, para ir ao trabalho, era vista como maléfica pelos conservadores, mesmo quando se tratava da classe operária, uma vez que, por eles, a mulher era vista como a base da estabilidade e da moralidade da família, em cuja responsabilidade estava a educação dos filhos, futuros trabalhadores. Segundo Besse,

Os conservadores deploravam a necessidade de as mulheres de todas as classes ingressarem na força de trabalho, prevendo que isso iria corrompê-las, desestabilizar suas famílias, pôr em risco sua saúde e a saúde de seus filhos e solapar a estabilidade social e a ordem política.¹⁷⁰

Mesmo com toda a discussão sobre o trabalho feminino, mesmo para as mulheres dos segmentos mais abastados, a posição da revista, em sua primeira fase, era clara: a mulher pertence ao lar, a menos que ela saísse do lar em nome da Igreja e suas causas. Logo, o trabalho aparece nas páginas da revista, mas sempre em outra conotação que não aquela profissional e remunerada. O trabalho da Filha de Maria era voluntário, era um serviço à sociedade e, nesse sentido, não sofria censuras de nenhuma parte. Não à toa, e com a ajuda do discurso cristão-católico que enfatiza a caridade, que

As organizações femininas de caridade se proliferaram e prosperaram a partir do final da década de 1910. As mulheres de classe média e alta aderiam animadamente às fileiras cada vez maiores de voluntárias, pois a participação lhes oferecia tanto um meio de ingressar na corrente predominante da vida pública quanto uma válvula de escape para seus talentos e energias.¹⁷¹

Era somente nesse modelo que as Filhas de Maria deveriam ter um corpo público e de dedicação ao trabalho. Assim como a relação com o corpo físico, a

¹⁷⁰ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 145.

¹⁷¹ *Ibidem*. 168.

relação com o trabalho deveria ser religiosa, visando à elevação espiritual, à defesa da fé católica e à busca da salvação. Desta maneira, era preciso diferenciá-las das demais e lembrá-las do que lhes cabia como missão, para isso trazer constantes comparações era importante para incentivar o permitido e reforçar o proibido.

A donzella mundana trabalha com atividade para o mundo, para seu corpo, para o tempo presente, e não faz quasi nada por Deus, pela salvação e Eternidade.

A donzella devota trabalha muito mais por Deus e sua salvação, pelo Céu e Eternidade, do que pelo mundo e seu corpo e para o tempo presente.

A donzella mundana procede com infatigável e ardente atividade acerca das cousas que lhe agradam e é tibia e negligente no trabalho que não escolhe nem lhe apraz.

A donzella devota procede com igual ardor e perseverança no trabalho que a contraria assim como naquele que lhe agrada, porque em tudo busca o beneplácito de Deus.

A donzella mundana facilmente omite seus deveres, quando só Deus é testemunha de suas acções e é estimulada e animada pela vista das creaturas.

A donzella devota é tão fiel aos seus deveres na presença de Deus só, como em publico; somente este pensamento: Deus me vê, lhe basta: o mundo nada vale a seus olhos.

A donzella mundana é escrava do respeito humano; não ousa fazer o que Deus e a Religião a pode reprovar e desprezar.

A donzella devota é sobranceira ao respeito humano: nunca o receio de incorrer na censura e disperso das criaturas a detem, quando sabe a vontade de Deus acerca do que tem a fazer.¹⁷²

Os contrastes desenhados pela revista dão indícios de como o tempo e o modo de sentir-se da Filha de Maria devem ser moldados de outra forma. O tempo do presente, o prazer e a satisfação de si não devem estar entre as preocupações e necessidades das jovens piedosas. Seu tempo e sua satisfação devem ser de outra ordem: não é o físico e o atual, é o etéreo e a eternidade. Não é para esse mundo, enfim, a Filha de Maria ideal, que a revista busca edificar em sua primeira fase.

Usar contos curtos como forma de repassar lições sobre comportamentos era uma prática comum das publicações católicas, um exemplo é o jornal católico O Nordeste, editado na capital cearense, que costumava publicar muitos textos sobre o comportamento feminino e que tinha, nos contos, a principal forma de comunicar-se com a leitora¹⁷³.

¹⁷² Confrontos e Contrastes em palavras. *In*: Revista Maria, ago. 1919. p. 115.

¹⁷³ A esse respeito ver: ANDRADE, Maria Lucelia de. *Op. Cit.*

Certamente a escolha por contos se dava por vários aspectos, entre eles por ser um texto de entendimento mais fácil, mais rápido, no mesmo instante em que as narrativas eram eficazes em despertar o medo das leitoras que pudessem estar em alguma situação que a Igreja colocava como perigosa para a mulher. Entretanto, a revista *Maria*, nesse sentido, diferenciava-se das publicações católicas em geral e, ao falar de modas e modos, não tem por regra usar o conto como instrumento de convencimento. Ao contrário, os textos que falam sobre o comportamento feminino e as modas são textos de opinião, são artigos que falam sem muitos rodeios sobre os males da modernidade, especialmente no que se refere ao moralmente frágil universo feminino. Mesmo os textos enviados pelas leitoras assumiam esse tom de artigo de opinião, reunindo referências históricas, afirmações teológicas e, algumas vezes, citando autores para embasar os argumentos apresentados.

Nos primeiros anos da década de 1930, ainda na primeira fase da revista, tornar-se-á cada vez mais comum a organização de Congressos Eucarísticos pelo país. Uma clara demonstração de força da Igreja para o Estado e a sociedade, utilizando-se da numerosa “Legião Branca” como exemplo de mobilização. Como nos fala Riolando Azzi,

Os congressos eucarísticos nacionais, iniciados na década de 1930, constituem uma das manifestações públicas mais importantes utilizadas pela Igreja Católica para reafirmar sua presença na sociedade. Quatro eram as finalidades principais dessas solenes celebrações. Em primeiro lugar demonstrar publicamente a força da instituição católica, (...) reafirmar a preeminência da fé católica entre o povo brasileiro, (...) mostrar o potencial de força política, subjacente nessa numerosa aglomeração de fiéis. (...) Por último, essas solenes manifestações de fé deviam mostrar que era chegado o momento efetivo de transformar o Brasil num país verdadeiramente cristão.¹⁷⁴

Alguns desses Congressos eram organizados especificamente para as Filhas de Maria e, nestes, eram elas que proferiam conferências, defendendo ideias, falando para suas irmãs, sobre suas responsabilidades sociais, políticas e morais que envolviam a atuação da Filha de Maria na sociedade brasileira. Depois das conferências serem proferidas, publicava-se o conteúdo das palestras na revista.

As conferências ministradas por Filhas de Maria assumiam um tom grave e eram chamadas pela revista de “Theses”. Os temas, reflexos das demandas do presente de então, giravam em torno do agir e do pensar como membros de uma

¹⁷⁴ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Terceira época: 1930-1964. Petropolis, RJ: Vozes, 2008. p. 436.

“legião” exemplar, a legião branca das Filhas de Maria. Vejamos algumas passagens da longa *“These apresentada no Congresso Parochial de S. João Baptistas da Lagôa, no Rio de Janeiro”* em maio de 1931, por Guiomar de Sá Fonte, que será, na segunda fase da revista, uma das vozes femininas mais ativas.

A modestia christã e as modas

[...] A Moda é o constante mudar e transformar da indumentária feminina; é o afan incessante do sexo feminino no aprimorar da arte do agradável; é o cultivar o engenho de bem ornar-se para aumento dos attractivos, um passatempo, portanto, que pode bem ser honesto desde quando respeite as conveniencias da moda christã.

[...] A história da moda é de todos os tempos, e em todos os tempos vem merecendo aprovação ou reprovação, desde que ella se aproxima ou se afasta da modéstia christã.

[...] Não venho aqui atacar impiedosamente a moda; não. A moda com modos, a moda segundo as normas da modestia christã não é condemnavel.

[...] Há modas inconveniente, extravagantes, exageradas, nocivas. E qual a bôa? A que segue a direção da modestia christã e da Voz da Igreja.¹⁷⁵

A “tese” de Guiomar é emblemática de uma característica que marca a participação feminina na revista, em especial nas duas primeiras fases: buscar um meio termo que consiga mesclar o que manda a tradição e o que os novos tempos oferecem. Guiomar não ousou, certamente nem desejava, afrontar as opiniões radicais dos sacerdotes que condenavam a moda como um todo, mas procurou fazer uma defesa da moda, em seu aspecto mais significativo: a moda como “ornamento para aumentar o potencial de atração feminino” sem descuidar da modéstia cristã. O meio termo proposto por Guiomar não abria mão de tornar a mulher mais atraente, colocando os atrativos do corpo em evidência, sem se esquecer, é claro, da modéstia cristã. O meio termo de Guiomar não está entre acompanhar a moda ou ser filha de Maria, e sim no imbricamento desses dois aspectos, sem bater de frente com os sacerdotes, mas sem abdicar do desejo de ser mais atraente.

O que incomodava nas novas modas, que pareciam encantar as jovens brasileiras, era o corpo mais livre, com tecidos mais leves, cumprimentos menos longos e um pouco de pele à mostra. Mas no que se refere à indumentária, a matemática daqueles que advogavam pelo recato feminino era simples: o pudor era medido proporcionalmente pelo que ocultava. Incomodava também o corpo que se

¹⁷⁵ A modéstia christã e as modas. In: Revista Maria, jan./fev. 1932. p 2-5.

insinuava, daí se posicionarem também contrários a roupas muito justas que deixassem o corpo em evidência, mesmo que coberto.

Nos cálculos da moralidade católica, “*os arreganhos indecentes da moda*” deixavam à vista uma porcentagem perigosa do sedutor e potencialmente pernicioso corpo feminino. As opiniões sobre a moda eram colhidas até mesmo de outros periódicos, desde que viessem a criticar a vestimenta feminina. Uma forma de demonstrar que não eram apenas os religiosos que falavam contra os novos hábitos femininos de trajar, até mesmo as publicações “mundanas” o faziam.

Há poucos mezes em uma revista insuspeita do Rio alguém escrevia sob o título – Bonecas de hoje, umas verdades bem duras que devem envergonhar quasi todas as mulheres. A moça carioca de hoje, diz o articulista, exhibe 50 por cento das pernas e 85 por cento do tronco, nos vestuários com que aparecem nas avenidas. Nos bailes não encurta mais as saias, mas desce o decote até 95 por cento e, como só usa tecidos leves e aboliu por completo a roupa branca, o vestuário é apenas uma figura rethorica. Enfeita o corpo, mas não o veste.

[...]

Eu não sei o que é que pensa uma mulher quando se ostenta des pudoradamente na rua. Falo da mulher que ainda sabe o que é honra.

[...]

As Filhas de Maria que representam as donzellas sensatas da nossa sociedade devem não só dar o bom exemplo, mas até levantar uma campanha efficaz contra o grande mal do impudor que nos ameaça avassallar e vencer.

[...] ¹⁷⁶

A “revista insuspeita” de que fala a matéria, e cuja parte do texto é citada na revista Maria, é a “Eu sei tudo”, publicada no Rio de Janeiro, mais especificamente a edição nº 31, de dezembro de 1919. O título completo da matéria é “Bonecas de hoje – A moça Chic”, e questionava os costumes das moças do Rio de Janeiro, que, por si, era uma cidade paradigmática em relação às modas¹⁷⁷. De uma forma geral, são sempre os costumes das moças dos grandes centros, Rio e São Paulo, que vão figurar nas críticas às modas. A capital do país, portanto, era uma caixa de ressonância, aonde as mudanças dos costumes chegavam primeiro.

O “*quasi todas as mulheres*” exclui as Filhas de Maria, para elas a missão é de agir contra o mal e o impudor. O corpo honrado é ocultado, não se mostra. A

¹⁷⁶ Cerremos Fileiras. In: Revista Maria, mar. 1920. p. 35.

¹⁷⁷ Martine Kunz, em sua obra sobre a literatura de Cordel, aponta que a moda também foi alvo das críticas dos cordelistas, e pondera: “O fenômeno da moda não poderia gozar de um bom conceito nos versos da literatura de cordel. Fruto da contingência e do arbitrário, sua dinâmica é marcada pela fugacidade, mudança, infidelidade, e ruptura. A moda se define pela recusa do próprio passado, censurado, renegado, porque fora de moda”. KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011. p. 52.

parte significativa da missão da Filha de Maria, segundo a revista, é ocultar o corpo a ponto de que ele não seja percebido, desejado. Assim, o que está à mostra, que se insinua, é atacado com furor pela revista. Pernas visíveis e sem grossas meias, braços descobertos e colos aparecendo, tecidos leves e transparentes são características das modas femininas que começam a chegar ao Brasil na década de 1920¹⁷⁸.

Enquanto as jovens brasileiras eram seduzidas pelas novidades, para a revista não havia meio termos para classificar as que se deixavam seduzir.

Esses escandalos da moda é que nos fazem desamdar assim a pena e dizer aquillo. Porque são sem vergonha mesmo essas moças que vivem de braços nús, collos descobertos e pernas de fóra pela rua, pelas praças e até no logar santo. Não são sem vergonha? São, sim. Umas sem vergonha são o que ellas são. Já disse e repito e torno a repetir: u-m-a-s sem ver-go-nhas.
179

Uma das missões das Filhas de Maria era o combate às modas sacrílegas e, como “amazonas do bem”, cerrariam fileiras a partir do exemplo. No entanto, com a chegada dos “loucos anos 20”¹⁸⁰, algumas associadas das Pia Uniões, especialmente aquelas das capitais, parecem começar a ser seduzidas pelas modas. Os tecidos transparentes, as mangas mais curtas e as saias um pouco menos longas¹⁸¹ acendem sinais de alerta entre as jovens marianas.

Entre essas jovens, em sua mútua vigilância, os desvios das irmãs de fé eram denunciados como forma de evitar que a imagem da associação fosse maculada. Esse aspecto de autovigilância não é exclusivo das Filhas de Maria, mas, nesses grupos, tem um papel importante, uma vez que era importante para aquelas que tomavam parte do grupo, manter seu prestígio moral perante a sociedade. Assim, vigiar as “irmãs” de associação, observar e denunciar desvios fazia parte de suas obrigações com o grupo. Justamente por essa constante observação de si e das outras, algumas associadas sentiam-se aptas a opinar sobre como os clérigos deveriam agir para garantir que as marianas permanecessem combatendo e ignorando as tentações do corpo feminino no mundo moderno, o que acabou gerando um pequeno debate na revista. Uma colaboradora do Rio de Janeiro,

¹⁷⁸ Cf. BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

¹⁷⁹ Respingando... *In*: Revista Maria, nov. 1921. p. 145.

¹⁸⁰ Cf. RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1920**: os anos que mudaram tudo. São Paulo: Ática, 1997.

assinando apenas como Maria, sugeria que se falava demais da moda, despertando a atenção em torno do tema. Para ela, não era essa uma estratégia inteligente.

[...]

É preciso estudar a psychologia da mulher. Basta que as queiram levar pela força, pelo ridículo, para nada conseguirem dellas. [...]

Penso ser contraproducente, em todos os terrenos, atacar, ofender, ridicularizar. Isso longe de corrigir irrita e como que impelle a proseguir no mau caminho. Toda moça vaidosa gosta que se alimente a sua vaidade. Ora, si é moda falar do exaggero das modas, como não ha ella querer ser apontada no numero das exaggeradas? E assim vae diminuindo os minusculos vestidos.

[...]

Digo isto por ter ouvido de muitas das atacadas: “É preciso que saibam os senhores moralistas que não temos medo da critica, e, quanto mais falarem, mais affrontaremos com todo o excesso e sem receio nenhum da lucta”

O esquecimento, o desprezo, eis o que me parece acertado para chegarmos ao fim.

[...] Avante Filhas de Maria, e si assim o fizerem, muito concorrerão para o saneamento moral da sociedade.¹⁸²

Para a leitora-colaboradora, a psicologia feminina é evidentemente desviante. Tenta-se pelo proibido, este lhe fascina. Desejante, o feminino é tentado e instigado pela vaidade e pela proibição. Para essas evas desviantes, a crítica dos moralistas era razão para resistirem aos ditames daqueles que tentavam normatizar um corpo feminino compulsoriamente silenciado, regrado, disciplinado. Esquecer e desprezar o corpo e seu “feitiço” seria o mais acertado a fazer na opinião da leitora. Se o corpo feminino não poderia mais ser enquadrado pela proibição e crítica, que o fosse pelo desprezo e o esquecimento. No entanto, esquecer o corpo, esse veículo desejante e desejoso, era negar a si mesma, e, ao que parece, esse “remédio” para o saneamento moral da sociedade não era o ideal para aqueles que pensavam o corpo feminino a partir da censura e do interdito. Adotar tal postura era confiar que o gênero feminino poderia abdicar de seus prazeres, de seu corpo, em nome da moralidade da Igreja Católica, o que seria uma solução arriscada, uma deia que só podia, enfim, ter vindo de uma filha de Eva, ainda que trajada de Filha de Maria.

Para a Igreja, era justamente o contrário. Falar sobre a sexualidade, trazê-la para o discurso era a forma mais eficaz de controlá-la. É um saber-poder como nos ajuda a pensar Michel Foucault, que afirma: *O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na*

¹⁸² A moda. In: Revista Maria, nov. 1922. p. 187.

*obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo*¹⁸³.

Assim, na revista de janeiro do ano seguinte, era a vez da “Página de modas e... modos”, sob a responsabilidade do padre Euvaldo Souto Maior, que a assinava sob pseudônimos, retrucar a opinião da leitora carioca¹⁸⁴.

Num dos ultimos numeros desta Revista li um artigo mui interessante sobre a moda; assignava-o um nome feminino.

A autora deste bemfeito trabalho fez como pivot do seu artigo demonstrar que nada se deve dizer contra as doidices da moda porque as mulheres são muito caprichosas e por isso vendo-se alvo de motejos, e contraditas, continuarão no mesmo, de proposito, vingativamente.

[...]

Discordo em absoluto deste pensar, porque tenho num alto conceito os sentimentos e o character da mulher.

[...]

Não, a mulher christã, que deseja ser boa e digna nunca fará mal de proposito, quando julgar que os reparos que se lhes fazem são justos e pautados na recta intenção.

[...]

Sim, essa mulher digna, essa Filha de Maria, essa joven piedosa, jamais hão de continuar a ser objeto de vivas censuras, porque alguma vez lhes mostraram o ridículo de suas maneiras. [...]¹⁸⁵

Durante a primeira fase da revista não há muito espaço para se negociar concessões, assim a moda será matéria presente em todos os números. Não apenas na secção “Página de modas e... modos”, mas também nas transcrições de notícias do Brasil e do mundo e dos artigos de opinião de uma forma geral, pois como afirmava a leitora, “*era moda falar da moda*”, embora a moda parecesse não recuar aos constantes ataques.

Se o corpo à mostra insistia em comparecer aos templos e missas, que sofresse cerceamentos, até que se emendassem. Este devia ser essencialmente corpos rechaçados, envergonhados, interditos e expulsos do espaço sagrado que ousavam profanar. Para a Igreja que buscava controlar o corpo feminino em todos os seus vieses, o corpo que se evidencia por si só é profanador, não precisa de

¹⁸³ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 36.

¹⁸⁴ Ainda para Foucault, “*A sociedade que se desenvolve no século XVIII – chame-se, burguesa, capitalista ou industrial – não reagiu ao sexo com uma recusa em reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. Não somente falou muito e forçou todo mundo a falar dele, como também empreendeu a formulação de sua verdade regulada*”. Nesse processo, a confissão será de suma importância. Falar sobre o desejo, o corpo e as práticas sexuais permitia um saber-poder da Igreja, que, com isso, buscava regular os usos dos corpos, especialmente os corpos femininos. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 68.

¹⁸⁵ Página de modas e... modos. *In: Revista Maria*, jan. 1923. p. 16.

nenhuma ação adicional, pois sua existência, sua aparição são princípios de perdição e mácula. O corpo feminino que se mostra é essencialmente impuro, pecador e incitador e, se as Evas insistiam em profanar os templos com seus corpos insinuantes, que fossem expulsas, não comungassem e nem fossem absolvidas de seu maior pecado: ser, seu corpo inteiro, veículo e símbolo do pecado original. Logo, em julho de 1922, o Arcebispo da Bahia lança uma circular, de muitas que se espalharão país afora, que foi prontamente publicada na revista *Maria*, como exemplo a ser seguido pelo clero e acatado pelas fieis. Nela o arcebispo conclama:

Urge, portanto, uma campanha; faz-se mister uma santa cruzada para extirpar as aberrações da moda.

Portanto, declaramos que não podem servir de madrinha nem são dignas de absolvição sacramental nem da Sagrada Comunhão, as senhoras que se apresentarem com vestes transparentes ou demasiadamente curtas, braços nus e collo descoberto.

Os revmos. Parochos e mais sacerdotes do clero secular e regular cumpram rigorosamente o que contém nestas declarações, que deverão ser lidas na estação da missa conventual.

Bahia, 11 de julho de 1922.

Jeronymo Arcebispo da Bahia¹⁸⁶

O que antes era descrito por adjetivações abstratas, tais como “modas indecentes”, vai sendo esquadrinhado pela revista: transparência, decote, corpo em exibição. A moda feminina estava mudando rapidamente e, segundo Denise Bernuzzi de Sant’anna,

Modernidade física não rimava mais com trajes que mantinham uma distância cheia de panos entre a pele e o mundo externo. A moda dos anos 1920 pressupunha a pele colada aos tecidos que deslizavam friamente sobre as silhuetas, sem compressão nem vagas. Moda feita de superfícies lisas, avessa aos obstáculos e congestionamentos.¹⁸⁷

O que atemorizava a igreja e os redatores da revista *Maria* era a vaidade feminina, seu embelezamento e a cultura da beleza física¹⁸⁸. Como sugestão para a forma de vestir das jovens católicas, a revista traz o “Manifesto de Senhoras paulistas”. Nele, um grupo de mulheres da cidade de São Paulo se compromete a lutar contra a “moda aviltante e amolecada” e prometem:

Deixar aparecer o pescoço com pequena folga;

¹⁸⁶ Página de modas e... modos. *In*: Revista *Maria*, fev. 1923, p. 32.

¹⁸⁷ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 55.

¹⁸⁸ Para Denise Bernuzzi, essa preocupação estava também ligada à necessidade masculina de controlar o corpo feminino e, para isso, “costumava-se associar uma parte do embelezamento diretamente ao pecado”. *Idem*. *Ibidem*.

Usar mangas compridas, no mínimo até os cotovelos.
 As saias nunca serão justas ao corpo e de comprimento nunca mais de vinte centímetros acima do solo.
 As fazendas transparentes só usaremos sobre panno tapado e as cinturas nunca descerão mais de dez centímetros abaixo do natural.
 Como posição indelicada, não cruzaremos as pernas em publico, nem requebraremos propositalmente o corpo para mostrar suas formas.¹⁸⁹

Além da obrigatoriedade de camuflar o corpo, escondendo sob camadas de tecidos que não evidenciem as formas femininas, o manifesto assinala como a preocupação não se restringe à moda, mas sim ao corpo feminino como um todo. Assim os movimentos dos corpos também passam a ser observados e vigiados e o corpo feminino ideal não se mostra e mal se mexe, não rebola, não cruza as pernas, não deixa em evidência a sua sensualidade em movimento.

Como já dissemos aqui, nessa fase da revista, embora a questão da moda esteja muito presente nas suas discussões, a moda inoportuna é sempre associada às mulheres que não são Filhas de Maria. Por ser um período de autoafirmação da Filha de Maria na sociedade, são raras as menções de desvios por parte delas, entretanto é recorrente impor a elas o papel de ser mais que exemplo, ser “cruzada” da decência. Não era o bastante que elas não aderissem às modas vigentes, afinal isso era o mínimo que delas se exigia, de fato apelava-se para que as associadas marianas fossem mais longe na obra de moralização social, não se deixando abalar pela opinião zombeteira daqueles que as viam como vitalinas fora de moda. Guiomar de Sá Fonte, em sua “These” apresentada no Rio de Janeiro, em sessão solene das Filhas de Maria de São João Batista da Lagoa, reafirma a missão que as associadas devem assumir: serem exemplos e reformadoras dos costumes

E a Filha de Maria cuja missão é reformar os costumes pelo seu exemplo e modestia, deve empenhar-se tenazmente em conseguir a victoria desse empreendimento, não olhando desdoiros e zombarias.
 Com uma corajosa firmeza de character e de vontade a Filha de Maria deve combater contra essa moda indecorosa, ostentada impudentemente em meio das nossas avenidas, nos theatros, nos bailes e também contra as conversações e maneiras livres de muitas jovens da nossa sociedade.
 Ser contra a moda sem modos não é condemnar o trajar na moda. A Filha de Maria deve vestir na moda; o que lhe é vedado é o vestir immodesto.¹⁹⁰

Certamente, umas das novidades que, de imediato, causou forte reação dos defensores do recato e da tradição católica foi a moda dos cabelos curtos. Em

¹⁸⁹ Página de modas e... modos. *In*: Revista Maria, maio 1925. p. 102.

¹⁹⁰ A Filha de Maria na parochia e na sociedade – Exemplo, dedicação, zelo, modestia – meios práticos (conclusão). *In*: Revista Maria, mar. 1927. p. 48.

princípio chamada pela revista de “cabelo a bebê”, essa moda ganhava, nas páginas da revista, termos pejorativos, tais como “cabelo cotó”, “cabelo tosquiado”. Muitas eram as notas, bem como artigos, atacando a moda dos cabelos curtos. Rebatendo argumentos, criando outros contrários, a revista, em sua primeira fase, decreta uma verdadeira guerra aos “*cabelos a la garçonne*”, guerra esta que será, nas fases seguintes da revista, vencida pelas jovens “tosquiadas”.

A insistência das jovens em aderir à moda dos cabelos curtos, por vezes, parecia irritar os responsáveis pela revista e, apesar de inúmeras publicações falando mal do cabelo curto, algumas assinantes ainda insistiam no tema, mandando correspondências para a revista.

A.O.B. (Recife) – A senhorita nos pergunta qual a nossa opinião sobre o modo de cortar-se o cabelo a la garçonne. Si não lhe satisfizeram os diversos artiguetes desta Revista sobre este magno assumpto, escute: a tal moda é simplesmente estúpida, ridícula, inesthetica e merecedora de... cabo de vassoura.

Entendeu? Chamamos a sua atenção para a secção “página de modas e... modos” do presente número; há nelle alguma coisinha a esse respeito...¹⁹¹

Ao afirmar que a moda dos cabelos curtos é merecedora de “cabo de vassoura”, a revista ultrapassa o patamar da violência simbólica que insulta e desqualifica a mulher que ousa aderir ao estilo dos cabelos tosquiados e chega à incitação da violência física.

Se os argumentos desqualificantes não são suficientes para convencê-las, que sejam convencidas pela força, a pauladas de “cabo de vassoura”. O corpo rebelde, que não se domestica com as palavras, faladas ou escritas, que se domestique pela agressão, que a dor física seja capaz de trazer a docilidade a qual a agressão verbal não foi capaz.

Não é possível acreditar que uma leitora assídua de “Maria” não soubesse realmente qual a opinião da publicação sobre tal moda. Os “artiguetes” da revista não se utilizavam de meias palavras para atacar as jovens de “cabelos e juízos curtos” logo, a correspondência acima parece querer abrir uma janela para o questionamento da intransigência do periódico, no que se referia aos cabelos curtos, que, ao julgar pela recorrência do assunto na revista, estava cada vez mais em voga na sociedade brasileira. A resposta, no entanto, seguiu os parâmetros dos escritos da revista, apontando a nova moda como “estúpida” e “ridícula”. No artigo que a

¹⁹¹ Correio da Revista. In: Revista Maria, jan. 1925. p. 19.

resposta à leitora cita como referência, afirma-se: “a filha de Eva que corta os cabelos vale tanto, ainda que mal comparando, quanto o pavão sem as lindas penas.”¹⁹² Adjetivada e animalizada, uma Filha de Maria “tosquiada” tornava-se bicho sem encanto, pavão sem penas. Maria sem o “sim” da obediência. Eva e seu “sim” ao fruto proibido.

Em última instância, manter os cabelos curtos era masculinizar-se e tornar-se menos atraente aos olhos dos futuros pretendentes.

[...] mesmo indo de encontro á vontade de quem as governa, podarem a cabeça! Esse termo – podar – não é meu, sim do João Bahiano, que escreve no “Mensageiro da Fé”; Elle, como eu, não tolera as cabeças masculinizadas.

É feio e... ridículo!

[...]

Os homens sensatos, os direitos e amantes do que é bello, não gostam e não apreciam as cabeças masculinizadas... o mais bello ornamento da moça – já disse alguém – é o manto lindo dos cabellos...

Ir de encontro à “vontade de quem as governa”, aqueles que queriam domar seus corpos, talvez fosse esse um dos instigantes desafios de dizer sim ao cabelo a la garçonne e, além de aderir à moda, “tosquiar” os cabelos era dizer não ao governo de outrem sobre seus corpos. Era afirmar-se minimamente livre dos desejos daqueles que queriam ditar-lhes os sonhos, as palavras, a vida, o corpo. Os curtos fios de cabelo tonavam-se rapidamente grandes sinais de não submissão àqueles que queriam moldar as aparências femininas a partir do desejo masculino, especialmente da Igreja.

Por outro lado, utilizar-se do argumento de que certas modas e comportamentos desagradavam o gênero masculino era uma forma de jogar com o medo da solteirice que parecia ser constante nas jovens das primeiras décadas do século XX. Na primeira fase da revista, são recorrentes argumentações que envolvem o casamento como futuro desejado da Filha de Maria. Colocada como quem é “escolhida”, nunca quem escolhe, a Filha de Maria é aconselhada sobre os gostos masculinos. Consolida-se a ideia de que no universo masculino há dois tipos de mulheres: a mulher para o flirt e a mulher para casar. A Filha de Maria deveria estar na segunda categoria, dessa forma, como modelo de recato, pureza e boa conduta seria a mulher ideal para casar, afinal, os homens deveriam “desfrutar” das

¹⁹² Pagina de modas e... modos. In: Revista Maria, jan. 1925. p. 17.

jovens modernas, mas não arriscariam seu nome, família e futuro casando com uma “doidivanas”.

Dessa maneira, o desfrutar dos corpos, seu e de outras, era permitido aos homens e a revista não critica o homem que se envolve com mulheres “doidivanas”. Mesmo o fato de se aproveitar de uma mulher e depois largá-la não era motivo de censura por parte do clero, pelo contrário, era uma atitude de certo modo aclamada como racional e decente, posto que um homem que deseja formar uma família honrada não deve fazê-lo com uma mulher qualquer e, principalmente, não deve fazê-lo com uma mulher que não se comporta com recato e pudor.

Porém, mais do que isso, era o corpo intocado e imaculado, domesticado e ainda não exposto aos olhares de outrem. Desse modo, o corpo da mulher ideal para casar deve ser o mais intato possível, o corpo não visto, não tocado e não desfrutado, nem por sua própria dona, nem por ninguém. O valor do corpo intocado, pelos olhos e pelo tato, estava na potência de sua domesticidade, e o que o tornava desejável nessa perspectiva não era sua forma ou formosura, e sua incapacidade de rebelar-se, enfim um corpo que não sente o mundo ao seu redor, que fica sublimado numa busca de elevação interior.

Para ilustrar tal pensamento, a revista publicou uma história sobre a Miss França, que, embora eleita a mulher mais bela de seu país, não conseguia encontrar um pretendente a marido. Na curta história, aos prantos a Miss França afirma:

- Sim, todos me olham como um animal raro ou como um macaco, mas “ninguém quer casar commigo”.
Cousa parecida se dá com as escravas da moda. Os moços as olham como animaes raros... e passam adiante, especialmente quando ellas estão longe de ter a beleza duma Miss França.
Emquanto ainda houver nos jovens uma scentelha de senso commum eles buscarão as suas futuras esposas, no recolhimento do lar, e não entre as que convertem seu corpo em exposições permanentes de... anatomia ambulante...¹⁹³

A história da Miss França, que a revista publica como sendo real, traz a lição de que a glória da beleza corporal é efêmera. Depois de desfrutada a glória e exposto o corpo, ainda que admirado, o resultado final é a solidão, o desprezo daqueles que apreciam o corpo feminino como se fosse atração de circo ou zoológico. O belo corpo exposto é carnalmente desejado, o desnudar-se é publicamente admirado, mas não é respeitado, não é duradouramente desejável e,

¹⁹³ Ninguem quer casar commigo. *In*: Revista Maria, nov. 1929. p. 267.

uma vez admirado, é descartado. O corpo feminino, para ser respeitado, tomado, esposado, deve ser necessariamente recôndito, silenciado, não se insinua, não se apresenta. Logo, não é a beleza física que faz uma boa esposa, mas sim a clausura da carne, que transforma Eva em Maria, e a Igreja lembrava a homens e mulheres diariamente, nos púlpitos, na imprensa, nos confessionários, que Eva só serviu para nos fazer perder o paraíso e colocar o homem em agonia.

A figura da Filha de Maria casadoira é recorrente na revista. Em contraste com o total silêncio em torno da Filha de Maria solteirona, ainda que na sociedade não fosse raro referências às Filhas de Maria como “Vitalinas”. Pesquisando os jornais cearenses das primeiras décadas do século XX, não era raro encontrar referências às associadas da Pia União da capital cearense como sendo antípodas da beleza e da atratividade. De acordo com a nossa pesquisa,

“O fato de serem proibidas de adotarem os modismos da suposta vaidade feminina influenciava na forma como essas jovens eram vistas; colaborando para o estereótipo de “vitalinas” feias e fora de moda, que os opositores da Igreja atribuíam à elas.”¹⁹⁴

No jornal *O Ceará*¹⁹⁵ de 19 de outubro de 1929, esta associação pejorativa entre a Filha de Maria e a mulher feia e fora de moda ficava evidente.

Sabbado passado, em certo estabelecimento de modas [...] defrontei-me com um bando de vitalinas que se inculcavam de “Filhas de Maria”. [...] O grupo de vitalinas entrou no estabelecimento referido, e a mais velha falou para o chefe da casa nestes termos: “Vimos, aqui, para o sr. Não publicar annuncios no “O Ceará”.

- Porque, minha senhora?

- Porque é um jornal ex-commungado.

- E se eu continuar a publicar?

- Neste caso, nós, em número de mais de 50 trincas, fazemos boycottage. Não compraremos mais, aqui.

- Muito obrigado, respondeu gravemente o commerciante. Não perco nada com isto. A minha Loja é de modas, as senhorinhas são proibidas de comprar, de usar modas. Temos conversado.

Logo, depois, as vitalinas saíam puxadas pela vitalina-mór que tinha o corpo do Mainha e a cara do Agostinho. Era um caso teratológico.¹⁹⁶

Pejorativamente chamadas de “vitalinas”, associadas à figura feminina feia e sem atrativos físicos, à medida que o século XX avança, as jovens marianas

¹⁹⁴ ANDRADE, Maria Lucélia de. “**Filhas de Eva como anjos sobre a Terra**”: a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. p. 47.

¹⁹⁵ Órgão que rivalizava com o jornal católico *O Nordeste* na capital cearense.

¹⁹⁶ *Jornal O Ceará*, Fortaleza, 19 out. 1926. p. 08. Apud ANDRADE, M. Lucelia de. Op. Cit.

precisarão reafirmar sua identidade especialmente no campo das modas, reiterando sempre que a elas não era proibido usar modas, a elas não era permitido ofender a decência. Assim, o discurso que relatava a beleza espiritual da Filha de Maria passará a ser encampado com mais rigor, associado à figura da jovem pura, recatada, mas também bela e sedutora.

Na primeira fase da revista, a figura da “solteirona¹⁹⁷” é praticamente ignorada, promove-se em profusão a imagem a Filha de Maria como a candidata ideal à esposa e à mãe zelosa. Bem formada, de princípios sólidos e caráter resignado, seria a escolha mais acertada do homem que quisesse constituir um lar.

Tabu, a figura da solteirona ficará silenciada na revista Maria até as décadas seguintes, quando se tornará assunto do periódico, a partir do ponto de vista daquelas que não casaram.

No entanto, engana-se quem acha que, em sua primeira fase, a revista Maria escolhe o casamento como receita de felicidade para as Filhas de Maria. Pelo contrário, nessa fase de afirmação da Revista e da identidade da Filha de Maria brasileira, observa-se cautela por parte dos redatores e redatoras da revista com relação ao casamento. Mais do que a importância de casar, a revista reforça a importância sobre com quem se deve casar. Os conselhos em torno do casamento, nessa primeira fase da revista, estão mais em sintonia com o adágio popular: “antes só do que mal acompanhada”. Contradizendo a ideia pré-concebida, que o casamento é o principal desejo de uma jovem, o periódico aconselha cautela na escolha do noivo e, para ratificar tal pensamento, publica contos e pequenas histórias, em que um mau casamento fez a infelicidade da jovem e a desgraça de toda sua família.

O casamento cristão, feliz, é acima de tudo um código de deveres mútuos, consequentemente de sacrifícios recíprocos e contínuos.

Escusado é pensar em casar e ser feliz, excluindo a ideia de sofrer. E como controle, para evitar que a leviandade das moças as faça procurar no casamento o prazer, é bom lembrar-lhes sempre as suas mães o aviso sensato e amigo do apóstolo São Pedro: “O que casa a sua filha donzella faz bem, e o que não casa faz melhor.”

¹⁹⁷ Segundo Claudia Maia, “A partir do final do século XIX, o termo solteirona, como representação de um tipo ridículo e desprezível de mulher que não se casou, emergiu em várias modalidades de discursos no Brasil. Dentre esses discursos, a literatura brasileira que passou a oferecer várias personagens solteironas, contribuindo, assim, para a construção e difusão desta representação e do celibato feminino estigmatizado no imaginário coletivo”. Cf. MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011. p. 75.**

Dest'arte só entrarão para a luta as que tiverem coragem e forças.¹⁹⁸

O casamento como sacrifício recíproco e contínuo era também mais uma ferramenta para controlar os possíveis arroubos daquelas cuja natureza de Eva tende a desviá-las do caminho. O casamento como missão, dom, doação e sacrifício. Contrária ao romanceamento do relacionamento homem/mulher, especialmente na escrita dos homens, a revista mantinha o discurso de que o casamento era renúncia e resignação, cujo único objetivo era a procriação. Associado a tal discurso, percebe-se também um constante desmerecimento das ideias de romance, amor e paixão. Na ótica da tradição católica, o romance homem/mulher é algo menor, mundano e fadado ao fracasso. O amor, sublime e sagrado, é visto a partir de uma dimensão sagrada, religiosa mesmo, inclusive com o sacrifício e o sofrimento em nome da elevação do espírito.

Embora sejam questões intrinsecamente ligadas, matrimônio e maternidade, recebem atenção e pesos diferenciados por parte da revista. Enquanto o casamento é aconselhado com parcimônia, lamentando o fim da época que quem escolhia o noivo era o pai da noiva, a maternidade é a redenção ou perdição da sociedade.

A mãe, inspirada na figura de Maria, recebe uma atenção especial, e é responsabilizada pelo comportamento das jovens. A revista, inúmeras vezes aponta as atitudes das mães “irrefletidas” como o grande mal da sociedade. Nesse sentido, “Maria” aponta a figura da “mãe moderna” como sendo o ápice da degenerescência da figura que deveria se inspirar em Maria, mas que prefere seguir os passos perniciosos de Eva. Se a maternidade, inspirada em Maria, é a redenção da herdeira de Eva, pode ser também espaço de demonstração da veleidade feminina.

A maior desgraça de um lar: *uma mãe moderna*. [...] Confunde-se com a filhinha de 13 annos, ella que já vae na casa dos ... É falta de polidez revelar a idade das mulheres. Quando passam ambas mãe e filha, na rua ou se sentam no auto, no bond, todos dizem: - são irmãs ou duas intimas amiguinhas. Confundem-se no cruzar das pernas, no cabello á la garçonne, no tingir dos labios, nos gestos, no modo de falar, nas posições e trejeitos que tomam quando andam, quando riem, e até – a exigência da moda – quando choram. Ella, a jovem mãe sente-se feliz em se parecer tanto com a joven filha. É leviana, mundana, *moderna* no sentido duvidoso da palavra. [...] Eis ahí uma das maiores chagas – a maior chaga – da sociedade contemporânea: - a *mãe moderna*.¹⁹⁹ (itálicos no original)

¹⁹⁸ Casamento. In: Revista Maria, maio/jun. 1930. p. 125.

O artigo encerra afirmando que, muitas vezes, as jovens não praticam a religião por causa da mãe que tem, e mais, que é melhor ser órfã do que ter uma mãe moderna. Para a tradição católica, que visa à regulamentação do comportamento feminino, ou uma mãe piedosa ou uma mãe morta, meio termo não lhe serve.

Ao atacar a “mãe moderna”, a revista elege como alvo aquelas mulheres que, sendo responsáveis pela educação das filhas, já não estão mais tão presas à tradição como deveriam. A mãe moderna, menos carrasca, mais próxima da filha é ridicularizada, repreendida e responsabilizada pela desgraça do lar. A mulher que se igualou a Maria com a maternidade é a mesma que retrocede à Eva quando adere aos encantos da modernidade. Essa mãe, atacada sem meios termos pela revista, também é jovem e sua situação na revista nos coloca uma nova questão: não é a maternidade por si só que redime, já que a redenção vem da renúncia de si e, nesse sentido, a mãe, mesmo que ainda jovem, deve despir-se do frescor da juventude. A maternidade exige a gravidade de quem tem a responsabilidade de “curar” a sociedade moderna. A mãe moderna era uma ameaça múltipla: amiga da filha, subvertia algo que para a Igreja era a base da sociedade, a ordem hierárquica. Adepta das novas modas e modos, fugia e maculava um modelo muito caro à Igreja: Maria mãe e, ao agregar valores “mundanos” ao seu comportamento, ela infligia ainda um duplo prejuízo ao trabalho de doutrinação da Igreja, que, de um lado, perdia uma importante aliada para o controle do comportamento das jovens católicas e, de outro, via aumentar as fileiras daquelas que mereciam cuidado, vigilância, reprimenda e combate por parte daqueles homens que estabeleciam os modelos desejáveis de mulher católica.

Na primeira fase da revista, talvez até por uma necessidade de manter o foco na pureza, inocência e exemplaridade da Filha de Maria, o periódico se preocupará mais com a figura da mãe das jovens marianas do que com o futuro dessas como mães. No momento de afirmação da figura da Filha de Maria, mais importante do que seus projetos individuais é o projeto coletivo da legião branca de Maria, com todas as batalhas a serem travadas na sociedade brasileira, contra as

¹⁹⁹ Cousas do meu tempo e da minha terra. In: Revista Maria, abr./maio 1926. p. 77 e 78.

modas, as danças, as más leituras, o comunismo, o feminismo e tudo aquilo que fosse visto de alguma forma como ameaça à tradição cristã católica.

No que se refere à Filha de Maria, o que parece povoar as principais preocupações da revista, principalmente na primeira fase, é a sensualidade. Assim, tudo que ousasse despertar minimamente o sensualismo feminino tornava-se de imediato “tecla amarelada”²⁰⁰ no periódico. Dentre as “teclas amareladas” pelas críticas do impresso, sem dúvidas, as danças estavam entre os mais intolerados pelos vigilantes escreventes dos modos e modas das jovens católicas.

Se, no campo das modas ainda havia aquelas que “santificavam”, posto que cobriam o corpo com decência, isso não ocorria no campo das danças. Dançar era terminantemente condenado pela revista, principalmente se a pretendente a “pé de valsa” fosse uma associada da Pia União. A dança coloca o corpo em movimento, evidencia sua potência, suas formas e sensualidade.

Corroborando com a ideia de que a revista Maria, embora filha da tradição católica, precisava fornecer uma leitura atualizada da modernidade, o embate em torno das danças não foi matéria que ocupasse a redação do periódico em seus primeiros três anos de circulação, 1915-1918. Somente quando os ares dos modernos e entusiasmados anos 1920 começam a soprar como novidade sedutora na sociedade brasileira é que a temática da dança, seu combate e condenação entram para a pauta da revista.

O escândalo proporcionado pelas danças da moda, tais como o jazz e o Charleston, atiçava os artigos cada vez mais raivosos, condenando o excesso de depravação das danças que ameaçavam a sociedade como um todo e as moças em particular.

Foi na edição de abril de 1919 que a dança entrou na pauta, timidamente, como uma nota de uma Filha de Maria, que assina como Eunice. Em seu pequeno texto, a leitora informa a chegada de uma dança moderna e como esta já se espalhava pelos lares católicos. Com o título “Assumpto do dia”, Eunice escreve, em tom de conversa:

Conversando em casa de uma amiga, encontrei muito incidentalmente um assumpto que se dizia “do dia”. Tratava-se então de uma dança moderna, vinda ha pouco, do Rio. Notei que minhas amiguinhas, não nutriam sympathia pronunciada pela tal dança. Mas o que é certo me diziam uma

²⁰⁰ Expressão utilizada pela revista para assuntos muito recorrentes. Assim, de tanto “bater na mesma tecla” a mesma amarelava, pois se tratava das teclas de marfim, então usadas em pianos.

dellas, é que familias, aliás catholicas, já estavam aos poucos aceitando o novo systema de dança.

- Engana-se disse uma outra – Não estavam aceitando aos poucos: já há mesmo Filhas de Maria que abraçam com toda a alma a tal dança.

Não, não é possível, dizer não acredito que Filhas de Maria penetrem tão facilmente no espirito mundano. O que ha, é excesso. Hoje falla-se de tudo e de todos. [...] tal dança é obrigada a trejeitos tão mundanos e contrarios á moral que não é possível que Nossa Senhora consinta tão facilmente na perversão de suas filhas. [...]

Tenhamos muito cuidado, pois para que não sejamos victimas dessa epidemia moral que julgo peor do que a “hespanhola”.²⁰¹

A doença “moral” de um corpo que se desvirtua era mais grave, para os paladinos do pudor e do recato, do que a temida gripe espanhola. As metáforas que envolvem doença e epidemia relacionadas aos novos costumes traziam implícita a ideia de morte, nesse caso da alma e da salvação. Os ensinamentos para as Filhas de Maria é que mais vale uma alma sã em um corpo doente, que um corpo sadio agindo norteado por uma alma moralmente adoecida. Assim, em uma perspectiva que torna o corpo físico secundário frente ao espírito, a morte do corpo é preferível à contaminação do espírito.

As primeiras notas sobre danças não trazem detalhamentos sobre elas, certamente para não despertar mais ainda a curiosidade feminina. Entretanto, conforme as danças vão ganhando popularidade na sociedade brasileira, em especial nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, as condenações vão se tornando mais detalhadas na revista.

Os trejeitos corporais, os joelhos aparecendo desavisadamente, erotizando os movimentos. Com a sensualidade feminina exibida em movimento, a dança tornara-se uma ameaça inquestionável a toda tentativa de valorização do recato e do pudor característico da exaltação da Filha de Maria. Na edição de maio de 1925, a revista enumerou vinte e uma razões pelas quais um cristão não deve dançar, entre elas, destacamos:

1º) porque, pelo contacto familiar com o outro sexo nos bailes se despertam e alimentam as más paixões;

2º) porque até os melhores bailes trazem consigo ao menos inveja, burlas ou amores culpáveis;

3º) porque a inflamação do sangue, os attrativos dos sentidos, ocasião da noite e a inconveniencia dos trajes são causa de muitos peccados contra a pureza.

4º) porque quando se dança, ouvem-se gracejos e palavras que produzem um sentimento, como um fôgo, de onde vêm muitos males;

[...]

²⁰¹ Assumpto do dia. In: Revista Maria, abr. 1919. p. 48.

18º) porque além das músicas e dos movimentos, tem a dança uma referência sexual; [...]²⁰²

Em seus mandamentos contra a dança, fica evidente o cuidado com o despertar do corpo e suas sensações. A dança desperta um corpo pleno de desejos e de possibilidades de pecado, com um “sangue inflamado” o contato entre corpos que despertam “um fogo” que culminam com uma clara referência sexual. A sexualidade, aliás, é algo que sempre fica implícito nas falas dos colaboradores da revista. São poucas as referências diretas sobre ela, como a que se vê no décimo oitavo mandamento. Se as danças deixavam o corpo mais propício ao pecado, com o despertar físico de muitas sensações, era imprescindível não se utilizar de meias palavras. Apontar claramente a “referência sexual” nas danças é oportuno nesse momento, pois as danças estavam ganhando rapidamente a simpatia da população, e o medo do despertar da sexualidade feminina era algo que mobilizava a todos, especialmente nas parcelas mais abastadas da sociedade brasileira.

Com o crescimento da popularidade do ato de dançar entre as jovens brasileiras, o temor de que as Filhas de Maria fossem contaminadas, como que por uma mortal epidemia, era uma ameaça potente a todo projeto de construção de jovens católicas modelares e combativas.

Diante da possibilidade de uma “epidemia moral”, só restava à revista combater e usar de todos os argumentos para depreciar as danças modernas.

É porque a melhor das dansas é sempre má e deixa sempre em desordem o coração e a alma. – E ainda: - Porque muitas se dirigem a pessoa experiente, (um sacerdote sempre) perguntando se podem ou não dansar?! (?) – É porque alguma cousa as impulsiona a isso; “quem não deve, não teme”.²⁰³

A própria ousadia de perguntar aos sacerdotes sobre as danças, já era alvo de reprimenda, afinal, ela trazia consigo a insígnia do desejo de experimentar e, com ele, o perigo imediato de se entregar ao gozo do corpo e a morte da alma. Se às jovens católicas em geral a dança é condenável, para as Filhas de Maria eram totalmente proibidas, com isso, em hipótese alguma poderia uma associada da Pia União tomar parte em danças. E apesar da total condenação, vez por outra, a revista falava de algumas desviantes que esqueciam “*a fita, o véo, o manual, julgando-se*

²⁰² Razões porque... um christão não deve dançar. *In: Revista Maria*, maio 1925. p. 96.

²⁰³ Pode uma Filha de Maria dansar?. *In: Revista Maria*, nov. 1931. p. 293.

como as demais”. A fita, o véu e o manual, insígnias das Filhas de Maria que, segundo a revista, as faziam diferentes de todas as outras, sem exceção.

Em sua “*These apresentada no Dia da Filha de Maria na sessão solenne das Filhas de Maria da Matriz de S. João Baptista da Lagôa, Rio de Janeiro*”, Guiomar de Sá Fonte dissertou longamente sobre o papel da Filha de Maria na sociedade e, na parte final de sua tese, Guiomar se debruça sobre a temática da dança moderna²⁰⁴.

Portanto, resta a dizer que as dansas modernas estão todas interdictas a uma Filha de Maria.

Os bailes de hoje, com as liberdades permitidas, são occasião de graves peccados, onde as nossas jovens vão perder todo o seu pudor.

A Filha de Maria tem por dever ir em defeza dos seus santos princípios e não se envergonhar de excusar-se a dansar, declarando sem rodeios que sua fé a prohiibe de pactuar com o que é contra a moral christã. [...]

Como principio de ordem moral, a Filha de Maria deve empenhar-se para que seja dado um golpe mortal nessas dansas da moda, banindo dos nossos salões o tango, o fox-trot, o shimmy e outras muitas deste jaez.²⁰⁵

Nos argumentos de Guiomar, liberdade, pudor e pecado se entrelaçam numa equação que coloca o corpo feminino livre como inevitavelmente condenado ao pecado.

Às Filhas de Maria cabia não apenas eximir-se de dançar, recusar-se a isso era uma forma de declarar publicamente a sua fé e, por isso, cabia-lhes também, através do exemplo, o dever de combater tais males, “*declarando sem rodeios que a sua fé a prohiibe de pactuar com o que é contra a moral christã*”, assim se encerra a questão. Se a moda de dançar encontrava espaço na sociedade, nas páginas de “*Maria*” só encontrava críticas e escárnio a tal hábito moderno.

Mesmo sendo a Filha de Maria pensada e educada para o exemplo, sua condição feminina a tornava suspeita incondicional. Encorajar as leitoras a se escusarem das danças e não colocar o corpo em situação que o impelem ao pecado é uma atitude de cautela, uma vez que cada Filha de Maria a qual sucumbe à tentação do corpo é um duplo prejuízo: é mais uma jovem católica em pecado e é uma representante que macula o projeto de católica ideal, a Filha de Maria.

²⁰⁴ Ressalte-se que a revista deixa claro que o mal vem das chamadas “danças modernas”, entre elas as mais citadas são o “tango, o maxixe, o fox-trot, o shimmy, o Charleston”. A essas danças contrapõe as “contra-danças antigas” que, no julgamento da revista, eram encantadoras: a valsa lenta, a varsoviana, a shottisch e a polka.

²⁰⁵ A Filha de Maria na parochia e na sociedade – Exemplo, dedicação, zelo, modestia – meios práticos (conclusão). *In*: Revista Maria, mar. 1927. p. 48 e 49.

3.3 FEMINISMO, FEMINISMOS – A REVISTA MARIA E A BUSCA POR UM “FEMINISMO ACEITÁVEL”.

Partindo de um projeto de formação de jovens católicas que, além de modelos, fossem também capazes de se impor através da escrita na imprensa brasileira, a preocupação com a formação intelectual das leitoras da revista era constante. Entretanto, à medida que tais jovens “cultivavam o espírito”, abriam os próprios horizontes, entrando em contato com ideias variadas, posto que, mesmo orientadas sob os paradigmas católicos, elas não estavam isoladas do mundo.

Em constante vigilância contra os perigos que se delineavam nos horizontes de suas jovens colaboradoras, a revista pareceu de pronto sentir-se ameaçada pelas ideias feministas. Logo, o Feminismo entra na mira dos ataques da revista e no rol de inimigos da igreja.

Segundo Celi Regina Jardim Pinto, escrever uma história do feminismo no Brasil é uma tarefa desafiadora e difícil, em virtude da natureza fragmentada do movimento, especialmente em seus primeiros anos. Tentando passar uma visão geral da história do movimento feminista no Brasil em seus primeiros anos, Celi Pinto opta por dividi-lo em duas tendências. A primeira, que ela chama de “feminismo bem-comportado” encabeçado por Bertha Lutz, e outra tendência que ela chama “face mal-comportada” do feminismo, a qual *“abriga uma gama heterogênea de mulheres que se posicionam de forma muito mais radical frente ao que identificavam como dominação do homem.”*²⁰⁶

Entretanto, aos nos dedicarmos a uma leitura atenta da Revista Maria, o que podemos perceber é que há uma proposta de leitura do feminismo na revista. Mais do que isso, ou exatamente por isso: há uma proposta de feminismo no periódico. Em princípio, pode-se questionar que o que está proposto nas páginas de Maria não pode ser aceito como feminismo. Por outro lado, insisto em afirmar que é necessário considerar com atenção tal perspectiva. Certamente o que os textos publicados propõem pouco tem em sintonia com o que hoje consideramos feminismo, mas é preciso atentar para um detalhe que, embora possa parecer

²⁰⁶ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 10.

pequeno e meramente vocabular, nos diz muito sobre a proposta defendida pela revista Maria.

Os editores da revista não renunciam ao termo feminismo, eles renunciam e atacam tipos de feminismo. E ao propor o seu modelo ideal de feminismo, apontam para uma legitimidade da ideia de feminismo, seu potencial aglutinador e, principalmente, a necessidade de propor uma via própria sem, no entanto, abrir mão do termo e do que ele parece despertar nas jovens leitoras. Assim, a revista defende que o feminismo pode ser bom, dentro de determinados moldes, nasce nas páginas do periódico o “feminismo aceitável”, o “feminismo cristão”.

Embora pouco abordado pela bibliografia que trata do feminismo no Brasil, talvez justamente por ser excessivamente “bem-comportado”, essa proposta de feminismo levada a cabo pela Igreja Católica e por uma parcela considerável da sociedade brasileira merece uma leitura atenta, uma vez que traz uma proposta para a mulher na sociedade, reconhecendo-lhe certos direitos, atribuindo-lhe um pequeno espaço de ação e se colocando como uma alternativa moderna (feminismo), mas totalmente enquadrada pela tradição (cristão).

O “feminismo cristão” ocupou por algumas vezes a primeira página da revista, onde estava situada uma espécie de editorial de cada número, o que demonstra um esforço no sentido de atrair a atenção das leitoras para o assunto, antes que fossem capturadas pelas ideias emancipadoras e sufragistas de outras propostas feministas. A revista reconhecia a importância do feminismo e principalmente a importância de tê-lo sob seu controle.

A mulher foi sempre o perfume mais delicado do lar domestico, o iris perene da paz social, o symbolo mais bello do amor, a flôr mais cheirosa do templo, a gloria o esplendor, o ornamento da patria, o centro do systema planetário. Dahi a capital importância do feminismo e a necessidade de o não deixar cahir nas mãos de astutos demagogos e o não tornar monopólio do socialismo e anarchismo. A propaganda mais efficaz pertence á mulher: quando um ideal bom ou máo da mente do homem passa para o coração da mulher se torna sentimento e o seu triumpho está garantido. Dizia G. Filangieri: “A mulheres são sempre as ultimas as se corromperem, mas uma vez corruptas propagam a corrupção.” [...]

Procuremos, pois, que se desenvolva o feminismo christão, para concorrermos á solução do grande problema social, e este feminismo sob a bandeira da cruz, trará gloria á familia, á patria, e á religião....²⁰⁷

²⁰⁷ Mulher Socialista e Mulher Christã. In: Revista Maria, out. 1920. p. 136.

Um “feminismo sob a bandeira da cruz” garantiria que a capacidade de propaganda e persuasão da mulher fosse postas a serviço das ideias católicas. A capital importância do feminismo era reafirmada, mas esse reconhecimento trazia consigo a preocupação e o cuidado de arregimentar e enquadrar seu potencial aglutinador sob a bandeira da cruz.

Lembrando sempre do poder de influência da mulher sobre o homem e a sociedade, o texto ainda lembrava a importância de educá-las na virtude, posto que “*os homens são sempre como os quererão as mulheres*”. Antes de apresentar às leitoras o “feminismo aceitável”, o “feminismo cristão”, a revista apresentou vários textos, os quais atacavam as ideias feministas espalhadas pela sociedade. É importante ressaltar que as críticas mais duras, cheias de fúria e ironia, sem meias palavras, vinham sempre da pena afiada do cônego Xavier Pedrosa. Sob uso de pseudônimos ou não, o ataque do clérigo ao feminismo era implacável. A conhecida feminista Bertha Lutz foi um dos alvos mais constantes dos ataques do periódico, quando se falava de emancipação feminina.

Quase sempre, o feminismo era relacionado a uma masculinização da mulher, que, na visão da revista, mais do que rivalizar com o homem, queria tornar-se homem ela mesma. Os argumentos utilizados pela revista não põem em cheque as ideias e o discurso do feminismo que eles combatem. A intenção daqueles que combatiam o feminismo na revista não era confrontar ideias, pelo contrário, é clara a estratégia de distorção das ideias feministas, ligando o pensamento feminista a ideias que eram (são) abjetas para a sociedade da época, como, por exemplo, a “masculinização da mulher”, que vai de encontro à própria concepção de sexos, do masculino e feminino como naturais e imutáveis. Deste ponto de vista, o feminismo não era apenas um conjunto de ideias condenáveis, mas era também um desvirtuamento da incontestável natureza humana, que estava dividida em homem e mulher.

Ser mulher para a revista era ser recatada, obediente, com gestos delicados, vestir-se de forma adequada, com vestidos longos, meias grossas. Era também mover-se, rir, falar com cautela e discrição, adequar-se ao papel de rainha do lar e, como tal, restringir-se ao âmbito do privado, o público não deveria lhe interessar. Ao espaço público ela só deveria ir quando convocada pela Igreja, fosse a congressos eucarísticos, obras de caridade com a tutela da Igreja e, desse espaço, deveria retirar-se assim que lhe fosse ordenado. A mulher da revista,

portadora dos valores burgueses deveria dedicar-se a ser filha, esposa e mãe obedientes, dessa maneira, tudo que fugisse disso era visto como ameaça à sociedade, à integridade da família e à salvação espiritual. A caracterização da suposta “masculinização” feminina tem sempre relação com o uso do corpo feminino em situações que fogem do recato e à contenção dos movimentos e do protagonismo de ações como dirigir, fumar, tomar banho de mar ou jogar futebol, esporte, ainda hoje, visto como afeito ao gênero masculino.

Mas as mulherzinhas à maneira de Bertha Lutz querem virar, tout court, homem. E dessa inversão in naturam nascem os gestos masculinos dos mais simples como guiar automóvel, aos mais complicados como escanchar-se numa sella para amansar um cavallo bravo: dos ridículos como fumar cachimbo em publico, até os mais inconvenientes, como tomar banhos de mar com elementaríssimas roupas de marmanjos ou dar cangapês no jogo de futebol.²⁰⁸

Por sua vez, o homem não aparece na revista, somente em referências esparsas, que nos permitem apenas conceber um tipo genérico masculino, que é provedor do lar, ocupado com os negócios e os assuntos sérios da sociedade, tais como política e economia, e que não tem tempo para futilidades. Mesmo os vícios, como os acima apontados usurpados por mulheres feministas, não são objeto de reprimenda na revista quando seus protagonistas são do gênero masculino. Um ser subentendido na revista, o homem tudo pode e, mesmo quando erra, não é a ele que cabe emendar-se, mas às mulheres que o rodeiam, que devem incumbir-se da obrigação de melhorar seu comportamento, fazendo-o se sentir bem acolhido no lar, e, por isso, sem vontade de cometer desvios na rua.

Nos estudos que tratam do feminismo, no entanto, a vertente representada por Bertha Lutz sequer chega a ser considerada feminismo revolucionário. Para Celi Pinto, o feminismo liderado por Bertha Lutz representava a tendência “bem-comportada” do movimento. Marcada por um caráter sufragista, segundo Celi Pinto, esse feminismo

tem limites muito precisos: nunca define a posição de exclusão da mulher como decorrência da posição de poder do homem. A luta pela inclusão não se apresenta como alteração das relações de gênero, mas como um complemento para o bom andamento da sociedade, ou seja, sem mexer

²⁰⁸ Feminismo. In: Revista Maria, dez. 1931. p. 326.

com a posição do homem, as mulheres lutavam para ser incluídas como cidadãs.²⁰⁹

Guardadas as proporções, portanto, o feminismo de Lutz não se distanciava tanto assim do feminismo cristão. Exceto pela reivindicação dos direitos políticos de votar e ser votada, não havia nada de muito revolucionário dentro da proposta. E mesmo esse grande ponto de dissenso terá que ser repensado durante a década de 1930, uma vez que em 1932 a mulher brasileira conquista o direito ao voto e, por sua vez, será um importante instrumento para o empoderamento da Liga Eleitoral Católica (LEC)²¹⁰. Ao tornarem-se eleitoras, as mulheres católicas representaram uma parcela importante do eleitorado que garantiu a vitória de muitos candidatos apoiados pela LEC. Se a estratégia da LEC foi muito bem sucedida, muito se deve ao voto feminino e a imprensa católica, de modo geral, reconhecia o peso representado por esse voto nas eleições. Desse modo, ignorando o excessivo esforço e campanha que fazia contra o voto feminino, quando este é conquistado, rapidamente, sem questionar mais o direito concedido ao “sexo frágil”, tratou de arregimentá-lo. É o caso do jornal católico cearense *O Nordeste*, que fez intensa campanha para disciplinar o voto feminino:

Ide para as urnas decidida a concorrer, com a força do vosso voto consciente e franco, para a victoria dos candidatos da Liga Eleitoral Católica. Vós, hoje, representaes uma força, e é preciso que essa força não seja inoperante. Cidadã catholica: vede que é grande a vossa responsabilidade para com a pátria e a Religião. Que o vosso civismo – vós que sois a sentinella vigilante da Família – vos dê, também, o direito ao titulo de sentinella vigilante da felicidade do Brasil. Votae com o mesmo ardor, com a mesma dedicação, com o mesmo enthusiasmo com que sabeis defender os vossos sentimentos religiosos, pois, votando na L.E.C., não fazeis mais do que ainda uma vez defendê-los. Não vos deixeis ficar em casa no dia 3 de maio. Porque, si o fizerdes, para evitar o ligeiro sacrificio de votar, lamentáveis conseqüências poderão advir da vossa abstenção. Disciplinadas e destemidas cumpri o dever que vos chama, exercendo o direito que vos assiste. [...]²¹¹

²⁰⁹ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 10.

²¹⁰ De acordo com Thomas Bruneau, a LEC não era um partido político e objetivava “alistar, organizar e instruir o eleitorado católico; e assegurar o voto católico para os candidatos que aceitassem o programa da Igreja e concordassem em defendê-lo.” Cf.: BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loylo, 1974. Op. cit. p. 82.

²¹¹ *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 28 abr. 1933. p. 05. Apud: ANDRADE, M. Lucelia. **“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”**: a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945). 2008. Dissertação. (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. p. 35-36.

Agora, ao contrário de antes, quando o desejo de voto era não só desencorajado, mas também ridicularizado, o voto feminino se transforma em uma missão religiosa. Despe-se esse direito/ação da mulher católica de conteúdo político para torná-lo uma ação confessional. Mesmo como votante, a participação feminina na política ainda era descaracterizada como ação política, pois esta continuava ser coisas de homens. O voto feminino não as torna cidadãs politicamente ativas, e sim, no discurso da revista, uma “sentinela vigilante” da felicidade do Brasil, função que devem exercer com ardor religioso e não político.

Em sua essência, o argumento é de que a política, colocada como fonte de corrupção moral, só serviria para macular a natureza feminina. Por vezes os argumentos associavam a torpeza da política à corruptível natureza feminina, assim, em um artigo não assinado, na edição de agosto de 1920, o autor afirma

Estou convencido de que a concessão deste direito a mulher brasileira aumentaria a corrupção eleitoral, a confusão política e administrativa, o caos da vida pública, sem algum proveito para a sociedade. E, isso, sem tomar em consideração o aviltamento e o nenhum decoro a que se exporiam as nossas mulheres. Este seria o progresso do caranguejo.²¹²

De modo geral, prevalecia a ideia de que a mulher pertencia ao âmbito do privado. Logo, o espaço público era interdito a elas. As falas dos detratores do feminismo mostram como a saída da mulher do lar para o espaço público, era de longe o que mais incomodava.

Em seu “Opinião do feminismo christão”, o autor aponta o feminismo como sendo o desejo da mulher de ter direitos, ainda que postos como sendo direitos dos homens, e assim os eram. Embora o texto já não acuse a mulher de querer ser homem, acusa-a de algo mais preocupante para os conservadores: de reivindicar direitos, em especial direito a uma atuação no espaço público, podendo ,e legislar e, ainda, trabalhar. Mas o trabalho a que o texto se refere é o trabalho remunerado, que era mal visto, especialmente para as mulheres de camadas médias e altas, pois, ao contrário do trabalho caritativo, visto como nobre e necessário, era tido como perigoso, pois trazia consigo uma emancipação feminina, e seu conseqüente afastamento do recolhimento do lar.

As mulheres andam fazendo barulho, agora no Brasil, para fazerem valer os seus direitos.

²¹² Opinião do feminismo christão. *In*: Revista Maria, ago. 1920. p. 107-108.

Os seus direitos? Não; ellas querem que os direitos do homem sejam os dellas. É a eterna questão do orgulho e da soberba humana. A mulher é feita para o lar e o homem para o trabalho que levanta e mantém e conserva o lar. Mas a mulher de hoje não quer isto assim. Ella deve deixar o lar, ir á rua, á repartição, ao parlamento, falar, trabalhar e legislar. Exatamente como não quer a Igreja.²¹³

Nas primeiras apreciações da revista acerca do feminismo, percebe-se um ataque frontal às ideias de emancipação feminina. Nesse primeiro momento, a máxima que prevalecerá é que o feminismo colabora para o desequilíbrio na sociedade, o ódio entre os gêneros e a masculinização feminina. Para convencer a leitora do quão pernicioso poderia ser o feminismo, algumas afirmações nos artigos da revista beiram a má fé. Por meio de informações distorcidas ou exageradas, o feminismo vai sendo apresentado pelos redatores da revista como a tentativa de construir um mundo desordenado, feito só por mulheres, inimigo dos homens.

Entende-se geralmente por feminismo o desejo immoderado que têm as mulheres de se emancipar. Considerando a liberdade sob um falso prisma, ellas desejam a todo transe libertar-se do jugo masculino. Querem formar um mundo a parte, onde só haja mulheres, para mostrar ao sexo forte que podem viver sem ser a sua sombra. Algumas chegam a dizer que não se importariam em cavar a terra, de trabalhar como telegraphistas, viajar como estafetas de correio e fazer outros serviços por natureza impróprios para o seu sexo, só para se verem livres do terrível inimigo que é o homem.²¹⁴

E embora os textos que antifeministas da revista apontassem por vezes outras questões, como a busca de direitos, o fantasma da “masculinização” feminina sempre voltava a rondar todo modelo de feminismo que a revista abordava, exceto, é claro, o feminismo cristão.

Feminismo não é essa emancipação ridícula que vemos proclamada e aclamada pela maioria das mulheres modernas, arrogando-se de direitos que lhes não competem, porque a mulher deve agir como mulher que é e não como homem. Feminismo não é dar-se ares masculinizados, fumar, cortar os cabellos e vir para a via publica numa independência que vae até ao esquecimento da moral, abafando o sentimento do respeito devido a Deus, aos superiores e á sua personalidade.²¹⁵

O ser feminino deve ser, antes de tudo, obediente a Deus e aos homens, e o feminismo, ao sinalizar para uma independência feminina, poderia desvirtuar facilmente essa premissa básica para a Igreja. A questão do feminismo estabelece

²¹³ Feminismo. *In*: Revista Maria, jul./ago. 1931. p. 192.

²¹⁴ Feminismo. *In*: Revista Maria, nov. 1916. p. 146.

²¹⁵ O feminismo. *In*: Revista Maria, dez. 1928. p. 296.

dentro da própria revista uma tensão, especialmente entre os homens que escrevem condenando-o de todas as formas e as jovens que escrevem para a revista, e, timidamente, defendem um modelo de feminismo mais moderado, que não coloca em xeque os valores morais adequados à mulher. De acordo com os estudos de Susan Besse, o feminismo no Brasil era fragmentado, multifacetado e difícil definição, para a autora,

O que significava ser “feminista” era um tema muito controvertido no Brasil, do final da década de 1910 até a década de 1930. As que se definiam como feministas iam desde “feministas católicas” que pregavam que “sem Deus, Pátria, Honra e Família não há feminismo possível”, até mulheres profissionais solteiras que buscavam modelos na Europa e nos Estados Unidos e consideravam que o emprego assalariado era o pré-requisito mais essencial para a emancipação feminina.²¹⁶

Para ridicularizar as propostas do feminismo que, na visão da revista, pareciam querer inverter as hierarquias sociais, a revista lançava mão de textos que atacavam o comportamento das “mulheres modernas”. Por vezes, utilizava-se também metáforas para mostrar os males de uma sociedade comandada por mulheres. É o caso da longa matéria publicada em dezembro de 1931, intitulada: “*As formigas. Como ellas vivem, praticam o feminismo, roubam, se aborrecem por causa da digestão e ficam calvas...*”

No longo texto que traz ilustrações de formigas em situações e trajés humanos, detalha-se os estudos de um tal “professor William Morton Wheeler da Universidade de Harvard”, especialista na sociedade das formigas. Na alegórica sociedade das formigas o texto afirma que

Em muitas especies, o macho tem succumbido ao poder crescente do sexo opposto. No Estado da Nova Inglaterra (Estados Unidos), ha, por exemplo, uma femea que conseguiu escravizar uma porção de machos, dominando-os completamente. Essas femeas conhecidas scientificamente como “amazonas” são verdadeiramente tyrannicas. Essas femeas de vontade forte são realmente bellas, de uma coloração vermelha. São essas creaturas ruivas modernas que vemos enchendo os palcos, as ruas e as avenidas das grandes cidades.²¹⁷

Vermelhas e modernas, essas formigas que escravizam os homens de sua sociedade são uma alusão às jovens feministas, que, constantemente, eram

²¹⁶ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 183.

²¹⁷ “As formigas. Como ellas vivem, praticam o feminismo, roubam, se aborrecem por causa da digestão e ficam calvas...”. In: Revista Maria, dez. 1931, p. 340.

também relacionadas ao comunismo e ao socialismo nas páginas da revista, daí as referências ao vermelho. Em vários momentos, a revista junta os três inimigos em um só: comunismo, socialismo e feminismo, males que poderiam desestruturar a sociedade. Os desenhos que ilustram o texto de três páginas são um complemento poderoso, da ideia de absurdo que se pretende comunicar.

Figura 7 – Ilustração do texto “As formigas. Como ellas vivem, praticam o feminismo, roubam, se aborrecem por causa da digestão e ficam calvas...”



Fonte: Revista Maria, dez. 1931, p. 340

Figura 8 - Ilustração do texto “As formigas. Como ellas vivem, praticam o feminismo, roubam, se aborrecem por causa da digestão e ficam calvas...”



Fonte: Revista Maria, dez. 1931, p. 340.

Tomando novamente Bertha Lutz como exemplo, ou como alvo, em outro artigo da revista, Luciano, pseudônimo de Napoleão Juvêncio de Albuquerque, descreve como as ideias feministas deixaram em desordem toda uma cidade que se deixou contaminar por Bertha.

No longo texto, Luciano conta a história do que ele chama de *“prognóstico de uma comédia que será representada no Brasil si o governo não tomar, em tempo, as providencias”* e segue narrando, com riqueza de detalhes, a vida de Bertha Lutz e de uma cidade cujas mulheres foram por ela influenciadas.

O desfecho da história se dá com a cidade em festa, com as mulheres voltando para suas funções de “mães e esposas modelares”, depois que exames com *“aparelhos modernos que a sciencia inventou para medir a maior ou menor quantidade de juizo existente no cerebro das mulheres”* diagnosticaram que o problema das ideias embaraçosas de Lutz era porque a mesma *“estava perdendo uma formidável quantidade de phosphato”*. A terapia recomendada para a recuperação de Bertha era o retorno ao lar. Importante perceber que a modernidade aparece muitas vezes de forma ambivalente, assim o feminismo, um dos males da modernidade, posto como doença, um discurso potente numa sociedade que tem a voz da medicina como legitimador de ações sociais, é diagnosticado com modernos exames, de uma ciência que não apenas legitima ações, mas que cria ações.

Se a masculinização da mulher era apontada como um efeito do feminismo, os homens que apoiavam tais mulheres eram postos como efeminados e/ou fracos e impotentes diante das “mulherzinhas á maneira de Bertha Lutz”

Após alguns annos de vida masculinizada resolve-se a casar.... [...] Bertha sonha dia e noite com o lar! O instinto fala mais alto que o feminismo! Resolve-se pedir um rapaz...
Receiando um esposo arrogante como ella, dá preferencia a um desses jovens de nosso tempo: - effeminado, doentio.²¹⁸

²¹⁸ Cousas do meu tempo... In: Revista Maria, abr. 1932. p. 86.

Doentio era ser um homem “efeminado”²¹⁹ ou uma mulher “masculinizada”. Essa espécie de “inversão” que os textos da revista constantemente atribuíam ao feminismo era uma ameaça velada a toda ordem social. Não se tratava apenas de conquistas de direitos. Ao apresentar a discussão sobre o feminismo neste patamar, a revista apostava na força da tradição e do conservadorismo para combater uma total inversão nos papéis sociais e de gênero. Denunciava-se que, sob a ótica de Lutz, os maridos cuidariam das crianças e da casa. Os filhos chorariam a ausência dos carinhos maternos e os homens amargariam a humilhação de *“supportar o peso da grande responsabilidade de criar filhos, não tendo mais quem administre a casa ou pregue botões na camisa”*.

O que chama atenção no texto é a própria lógica contraditória nele presente, pois, enquanto exalta os absurdos de uma sociedade com papéis invertidos, também reconhece indiretamente as dificuldades e a capacidade femininas, ao relatar a fala de Lutz - sem contestar - que as mulheres da cidade assumiram os cargos públicos e o fizeram com louvor uma vez que *“nunca o município foi tão bem administrado. Prefeitas, delegadas, collectoras, todas admiravelmente integradas ao seu officio.”*, a narrativa continua apontando que o grande problema é o fato de que *“não ha mais uma mulher, na cidade, que queira submeter-se a esta vida monotona de criar filhos, costurar, cozinhar. Numa palavra tomar conta de casa”*.

Colocando as tarefas de criar filhos, cuidar da casa e do marido como uma “grande responsabilidade” e também um fardo pesado, o artigo reconhece indiretamente as dificuldades de ser mulher, mas unicamente no momento em que as tarefas tidas como femininas são desempenhadas por homens. Não se exalta a mulher por conseguir exercer tais papéis, vitimiza-se os homens “humilhados” numa situação “lamentável”. Encerra-se a narrativa com a fala do desejo masculino, reivindicando ao governo que “para o bem e o sossego” da sociedade cancele *“as aspirações feministas no Brasil. Ao menos por alguns annos.”*, obrigando, por fim, o retorno da mulher ao lar.

²¹⁹ A figura do homem “efeminado” na primeira fase aparece apenas quando se refere aos homens que apoiam o feminismo. Na fase seguinte da revista, ou seja, a partir de 1932, a figura do homem efeminado aparecerá com mais frequência, especialmente nos escritos do grafólogo que apontará essa característica como uma falha comportamental que deve ser consertada. Falaremos sobre isso mais adiante.

O fato de atacar e tentar ridicularizar as táticas feministas para garantia de direitos iguais não era novidade na imprensa brasileira, mas o ataque era ainda mais fervoroso nos espaços mais conservadores, como o da imprensa católica.

Para Susan Besse, no Brasil das primeiras décadas do século XX, “dentre as estratégias antifeministas, a mais eficiente era talvez a ridicularização e a vulgarização do feminismo”²²⁰. Logo, não é de se admirar que um texto escrito em Maria siga o padrão da imprensa conservadora, principalmente porque era escrito por um homem. Mais do que isso, Susan Besse afirma que

Ao popularizar a ideia do feminismo, a imprensa banalizava sua seriedade e distorcia seu significado. [...], além disso, o ridículo era usado largamente para intimidar as mulheres e, com isso, manter o feminismo dentro de limites aceitáveis. As mulheres que eram ousadas a ponto de usurpar o que se considerava serem papéis masculinos eram seguidamente humilhadas e ridicularizadas como aberrações sexuais [...].²²¹

Com Bertha Lutz, esse ataque era constante, o nome preferido quando se tratava de ataques ao feminismo, nas páginas de Maria, era o dela. Bertha Lutz é considerada como uma líder incontestada do movimento feminista no Brasil. Filha de um médico suíço e uma enfermeira inglesa, ela nasceu em São Paulo, em 1894. Diplomada em Biologia (Universidade de Paris) e Direito (Universidade do Rio de Janeiro), secretária do Museu Nacional, desde jovem Bertha foi influenciada pelas ideias feministas e, ao longo da sua vida, lutou visando garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade brasileira. Sua militância girava em torno da educação, emprego e sufrágio femininos. Sua posição privilegiada na sociedade permitiu que mantivesse contatos com a classe política e intelectual brasileira, bem como contatos formais com organizações de mulheres nos Estados Unidos e Europa. Em agosto de 1922, Lutz fundou a FBPF (Fundação Brasileira pelo Progresso Feminino) segundo Besse,

À medida que a organização aumentou de tamanho, durante a década de 1920 e início da de 1930, passou a reunir sob o mesmo teto um grupo diversificado de organizações femininas, sufragistas, profissionais, cívicas e de caridade, de todos os Estados do Brasil. E suas associadas repartiam-se entre as que lutavam por assegurar às mulheres direitos sociais e políticos e as que se preocupavam principalmente em exaltar e louvar os papéis domésticos das mulheres.²²²

²²⁰ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 214.

²²¹ Idem. *Ibidem*.

²²² BESSE, Susan K. *Op. Cit.* p. 182.

Enquanto a FBPF ganhava visibilidade na sociedade brasileira, o nome de Bertha Lutz ganhava mais destaque nas questões que envolviam a atuação feminina na política e na sociedade e, ao mesmo tempo, acumulava a antipatia e a cólera dos antifeministas radicais. Na revista *Maria Lutz*, era a personificação do feminismo condenável, embora, como já foi dito, não tenha sido partidária do feminismo mais radical do período. Para Céli Regina Jardim Pinto, o feminismo representado por Lutz

Era, portanto um feminismo bem-comportado, na medida em que agia no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases da organização das relações patriarcais.²²³

Mais do que se aprofundar no que o movimento feminista propunha, os colaboradores da revista reduziam suas falas ao escárnio e à distorção das propostas femininas. O desdém para com os modelos feministas na sociedade tinha, por sua vez, um outro lado da moeda, que era a valorização e a explicação vaga de um “feminismo aceitável”, esboçado em linhas gerais, mas sem projetos ou propostas que não fosse a manutenção do *status quo* feminino ideal: mulher-mãe-católica, submissa ao gênero masculino.

O fato é que o feminismo, especialmente nas primeiras décadas do século XX, sofria – e ainda hoje sofre – forte resistência da sociedade conservadora, marcada pelo patriarcalismo associado ao catolicismo misógino.

Certamente o que mais chama atenção nas páginas de “*Maria*” é o esforço de propor uma alternativa ao “feminismo político”, especialmente sem abrir mão da palavra “feminismo”. A revista se esforça para propor um modelo de feminismo sem abrir mão da tradição que busca manter a mulher em posição de submissão ao homem, seja ele pai, irmão, marido, padre.

Apelando para a ideia de valorização da mulher na sociedade, mas a partir de alguns papéis a elas direcionados, o único feminismo legítimo e aceitável, na visão da revista, era um “feminismo antifeminista”, que, na análise de Susan Besse, caracteriza-se como um feminismo

cujo objetivo não era a consecução da igualdade entre os sexos, nem uma verdadeira emancipação intelectual e econômica para as mulheres. Na

²²³ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. Cit. p. 26.

verdade, jamais foi considerada a questão do benefício para as mulheres como indivíduos autônomos. A preocupação preponderante [...] era encontrar meios de absorver na cultura brasileira as mudanças socioeconômicas extremamente rápidas, sem alterar fundamentalmente as relações de gênero ou provocar competição e conflito entre os sexos.²²⁴

Com um viés próprio, o “feminismo cristão”, apresentado na revista, reivindicava para o cristianismo o papel de precursor do feminismo:

“O christianismo iniciou o movimento feminista e determinou o conceito da natureza e da missão da mulher. [...] As mulheres coadjuvaram as primeiras conquistas da Igreja nascente; [...] a epopéia do martyrio christão está cheia de episodios de heroísmo feminino, e a propagação do Evangelho em todos os séculos foi feita em grande parte pela acção da mulher. [...] O christianismo cercou a mulher de respeito no medioevo, tornou-a sacra e inviolavel e a coroou de pureza e de poesia. [...]”²²⁵

Ao que parece, para aqueles que escreviam para a revista, o termo feminismo era forte demais para que abrissem mão de utilizá-lo. A ideia de um movimento que buscava a valorização da mulher na sociedade, presente no termo “feminismo”, tornava o conceito “de capital importância”. Conquistar as mulheres para o feminismo cristão e cuidar para que o feminismo não caísse “nas mãos de astutos demagogos” ou se tornasse “monopolio do socialismo e anarquismo” povoavam as preocupações daqueles que gestavam a ideia de um feminismo que arregimentasse as jovens brasileiras sem promover mudanças na ordem social estabelecida.

Quando escrevem sobre feminismo, este vem sempre acompanhado de um qualificativo que o diferencia e tipifica o bom feminismo do mau feminismo. Para justificar sua postura contrária a alguns direitos que eram bandeiras de luta das feministas brasileiras, como o voto e o direito à educação formal e a uma vida profissional, justificavam-se colocando tais direitos como a base de males futuros, afinal, permitir à mulher o direito a uma vida pública (e ao fim dos argumentos era isso o que mais incomodava) fora da tutela do homem, seja ele marido, pai ou irmão, era permitir o desvirtuamento do papel feminino na sociedade.

Nos primeiros ataques ao feminismo e suas ideias de emancipação, a argumentação gira em torno da figura chave do feminino no catolicismo: Maria-mãe. Fora dessa função social, a mulher é apontada como incompleta, e o feminismo

²²⁴ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 207.

²²⁵ Mulher socialista e mulher christã – A Mulher christã. *In.*: Revista Maria, jul. 1920. p. 97.

como a verdadeira ameaça ao lar. Em busca de sua independência, a mulher deixaria de ocupar sua principal função social e com isso a infelicidade e o desregramento social precipitaria as famílias no caos da desestrutura representada pela meia mulher, ausente do lar e do berço,

A posição normal da mulher é a de esposa e de mãe; desapareçam a esposa e a mãe por cujas funções ella se acha em nível inferior o homem; despreze-se a maternidade, isto é, a mais nobre, a mais necessaria e imprescindivel função da mulher. [...] O lugar da mulher é principalmente perto dum berço; em outros logares seria uma usurpadora. A mulher se enobrece na maternidade. Diz A. Oriani: “Sem a mulher, inteiramente mulher, a creança não vive; sem a mulher, inteiramente mãe, esposa, irmã, filha, a vida é vasia;²²⁶

Os artigos da revista, no entanto, tinham um cuidado especial em reafirmar constantemente que não eram contra a uma “emancipação feminina”, mas era de extrema importância que tal emancipação ocorresse dentro de padrões estabelecidos pela Igreja. Assim “Maria”, em sua primeira fase, fortalecendo a tradição enquanto observa diligentemente as discussões da modernidade, é locus privilegiado de um discurso que defende uma emancipação limitada para o seu público feminino. Tudo para que possa garantir que a mulher continue se fortalecendo na sociedade no mesmo instante em que se constitui um pilar importante para essa Igreja romanizada das primeiras décadas do século XX.

Daí a importância de oferecer uma espécie de terceira via à leitora. Colocando-se como uma opção equilibrada entre os “conservadores extremados” e os “revolucionários socialistas”, a revista prega e defende o “feminismo cristão” que oscila entre a defesa de alguns direitos femininos e a imposição de muitos deveres a essa mulher cristã, que deverá aprender a dosar entre o que a modernidade oferece – direitos políticos, instrução, formação e profissões diversas – e o que a tradição lhe cobra – maternidade, obediência, recato. Assim, o feminismo cristão se transforma também numa leitura da modernidade oferecida pela tradição, em que se apoiam algumas mudanças para que as coisas não mudem aprofundadamente.

Talvez por isso, aliás, os estudiosos do feminismo no Brasil não tenham considerado a proposta católica do “feminismo cristão”, posto que, se para alguns, o feminismo de Bertha Lutz já é tido como um feminismo “bem comportado”, o que dizer do feminismo cristão? Entretanto, insistimos que o modelo proposto pela

²²⁶ Mulher socialista e mulher christã. In: Revista Maria, jun. 1920. p. 79-80.

revista Maria é um modelo que deve ser considerado, uma vez que demonstra que mesmo um movimento/conceito revolucionário como se propunha o feminismo em diversos momentos, também pode ser apropriado pelo conservadorismo, o qual, a partir de uma releitura em sintonia com os valores da tradição, cria seu próprio conceito e passa a sugerir-lo ao grupo alvo.

Não apenas isso, a ideia do feminismo cristão foi adotada pelas leitoras e escritoras da revista, que viam no modelo propagado pelos conservadores da revista um espaço ajustável e confortável entre o movimento que pregava sua emancipação e o movimento que pregava sua total submissão. Sem, portanto, entrar em atrito direto com a Igreja, era um vago que poderia ser preenchido paulatinamente com as demandas que a modernidade lhes acenava.

O feminismo cristão, mais do que ficar entre duas propostas de atuação da mulher na sociedade, oscilava entre temporalidades, ora avançando em direção às demandas da modernidade - que se instaurava de maneira inevitável – ora em direção à tradição católica, retornando aos valores que tentava manter incontestáveis, tais como a mulher submissa e restrita ao lar. Nos próprios escritos da revista, essa multiplicidade de temporalidades aparece nas apreciações em torno do feminismo:

A doutrina antiga, porem sempre nova da Igreja a respeito das mulheres, doutrina tão excellentemente exposta nas epistolas de São Paulo, não tem nada em si que possa deslustrar a grandeza social da mulher que pode ser, como foi hontem, hoje e amanhã, dentro da esfera da moral cristã, o orgulho da familia e a ufanía da sociedade moderna. Não se confunda, porem, o pensamento da Igreja com a caprichosa opinião de intransigentes que não contemporizam com *uma certa emancipação* da mulher, digo melhor, com *um certo feminismo acceitável* que honra o bello sexo. (itálico no original)²²⁷

Ignotus, ou melhor Xavier Pedrosa, acusa de intransigentes aqueles que não coadunam com a ideia de feminismo aceitável proposto pela revista, que, por sua vez, só concebe a atuação social da mulher “dentro da esfera da moral cristã”, reivindicando, para isso, a força da tradição católica representada pelas escrituras, para se fazer presente na sociedade de então, visando à construção de um futuro, em que a mulher continuaria sendo o “orgulho da família cristã”, ou um futuro onde

²²⁷ Eu penso que... In: Revista Maria, jul. 1923. p. 125.

ela permaneceria em silêncio, como proposto em uma epístola de Paulo²²⁸, cujas cartas o clérigo exalta.

A ideia de um feminismo filho da tradição e, por isso, aceitável é o mote principal do feminismo cristão, que prega o cristianismo como o primeiro e mais legítimo movimento feminista da história, posto ter sido ele que “deu dignidade e proteção à mulher”.

Um feminismo que compadece com o bello sexo é o feminismo domestico. A mulher é a senhora e a rainha do lar christão. Ali o seu throno, ali o theatro de sua acção fecunda, ali é seu parlamento, ali a sua academia [...] Nas ruas a sua actividade só se entende bem na pratica da piedade ou no apostolado da caridade ou das causas da fé.²²⁹

A mulher católica, portanto, só deve vir a público no exercício da defesa da fé e suas causas. Em público sua missão é a caridade e, em sociedade, seu lugar é no lar.

Em linhas gerais, o feminismo proposto pela revista, durante sua primeira fase é um feminismo que só reconhece o protagonismo feminino dentro do lar, o público não lhe é recomendado. Anti-sufragista, a proposta cristã aponta a participação feminina na política como um princípio de mácula e perdição para a mulher, e de desestruturação da sociedade e da família.

Para essas mulheres que se não occupam dos direitos de votos, nem com as futilidades de uma moda indecorosa e irritante, mas que fazem da caridade cristã e dos deveres do lar o seu apostolado, o que, a meu ver, é o unico feminismo acceitavel, a minha, a vossa, leitores, a oração piedosa de toda a comunidade christã.²³⁰

Quando o sufrágio feminino virou uma realidade, sendo aprovado em 1932, a revista muda um pouco o tom do discurso. Assim, a participação, especialmente das Filhas de Maria, para que se alcance as demandas políticas da Igreja, passa a fazer parte do feminismo aceitável, mas dentro das orientações

²²⁸ Na carta de Paulo a Timóteo (1 Timóteo 2:11) lê-se: “11 Que a mulher aprenda em silêncio, com plena submissão.+ 12 Não permito que a mulher ensine nem que exerça autoridade sobre o homem, mas ela deve ficar em silêncio.+ 13 Pois Adão foi formado primeiro, depois Eva.+ 14 Também, Adão não foi enganado, mas a mulher foi totalmente enganada+ e se tornou transgressora. 15 No entanto, ela ficará a salvo tornando-se mãe,+ desde que ela continue na fé, no amor e na santidade, tendo bom senso.”. Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/b/r5/lp-t/nwtsty/T/2018/54/2#study=discover&v=54:2:12>. Acesso em: 14 mar. 2019, às 16:20.

²²⁹ Os direitos da Mulher. *In*: Revista Maria, jul. 1922. p. 102.

²³⁰ Um feminismo aceitavel. *In*: Revista Maria, mar. 1925. p. 46.

católicas. Para a revista, o importante é que as Filhas de Maria tomassem a frente do “feminismo moderno”, levando como bandeira o feminismo cristão.

E deixaremos que o feminismo moderno seja manejado por mulheres sem fé, sem ideal christão?

Haveremos de deixar que se alistem que votem leis contra a Igreja, contra a moral catholica, que façam com o concurso da mulher, do Brasil novo, uma Russia, um novo Mexico, uma nova Espanha?

Se as Filhas de Maria não entrassem todas unidas, com um só pensamento, formando um só corpo de acção, ellas teriam depois o remorso de um criminoso e Deus lançaria sobre ellas o anathema que feriu as virgens imprudentes, porque não trouxeram ás festas do Esposo, na hora oportuna, o azeite das boas obras, do amor de Deus e do proximo. [...] É preciso ouvir, atender, para unidas, trabalhar com o mesmo ideal e para a mesma causa.²³¹

Conquistar o monopólio do “feminismo moderno”, a partir da atuação das mulheres católicas, em especial as Filhas de Maria é a proposta da revista. Atentos ao poder aglutinador das ideias feministas que cobravam o direito de participar mais ativamente da vida pública no Brasil, as Filhas de Maria, com a ajuda da revista que poderia uni-las “num só pensamento”, fazendo delas “um corpo de ação”, constituíam-se como um grupo ideal para defender os interesses católicos, numa emancipação tutelada que mesclava a ideia de mulher politicamente ativa – quando assim as questões envolvendo a Igreja Católica exigissem – mas que não se distancia demasiadamente do lar, seu espaço por “natureza”.

A proposta católica também se dizia favorável à “cultura da inteligência” feminina, contanto que, mesmo instruída, a jovem não fugisse ao projeto que a tradição cristã construía para ela. A instrução feminina que o feminismo católico apoiava era aquela voltada para os afazeres domésticos, bem como para as funções de esposa, mãe dedicada e, também, para os trabalhos sociais, com ações caritativas.

Uma moça que se emprôa, atravessa o limiar da casa e vem dizer: eu quero aprender gynecologia, pedagogia, tachgraphia e toda a sciencia em ia e gia, com desprezo das virtudes femininas merece na verdade que sua mamãe lhe diga com bem amor e muita energia: Meu bem, primeiro é preciso saber versadamente agulhographia, panellologia, cosinhologia, etc... Depois então bem, sim bemzinho?!

²³²

Ignotus, um dos pseudônimos usados por Xavier Pedrosa, conclui que o feminismo aceitável é aquele em que os papéis sociais permanecem inalterados. Se

²³¹ A federação das Filhas de Maria e a Acção Catholica. *In*: Revista Maria, dez. 1932. p. 282.

²³² Eu penso que... *In*: Revista Maria, jul. 1923. p. 126.

a modernidade acena para a mulher com o saber formal e as ciências, a tradição se mantém alertando sobre a necessidade de que a mulher permaneça no lar. O feminismo defendido por Xavier Pedrosa, com referendado pela revista, só concebia a atuação feminina na esfera do lar. Não ousava mais falar contra a necessidade da mulher instruir-se, mas essa instrução, especialmente nas ciências humanas, deveria ser voltada para sua “sagrada função” de “rainha do lar”, cujos súditos – seu esposo e filhos – seriam influenciados e formados por ela.

Um feminismo aceitável, louvável e digno é o que, sem recusar que a mulher se illustre em qualquer ramo das sciencias humanas, lhe abre sempre os olhos de mãe e de esposa e diz: O lar é o throno de tua grandeza, toma o sceptro do amor, cinge a tua fronte com o loiro da honra e impera. Súbditos e vassalos submissos serão teu esposo e teus filhos que serão também a tua gloria.²³³

Aqueles que escreviam contra a chamada emancipação feminina e contra certa leitura de feminismo, tinham o cuidado de se colocarem como apoiadores do progresso feminino. Mas um progresso tutelado e, principalmente, que não estivesse ligado à independência feminina.

Deixemos de parte os vãos preconceitos do mundo moderno, e confessemos com destemor que sem Deus, sem a vida eucarística, a influencia da mulher na sociedade moderna será forçosamente de efeitos desastrosos. Teremos a emancipação da mulher, mas esta emancipação defendida por um feminismo mal interpretado, que outro não é que a completa independencia da mulher, independencia esta que é condemnada pelos princípios da moral catholica.²³⁴

Assim, a instrução e emancipação femininas são apontadas como adornos que deveriam atender os caprichos femininos despertados com a modernidade. Aceitar que as mulheres busquem tais atributos enquanto se reforça a necessidade de permanência nos moldes tradicionais do catolicismo é uma concessão mediada, permite-se uma mudança para que a essência permaneça.

Guiomar de Sá Fonte, partindo do pensamento mais conservador da Igreja sobre o feminismo aceitável, também propõe uma leitura de feminismo cristão. Para ela, o que prevalecia com relação ao feminismo era um mau entendimento dele mesmo, e que era necessário entender que nem todo feminismo era condenável.

²³³ Eu penso que... *In*: Revista Maria, jul. 1923. p. 127.

²³⁴ O feminismo. *In*: Revista Maria, dez. 1928. p. 296.

O feminismo não é o que muitos pensam ser, entendendo ser elle a luta entre sexos, o individualismo tolo e egoísta das mulheres, a supressão da sublime missão no lar, lançando-as para o trabalho da vida publica como competidoras do homem.

Não. É um grave erro conduzir-se o feminismo por esse caminho. Grandes e graves são os erros do feminismo, não ha duvidar, erros que causam sérios males para a sociedade e para a família. Mas, é condemnavel um movimento só pelas erradas convicções dos seus pioneiros, e a nós não nos assiste o dever de pugnar por esse movimento de tão legitima defesa?²³⁵

Apropriar-se do movimento, cujas pioneiras têm convicções “equivocadas”, e imprimir nele a marca do catolicismo “esclarecido” das Filhas de Maria é a base da proposta de Guiomar. Para ela, o feminismo era um movimento legítimo, só precisava ter corrigidas algumas de suas rotas. Fazer valer o feminismo católico era uma exigência da modernidade e um dever da Filha de Maria se envolver em tal obra.

Longe de se masculinizar, em prejuízo das delicadezas do seu sexo, tem a mulher os seus direitos e o seu ideal. A mulher intelligente e culta é capaz dos maiores empreendimentos quer no campo das letras, das sciencias ou da acção social. [...]

É um dever da mulher a sua intervenção nos problemas sociaes da actualidade. Muito há que fazer – reorganização moral da familia e da sociedade; obras de protecção, especialmente ás moças operárias; patronatos; escolas catholicas; obras de beneficencia para operários, e outras muitas que seria longo enumerar.

Urge, pois, a realização desse ideal do feminismo catholico, que é a acção social feminina, e tal exige o estado da sociedade moderna.

É um dever a cumprir e sejamos as pioneiras do feminismo catholico, dando-lhe o trabalho de nossa intelligencia as nossas energias, a nossa boa vontade e o nosso coração.²³⁶

Mesclando em um só discurso questões como instrução feminina, masculinização, problemas e obras sociais, a questão do operariado, Guiomar apresenta uma visão do feminismo católico, o qual, apesar da forte influência do discurso mais conservador, afirmando que “O grande movimento feminista surgiu, portanto, do Evangelho”, coloca a mulher como protagonista de lutas sociais, com direito à instrução, e reivindicações por direitos da mulher, sem, no entanto, sair da tutela do Evangelho. Mas não é para todas as mulheres católicas que Guiomar propõe a ação feminista, e sim para as mulheres católicas letradas, seriam elas as representantes desse feminismo o qual traz uma vertente que se volta para obras assistencialistas direcionadas aos menos abastados, operárias em especial. Com

²³⁵ O feminismo. In: Revista Maria, dez. 1928. p. 296.

²³⁶ O feminismo. In: Revista Maria, dez. 1928. p. 296-297.

um claro recorte de classe, dividindo as mulheres entre as cultas e as trabalhadoras que merecem atenção das obras de proteção, a Filha de Maria surge como a conselheira, a tutora da mulher pobre, operária, a qual deverá ser objeto do cuidado, da caridade e da formação proporcionadas pelas marianas.

A questão operária ao que parece era importante para Guiomar e sua concepção de obra social feminina. Em mais de uma ocasião, seus escritos na revista indicam o lugar que tal temática ocupa nas reflexões dessa Filha de Maria.

O trabalho, escola da virtude tornou-se por assim dizer a trilha da perdição. E por que, então o trabalho ao invés de dignificar a mulher avilta-a por vezes?

É o caso do trabalho portas a dentro das fabricas e officinas, onde falta o apoio moral a essas pobres moças que se acham na luta do pão quotidiano. Faz-se mister uma disciplina austera no regulamento interno.

Quando, em muitos estabelecimentos, não haja essa disciplina, baluarte de defesa para as mulheres que nelles trabalham, faz-se mister a acção feminina em pról da melhoria das condições das classes laboriosas. Desenvolva-se essa acção feminina junto aos dirigentes das fabricas, das officinas, para que dentro dos seus regulamentos tenha parte primaria a austera disciplina, que para as operarias é o apoio moral nos perigos por que atravessa na vida de trabalho.²³⁷

Como já sinalizamos anteriormente, o trabalho feminino na revista Maria se reveste de diferentes significados, os quais trazem em si um recorte que é tanto de gênero, como de classe. O trabalho da Filha de Maria é de ordem caritativa, espiritual e intelectual, posto que elas são colocadas – e também se colocam – como mulheres de camadas mais abastadas. Quando a mulher operária começa a figurar nas preocupações da revista, aparece não como Filha de Maria, mas como aquela que, sendo desprovida da fortuna, condenada à luta pelo pão cotidiano, precisa de ajuda, orientação e de alguém que as proteja diante da dura realidade do mercado de trabalho da mulher pobre, em especial aquelas que trabalhavam nas fábricas. Afinal, à mulher pobre, embora invisibilizada, o trabalho nunca foi vedado, porque a ela não foi dado escolha.

Nesse sentido, a operária entra na pauta da Filha de Maria como objeto para o exercício de sua caridade. Não se questiona a exploração das operárias, ou se propõe uma mudança de suas condições sociais. A proposta é que se ofereçam paliativos para as condições degradantes das operárias, a partir das ações de caridade das Filhas de Maria. Afinal, como nos lembra Pedro Holanda Filho

²³⁷ Acção femininina na defesa da moral das operarias. *In*: Revista Maria, abr. 1930. p. 79.

A caridade se torna um instrumento de poder, pois é vista como algo essencialmente bom, um valor universal da Igreja Católica e, desta forma, praticamente inquestionável. No entanto, a caridade não se dá no vazio, se faz necessária à existência de pessoas carentes, em situação que presuma ajuda, como doença, desemprego, falta de alimentos, roupas, moradia, enfim, é necessário a existência da pobreza para que haja o caridoso, a instituição de caridade. Não interessa o fim da pobreza, mas antes ações paliativas que proporcionam conforto momentâneo, que justifiquem a riqueza material de alguns e demonstre como aquele que pratica a caridade é bondoso e necessário para o funcionamento da engrenagem social.²³⁸

Não se contentando em defender uma moralidade austera nas fábricas, Guiomar elege como uma condição da vivência política das Filhas de Maria a atuação em prol dos direitos das operárias. O discurso de Guiomar em torno das operárias brasileiras é uma amálgama da visão católica de moralidade para as filhas de Eva e da visão moderna que as mulheres devem ocupar as disputas políticas em torno de seus direitos, mas deixando claro que há uma diferença entre as que devem lutar para garantir certos direitos e as que são apenas vítimas infortunadas a serem ajudadas pela caridade cristã.

A legislação protectora das operarias está a merecer a nossa atenção. E far-se ha ella sentir até que as mulheres possam defende-la, revestidas do direito que lhes compete na politica. A mulher intelligente e de cultura tem de vir para o campo da politica em defesa dos direitos da mulher pobre, da salariada, da que vive longe de um lar proprio, em combate á miseria por meio do trabalho exhaustivo da fabrica ou de outras oficinas.²³⁹

E quando se tratava dos direitos das operárias, o discurso de Guiomar pleiteia mais do que moralidade e denuncia a exploração da mão de obra feminina, e as injustiças sociais do “progresso industrial”.

É uma verdade que o progresso industrial tem degenerado em uma verdadeira chaga social ao invés de se tornar a gloria da epoca. Como afirmação não há mais do que a situação penosa das nossas operarias. Ha patrões sem consciencia, que têm suas operarias presas ás machinas sem descanso, exigindo mais do que podem as forças. Para muitas nem o descanso dominical é permittido. Os nossos legisladores pouco ou nada têm feito em beneficio da operaria.²⁴⁰

²³⁸ HOLANDA FILHO, Pedro. **O Barão da caridade: a morte de Guilherme Studart e a invenção de uma vida exemplar (1856 – 1938)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. p. 81.

²³⁹ Idem. Ibdem.

²⁴⁰ Idem. Ibdem.

Apelando para a valiosa ideia da caridade cristã, Guiomar encerra seu texto afirmando que tomar a questão dos direitos das operárias como uma bandeira a ser defendida é uma obrigação de todas as mulheres católicas, como ação social e também como ação católica, um pensamento que não destoava também do feminismo representado pela FBPF, que, segundo Susan Besse, mantinha vínculos frágeis com as mulheres pobres e tinha para com as operárias uma atitude paternalista e ainda eivada de temores e preconceitos.²⁴¹ Pois, ainda como nos lembra Holanda Filho, “a caridade é posta a partir das relações de poder, pois é uma forma de dominação sutil, já que domina oferecendo, agradando, colocando os mais abastados como ‘bons’, naturalizando as relações sociais”²⁴².

Em fins da primeira fase e início da segunda, os escritos de Guiomar Sá Fonte vão ganhando mais espaço dentro da revista. A partir deles, de suas opiniões e ideias, Guiomar estabelece uma tensão que parece ser inerente às questões e demandas do período. Em seus escritos há sempre uma mescla entre as ideias e valores da tradição católica, sintonizada com as pregações do clero, além de ideias e demandas da modernidade que é desejo e repulsa na vida dessas mulheres, as quais não querendo abrir mão de seu espaço conquistado na igreja, também já não conseguem totalmente se desvincular da modernidade que presenciavam.

3.4 A LEITORA DE MARIA SOB A ÓTICA DE UM SACERDOTE – A GRAFOLOGIA E A “CIÊNCIA” DO JULGAMENTO.

De todas as seções de longa existência da Revista, nenhuma delas contava com mais popularidade e entusiasmo do que a seção intitulada “Graphologia”. Iniciada na edição de Maio de 1929, o intuito era trazer uma leitura amena, divertida, que despertasse interesse nos leitores da Revista.

Ao que parece, partindo das falas presentes na revista, a grafologia era um assunto em evidência e que despertava muito interesse, a ponto de ser apresentada pelo grafólogo como “*um facto consummado, no domínio das sciencias experimentaes, no campo dos estudos de observação. O seu valor modernamente é indiscutivel.*” A seriedade e validade da neo-ciência, aliás, será ferrenhamente defendida ao longo da existência da seção de Graphologia. A modernidade

²⁴¹ Cf. Besse, Susan. Op. Cit. p. 194.

²⁴² HOLANDA FILHO, Pedro. Op. Cit. p. 81.

também será ponto de exaltação, pois, ao que parece, a modernidade técnico-científica era um canto sedutor até mesmo para a conservadora Igreja.

A popularidade da grafologia, aliás, não era uma exclusividade da revista Maria. Pesquisando outras publicações que circulavam pelo país na década de 1920, especialmente as mais conhecidas, é possível encontrar secções que trazem a grafologia como atrativo, como o caso do semanário Fon Fon, publicado no Rio de Janeiro, que em 1923, em sua secção “Saibam Todos”, que tinha em princípio um caráter informativo geral. Mas, depois que o autor passou a oferecer análises grafológicas, era essencialmente isso que as leitoras buscavam: “*Pouco a pouco a minha secção vae perdendo o ser character informativo. Sabia, até aqui, que fôra eleito grafólogo pela maioria das minhas illustres consulentes.*”²⁴³, queixava-se Yves.

Já as revistas Paratodos, O Malho e o Jornal do Brasil, em 1920, traziam em suas páginas secções de grafologia. Em alguns jornais também desse período, tais como Jornal do Recife e Diário de Pernambuco, ambos de Pernambuco, e Correio da Manhã do Rio, traziam anúncios de pessoas que ofereciam serviços de grafologia com cartomancia, vidência, etc. como Mme. Celia, no Jornal do Recife²⁴⁴ e Mme. Delta no Diário de Pernambuco²⁴⁵.

Na revista Maria, o foco inicial da secção de Graphologia, de acordo com os editores, era tornar a revista mais atrativa, especialmente em uma época quando a concorrência de publicações direcionadas ao público feminino só aumentava.

Sob o pretexto de atualizar-se e modernizar-se melhorando a comunicação com as leitoras, mas sem descuidar da tradição e dos preceitos católicos, a grafologia é apresentada como uma ciência moderna e útil.

A revista Maria, na ânsia de mais utilidade e melhor comunicação com os seus leitores, não poupa esforços para que apareçam, cada vez mais movimentadas e mais interessantes as suas paginas. Obedecendo estrictamente, severamente, aos mínimos preceitos da Santa Madre Igreja Catholica, ella procura, dentro deste limites, - mais amplos do que possam parecer aos infieis - variar os assumptos, multiplicando a sua matéria a fim de que possa interessar destarte a todos os paladares. É assim que cumprindo esta finalidade ella inicia hoje a sua secção de graphologia, que fica desde este momento ao inteiro dispor dos leitores, para os quaes unicamente foi criada.²⁴⁶

²⁴³ Fon Fon. Secção Saibam Todos. Ed. 0047. 24/11/1923. p. 97.

²⁴⁴ Jornal do Recife do dia 10/06/1928. p. 08. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁴⁵ Diário de Pernambuco do dia 16/01/1920. p. 06. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁴⁶ Graphologia. In: Revista Maria, maio 1929. p. 101.

A despeito das dificuldades e atrasos encontrados para chegar à redação da revista, várias são as cartas ávidas por um perfil grafológico. Já na edição de agosto de 1929, o grafólogo pedia desculpas pelos atrasos na publicação de perfis, pois eram muitas as cartas recebidas e curto o tempo hábil para respondê-las. Certamente, nem mesmo a direção da revista imaginava o sucesso daquela secção que continuaria sendo editada por muitos anos, com uma concorrência cada vez maior, por parte das leitoras que queriam ver a análise de seu perfil a partir da caligrafia.

Antes de nos aprofundarmos nas possibilidades da secção de grafologia, faz-se necessária uma ressalva: obviamente não é nosso intuito aqui julgar a veracidade e a legitimidade das análises apresentadas na secção. Isso, inclusive, em alguns momentos é feito pelas próprias consulentes. O foco aqui são as relações que as leitoras vão estabelecendo com a revista e com o interlocutor responsável pela análise grafológica, o autodenominado “Mestre Grafólogo”. Buscamos aqui perceber como, a partir da busca dessas mulheres por um perfil grafológico, o grafólogo vai construído imagens e tipos de mulheres, apontando com mais assiduidade suas falhas do que suas qualidades. Ao que parece, na análise do mestre grafólogo, é mais importante lembrar às leitoras de sua natureza de Eva do que de sua posição de “irmãs de Jesus”.

Para ter a escrita analisada, exigia-se um farto material das interessadas e constantes eram as queixas do grafólogo sobre “material insuficiente”, o que poderia influenciar na precisão da análise, segundo ele. As recomendações para envio das cartas a serem analisadas eram muitas: pediam cartas e escritos de diversas épocas, em papel não pautado, letra “sem afetação nem dissimulação”.

As orientações eram muitas e, certamente, não era fácil atender a todas, daí a constante queixa de material insuficiente para a análise. Orientavam-se as interessadas a mandarem escritos próprios, cartas, diários, e desaconselhava-se o envio de cópias de textos ou poemas.

O material deve constar de cartas, não cartões ou copias nem temas. Quanto mais abundante o material, mais garantia pôde o mestre Graphologo oferecer. Material deficiente e reduzido facilmente dá resultados falsos. Se fôr possível, mandar cartas escriptas em diversas épocas e annos, tanto melhor. Se possível, o papel deve ser sem pauta. A letra deve ser a normal, como costuma escrever, sem affectação nem dissimulação. Uma carta única, pôde ser examinada mas não offerece base suficiente para um verdadeiro estudo de methodo objetivo de Psychologia experimental, pois que pôde depender e realmente depende, do estado em

que se achava a pessoa quando escrevia. Por esse motivo são de tanto valor varias cartas, escriptas em annos diversos. Não esquecer as datas das cartas, pelo menos os annos.²⁴⁷

Sem colocar em questão a eficácia técnica da grafologia, pode-se inferir, sem dificuldades, que os escritos pessoais eram tão ricos de possibilidade de análise quanto à própria escrita em si, reduzindo as chances de erros do vaidoso “cientista”. A preferência por escritos de anos diversos era justificada para que fosse analisada a “evolução” da consulente.

O anonimato era um ponto importante, tanto para o Mestre Grafólogo quanto para as consulentes, uma vez que era recomendado o uso de pseudônimos, e, caso a consulente se esquecesse de escolher um, o perfil era publicado somente com as iniciais de quem escreveu, nunca com o seu nome por extenso, era o que se garantia desde a primeira secção. Entretanto, ocorriam casos em que o nome era revelado, como é o caso de uma figura conhecida da sociedade pernambucana: *“Por um descuido lamentavel foi publicado o verdadeiro nome de um distincto magistrado e homem de letras, de Ipojuca, a quem peço desculpas.”*²⁴⁸ A função do historiador é inquirir a fonte, por isso, é oportuno questionar até que ponto o descuido de divulgar, entre todos os consulentes que enviavam cartas ao grafólogo, justamente o nome de uma figura de renome na sociedade pernambucana. “Um magistrado e homem de letras” se dirigindo a secção com o intuito de ter sua escrita analisada, certamente dava um tom de confiabilidade à “ciência” que o grafólogo insistia em colocar como confiável e legítima.

Se o fato de consultar o grafólogo, com sua “psychologia experimental”, era motivo de constrangimento para as leitoras, não sabemos ao certo, já que o pseudônimo era uma exigência do grafólogo, entretanto inferimos que, por se tratar de uma análise das qualidades e defeitos das consulentes, certamente havia o medo de seus defeitos serem mais numerosos que as qualidades, o que não era raro ocorrer nos perfis, comprometendo a imagem pública das consulentes.

Como se pode ver, não eram apenas as leitoras que tinham a curiosidade aguçada em torno dos perfis grafológicos. Vários foram os homens que escreveram em busca de terem seus caracteres psicológicos publicados na revista. Os perfis masculinos, no entanto, seguiam outro tom de análise, deixando mais uma vez bem

²⁴⁷ Graphologia. In: Revista Maria, set. 1930. p. 217.

²⁴⁸ Idem. Ibidem.

claro como o mestre via de forma muito diferente as qualidades masculinas e os defeitos femininos.

O mestre grafólogo é um personagem que merece um pouco de nossa atenção. A princípio, mostra-se sucinto em suas análises, apenas listando os caracteres de cada personalidade perfilada. No entanto, à medida que a procura pela secção vai aumentando, e ele vai ganhando mais espaço na revista para responder às cartas enviadas, o mestre começa a mostrar um pouco de sua personalidade ranzinza, fala um pouco de si mesmo, além de tentar estabelecer uma relação mais amistosa com a leitora.

Pedidos de oração, queixas de cansaço e pedidos de desculpas sempre que diz algo mais ríspido sobre a personalidade em análise, parecem ir criando um elo de empatia entre o mestre e as leitoras.

Uma aura de mistério alimentada pelo próprio mestre começa a ser criada em torno da verdadeira identidade do “velho grafólogo” e desperta ainda mais o interesse das leitoras, que passam a querer, além do seu perfil publicado, descobrir quem é o misterioso “mago” da grafia. Ao que parece, tal jogo de esconde-esconde também envaidecia o anônimo grafólogo que fazia questão de registrar em sua sessão a curiosidade em torno de sua identidade. A cada curiosa leitora que buscava descobrir sua identidade, o mestre fazia questão de responder, e o mistério em torno de quem era o grafólogo se tornou, também para muitas, um desafio a ser solucionado. A consulente “Saudade Occulta” do Recife, arriscou um palpite, e em troca recebeu uma “pista”.

Como sabe que sou frade? Por alguém me ter endereçado o tratamento de Frei, pensam que sou frade. Uns me dizem padre, dom, frei, conego, monsenhor! Outros me julgam medico, velho, rapaz. Arre! Bem, de uma cousa não faço segredo, sou sacerdote. Quanto ao resto, não queiram saber quem sou eu. Se ficar conhecido, foi um dia a secção de graphologia da revista “Maria”...²⁴⁹

Para o grafólogo a existência da secção estava condicionada ao seu anonimato, com isso o julgamento de um anônimo parecia ter mais credibilidade que o julgamento de um sacerdote conhecido. O fato de reivindicar o estatuto de ciência, além de ser uma técnica que buscava influenciar no comportamento dos consulentes através de apontamentos de falhas e virtudes, a figura do padre parecia

²⁴⁹ Graphologia. In: Revista Maria, jul. 1931. p. 184.

tornar a técnica mais suspeita do que confiável. Afinal, o anticlericalismo no Brasil não era exatamente um fenômeno isolado.

A real identidade do mestre grafólogo foi mantida em segredo, mesmo depois que ele se aposentou e entregou a secção para um substituto. No entanto, a curiosidade em torno de quem ele era, se as consulentes o conheciam pessoalmente (no caso das que moravam em Recife) era um mote constante na revista e, certamente, ajudava mais ainda na popularidade da secção.

Nas primeiras secções de exame grafológico, os termos da relação consulente-grafólogo não pareciam estar claros, logo o mestre grafólogo dirigia suas análises de forma unilateral, apontado àquilo que lhe parecia mais conveniente. O que torna tais secções muito reveladoras do julgamento que o mestre grafólogo fazia do gênero feminino.

Onélia

Caracter quasi formado. Organismo fraco. Chora com muita facilidade? Tem nervos fracos. Idealista, no mesmo sentido de Violeta. Energica e ... (Digo tudo minuciosamente? Olhe não fique zangada) cabeçuda. (Não é só defeito, pôde ser virtude. A gentil consulente poderá facilmente, disciplinando a vontade, chegar a grande tenacidade e persistencia. Não queira ser tenaz do mal, viria a ser muito má. Seja tenaz no bem e será uma heroína ou uma santa. Os caracterese assim são a materia prima das grandes causas. Inteligente. Sincera (Entenda-se sinceridade feminina). Gosta muito de falar. Economica. Gosta da Simplicidade. Pratica, não se enrasca lá com muita facilidade. Sabe sempre arranjar-se.²⁵⁰ Amante da ordem. Bom coração e apesar disso é tão capaz de ferir...

Além da curiosidade em torno da identidade do grafólogo, as consulentes de forma recorrente buscavam testar a eficácia da grafologia. Não eram raras as respostas em que ele apontava a tentativa de enganá-lo ou de testá-lo: *“Quis pôr o graphologo á prova, hein? Conheci o estratagema. Vae um pito para as duas culpadas: Ada e Maméria, ou antes para uma pessoa só.”*²⁵¹

Em outros momentos, os consulentes confundiam a grafologia com adivinhação e outras práticas afins, o que por vezes irritava o mestre grafólogo que repetiu à exaustão que ele fazia era ciência, e não adivinhação, estabelecendo essa diferença entre a grafologia e práticas advinhatórias, pois tais práticas eram condenadas pela Igreja Católica. Logo, nenhum tipo de prática que tivesse qualquer ligação com as ditas superstições do povo poderia figurar numa revista católica.

²⁵⁰ Graphologia. In: Revista Maria, set. 1929. p. 194.

²⁵¹ Graphologia. In: Revista Maria, maio/jun.1930. p. 138.

PARAGUASSÚ (Rio) – A Graphologia não é absolutamente “sciencia oculta”, é uma sciencia inteiramente natural, faz parte das ciências usadas no methodo objetivo da Psychologia experimental. Occultismo é da mesma panela do espiritismo cujo cosinheiro é o diabo. Não tenho nada com essas cousas. Deus me livre e guarde.²⁵²

A insistência constante em reafirmar a grafologia como ciência era um discurso de modernidade, mas não era apenas isso. Afastar qualquer comparação entre as chamadas “superstições” era importante para que a revista se reafirmasse como uma publicação católica “com aprovação eclesiástica”, assim, sempre que os consulentes faziam qualquer referência que colocasse em xeque a cientificidade da grafologia eram prontamente rebatidos.

POTIGUAR (Natal) Meu amigo Potiguar, você começou sua carta, injuriando-me. Confundir Graphologia com cartomancia! Graphologia é uma sciencia puramente experimental, meu caro, com regras determinadas. Nada tem com artes divinatórias com as quaes quer vocês confundi-la. Faz parte da psychologia, na parte do methodo experimental objetivo. Na Allemanha ha pouco foi escolhido perito para o exame grafológico de letra de Tereza Newmann, as estigmatizada de Konnersreuth.²⁵³

Para ir legitimando a ideia de ciência eficiente, sempre que possível o grafólogo explica como funciona sua técnica. De acordo com ele, não era o que as consulentes escreviam que era analisado, ainda que possamos inferir que certamente o que as leitoras revelavam em suas cartas ajudava nas análises do grafólogo.

Na carta de 1921 (refiro-me ás letras, que o conteúdo, que alias não li, não interessa a graphologia) transparece uma grande simplicidade modestia. O Graphologo pode examinar uma carta durante uma hora e mais tempo ainda, sem que leia, absorto pelo exame dos signaes graphologicos.²⁵⁴

Como forma de fortalecer os laços de confiança entre as consulentes e o mestre, este reafirmava constante e categoricamente sua ética, sigilo e imparcialidade. Muitas leitoras, embora vencidas ao fim pela vontade de querer saber o que a grafologia tinha a lhes dizer, questionavam a ética do grafólogo, não deixando de perguntarem a si mesmas e ao próprio mestre se ele era mesmo digno de confiança.

²⁵² Graphologia. *In*: Revista Maria, set. 1930. p. 217.

²⁵³ Graphologia. *In*: Revista Maria, nov. 1930. p. 268.

²⁵⁴ Graphologia. *In*: Revista Maria, jan. 1931. p. 24.

Sobre a idoneidade moral e a confiança que merece o Mestre Graphologo, modestia á parte, a revista “Maria” não entregaria tão espinhosa missão senão a quem ella sabe ser incapaz de usar ou de abusar da confiança dos que o procuram. Bem sei que o seu acanhamento é muito natural nem pôs em duvida a minha seriedade nem quis ferir-me. A explicação que vae acima, há muito tempo que desejava da-la.²⁵⁵

Vaidoso, o mestre gostava de expor seu sucesso quanto aos acertos das consultas e ao prestígio que passava a angariar junto as leitoras de “Maria”. Além de podermos analisar tal postura como uma espécie de autopropaganda, também é possível apontar que, ao propagandear a eficiência de seu método e a confiabilidade de sua pessoa, o grafólogo atraía mais leitoras para a revista, que por sua vez, devido à demora na publicação das análises grafológicas, acabava cativando um público leitor ansioso pela chegada do próximo número. Como já mencionamos, a grafologia era algo comum na década de 1920 nas publicações periódicas. Mas também, é possível perceber, em alguns casos, como ela vinha associada a cartomantes, videntes²⁵⁶ e outras práticas divinatórias, o que colocava sobre tal prática certa desconfiança. Usufruir das novidades da grafologia, de sua eficiência científica (muitas vezes contestada), a partir de uma publicação católica com aprovação eclesiástica, era ter a garantia que não estava violando os códigos de conduta da Igreja Católica e não estavam se envolvendo com superstições, feitiçarias ou outras práticas condenadas pela Igreja.

Grato pelas referencias á revista “Maria” e ao Graphologo. Permita citar textualmente as suas palavras: “Devo acrescentar porem, como preito de justiça, que só a seriedade e ao critério do Senhor Graphologo, em quem vislumbro alguém capaz de merecer a confiança de uma senhora, devo esta minha decisão de hoje. A Sympathica revista “Maria” também muita confiança me inspira. Revista e Graphologo dignos em todos os pontos de vista.”²⁵⁷

Aos poucos, a secção de graphologia reafirma não só a relação leitora-revista, como também entra nessa relação como uma protagonista importante e, aos poucos, torna-se a secção mais procurada da revista. As leitoras enviam cartas confessando ser a primeira coisa que buscam na revista quando a mesma chega. A relação que algumas delas estabelecem com o grafólogo e sua ciência é de longa

²⁵⁵ Graphologia. *In*: Revista Maria, nov. 1930. p. 267.

²⁵⁶ É o caso dos anúncios presentes em jornais da época (p.e. Jornal do Recife, Diário de Pernambuco, Correio da Manhã), que anunciavam videntes e cartomantes que entre seus serviços ofereciam a grafologia.

²⁵⁷ Graphologia. *In*: Revista Maria, nov. 1930. p. 267.

duração, afinal, em virtude do excessivo número de cartas, um perfil poderia demorar mais de um ano para ser publicado. Não bastasse a dificuldade das longas filas de espera, havia ainda os extravios dos correios, que não eram raros.

Assim, o tempo entre a carta ser enviada e a consulta publicada era também um tempo de espera ansiosa. Entretanto, depois de tanta espera, por vezes a leitora ainda insistia em mais uma vez enviar outra carta, ora a consulente não concordava com o “diagnóstico” do grafólogo, ora escrevia-lhe para agradecer e, em outros casos, escrevia-lhe para se queixar da demora. Em todas essas interações, o tempo é um fato presente, que as leitoras deveriam saber lidar, afinal, o tempo decorrido entre uma carta enviada e uma carta respondida nunca era curto, longas eram as distâncias e lenta era a correspondência. Se, para a nossa geração, o tempo de resposta das mensagens é quase instantâneo, para as leitoras da revista esse prazo era dilatado. Entre uma demanda e uma resposta, a leitora continuava mensalmente alimentando o desejo de ver sua carta, suas questões, defeitos e qualidades estampados em “Maria”, sob a aura da eficiente “ciência moderna” da grafologia.

Enquanto as cartas chegam às dezenas na redação da revista, o grafólogo se esforça para aprontar suas análises, afinal, suas leitoras têm pressa. Tais análises mostram muito do que esse sacerdote pensa das mulheres, legitimando seu pensamento à luz da “ciência experimental”.

Em suas análises do gênero feminino, mesmo quando lista características que deveriam entrar na categoria de qualidades, essas são dúbias. Ao que parece, com poucas exceções, as qualidades das leitoras eram relativas no julgamento do mestre. Ao longo dos perfis, percebe-se a construção de relicários de qualidades e defeitos femininos, com uma particularidade: as qualidades são sempre titubeantes, já os defeitos são sempre inerentes às filhas de Eva.

Já as exceções, quando existem, recebem atenção especial. Entre a vaidade e a perplexidade de ser apontada como “sem defeitos de caráter”, uma consulente escreve para o Mestre pedindo uma confirmação da análise.

O seu desapontamento em não encontrar defeitos de seu carácter no laudo graphologico passado, para os corrigir, a sua tristeza em ser louvada bem denotam que o Mestre Graphologo teve sobeja razão e ainda a tem para qualifica-la – tenha paciência – como a qualificou. [...] Não posso satisfazer

a todo mundo, estou vendo que não posso satisfazer a ninguém. Uns se queixam porque lhes metto o pau, outros porque os louvo.²⁵⁸

Entretanto, como já dito, perfis assim eram exceção. De uma maneira geral, o que ficava evidente nas análises do Mestre eram os defeitos e falhas das curiosas filhas de Eva.

À medida que faz os perfis, o mestre grafólogo monta uma série de defeitos que se repetem em muitos perfis, tornando-se praticamente um padrão. Egoístas, pouco inteligentes, faladeiras (ou língua solta), sentimentais, teimosas, vontade fraca, além da praticamente unânime “não sinceridade” feminina eram os caracteres que mais apareciam nas perfiladas e, ainda, uma insistente “saúde fraca”, em especial, problemas nervosos.

A sinceridade feminina, aliás, merecia longas explicações, uma vez que mesmo quando o perfil a apresentava era algo em escala diferenciada.

A sinceridade na mulher é sempre relativa, não como a mulher falte á verdade mais que o homem, mas que deixa de dizê-la toda, integralmente. Entre o faltar á verdade e não dizê-la toda ha uma escala quase infinita de gradação. Esta observação tem valôr toda vez que encontrarmos e inscrevermos a sinceridade entre as qualidades do caracter de uma das nossas gentis consulentes.²⁵⁹

Deste modo, mesmo quando uma qualidade, como a sinceridade, está presente ela é relativizada. No que diz respeito às qualidades, é interessante observar que em sua maioria são fruto de um esforço de contenção da própria “natureza feminina”, esforço que é auxiliado pelos ensinamentos da Igreja. Logo, entre as qualidades mais relatadas pelo mestre, estão sentenças como: “amiga do aceio e da ordem”, “simples, sem vaidades”, econômica, “Busca o alto”.

As consulentes não pareciam gostar de certos juízos de valor demonstrados pelo grafólogo. Nas respostas dos perfis, percebe-se que algumas apreciações do “mestre” eram questionadas pelas leitoras, que, entre a ofensa e a curiosidade, pedem dele uma explicação mais clara sobre suas afirmações. A sinceridade feminina é um desses pontos que geraram questionamentos. Ao que parece, tantos, que foi necessário que o grafólogo desenvolvesse mais ainda seu argumento

²⁵⁸ Graphologia. In: Revista Maria, jan. 1931. p. 22.

²⁵⁹ Graphologia. In: Revista Maria, set. 1929. p. 194.

Quanto a sua pergunta sobre a sinceridade feminina: o homem não é melhor que a mulher. Esta, porém, é muito menos sincera, por natureza, inconscientemente, instintivamente. O homem tem outros defeitos, talvez piores, mas não deixa de ser muito mais sincero que a mulher. Isto já se nota em crianças de sete annos e ainda menos.²⁶⁰

A “natureza” feminina é sempre representada como “instintivamente” propensa ao erro, daí a necessidade de cuidar para “dominar-se” e, continuando o discernimento entre as naturezas masculinas e femininas, outra particularidade que o Mestre faz questão de apontar adjetivada a partir do gênero é a “phantasia feminina”, assim, logo explica:

Dizendo “phantasia feminina” não é de meu intuito rebaixar as mulheres. Toda faculdade, ou mesmo qualidade, commum ao homem e á mulher, toma character e desenvolvimento diferentes em um e outro sexo. Ha qualidades do homem que se desenvolvem muito na mulher e apenas se esbocam no homem e vice-versa. [...] a phantasia de uma joven póde ser igualmente viva como a de um rapaz, mas ambas se distinguem pelo objecto, sonhos, desejos, affectibilidade, etc. As qualidades do homem ficam mais impregnadas de força, segurança, emquanto as da mulher sofrem mais a influencia do coração e do sentimento.²⁶¹

Com um tom sempre cuidadoso de justificar suas afirmações e julgamentos como verdades inquestionáveis, o grafólogo “bate e sopra” na análise de suas consulentes. Tendo o cuidado de afirmar “não querer rebaixar a mulher” ou afirmar que ela é “inferior ou homem”, vai construindo uma rede de características e símbolos que constroem uma imagem de mulher muito própria. Utilizando-se do discurso moderno da eficácia da ciência, o grafólogo permanece em sua seção reafirmando a imagem que a tradição cristã católica construiu em torno da figura feminina: a eterna herdeira de Eva, cuja redenção só pode vir através da expiação dos pecados.

Mas, ao terem seus perfis publicados, algumas filhas de Eva não se davam por satisfeitas e até aborreciam-se com o resultado da análise, contestavam e, muitas vezes, até conseguiam uma explicação ou uma retratação do grafólogo, como o caso de Cybelle de Recife, que enviou carta reclamando da análise publicada. Para amenizar o desconforto da consulente, o grafólogo responde, dizendo ter havido um mal entendido:

²⁶⁰ Graphologia. In: Revista Maria, nov. 1930. p. 265.

²⁶¹ Graphologia. In: Revista Maria, dez. 1930. p. 305.

A gentil consulente não me compreendeu. Dizendo que não é sincera, o que aliás aparece novamente da graphia desta última carta, não quis absolutamente qualificá-la de mentirosa. De modo algum. Deve ter lido muitas vezes em perfis de suas irmãs e amiguinhas, a cada passo, **falta de sinceridade**. Já algumas vezes tratei da sinceridade masculina e feminina. (Grifo no original)²⁶²

Longa e detalhada é a explicação oferecida pelo grafólogo para a melindrada consulente, argumentando que “*são cousas de psychologia*”, e “*há grande diferença entre mentir e não dizer a verdade*”, finalizando com apelo à leitora: “*Espero que a distinta consulente, que é um caracter nobre, fique satisfeita com a explicação dada.*”

Uma característica que não passava despercebida pelo grafólogo era a “feminilidade” da consulente. Assim, sempre que percebia um “desvio” nesse sentido, tratava logo de chamar atenção da perfilada.

Mas não só de leitoras vivia a seção de grafologia, muitos são os homens que começam também a enviar cartas para serem analisadas pelo grafólogo, mostrando que os filhos de Adão também alimentavam sua curiosidade e vaidade. Entretanto, o tom do Mestre para com o público masculino era diferenciado, menos irônico, mostrando que era mais fácil para ele encontrar qualidades do que defeitos no gênero masculino. “Inteligentes”, de “bom coração sem ser mole”, “práticos”, “lógicos”, “consequentes”, são os principais adjetivos. Vez ou outra aparecem “quedas morais”, mas que parecem representar um mal menor na alma masculina, já que nunca são objetos de censura por parte do grafólogo, que apenas faz referência a elas. A capacidade de consertar as falhas também parece ser mais própria dos consulentes, visto não possuírem a natureza torpe de Eva, a eles basta “vontade de emendar-se”.

No que diz respeito aos perfis masculinos, não aparecem defeitos exclusivamente “masculinos”, os “filhos de Adão” não trazem em sua “natureza” as falhas presentes na maculada natureza feminina. A única falta imperdoável e que merece sempre forte repreensão do Mestre é o homem “effeminado” e, no entanto, esse tipo de consulente só aparecerá na revista em sua segunda fase.

A cada número da revista, a demanda pelos perfis grafológicos parece aumentar substancialmente. Em vários momentos, as leitoras reclamam da demora

²⁶² Graphologia. In: Revista Maria, mar./abr. 1931. p. 123.

a ter seus perfis pulcados, gerando a constante necessidade de explicações por parte do grafólogo.

Nota – Tenho recebido varias cartas em que os distintos e distintas missivistas reclamam contra a demora dos respectivos perfis. Paciencia, generosos consulentes! Como já fiz vêr, Maria não póde ser uma revista de graphologia. Não póde publicar em cada numero mais que uma determinada porção de perfis. Ha pouco mais de uma semana mandei a redacção vinte perfis, agora vão mais cincoenta e poucos. Naturalmente não podem ser publicados de uma vez. Recebo as cartas dos consulentes aos maços por meio da redacção. [...] Ha cartas que esperam mezes até os respectivos donos poderem ler o perfil. [...]²⁶³

E embora a demora fosse demasiada para alguns, posto que as cartas enviadas para análise ainda extrviassem algumas vezes, a página de grafologia era, sem dúvidas, um atrativo poderoso na revista Maria. Tanto que não é raro encontrarmos na secção transcrições de cartas que afirmam ser a página de grafologia o que mais lhes atrai na revista, é o que confessa a missivista “Simone”:
*“Todas as vezes que chega a revista Maria corro logo á pagina da secção de graphologia, pois francamente, é o que mais me interessa.”*²⁶⁴ Numa revista pensada com fins de agregar as Filhas de Maria do país inteiro em torno de ideias e orientações uníssonas, uma secção de grafologia ir tomando tanto espaço e ganhando tanta importância é algo que certamente colocava em questionamento a legitimidade de sua existência. Talvez tenha sido justamente isso que influenciou a descontinuidade da secção e, finalmente, sua extinção em dezembro de 1938, embora a revista nunca tenha anunciado seu fim oficialmente.

Nos dois primeiros anos da secção de grafologia, as consulentes pareciam conformadas com a análise genérica do Mestre. No entanto, a partir de 1930, já no final da primeira fase da revista, a interação entre missivistas e grafólogo parece sofrer alterações. Aqueles que desejam seu perfil publicado direcionam as questões ao grafólogo, dizendo-lhe com mais exatidão o que querem saber. Nesse primeiro momento, prevalece a postura piedosa e a preocupação com o tempo da eternidade. As questões dizem respeito à tradição cristã de preocupação com valores da piedade e do zelo religioso que garantem a salvação da alma, dessa forma é o espírito que ocupa as preocupações e não o corpo. Logo, as missivistas estão sempre preocupadas com questões do tipo:

²⁶³ Graphologia. In: Revista Maria, mar. 1932. p. 58.

²⁶⁴ Graphologia. In: Revista Maria, ago./set. 1932. p. 205.

Lilaz (Recife) – Respondamos logo às suas perguntas. Vaidosa? Sincera? Piedosa? Sentimental? Fútil? Inteligente? Sim, a todas essas perguntas. Orgulhosa? Teimosa? Não, às duas perguntas. Perseverante? Não muito. Preguiçosa? Humilde? Não sei, às duas perguntas. Faladeira? Um bocado, mas não muito. Egoísta? Muito. Leviana? Um pouco. O gênio? De uma bôa criança. O carácter? Ainda não de todo maduro. Discreta? Sabe sê-lo. Paciente? Um pouco.²⁶⁵

Tais perguntas serão recorrentes nos perfis dessa primeira fase. A preocupação das missivistas gira sempre em torno da alma e de seus defeitos comportamentais e espirituais. O foco das preocupações das consulentes nos leva a crer que, dentro da percepção de mundo dessas leitoras, a tradição do tempo da eternidade ainda prevalece. Elas ainda se mostram preocupadas com a perfeição da alma e ainda não se deixam angustiar pelas questões que a modernidade impõe, situação que mudará visivelmente na fase seguinte, quando as questões de ordem mais imediata e terrena dominarão o turbilhão de perguntas que o grafólogo precisará responder.

Oscilantes, ansiavam pelo futuro, presas a valores do passado. Em seu presente, queriam ouvir do mestre grafólogo - um misto de mago, diretor espiritual e voz da consciência - que o futuro terreno lhes reservava felicidade, mas o futuro etéreo lhes reservava salvação. A garantia disso era que sua escrita revelasse virtudes que, no imaginário católico, eram indispensáveis à entrada no reino dos céus.

As perguntas, dirigidas ao grafólogo, querem garantir que os pressupostos da salvação estão resguardados, também não esquecem o futuro e já parecem admitir que este pode reservar algo além do casamento. Horizontes de expectativa se alargando...

As mudanças mexiam com as certezas e com os instintos, não se tratava simplesmente de escolher um lado da tábua do tempo para ocupar. Os espaços de experiência e os horizontes de expectativa revezavam-se sem definições precisas. Ora alargando-se, ora igualando-se, o fato é que entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, as percepções de tempo, de mudanças e de continuidade dessas mulheres variavam imprecisamente.

²⁶⁵ Graphologia. In: Revista Maria, ago./set. 1932. p. 207.

4 PASSADO FUTURO – UM DUELO ABERTO ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE.

Se na fase anterior fica evidente um predomínio da tradição sobre os valores e questões da modernidade, em sua segunda fase, o que fica claro é que não há, entre modernidade e tradição, passado e futuro, o predomínio de um sobre o outro.

Se antes não havia concessões a serem feitas pela tradição, aqui esta precisará aprender que, em algumas batalhas, para que não saia completamente derrotada, terá que recuar um pouco. Mesmo nesse equilíbrio de forças, fica claro, nas páginas do periódico, que, apesar dos protestos e da resistência, a modernidade vai aos poucos avançando sobre a tradição num processo irreversível e com uma forte participação feminina na escrita da revista e também de si. Essa fase da revista, portanto, é uma fase de transformação.

Ao longo de pouco mais de duas décadas, a tensão alimentada pelas mudanças aceleradas da sociedade brasileira, em conflito com o desejo de permanência das tradições, representado pela Igreja Católica e setores conservadores da sociedade, torna-se mais evidentes nas páginas da Revista. É um momento crucial, que marca a transição de uma revista antes feita para as Filhas de Maria para uma revista feita pelas Filhas de Maria.

Essas mulheres, que passam a escrever para a revista e povoar suas páginas com mais frequência e com mais espaço, vão ocupando não apenas as seções da revista, mas também os cargos administrativos do periódico. Na fase anterior, não há nenhuma mulher ocupando cargos administrativos na revista, já nesta, aos poucos elas vão entrando na administração da Revista, tanto porque os padres querem dar espaço para essas mulheres, como por questões de ordem prática, pois é nesta fase que alguns dos padres fundadores da revista se afastam para assumir outras funções na Igreja, além de perdas advindas com a morte de alguns deles. Primeiramente Padre Euvaldo Souto Maior, redator-gerente da revista, que passou mal repentinamente e veio a falecer em 26 de novembro de 1943, “fulminado por um derramento cerebral” (sic). E nove anos depois, já no fim dessa fase, um marco importante para o início de outra, padre Xavier Pedrosa também vem a falecer em 06 de maio de 1952.

A morte de padre Euvaldo Souto Maior pegou a todos da revista de surpresa, e sua morte será pranteada pelo restante de todo esse período em análise neste capítulo, um lamento que se estende pela fase seguinte, embora de forma menos recorrente. Esse lamento dá por vários motivos, entre eles, o fato de sua irmã, Adalgisa Genn, assumir a responsabilidade de seguir com a gerência da revista. Ela contará com a ajuda do Marido, Alberto Genn, comerciante no Recife, e da filha, Maria Emilia, para dar seguimento à função do irmão na revista. Sua participação se faz notar em princípio pelo acréscimo de anunciantes na revista. A papelaria de seu marido, Papelaria Vitória, passa inclusive a compor os poucos anúncios da revista.

O ingresso de Adalgisa na revista não acarreta em princípio mudanças no formato das seções, embora ela tenha que procurar substitutos, no caso, substitutas, para as seções que eram de responsabilidade da pena do irmão sacerdote, cujo falecimento repentino parece ter mexido com os sentimentos da família e com o funcionamento da revista, chegando, em um primeiro momento, a se questionar se a revista teria um fim.

Em princípio, causa certa estranheza essa dúvida, veiculada logo no primeiro número pós-morte de Euvaldo Souto Maior, embora o tom sempre alarmista, que ameaça o fim da revista, seja recorrente desde os primeiros números, não seja exatamente uma novidade. Soltinho, como os companheiros de revista o chamavam, não aparecia muito nas páginas da revista, pelo menos era a impressão que se tinha, até que sua morte, os escritos e homenagens que se desencadeiam depois dela nos dá uma dimensão do papel do padre no periódico.

Souto Maior ordenou-se padre aos 23 anos, em fins de 1915, e entrou para a equipe da revista Maria no início de 1917. De acordo com uma das muitas homenagens que a revista trouxe sobre o sacerdote, escrita pelo padre Xavier Pedrosa, ele desempenhou várias funções na arquidiocese de Recife e Olinda, algumas com ligação direta com a questão da imprensa e dos impressos: *“exerceu as funções de Amanuense e Secretário da Cúria Arquidiocesana, de Censor de Livros, de Juiz Sinodal, de Diretor da A Tribuna e do Boletim Mensal, órgão arquidiocesano que êle até a sua morte dirigiu,*”²⁶⁶

²⁶⁶ Cônego Euvaldo Souto Maior. *In*: Revista Maria, nov./dez. 1943. p. 190.

Com sua morte, as homenagens vão aos poucos falando do perfil e das funções do sacerdote, que não assinava nenhuma matéria com seu nome, mas que as homenagens póstumas vão aos poucos revelando quais os pseudônimos que costumava usar e quais secções escrevia.

Responsável pela diagramação da revista, pela revisão ortográfica, bem como por sua distribuição e outras questões de ordem prática, como os custos da revista, Souto Maior ficava responsável pelas inovações da revista, com o intuito de, nas palavras de Xavier Pedrosa,

“fazê-la mais estimada dos nossos leitores, mais simpática aos assinantes, dando-lhe ora a feição leve e agradável das páginas dos maninhos, ora o tom grave e admoestativo das páginas de modos e modas, já as notas patrióticas, já os sueltos corajosos em estilo incisivo, que eram tão próprios do seu caráter, ou os artigos sobre assuntos variados que êle com modéstia sem par não assinava (...)”²⁶⁷

Embora não tivesse a prática de assinar e se posicionar expostamente na revista como o fazia com tamanha recorrência o seu colega Xavier Pedrosa, “Soutinho” não relaxava em seus escritos, especialmente na “Página de Modas e... modos...”, publicada pela primeira vez na edição de junho de 1922, cujas preocupações, observações e conselhos vêm num tom mais comedido que o de Xavier Pedrosa, mas nem por isso é mais tolerante.

A página de Modas e... modos, que surge em 1922 para falar dos comportamentos femininos de uma forma geral, na década de 1930, vai se voltar para uma necessidade crescente: orientar as Filhas de Maria nos modos de se comportar e trajar. Como já apontamos aqui, no período de 1915 a 1932, os escritos sobre a moda e o comportamento feminino vinham de uma forma mais generalizada. Era um esforço de mostrar, inclusive, como as Filhas de Maria não se enquadravam nos comportamentos mundanos e justamente por isso eram diferentes, modelos de postura para outras mulheres. As pregações e orientações em torno do comportamento eram, portanto apontando as outras, as mulheres católicas, que não fazendo parte da Pia União das Filhas de Maria, arriscavam sua reputação e salvação com comportamentos moralmente duvidosos.

Já a partir da década de 1930, as colunas da revista nos dão indícios de que o comportamento das associadas também começa a merecer reprimendas e ser

²⁶⁷ Cônego Euvaldo Souto Maior. *In*: Revista Maria, nov./dez. 1943. p. 189.

foco de um acompanhamento mais atento. Estando essas mulheres imersas numa sociedade que glorifica o “progresso” e o “moderno”, elas também se deixarão influenciar pelos novos comportamentos. Cientes da posição social de suas leitoras, bem como da impossibilidade de anular por completo tal influência no comportamento feminino, os editores da revista passam a escrever com mais frequência falando de modas, mas apontando o comportamento das próprias Filhas de Maria como alvo dos seus discursos. Elas deixam de ser o exemplo por natureza e já começam a aparecer desvios condenáveis “até em Filhas de Maria”, daí a importância e a necessidade de se criar uma seção própria para tratar mês a mês tais temas, como a “página de Modas e... modos”, que, mesmo depois do falecimento de seu responsável, continuará figurando entre as seções fixas da revista.

É inclusive a “Página de Modas e... Modos” que nos dá indícios de como as mudanças comportamentais, que estavam ocorrendo no Brasil e no mundo, começavam a influenciar o comportamento das Filhas de Maria, até então tratadas pela revista como estando imunes às influências da modernidade, sendo mais modelos e exemplos de conduta do que alvo de reprimendas.

E as Filhas de Maria, também estas podem ser adeptas da moda, porém sempre moderadas, com precaução e cuidado, sem terem a infelicidade de se deixar levar pelos seus abusos, obedecendo cegamente a tantas e tão desconcertadas exigências.

Infelizmente, porém, nem todas pensam assim. Temem, umas ser consideradas atrasadas, si não souberem seguir ao *pé da letra*, todos os modos e modas mais ridículas; dizem outras que não são freiras, não morreram para o mundo ainda, como se somente as religiosas tivessem a obrigação de zelar pela bôa moral, pela regeneração dos costumes, o que mui razoável e logicamente, compete mais ás mães christãs, e ás Filhas de Maria. São estas as maiores responsáveis, porque, vivendo no mundo, acompanhado os passos e o alcance do meio social que frequentam, devem saber modificar os mais absurdos usos que diariamente concorrem para implantar nas almas (...)

Uma Filha de Maria que se preza de o ser, deve ter por ideal primeiro, imitar em tudo a Santíssima Virgem, e não fazer como infelizmente há muitas que se deixam confundir com o mundo, dizendo que “não são freiras”, e seguindo mais ou menos as modas e os modos de hoje.

Nos cinemas, nas festas, pelas próprias ruas, acima e abaixo, muitas vezes com o fim único de se exibirem, encontram-se Filhas de Maria também, de vestidos modernos, justos e sem mangas, ou decotados demais quando não são curtos...²⁶⁸

Ciente da posição social de suas leitoras, dos espaços privilegiados que frequentam, a revista as vê como alvos fáceis dos discursos da modernidade. Os

²⁶⁸ Página de Modas e... modos. In: Revista Maria, jan./fev. 1932. p. 23

discursos e práticas da modernidade são tentadores e o receio de ser taxada de “atrasada” parecia ser um argumento usado com frequência por aquelas que cediam às tentações das modas mais leves, dos corpos mais em evidência.

É uma fase de transição, em que as leituras de tempo passado, presente e futuro se entremeiam nas participações de mulheres leitor-colaboradoras da revista. Afinal, essas mulheres estão na sociedade e dela sofrem influências, percebem um mundo em mutação, o qual elas não conseguem, talvez não queiram mesmo, renegar, no mesmo instante em que a força da tradição dos princípios, nos quais foram sendo moldadas ao longo da vida, impõe-se. Assim essas mulheres oscilam não ENTRE tempos, mas em vários tempos ao mesmo tempo²⁶⁹, pois seus escritos não podem ser enquadrados em extremos (moderno-tradicional), apresentam nuances e anseios pela modernidade, ao mesmo tempo em que reivindicam a permanência da tradição, especialmente no que se refere ao status diferenciado e exemplar da figura da Filha de Maria.

A secção “Respingando...” assinada por Ruth, pseudônimo de Xavier Pedrosa, permanece na segunda fase e mantém o tom e o estilo do sacerdote. Em quase todos os números, a secção se resume a um ajuntado de notas diversas, em sua maioria falando do comportamento feminino. Mas, ao contrário da Página de modas, a percepção de comportamento, moralidade e valores de Ruth ainda aparece muito arraigada aos valores da tradição, sem se permitir concessões à modernidade. Assim como a escrita do manual, a de Ruth ainda se atém ao tempo da tradição. A página dos maninhos também é outra secção que permanecerá nesta fase da revista, mesmo depois da morte de seu responsável, Euvaldo Souto Maior, que foi noticiada para os pequenos leitores da seguinte forma

Vocês já souberam, meus amiguinhos, que quem trabalhava para vocês nesta página foi chamado por Nosso Senhor ao Céu?
 Pois foi, fiquem sabendo.
 Rezem muito por êle e peçam a Nosso Senhor Que mande outro amiguinho para vocês, para caricaturar, escrever e pintar para vocês estas páginas. Ouviram? Nosso Senhor já está pensando em outro para substituir o que Êle chamou. (...) Por isso, rapaziadinha, aguardem o próximo número da revista.²⁷⁰

Quem passa a assinar a secção dedicada aos “irmãozinhos” das Filhas de Maria é Clara Lúcia, que trará propostas de brincadeiras e enigmas que não

²⁶⁹ Ver KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado. Op. Cit.

²⁷⁰ Ouçam todos. *In*: Revista Maria, jan. 1944. p. 21.

agradam os leitores inicialmente. Dessa forma, parece que a nova responsável em cultivar a leitura dos pequenos não está muito em sintonia com o interesse infantil, suas charadas e brincadeiras apresentam um grau de complexidade o qual parece não agradar o público leitor. Este deixa de participar dos concursos que premiavam quem resolvia os enigmas propostos na revista, gerando queixa de Clara Lúcia, que fazia insistentes apelos para que os leitores voltem a se interessar pelas atividades da “Página dos Maninhos”.

Alô! Alô! Amigos. Que silencio terrível. Vamos, tomem coragem neste resto de ano, avigorem-se para o ano que chega! Somente M.P. Gonçalves mandou a metade das soluções. Não pode ser. Respondam, e você também Gonçalves, a página inteirinha e colaborem com quem lhes deseja muito Boas Festas e um Feliz Ano Novo.²⁷¹

Estou triste, muito triste com vocês. Por que motivo não se animam na colaboração de nossa página. Maceió, Sergipe, Paraíba, Bahia, Pernambuco que tantas vezes foram bem representados nesta página, por que motivo silenciaram? Será que estão enfadonhas, difíceis ou fáceis por demais?! Escrevam, falem, apresentem sugestões e voltem a ajudar a que lhes ficará muito grata.
Clara Lúcia.²⁷²

Embora não venha na forma de uma seção, uma colaboradora que continua com participação garantida em todos os números é Virginia Figueredo e suas poesias de temática religiosa.

A seção de Graças também permanece na revista, permitindo continuarmos rastreando o alcance geográfico da revista, mas não só. Essa seção nos permite perceber como a modernidade influencia nas relações com o sagrado. Os tipos de promessas e as formas e agradecimento nos dão indícios das novas necessidades e práticas da modernidade. Na modernidade, a publicação da graça na revista é em si o ex-voto.

– Ao Sagrado Coração de Jesus e a N.S. de Lourdes agradeço, alcançada, com a promessa de publicá-la na revista MARIA. – São José da Lage – Alagoas – Zita de Araújo Pereira

– Agradeço a Santa Teresa do Menino Jesus uma graça alcançada, com a promessa de publicá-la na revista MARIA. – Engenho Macapazinho – José Inácio de Andrade Lima

– Venho humildemente agradecer a todos os Santos a grande graça de ter sido feliz da minha operação, com a promessa de publicá-la nesta revista. – Recife – Maria Estrêla Soares Brandão.²⁷³

²⁷¹ Página dos Maninhos. In: Revista Maria, dez. 1947. p. 218.

²⁷² Página dos Maninhos. In: Revista Maria, maio 1948. p. 98.

A partir de 1940, uma participação esporádica começa a figurar na revista: Maria de Ipojuca. Inicialmente, seus textos que buscam parecer uma conversa íntima com a leitora sobre angústias existenciais, tais como solidão, saudade, liberdade, rotina²⁷⁴. Maria de Ipojuca era o pseudônimo utilizado por Odette Mesquita²⁷⁵, que, a partir do número de Agosto-Setembro de 1945, ganha, na forma de seção fixa, um espaço intitulado “Meu conto Mensal”, cujos contos trazem as mais diversas temáticas e, ao final, sempre trazem uma lição edificante para a leitora refletir. Com a seção “Meu conto Mensal” Maria de Ipojuca fecha uma participação mensal dupla na revista, uma vez que continua publicando o texto que simula uma conversa com a leitora.

A revista, ao longo desse período, trará também, sob a responsabilidade de Xavier Pedrosa, muitas notícias internacionais. Esses recortes de notícias internacionais focam as missões da Igreja na Ásia e as perseguições sofridas pelo clero católico ao redor do globo. Nos anos da Segunda Guerra, como não poderia deixar de ser, são as notícias que envolvem os conflitos.

Do ponto de vista da materialidade da revista, nesta fase continuaram as queixas relacionadas às dificuldades de sua manutenção. Novamente a ocorrência de uma Guerra Mundial influenciou nos custos do papel e ocasionou dificuldades extras para a publicação²⁷⁶. Nesta segunda fase, as dificuldades parecem ir se

²⁷³ Graças. In: Revista Maria, jan. 1948. p. 27.

²⁷⁴ Esse diálogo íntimo, a admissibilidade da existência desses conflitos internos, faz parte da construção de um “sentimento de si” que foi se constituindo ao longo dos séculos XIX e XX. Para Georges Vigarello, esse protagonismo do “de dentro” é característico da modernidade, que constituiu paulatinamente esse “sentimento de si”, que leva em consideração não apenas a exterioridade do corpo, o “de fora”, mas passa cada vez mais a considerar “o de dentro”. Segundo Vigarello, “Nossa contemporaneidade, em contrapartida, situa-a num espaço mais psicológico, mais sutil, sugerindo uma interioridade mais obscura também, onde o corpo, em sua vertente sempre subjetiva, até mesmo “engenhosa”, torna-se uma de suas componentes. O que transpõe o diálogo interior. O que faz existir os sentidos internos com seus dados mentais com os quais cada indivíduo é inevitavelmente levado a compor. Essa é exatamente a invenção de nossa modernidade. Esse é especificamente o conteúdo sempre inovado, pouco a pouco aprofundado, oferecido ao “sentimento de si”. VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 253.”

²⁷⁵ Em um blog que fala sobre o município de Ipojuca, Odette Mesquita entre as “personalidades que fizeram a história de Ipojuca”. No referido blog lê-se: “Odete Mesquita, escritora e primeira historiadora de Ipojuca. Escrevia sob o pseudônimo de Maria de Ipojuca.” No 37º aniversário da revista, em janeiro de 1948, em um texto falando sobre os colaboradores da revista, descobrimos que Odette Mesquita também era responsável pela “página dos maninhos”, daí conclui-se que Clara Lúcia era outro pseudônimo utilizado por Odette, já que era com esse nome que a página era assinada. Disponível em: <http://www.ipojucahoje.xpg.com.br/personalidades.html>. Acesso em: 24 nov. 2018, às 15:18.

²⁷⁶ Nas décadas anteriores, as queixas por faltas de recursos eram constantes, não obstante a revista ter continuado a circular mensal e regularmente, o que nos leva a questionar se tais queixas eram

acentuando, de modo que há uma repetição constante de números duplos - e até triplos - saídos bimestralmente, em virtude das dificuldades de custos e de impressão enfrentadas junto à gráfica. É bem verdade que, nesse período, a Igreja incentivou a criação de gráficas próprias, mas não é o caso da revista Maria, não foi uma pauta relacionada à revista ter seu próprio maquinário de impressão. Essa questão só foi mencionada duas vezes na revista, mais como sonho do que como plano e ambição da equipe editorial.

Entretanto, a identidade visual da revista parecia ser muito importante para os clérigos que a dirigiam. Independente das dificuldades materiais enfrentadas, optava-se por juntar edições, mas não abriam mão da qualidade do papel e das ilustrações presentes no periódico. O impresso continuava a circular em papel couché, apesar das queixas de que toda a arrecadação da revista estava escoando rapidamente nos custos de impressão. Outra característica física da revista é que vemos crescer substancialmente o número de fotos a ilustrando, dando a ela um caráter maior de revista ilustrada, gênero, aliás, que fazia muito sucesso no país inteiro. Eram as revistas ilustradas que tinham maior circulação no país.

As queixas por atraso de pagamento são menos numerosas, mas as explicações por este motivo e as reclamações pelas dificuldades e brigas com a gráfica são constantes. É de se questionar ainda o fato de que, apesar de a revista afirmar que os custos de produção estão cada vez mais altos, a equipe editorial insiste na manutenção do preço da assinatura, só vindo a aumentá-la em janeiro de 1946, indo de \$10 para \$15, entretanto, nesse mesmo período, a assinatura anual da revista feminina de maior circulação no país, o “jornal das moças”²⁷⁷, custava \$130 e \$70 a assinatura semestral. Em que pese o fato de “O jornal das moças” ter uma periodicidade quinzenal, ainda assim é uma diferença de preço muito elevada, inclusive se considerarmos que tal periódico contava com numerosos anúncios publicitários, algo que não ocorria com Maria, que, nesse período, mantinha uma média de dois anúncios publicitários por número. O que não era raro no universo das revistas no Brasil, pois, de acordo com Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, no Brasil das primeiras décadas do século XX

parte de mais uma estratégia para aumentar o número de assinantes da revista, posto que o periódico não só conseguiu manter a circulação pontual, apesar de alguns atrasos na entrega em virtude dos correios, como fez edições especiais comemorativas com muitas ilustrações, que, certamente, ocasionavam um custo maior.

²⁷⁷ Cf. A REVISTA no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000. p. 164.

À revista reservava-se a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, literárias ou acadêmicas, essas publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses.

Nesse sentido, nem sempre é o caráter comercial que marca as iniciativas; ao contrário havia toda uma linhagem de publicações destinadas à defesa de interesses específicos. Muitos órgãos se constituíram sob a forma de diários, semanários e mensários com o propósito explícito de dar voz a categorias sociais (...) ²⁷⁸

A empreitada da revista não era, portanto, comercial, e sim simbólica. Visava marcar e dominar um espaço ocupado por um público leitor que a Igreja precisava manter sob controle, o que se tornava cada vez mais difícil, visto que, à medida que o século XX avançava, o número de revistas direcionado ao público feminino só aumentava.

A principal preocupação da revista Maria não era em si com o lucro, mas sim em manter o projeto inicial em circulação: um periódico com linguagem atrativa, cuja leitura congregasse e norteasse as ações das jovens associadas das Pias Uniões do país inteiro, colocando-as em sintonia com os assuntos, demandas e orientações da Igreja Católica, mantendo-as como um grupo organizado e com alto potencial de pressão social.

O apego à correção ortográfica e ao projeto gráfico da revista deixa os editores zangados, mas nada os importuna mais do que o constante atraso da gráfica que, para eles, os preterem por terem muitos outros serviços.

Aos Leitores...

Tem ahi nossos leitores e amigos a nossa Revista que se vae tornando publicação bimestral, graças ao desserviço que ora lhe presta a "Imprensa Industrial", devido a accumulo de serviço.

Paciencia! Paciencia! ²⁷⁹

Que fazer contra a má vontade dos homens?

Absolutamente contrariando os nossos desejos, somos obrigados a enfeixar num só fascículo os exemplares da Revista de fevereiro e março. Para o desserviço que nos prestam os responsaveis de taes distúrbios é preciso contrapor a costumeira longanimidade, concentrada por 24 annos. Acompanhem-nos, caros leitores, neste acto christão de abnegação e p-a-c-i-e-n-c-i-a!!... ²⁸⁰

²⁷⁸ MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 105.

²⁷⁹ Aos Leitores... *In*: Revista Maria, ago./set. 1935. p. 151.

²⁸⁰ Que fazer contra a má vontade dos homens? *In*: Revista Maria, fev./mar. 1936. p. 55.

Há de se questionar se outros impressos davam a gráfica um maior retorno que a revista Maria. De todo modo, a questão do papel direcionado à imprensa no Brasil se constituiu um problema para aqueles que lidaram com o impresso. A questão do papel virou um verdadeiro imbróglio, interferindo nas taxas alfandegárias, uma vez quase a totalidade do papel de melhor qualidade, utilizado para impressão de revistas, vinha do exterior. As duas Grandes Guerras na Europa influenciaram de forma definitiva no processo de aquisição do papel, mas não só, uma vez que, mesmo após o encerramento dos conflitos, as dificuldades para adquirir papel para imprensa permaneceram. Ana Luiza Martins aponta que, no contexto de Crise desencadeado pela I GM, teve uma consequência grave para os custos dos impressos no Brasil, o que nos aponta que não eram apenas queixas vazias dos editores de Maria

(...) o circuito do papel em crise reforçou um círculo vicioso, extremamente prejudicial, qual seja: o alto custo daquele exigia redução de seu consumo, enquanto a situação internacional beligerante demandava maior espaço da imprensa para divulgação de notícias, especialmente nos jornais e revistas. Concomitantemente, o suporte econômico que advinha dos anúncios nos periódicos retraía-se, dificultando ainda mais a sobrevivência do produto.²⁸¹

Nessa fase da revista, dá-se o ingresso de algumas colaboradoras que vão consolidar suas participações na revista com colunas próprias.

O período de 1933 até 1955 é um período com muitas mudanças, não apenas para a sociedade brasileira como um todo, mas também para a Igreja Católica em particular. O projeto das Filhas de Maria é um projeto conservador. Até então, isso não era um problema, entretanto, quando a Igreja começa a experimentar outros projetos que assegurem um diálogo maior e, conseqüentemente, uma garantia de continuidade de sua influência junto à sociedade, em especial a juventude, esses modelos de projetos entram em choque.

Riolando Azzi aponta que muitos sacerdotes se insurgiram contra as mudanças advindas da Ação Católica, que foi oficializada enquanto movimento no Brasil em 1935. Em dezembro de 1939, em Belo Horizonte, um sacerdote bradava na Igreja de Lourdes

Ação Católica! Ação Católica! Essas moças e rapazes que andam por aí, sem educação pregando heresias. Esses jovens da Ação Católica, jogando

²⁸¹ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp-Fapesp, 2008. p. 214.

pelas ruas, andando juntos moças e rapazes, querendo dialogar a missa, pensando que já são iguais ao padre para concelebrar com ele. Como se eles é que celebrassem a missa!²⁸²

Ainda segundo Azzi,

A dificuldade era coadunar essa nova visão de mundo com a tradicional condenação da cidade como lugar do pecado. Como aceitar que aqueles que viviam no conforto da vida moderna pudessem expressar publicamente a fé católica? Como aceitar que jovens inexperientes pudessem expressar suas convicções religiosas, sem solicitar antes a autorização expressa da hierarquia eclesiástica?²⁸³

Muitos são os ataques à atuação dos jovens na Ação Católica nesses primeiros anos de implantação da mesma no Brasil, segundo Azzi, *“por trás de todos esses ataques, estava a defesa da antiga educação católica, realizada sobretudo através das associações dos marianos e das Filhas de Maria”*.²⁸⁴ A atitude das Filhas de Maria deveria ser, antes de tudo, de submissão às autoridades eclesiásticas, além de evitar contatos demorados com o gênero masculino. Para os conservadores, o modelo mariano era, portanto, muito mais aceitável que o modelo da Ação Católica.

Só percebendo essa sutil, porém não desprezível, disputa entre modelos para a juventude católica, torna-se possível entender como, durante todo esse período, a chamada “Ação Católica” é pouco mencionada nas páginas de Maria, embora seja a AC um dos maiores projetos da Igreja do período de 1935 até década de 1950. Ao longo de todo o período aqui em estudo, a revista consegue manter o foco no grupo das Filhas de Maria brasileiras. Ainda que haja uma ou outra referência a outros movimentos da Igreja, tais como as noelistas ou mesmo a Ação Católica, é o universo da Filha de Maria que conta. É sobre elas, seus modelos, suas permanências e mudanças que a revista vai se debruçar. Mesmo quando outras pautas estão em destaque na sociedade, a revista constrói uma pauta própria para as associadas das Pias Uniões. Não que essa pauta esteja desconectada do restante da sociedade, mas, na medida do possível, os clérigos que escrevem na revista buscam restringir o universo das Filhas de Maria a questões pontuais. A abertura e a fuga dessas questões direcionadas pelo clero diretor da revista sempre

²⁸² AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 514.

²⁸³ Idem. Ibdem.

²⁸⁴ Idem. p. 515.

se dá a partir das leitoras, sejam em seus comportamentos desviantes, sejam em suas colaborações com a revista, trazendo perspectivas diferenciadas que, aos poucos e de maneira irreversível, vão se impondo na pauta do periódico, questões, muitas vezes, prementes na sociedade.

Logo, seguiremos a proposta de elencar como tópicos deste capítulo as questões que, novamente, mais figuram nas páginas da revista e como elas são discutidas, não só pelo clero diretor da revista, mas também por suas leitoras e colaboradoras.

4.1 O CORPO DESPERTO - A FILHA DE MARIA E A AMEAÇA DE UM CORPO QUE DESEJA E É DESEJADO.

No que concerne à Filha de Maria, a principal preocupação desse projeto tradicional de associação leiga é o uso do corpo. A forma como essas mulheres se relacionam com seus corpos e como estes interagem numa sociedade cada vez mais agitada pelos ares da modernidade, buscando uma forma de vida cada vez mais hedonista, em especial nas camadas mais abastadas - às quais pertencia a maioria das Filhas de Maria - é o foco das pregações mais recorrentes.

A preocupação do ideário católico em torno do controle do corpo feminino vem dos primórdios da Igreja e foi reafirmado ao longo do período medieval, de modo a tornar-se praticamente uma obsessão. Michelle Perrot nos lembra de que

O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são objeto de uma perpétua suspeita.²⁸⁵

É sobre a moralidade que recaem as preocupações de um clero cada vez mais atordoado com as novidades dos tempos modernos, influenciados ainda, por cima, pelo cinema e modas americanas, que chegam ao Brasil com uma influência avassaladora, especialmente nos centros urbanos mais populosos, onde as Filhas de Maria tinham cada vez mais dificuldades em manter o padrão de pureza,

²⁸⁵ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 447.

obediência e recato esperado delas. É o corpo feminino que se insinua, mostra-se e exerce a tentação de Eva sobre o gênero masculino e a sociedade. O homem não é preocupação da revista, este raramente aparece em seus escritos e recriminações, salvo quando seu comportamento ameaça desviar-se também para o feminino. O homem efeminado é aquele que é mencionado e recriminado na revista, de maneira espaçada, mas sem perdão. O feminino é, portanto, o corpo do pecado, não importa se quem o apresenta é uma jovem Filha de Maria ou um “efeminado homem moderno”²⁸⁶.

Com exceção do momento em que aparece como desvio, com modos femininos, o corpo masculino não entra em discussão na revista. Quando os textos falam de homens não se menciona o físico, a carne-corpo masculina não tem medidas, nem parâmetro, nem modelo, ela sequer é falada. Em se tratando do corpo masculino, não se comenta em corpo magro, gordo, forte, franzino, em exercícios físicos ou dieta.

Ao contrário do corpo feminino, que na década de 1940, sintonizado com o padrão de beleza veiculado pelas revistas de moda e pelo cinema americano, começa a sofrer influência de novos parâmetros e, assim, outras formas, novas medidas passam a povoar as preocupações da toilette feminina. Mesmo em uma revista Maria que exaltava a beleza espiritual, os ecos da preocupação com a elegância física, corporificada na silhueta fina, firme, jovem, começam a figurar como preocupação das jovens, mesmo as Filhas de Maria acostumadas a exaltar a beleza mística do espírito. Na sociedade moderna, ser mulher é, antes de tudo, um reflexo no espelho. É esse reflexo que será determinante, inclusive nos novos ideais de amor romântico, mais sintonizados com os enredos apaixonados do que com os acordos familiares firmados, embora uns não excluíssem totalmente os outros²⁸⁷.

²⁸⁶ Como já afirmamos, o gênero masculino não era foco das preocupações da revista e só aparece quando é visto como desviante. Logo, as menções que são feitas aos chamados “efeminados” se dão em pequenas frases de reprimenda e ridicularização, sem que se aprofunde na discussão. Somente na seção de Graphologia que, por vezes, esse indivíduo receberá mais atenção, pois está interagindo diretamente com os editores, e nisso se faz mais necessário chamar atenção para o indivíduo emendar-se segundo os parâmetros de masculinidade e virilidade aceitos pela sociedade. Alain Corbain nos lembra de que “A virilidade não constitui uma simples virtude individual. Ela ordena, irriga a sociedade, cujos valores sustentam. Ela induz efeitos de dominação – dentre os quais o exercido sobre a mulher é apenas um elemento. Ela estrutura a representação do mundo.” In: CORBAIN, Alain (Dir.). **História da virilidade: O triunfo da virilidade – O século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 09.

²⁸⁷ Ver DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

Para Michel Foucault, antes de desejar estabelecer todo um controle sobre as relações sexuais que serão, na sociedade moderna, perscrutadas na tentativa de criar um saber-poder, a sociedade burguesa manifestou o desejo de controle do corpo²⁸⁸.

Controlar o corpo²⁸⁹, isolá-lo, criar variações de valores e distinções para ele, diferenciando-o com um recorte que é também de classe, nas emaranhadas relações de saber e poder, uma vez que, a partir da segunda metade do século XVIII, a burguesia esteve *“Empenhada em se atribuir uma sexualidade e constituir para si, a partir dela, um corpo específico, um ‘corpo de classe’ com uma saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça: autosssexualização do seu corpo próprio, endogamia do sexo e do corpo.”*²⁹⁰

Nesse processo de desenvolver um dispositivo de controle do corpo e, posteriormente, do sexo e da sexualidade, foi primordial levar o sexo para o discurso, falar-se dele, dos desejos do corpo, observar tais sensações, conhecê-las, vigiá-las. Foucault afirma que, a partir de meados do século XVIII, é possível perceber a organização de um bio-poder, que se fundamenta basicamente nas disciplinas e controles dos corpos, e, para conseguir as sujeições dos corpos, investiu em muitas técnicas e dispositivos de controle. Dentre esses dispositivos, a sexualidade foi um dos mais importantes. Para Foucault,

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. É por isso que, no século XIX, a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância; tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível constituí-la.
291

²⁸⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, passim.

²⁸⁹ Segundo Denize Bernuzzi, para Foucault esse controle do corpo se dá em várias dimensões, pois ele *“mostra uma dimensão criativa do poder, capaz não apenas de negar o corpo, mas principalmente, de fabricá-lo cotidianamente, tornando-o dócil para o trabalho e, ainda, capaz de extrair prazer dessa docilidade”*. Um prazer que a Filha de Maria também encontrava na deferência que a sociedade tinha para com a moça mariana pura e comportada, embora se privasse de parte considerável das novidades da modernidade, afinal toda repressão tem uma dimensão de compensação. SANT’ANNA, Denize Bernuzzi de. *Corpo, ética e cultura*. In: BRUHNS, Heloisa Turini & GUTIERREZ, Gustavo Luis (orgs). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2000. p. 81.

²⁹⁰ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 117.

²⁹¹ Ver FOUCAULT, Michel. Op. Cit. p. 137.

As décadas de 1930 e 1940, na revista, serão marcadas por uma espécie de tomada de consciência do corpo. Vivenciar o corpo passa a ser uma experiência real, sensorial. Um sentir-se e perceber-se constante, que contrasta com a visão mística, purificadora e santa do corpo a qual os textos da revista traziam em sua fase anterior.

Com o avanço da modernidade, das mudanças de costumes, o corpo passa a figurar na revista numa perspectiva mais material. É um corpo sentido, discutido em suas formas e desejos. Até mesmo os padrões de beleza que a sociedade começa a ansiar, passam a figurar nos escritos da revista, venham eles das penas das assinantes ou da direção imposta pelo clero, o qual ainda não consegue aceitar as mudanças comportamentais, embora abra mão vez por outra, menos por vontade do que por impotência.

As jovens, que escrevem sobre assuntos relacionados ao corpo, afirmam sucintamente que este, nos novos tempos que buscam liberar a experimentação dos prazeres dos sentidos, é o grande inimigo na busca pela perfeição espiritual, pela preservação da castidade e da pureza.

Essa percepção de um corpo, cujos desejos e sensações se impõem mesmo aos ensinamentos religiosos e projetos de salvação, é algo que fica cada vez mais evidente na segunda fase da revista. Quando se começa a falar mais abertamente do corpo, embora não de maneira explícita demais, especialmente as mulheres dão indícios de que começam a perceber as vontades dos seus corpos como algo presente e perigoso, do qual é preciso se proteger e prevenir. Refletindo sobre tais mudanças, Claudia Save escreve um artigo intitulado “O desmoronamento da ‘montanha’”, com a qual compara a alma da Filha de Maria e previne suas irmãs de congregação sobre o possível desmoronamento desta montanha, mediante os males da modernidade.

O mundo, e sobretudo o mundo de hoje solicita movimento, energia, desperdício de tempo e de calma, ligeireza, azafama, correria em tudo. Tudo é rápido, elétrico, pratico, barulhento, ligeirissimo, extenuante. Os nossos nervos e os nossos sentidos, de tanto trabalho e solicitação, vivem como uma pilha electrica em acção ou eterna jazz-band. [...]
Guarda os teus sentidos o mais que puderes: sobretudo os teus olhos, os teus ouvidos, a tua língua... como são perigosos, santo Deus!!!...
No entanto, o inimigo mais mettido e mais afoito que somos nós mesmos, a nossa carne (...)²⁹²

²⁹² O desmoronamento da “montanha” *In*: Revista Maria, dez. 1935. p. 241-242.

Ao longo do texto, a autora pede constantemente uma postura de recolhimento, meditação, um anestesiamiento dos sentidos do corpo “*colocando nelles como vidros impermeáveis nas janelas*”. Em uma linguagem mais metafórica, a proposta de Claudia Save é de uma fuga do mundo e da modernidade, para que se mantenha a pureza e a perfeição tão caras às “*montanhas de perfeição*”, as quais deveriam ser as Filhas de Maria. “*O demônio, o mundo, a carne, não te vêem com bons olhos, montanha de perfeição*”, afirma Claudia Save. De seu texto, depreendem-se muitas questões que começam a povoar os conflitos internos dessas mulheres, vendo o mundo a sua volta cheio de referências ao corpo, aos prazeres da vida dita moderna.

Certamente, algo que deve ser bem observado é o fato de que dentro do modelo de catolicismo, que idealizou a confraria das Filhas de Maria, a virgindade não se restringe ao meramente físico, uma vez que ela é, antes de tudo, algo espiritual, dessa forma o corpo intocado não tem valor se a alma não é intocada. Com isso, é proposto um modelo em que as mulheres devem ficar alheias aos assuntos do mundo, sob pena de manchar a alma, perder a inocência ou, simplesmente, tomarem conhecimento de uma sexualidade que não só lhe é negada, mas lhe é terminantemente proibida e condenável. Saber das sensações do corpo, dos prazeres que esse pode proporcionar é, portanto, tão impuro quanto o ato sexual em si.

A se ver em meio a um mundo tão cheio de possibilidades, de informações inconvenientes e de prazeres proibidos, as “*montanhas de perfeição*” começam a correr o risco de desmoronar. Ao invés de procurar um inimigo externo e jogar para ele toda a responsabilidade da tentação e da culpa, Claudia Save joga para si, ou melhor, para o domínio do corpo, o inimigo a ser combatido: a carne. Combater a carne passa por negar-se ao mundo, proteger os nervos e os sentidos do mundo cada vez mais rápido e elétrico, que mexe com a carne, atíça-a.

Claudia Save mostra com seu texto que a mulher, a qual escreve para a revista Maria, durante sua segunda fase, tem outra percepção do corpo, de suas sensações e tentações, e, para manter-se em sintonia com a tradição da qual faz parte enquanto Filha de Maria, “*Só há dois meios de escapar a correnteza: a prática do abandono e a prática da concentração.*” No que se refere à concentração, Save é clara:

“diariamente, meditação, exame de consciência, comunhão e leitura espiritual. Mas sobretudo, missa e comunhão sacramental. [...] É o espírito de oração vivida que não se p^óde separar do espírito de vigilância: (“vigiae e orae!”).” (Grifos no original)²⁹³

Missa e comunhão sacramental não são escudos aleatórios, são dispositivos de controle idealizados pela Igreja Católica. A comunhão traz implícita a confissão, que é, primeiramente, o resultado de um exame de consciência, o qual é relatado ao padre, num cuidado minucioso com as manifestações da carne.

Para Foucault, desde o concílio de Trento, a principal preocupação da confissão é essa relação com o corpo, com seus desejos mais recônditos, sobre os quais será necessário não apenas pensar, mas falar, no confessionário, visando, em primeiro lugar, o controle²⁹⁴.

A extensão da confissão e da confissão da carne não parou de crescer, pois a Contra-Reforma se dedicou, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual, tentando impor regras meticulosas de exame de si mesmo, atribuindo, cada vez mais, importância na vigilância – em detrimento, talvez de outros pecados – a todas as insinuações da carne. Pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deveria entrar, com riqueza de detalhes, no jogo da confissão e da direção espiritual.

Esse corpo feminino, que deveria seguir regras meticulosas de penitência e continência, na modernidade, parece despertar, gritar e, em última análise, tornar-se o inimigo dessas moças que conviviam na sociedade com aquelas mais ousadas, as quais não eram filhas de Maria e permitiam ao corpo algo que, até então, não experimentavam: a liberdade de exhibir-se, insinuar-se. Corpos que passavam a se cobrir com tecidos leves ou figurinos justos, uma moda que só era perniciosa porque coloca a carne à vista, em evidência. Nesse sentido, o corpo feminino moderno é um corpo que se insinua e que não quer mais ser silenciado, cujo controle, as modas e modos da modernidade dificultam, porque o instiga sem pudores, numa relativização sobre o pecado que a tradição, na qual as Filhas de Maria foram criadas, não aceita.

²⁹³ O desmoroamento da “montanha”. *In*: Revista Maria, dez. 1935. p. 242.

²⁹⁴ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 22.

Não se trata exclusivamente da moda em si, ou dos modos, trata-se efetivamente do corpo em evidência e do corpo em movimento.

O calor, a praia, os maiôs, os vestidos de tecido leves começam a figurar na revista como motivos de reprimendas, preocupações e aconselhamentos, uma vez que na prática eles representam o corpo à vista e, muitas vezes, mais do que isso: o perigoso contato com os corpos masculinos.

Nas praias se despem homens e mulheres, das vestes e da vergonha para ofender a Deus e às virtudes. É nisso que está a relação entre o mar e a virtude.

Para uma moça christã as praias de banho são tão perigosas que nem se póde suppor que por lá se encontrem ellas.²⁹⁵

O usufruto da praia, aliás, nas três primeiras décadas do século XX, era algo que despertava cuidado e desconfiança por parte dos mais conservadores, e as praias eram objeto de atenção redobrada, uma vez que nelas, além do despudor dos corpos em evidência, ainda havia o risco das jovens católicas se exporem a situações vexatórias, tendo um contato mais próximo com o gênero masculino ou misturando-se com mulheres tidas como não respeitáveis²⁹⁶.

Os clérigos responsáveis pela revista, diante das novas modas e modos, apelavam para as táticas que sempre estiveram em suas práticas, condenando veementemente as mudanças, apelando para o medo e para a ameaça de um castigo divino. Dentro de seus espaços de experiência, não sabiam agir e combater de outra maneira. Logo, a primeira medida é exaltar os modelos já postos. E, quando se tratava do gênero feminino, é o sofrimento do corpo, em nome da pureza da alma, que deveria ser colocado em prática.

Não por acaso, a escolhida como modelo de postura e como apelo à consciência às leitoras da Revista será a estigmatizada Teresa Newman.

É um milagre vivo a estigmatizada. Ella vive da Santa Comunhão: um Sacratio vivo.

²⁹⁵ Respingando... *In*: Revista Maria, dez. 1937. p. 240.

²⁹⁶ Noelia Alves narra em seu trabalho que em Fortaleza de 1925, o banho de mar virou caso de justiça, pois algumas meretrizes da cidade reivindicavam o direito de banharem-se em qualquer ponto da praia. Na época, a meretrizes eram reservadas apenas algumas áreas da praia, para que as mesmas não se misturassem com as moças "respeitáveis" da cidade, que começavam a buscar os banhos de mar com finalidades terapêuticas. Ver SOUSA, Noélia Alves de. **A liberdade é vermelha?** Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

As angustias e os martyrios da Paixão sofre-os Tereza horrorosamente ás sextas-feiras. Nosso Senhor a fa participante dos mysterios dolorosos de sua vida sua sangue (sic), derrama lagrimas de sangue, recebe estigmas.

[...]

A estigmatizada soffre martyrios horríveis em expiação pelos pecados da moda. E se veste tão modestamente a ponto de cobrir até a palma e o dorso das mãos.

(...)D'outra vez Teresa encontrou na sacristia da Matriz uma moça vestida immodestamente. Chamou-a a parte e repreendeu-a docemente:

- Minha filha, não se vista assim! É um grande peccado vestir-se imodestamente... isto desagrada ao Nosso Salvador!²⁹⁷

Teresa Newmann, a estigmatizada de Konnersreuth²⁹⁸ como era chamada, é uma personagem mencionada com muita frequência nas páginas da revista. Teresa, uma camponesa de uma aldeia do norte da Alemanha, começou a atrair, durante a década de 1920, multidões para verem os fenômenos místicos que ocorriam com ela. A Igreja alemã, embora recomendasse cautela, não atacou Teresa como o fez, por exemplo, a igreja brasileira com a beata Maria de Araújo de Juazeiro do Norte²⁹⁹. Os acontecimentos extraordinários em torno de Teresa incluíam um farto derramamento de sangue, até pelos olhos, formação de oito chagas na cabeça que, por sua vez, formavam estampas florais nos panos usados para envolverem a cabeça, enquanto a mesma sangrava, além de visões da paixão de Cristo, a qual presenciava e também vivenciava. Por fim, era anunciado, vigiado e contabilizado o fato de que a estigmatizada desde 1927 vivia em jejum absoluto. Até 1926, ela, segundo os relatos publicados na revista, ainda ingeria líquidos e, a partir de 1927, nem isso, seu único alimento era a “santa comunhão”, “Um milagre vivo”, como anunciava a própria revista. Propagandeada pela revista como exemplo de santidade, humildade, simplicidade, resignação e fé, a revista não hesitou em usá-la em mais de uma ocasião como argumento contra a moda. A página de modas e ... modas atribui claramente o sofrimento de Teresa à “expiação pelos pecados da moda”, complementando ainda que ela “se veste tão modestamente a ponto de cobrir até a palma e o dorso das mãos.”

Na voz da tradição, no espaço de experiência do cônego Eivaldo Souto Maior, que escrevia a página, cujo texto intitulou “O céu contras as modas”, o corpo

²⁹⁷ Pagina de modas e... modos *In*: Revista Maria, jan./mar. 1934. p. 34-35.

²⁹⁸ Cf. O Milagre dos estigmas em pleno século XX? *In*: Revista Maria, jan./fev. 1928. p. 11-12.

²⁹⁹ Muitos trabalhos tratam da questão do chamado “milagre de Juazeiro”, com diferentes focos. Com a narrativa mais centrada na figura da beata Maria de Araújo, temos, por exemplo: NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus**: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898). 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

santo é oculto. Este não se mostra e o corpo à mostra só traz sofrimento aos santos que no céu, ou na terra, sangram pela falta de modéstia ao vestir.

Entretanto, os diretores da revista começam a perceber que a mortificação é uma virtude fora do tempo presente, o corpo que sofre e se martiriza não é moderno, pelo menos não nos moldes de Teresa Neumman. De forma resistente, Rute, ou melhor, Xavier Pedrosa insiste:

A mortificação é uma virtude que sempre a Igreja pregou como necessária para a vida espiritual, para conservação da verdadeira santidade. Nem se diga que a mortificação é uma virtude fora do tempo. Esse espírito de mortificação continua a viver intensamente na Igreja, por baixo das púrpuras mais suntuosas (...) ³⁰⁰

E segue dando exemplos de religiosos que, mesmo em altos postos da hierarquia católica, faziam uso de cilício ou se recusavam a dormir em leitos luxuosos, preferindo dormir no chão.

É mais um confronto que a modernidade trava com a tradição, a beleza do corpo moderno tem outros parâmetros que não os da santidade. A beleza moderna é física, é corpórea, hedonista e, por sua vez, tem mortificações próprias, vistas pelos editores da revista, como verdadeiras aberrações.

Muita gente faz mais sacrifício para se perder que para a salvação eterna. Isto é, faz penitência para se condenar.
A penitencia do diabo.
O inferno quer imitar o Céu. Há penitentes do diabo como os há de Christo.
(...)
Por exemplo, não exige a moda um sacrifício duro das suas escravas? Muita menina pallida e mimosa, franzina e delicada, sentirá calefrios se lhe falarem em jejum de Quaresma, e jejúa a pão e vinagre, para emagrecer. Ser magra, fininha como um palito é hoje o ideal de beleza.
Belleza de crise!
As gordas vivem humilhadas. (...)
E estas meninas que choram para arrancar sobrancelhas e não tem uma lagrima pelos seus pecados?
Que para emmagrecer bebem vinagre, jejuam a pão e agua, e não suportam uma sexta-feira de Quaresma?
Cuidado, senhorinhas!
Os regimes de penitencia monástica e os jejuns da Igreja não matame fazem bem ao corpo, está provado pela medicina, e mis bem ainda fazem À alma.
Os regimes de emmagrecimento elegante tem dado com muita melindrosa nos sanatórios de T.P. e reduzindo a esqueleto muita moça outrora sadia, forte e robusta. Nada de penitencia pro diabo! ³⁰¹

³⁰⁰ Respingando... In: Revista Maria, jan./mar. 1935. p. 15.

³⁰¹ Página de modas e... modos: "Penitencia p'ro Diabo!" In: Revista Maria, jan./mar. 1935. p. 17.

Assim, dentro do espaço de experiência do clero, passa a ser importante ratificar a importância da confissão e da comunhão. Controle do corpo, da carne, dos pensamentos e desejos mais íntimos, que só a auto-observação e a reflexão podem fazer com eficiência. Uma vez exercitados esses sentimentos e conhecimentos de si, chegará a hora de confessá-los ao sacerdote que aconselhará, repreenderá e buscará normatizar o comportamento daquelas que descuidam da modéstia do corpo que contamina a alma.

Para isso, o uso de contos e fábulas edificantes continua sendo utilizado como forma de convencimento, novamente é reflexo da tradição desses homens acostumados a educarem suas leitoras através de fábulas. É o caso da fábula, em que um velho lobo, arrependido de tantas vítimas já feitas, vai se confessar a um velho ermitão, que o repreende e o aconselha por um longo tempo, durante o qual o lobo vê um vasto rebanho e pede a ele que apresse seu sermão, para que dê tempo de pegar alguma presa no rebanho que passava.

Entre vós Filhas de Maria, não existem talvez algumas que fazem a confissão do lobo?

A's vezes vos confesaes de ter bailado, mas depois... ao sim dum simples clarinete, logo dizeis, ao menos com o coração ao padre:

- Depressa, padre, depressa, senão a música termina, e eu não chego a tempo de dansar!

É bem verdadeiro aquelle proverbio de minha terra que diz: o lobo muda o pello mas não o vicio.

Vós, Filhas de Maria, mudando de vestido, isto é, com as vossas vestes que reflectem as virtudes de Maria, conservareis os vícios antigos?³⁰²

O corpo feminino moderno será medido, moldado, padronizado, para, finalmente, ser exposto, ou seja, um novo controle dos corpos, que não deixa de lado o controle moral-sexual do corpo feminino, exigido pela sociedade cristão-católica, mesmo por aquela parcela que se diz moderna. Afinal, a liberdade no comportamento feminino sempre foi vigiada desde os tempos mais remotos do cristianismo.

Quando o corpo magro passa a figurar entre as preocupações estéticas das brasileiras e das Filhas de Maria, em especial, vem à tona outra discussão que ampliava a questão também para o âmbito educacional: exercícios físicos para mulheres. A educação física para mulheres era assunto discutido tanto no Brasil como na Europa e é, justamente de lá, que vêm as referências para o artigo

³⁰² A confissão do lobo. *In*: Revista Maria, jan./mar. 1934. p. 37.

“Educação Physica da Mulher”, mais especificamente da Itália fascista, onde se recomendava atividades físicas para as jovens, mas com cautela. Em Maria, os editores escrevem uns “reparos à margem de conceitos emitidos na ‘Civiltá Cattolica’”, e continuam apontando o exercício físico como um perigo às jovens. É novamente o embate entre o espiritual e o físico que é colocado em pauta no artigo da revista:

Dado, mas não de pleno acordo, que o desporto tivesse uma influencia propicia, sob o ponto de vista physiologico, sobre o organismo feminino, não se deve esquecer nem desprezar a sua evidente acção deletéria sob o aspecto psychologico e moral.

Exaltando a fôrma do corpo o desporto acaba por dar a matéria um certo primado sobre o espirito, vai apagando e obscurecendo pouco a pouco o senso do pudor. Promove e faz exaggerar o conceito feminista que é preciso masculinizar a mulher, ao mesmo por afasta-la da maternidade para arrastá-la ao erotismo e ao amor livre.³⁰³

O primado do corpo sobre o espírito era inadmissível para aqueles sacerdotes representantes da tradição. Para combatê-lo mesclam argumentos morais, religiosos, além de apelar para já tradicionais e potenciais inimigos: o feminismo, a masculinização da mulher, negação da maternidade e o sexo livre. Novamente é a voz da tradição que vocifera contra os novos hábitos trazidos pela modernidade.

Mas, como a modernidade exige o discurso da ciência que legitima os argumentos e que por si atribui também modernidade à fala, a revista Maria trouxe o discurso de um médico, o Dr. B. Jorge Callado, publicado originalmente na revista Brotéria, de Lisboa. Numa série de três números consecutivos argumentando contra as práticas esportivas por parte do gênero feminino, o dr. Callado faz um virulento ataque ao “desportismo feminino”, e apresenta, partindo do lugar do discurso médico-científico legítimo, acusações de que os exercício físicos, além de masculinizar a mulher e deformar-lhe a psicologia e a fisiologia, também prejudica a principal função feminina: a de reprodutora. O dr. Callado ainda afirma que “O que a natureza mais quer, é que a mulher seja um útero”³⁰⁴.

A mulher desportista nem é mulher, nem é homem; é antes um ser estranho, deformado, falseado em sua natureza, improprio á vida moral, social, e physica dos povos. Se, por desgraça, esta praga alastrar será o fim de tudo, na pavorosa degeneração do gênero humano.

³⁰³ Educação Physica da Mulher *In*: Revista Maria, dez. 1938. p. 264.

³⁰⁴ O exhibicionismo desportivo feminino. *In*: Revista Maria, jun. 1940. p. 104.

As modificações estruturais e funcionais não são obra de um dia. As profundas deformações da bacia, por influxo do desporto, reduzem ao mínimo os seus diâmetros. E a bacia masculinizada apertada, endurecida, deformada, torna-se apenas, o suporte ósseo, das deformações concomitantes do tronco e membros inferiores.³⁰⁵

Com um vocabulário rebuscado, recheado de termos científicos e de anatomia, os artigos buscavam sustentar a ideia de que, além de imoral, antinatural e insalubre, a prática de exercícios físicos pelas mulheres também acarretavam a perda da forma feminina, que, para o médico em questão, é composta essencialmente por uma camada de “tecido adiposo”, o qual dá à mulher a “ondulação da superfície do seu corpo”. Ou seja, o artigo atacava não só os novos costumes, que permitiam à mulher a liberdade de praticar exercícios, mas também defendia um padrão de beleza de um corpo feminino mais corpulento, com curvas moldadas por uma camada adiposa generosa. Já a modernidade apontava como um novo padrão de beleza feminino o corpo esbelto, de medidas reduzidas. E para defender tal padrão, o argumento final continua a ser a maternidade, fim último dos “úteros” que a sociedade desejava.

A fôrma especial da mulher, a sua conformação exterior, o moelado, o ondulatorio da superfície do seu corpo, não se alcançam sem o tecido adiposo, estritamente necessário o modelado á “silhouette” biológica, que tanto encanto dão á formosura feminina. Andam os gostos muito pervertidos, e vá de muito admirar a clavícula e espadua a perfurar a ple endurecida, e demais relevos osseos a esquinar o edifício...

(...) Se a adiposidade exagerada é de reprovar, não diremos o mesmo da gordura nos limites propios, indispensáveis á forma, e até ao equilíbrio orgânico da mulher, porque é uma preciosa reserva nutritiva geral para as maternidades futuras. (sic)³⁰⁶

O fato é que os artigos publicados na revista Maria atacavam a prática de exercícios físicos por mulheres com diversos argumentos (masculinização, perda da fertilidade, perda da beleza, deformação física, perdição moral, mácula espiritual), entretanto o que preocupava mesmo era essa emancipação do corpo feminino, que, nos novos tempos, desejava definir-se, desejava e queria ser desejado sob novos parâmetros. Manter o controle sobre o corpo feminino estava no cerne do ser Filha de Maria. O corpo contido, controlado, mistificado, cuja beleza não deveria ser encarnada, mas espiritual, não condizia com a tendência de colocá-lo como centro do desejo feminino. O corpo feminino que desejava se moldar, se exhibir, frequentar

³⁰⁵ O exibicionismo desportivo feminino. In: Revista Maria, jun. 1940. p. 101.

³⁰⁶ O exibicionismo desportivo feminino. In: Revista Maria, jun. 1940. p. 101.

praias e aproveitar as novidades da moda era um corpo, de certo modo, público, já que toda a sociedade o vigia, por cuidado e/ou na expectativa de um deslize qualquer. Ele visava deixar o recato do lar, não queria mais se esconder e essa mudança de um corpo que deveria ser recato e reclusão para um corpo exibível e exibido deveria ser eliminado com todos os argumentos possíveis de alegar: científico, moral, religioso, estético.

Não eram apenas as modas, a gordura, ou a falta dela, que deixavam o corpo feminino em evidência. As danças não só deixavam o corpo em evidência como atiçava seus sentidos, seus movimentos e sua sensualidade, algo profundamente temido pela Igreja, a qual sabia que a sensualidade despertava desejos e comportamentos condenáveis junto a moral cristã.

Muitas senhoras sentem e não ignoram, mas não se atrevem a definir o mal nefasto que advem da dança para a sociedade. Pelo prazer de sensação de conchego de uma mão masculina... vão procurar na sombra de um costume secular... o furor escuso e indomável da sensualidade. (...)
Sobretudo, as danças exóticas e barbaras, como o tango, o fox-trot, etc. constituem verdadeiro attentado á moral e instrumento de prostituição colectiva e social.(...)
Antigamente se embriagava... para se sentir a coragem de dançar; hoje, em dia, se dança para se sentir o prazer de embriagar a vida e os sentidos.³⁰⁷

A embriaguez dos sentidos que traz consigo os prazeres da vida, eis o perigo das danças. Não é o ritmo ou o movimento em si, mas o despertar do corpo e dos sentidos. O “conchego” da mão masculina, a “indomável sensualidade” colocava em risco mais do que um modelo de moralidade, mas um projeto social representado pelas Pia Uniões do país inteiramente, convivendo intensamente na modernidade, especialmente nos grandes centros, e naquelas de famílias mais abastadas que tinham acesso aos espaços e modas da modernidade, tais como os bailes, onde se dançava ritmos estrangeiros.

Sem saber apelar para outra linguagem, salvo aquela que a tradição os havia ensinado, os clérigos se esforçavam, muitas vezes, em vão, para despertar, se não o pudor das leitoras, pelo menos o medo nelas.

As consequências das dansas modernas são gravíssimas sob todos os pontos de vista. São causa de fortíssimas perturbações físicas e psychicas, arruinam a saúde, envelhecem o individuo, prejudicam a perpetuidade da espécie, pervertem as donzelas, provocam tragédias

³⁰⁷ Página de modas e... modos: “A dança e a educação moral” In: Revista Maria, ago. 1939. p. 195.

conjugais e divórcios, estimulam ao alcoolismo, constituem uma espécie de bolchevismo moral.³⁰⁸

E, ao corpo que dança e se diverte, eles opunham o corpo que adocece, de doenças que degeneram a carne, a moral e a mente. Ao apelar mesmo para a questão do envelhecimento, a revista toca em um ponto delicado para as leitoras e também para as colaboradoras da revista: ser jovem. A juventude na revista vem associada tanto à questão da beleza feminina como à questão da modernidade dos costumes e da oposição à tradição. A modernidade é essencialmente jovem, assim como a moça que se entrega às perdições do mundo, tanto que, em alguns momentos, as colaboradoras da revista, ao reafirmarem uma posição mais em sintonia com a tradição, fazem questão de dizer que são jovens

E vós jovens, que pensais apenas nas alegrias e felicidades deste mundo como vos entediou minha palestra. Parece ver em nossos rostos brilhantes de mocidade, o signal do enfado. Mas é muito particularmente a vós que ora me dirijo, podeis fechar de todo as vossas carinhas. Não é uma velha titia que vos fala. É uma alma cheia de mocidade, mas sedenta de ideal!³⁰⁹

Reafirmar a juventude em sintonia com a tradição era tentar construir um pensamento que era possível ser jovem e ainda resistir ao hedonismo da modernidade em nome de um ideal maior, que a fazia diferente das jovens de seu tempo, não pela idade cronológica, mas pelos valores que cultivava.

Se, na primeira fase, o momento era de autoafirmação e de valorização da Filha de Maria no papel de jovem católica ideal, que para tanto só precisava cumprir a risca os costumes da tradição, a partir da década de 1930 fica cada vez mais difícil manter uma sintonia inabalável com os ensinamentos da tradição, mesmo porque as jovens associadas das Pias Uniões espalhadas pelo Brasil não queriam ser vistas como “velhas titias antiquadas”.

Desejavam elas, também, gozar da juventude, sentimento tão moderno para moças que deveriam estar muito afeitas aos valores do passado, assim, do ponto de vista das temporalidades a fita azul, com seu peso simbólico, sobre os ombros das jovens marianas, tornava-se uma espécie de anel de moebius, em que confusamente não era possível determinar de maneira precisa em qual

³⁰⁸ Página de modas e... modos: “As danças modernas” . *In*: Revista Maria, jan./fev. 1941. p. 19.

³⁰⁹ Carta aberta. *In*: Revista Maria, abr. 1939. p. 91.

temporalidade estariam elas, atadas à tradição ou irremediavelmente seduzidas pela modernidade.

Assim, em alguns momentos, elas eram conclamadas a lembrar do momento que entraram na irmandade e o compromisso assumido, foi o que fez Dorothéa, ao se dirigir às “queridas irmãs em Maria Santíssima”. Recorrer aos sentimentos despertados pelo fato de tornar-se Filha de Maria no passado parecia uma das formas de relembra-las no presente as razões que as levaram a ingressar na congregação, tentando, dessa maneira, fortalecer um sentimento que a modernidade parecia esmaecer com suas tentações.

Como recordar é sempre uma agradável ocupação, eu pensei em vir recordar comvosco um dia feliz de nossa vida que, quem sabe? por muitas foi talvez esquecido.

Ainda vos lembraes daquelle dia em que, vestidas de branco, uma capella a cingir-vos a fronte, o coração a transbordar de alegris sobrenatural, vos aproximastes do altar da Virgem Immaculada, todo envolto em flôres e luzes, e ahi aos seus pés e diante da corte celeste, fizestes o juramento solene de serdes suas filhas dilectas e verdadeiras imitadoras de suas virtudes?

Ainda vos lembraes que, depois deste juramento, recebestes uma fita azul como presente da Mãe do Céu e como signal da vossa consagração a ella?³¹⁰

E depois de lembrar várias proibições que vinham sendo desobedecidas, tais como uso vestidos justos, mangas curtas, maquiagem, ausência de meias, a autora relembra o mais importante: que uma Filha de Maria era diferente das “outras jovens”. Os novos tempos parecem diminuir as distâncias entre esses dois “tipos” femininos (a Filha de Maria e a católica comum), e a revista fazia questão de lembrá-las a cada edição essa distinção, cujas condições parecem ficar mais difíceis, à medida que a modernidade avança.

Nós, que deveríamos pelo nosso comportamento, pelo nosso trajar, atrair as outras jovens á Maria, dar-lhes o exemplo de tão santa Mãe e, no emtanto, nos confundimos com ellas, que não têm um compromisso, que não têm uma fita azul!

Pensem um pouco e veremos...

Em verdade, como estamos trilhando um caminho inteiramente diverso daquelle que um dia prometemos trilhar, como nos desviamos! (sic)³¹¹

E segue convocando as associadas desviadas a retomarem as orientações da Igreja, que escolham a “Mãe do Céu”, e não “o mundo”. Para

³¹⁰ A's Filhas de “Maria”. In: Revista Maria, mar./abr. 1937. p. 36.

³¹¹ A's Filhas de “Maria”. In: Revista Maria, mar./abr. 1937. p. 36.

concluir, dá às leitoras da revista a receita para voltar a fazer parte do “exercício branco da Virgem”

Prometamos, pois, á Maria que d’ora em diante seremos verdadeiras “Filhas de Maria” e imitadoras de suas virtudes.

Prometamos vestir com modéstia, usarmos as mangas, conforme nos ordena o Santo Padre, usarmos meias e não nos pintarmos mais com exagero. Prometamos ainda que jamais faltaremos ás reuniões mensaes a não ser por motivo justo.³¹²

Na receita para as Filhas de Maria desviantes, emendarem-se ainda é possível destacar alguns pontos. Primeiro, a necessidade de respeitar os padrões de vestimenta estabelecidos pela tradição, que visava o controle do corpo feminino a ponto de cercear o direito de exibí-lo, daí a obrigatoriedade do uso de meias e roupas de tecidos grossos mesmo em países de clima quente como o Brasil, em uma década na qual as jovens já ousam usar tecidos mais leves, vestidos mais justos e sem mangas e meias muito finas ou ausentes. Por outro lado, a autora faz uma concessão para a maquiagem, ao não reivindicar que ela seja abolida, apenas não seja “exagerada”.

Diante do posicionamento dos clérigos dirigentes da revista, o fato de relativizar o uso da maquiagem, recriminando apenas os exageros, já era uma reinvenção das proibições e dos prazeres de ser Filha de Maria³¹³. A Filha de Maria que escreveu tal texto parecia, portanto, estar disposta a abrir mão de certos modos de vestir, mas não da maquiagem, pelo menos não completamente. O fato de exigir também assiduidade nas reuniões mensais era indicativo de que as rédeas do grupo deveriam ser retomadas, e uma das formas eficientes desse controle coletivo era manter os encontros mensais, pois era neles que os sacerdotes, diretores das pias uniões, tinham a oportunidade de orientar as associadas, corrigir desvios e manter um controle mais pontual sobre o grupo.

Certamente este era um dos dilemas que elas enfrentavam: passado, presente e futuro, cada tempo cobrando seu quinhão, em que técnica, moral e ação

³¹² A’s Filhas de “Maria”. In: Revista Maria, mar./abr.1937. p. 37.

³¹³ É nesse sentido que age o bio-poder conforme pensado por Foucault, pois para ele “o poder se exerce sobre o corpo; melhor seria dizer que uma rede heterogênea de poderes constitui incessantemente os corpos. Por conseguinte, impossível acreditar que o corpo investido pelo poder seria simplesmente dominado do exterior, como se uma força estrangeira o cerceasse sem a ambição de recriá-lo em sua intimidade mais secreta e profunda.” Assim, dentro dos investimentos do bio-poder buscando o controle, há as inúmeras possibilidades de resistências. SANT’ANNA, Denize Bernuzzi de. Corpo, ética e cultura. Op. Cit. p. 81.

social assumem gradações desencontradas de sintonia com a tradição, com a modernidade e com as perspectivas futuras.

Lanço os olhos pelo mundo e vejo a fileira branca das Filhas de Maria, o exemplo, a vanguarda da sociedade. E vendo a minha fileira vejo nella o futuro da mocidade da minha pátria; jovens puras e boas, jovens que o mundo não seduz, porque, sobre os seus ombros trazem um pedaço do manto de Maria Rainha das Virgens. Mas essas jovens são humanas podem cair e certamente cairão. Oh! Levantemos então os nossos olhos aos céus e confiemos, trabalhemos também e, sem respeito humano fuja das ocasiões perigosas que o mundo nos apresenta tão sedutoramente. E sem sermos santas purifiquemos a sociedade com a proteção de Maria.³¹⁴

A “vanguarda da sociedade” representada pelo ideal da escritora era paradoxalmente tradicional, ligada aos valores do passado. Consciente de que o mundo moderno é sedutor, o último espaço de refúgio é o simbolismo da fita azul, que dependurada aos ombros, lembra a Filha de Maria de fugir da tentação do mundo, ela apela para os céus, afinal, muitas associadas da Pia União realmente se deixarão seduzir pelo mundo moderno, muito embora o sagrado também tenha sua dimensão sedutora, a sedução para a santidade.

Cientes das dificuldades, ávidas para falar sobre isso e, de certo modo, apoiarem-se umas nas outras, já que cada leitora tentada não está só nesse sentimento, as participações Filhas de Maria na revista apontam para essa preocupação de resistir às tentações. Essa resistência também era uma fonte de satisfação, o prazer virtuoso de resistir às “mundanidades”. Conciliar tradição e modernidade e continuar sendo modelo de mulher católica, como Filha de Maria. É assim no texto de Maria do Carmo Carvalho, resultado de uma conferência proferida na Pia União do Colégio das Damas tradicional escola católica do Recife

Seduzidas pela linguagem do mundo que nos leva a conciliações impossíveis, somos arrastadas no torvelinho das mundanidades julgando que vamos deixar na sociedade que se diverte o exemplo de nossa conducta. Mas a realidade não é esta; e vemos com os dias que passam, essa sociedade ainda mais decadente.³¹⁵

Quem vai ampliar o horizonte de expectativa e propor novas formas de lidar com o corpo e com as modas são as próprias leitoras, e, mesmo não aceitando completamente todas as formas de moda e de comportamento, fazem uma mescla

³¹⁴ Carta aberta. *In*: Revista Maria, abr. 1939. p. 90.

³¹⁵ Conferência. *In*: Revista Maria, ago. 1934. p. 203.

de tempos, com a modernidade, aos poucos, inserindo-se numa tradição resignada, criando uma categoria em que tradição e modernidade vão se ajustando e medindo distâncias e proporções, criando um novo tempo em que nem tudo é moderno, mas nem tudo responde mais totalmente à tradição.

4.2 QUANDO OS CORPOS NÃO SE SUBMETEM – AS REBELDIAS DAS FILHAS DE MARIA MOSTRADAS NA REVISTA OU CRIANDO OS TEMPOS-MODOS DAS FILHAS DE MARIA

Na primeira fase da revista, é muito claro o esforço de tentar formar uma identidade e um padrão do que é ser Filha de Maria. Nesse sentido, os textos que exaltam o comportamento e o modelo representado pelas associadas são mais numerosos que os que falam dos desvios. Em parte, podemos pensar que a ideia de estruturar uma identidade de Filha de Maria, como assinalamos no segundo capítulo deste trabalho, não deixava espaço para que os desvios fossem propagados. Entretanto encontramos textos que falam do comportamento e desvios das outras jovens não marianas.

É bem verdade que não podemos descartar a hipótese de ser uma escolha estratégica da revista para passar a imagem da Filha de Maria sem mácula, obediente, modelo de pureza e castidade. Mas também podemos conjecturar que os desvios ainda não eram tão recorrentes a ponto de merecer a atenção e a preocupação do corpo editorial da revista. Ainda eram corpos domados, seduzidos pela ideia da beleza interior, do sacrifício da carne e da pureza do corpo.

Percebemos que a forma como as Filhas de Maria lidavam com o corpo, ou com as modas e os modos, insere essas mulheres numa temporalidade própria, quando as modas e os modos modernos ainda não se inserem em suas realidades com a mesma intensidade que acontecia nos grandes centros do país, desde a década de 1920. Ao que parece, o canto sedutor das modas e dos modos modernos não encontraram um eco imediato entre as associadas das Pias Uniões do país. As Filhas de Maria demoraram a ser seduzidas pelas mudanças de comportamento iniciadas na década de 1920, mas quando começaram a se conformar com tais mudanças, isso proporcionou uma leitura de tempo própria dessas jovens, que não

renunciavam totalmente a tradição e não veem como de todo mal os modos da modernidade. Nesse processo de mescla de temporalidades, elas acabam criando um tempo-espaço, tendo que resistir aos excessos, tanto os da tradição como os excessos da modernidade. Construída entre excessos, essa mescla buscará dosar com parcimônia as novidades da modernidade com os valores da tradição, tentando manter o *status quo* que a figura da Filha de Maria já tinha conquistado na sociedade.

À medida que a década de 1930 avança, e adentramos a década de 1940, é cada vez mais recorrente os textos da revista apontando desvios das Filhas de Maria. Parece que as novidades da modernidade seduziam inevitavelmente essas jovens. E, graças a esse movimento irreversível, leitoras e editores da revista, em constantes tensões e relações de forças, iam se adequando, mesclando modernidade e tradição, num conflito tenso, resultando em algumas concessões e readequações do que é ser Filha de Maria e de como essa jovem pode se portar na sociedade. Entretanto, até esse novo modelo - amálgama de novo e velho, passado e presente, tradição e modernidade - ganhar espaço e se estabelecer, as tensões vão marcando as páginas da revista.

Encontrando-se em concorrência com os atrativos da modernidade, com suas danças, cinema, leituras, bailes, as Pias Uniões do país começavam a sentir que a intransigência não ajudaria nessa disputa. No número de setembro-outubro de 1934, a revista já noticiava casos de jovens Filhas de Maria que não queriam mais se submeter a todas as proibições constantes nos estatutos da Pia União e, por isso, pediam para sair da irmandade. Em uma carta, um padre relata a dificuldade de fazer as jovens cumprirem as determinações da Igreja com relação às modas e a maquiagem, e queixava-se de que, mesmo admoestando as fiéis, elas “continuam na mesma”, e acrescentava: *“Não se escandalize não; mas até Filhas de Maria (...) Um dia destes fui exigir que as Filhas de Maria cumprissem os Estatutos, e... sahiram 57 de uma vez. Foi uma limpeza!”*

Se a adesão das católicas comuns às novas modas já era mal vista pela Igreja, para as Filhas de Maria isso era algo inaceitável, ameaçava o projeto de criar um modelo feminino católico ideal e colocava em check as possibilidades de controle do corpo feminino, afinal, se as Filhas de Maria, que já eram na década de 1930 conhecidas por seu recato e pudor, não resistiam às modas e modos modernos, por que as outras católicas deveriam fazê-lo?

Sabemos que havia Pias Uniões com um corpo numeroso de associadas³¹⁶ mas, mesmo numa associação com mais de uma centena de jovens, 57 é um número considerável de Filhas de Maria que se recusavam a continuar cumprindo as regras da tradição diante das mudanças tão efusivas da modernidade. Era um desfalque significativo, caso a tendência se alastrasse pelas pias uniões espalhadas pelo país. Um número excessivo de desistências certamente enfraqueceria rapidamente o projeto capitaneado pela Igreja, que não queria abrir mão da capacidade de mobilização representada pela “legião branca de Maria”.

Continuando com as novidades a serem combatidas, a maquiagem era também um assunto sobre o qual a revista era irredutível, pelo menos no que se refere aos artigos escritos pelo clero. Se a virgem Maria não se pintava, não era decente a uma jovem que carrega o título de sua filha fazê-lo. Novamente é o uso do corpo, ou antes, o tornar o corpo mais público, visível, desejável que orientava a proibição veiculada com fervor na revista. Podemos inferir que o uso de maquiagem foi um dos pontos de tensão, em que as leitoras resistiram até conseguirem que lhes fossem feitas concessões. Mas antes que o batom, o pó, o “rouge” fossem vistos com tolerância - nunca com naturalidade -, foram muitos os ataques dos clérigos encarregados da revista.

Ai! ridículas mocinhas de *baton* e *rouge* e caiação de *farinha de arroz*, ai! de vós, cabecinhas de vento, ai! de vós! Com as vossas *modas e modos*, com os vossos *despidos* de *cinema*, *baile* e de *praias*! Dareis um dia com os costados na caldeira de *Pedro Botelho*, vosso *Papaezinho Satanáz*, chefe-rei do Nudismo e empresario-mór do cinema pagão! (Itálicos no original)³¹⁷

Apelando para a ridicularização das jovens e para o medo da perdição, o uso de maquiagem era questão constante na revista, durante a segunda fase. Resistentes, as leitoras questionavam a proibição e recebiam como resposta a reafirmação dos valores da tradição, com suas “verdades eternas”.

Baton, sim ou não?
Fui perguntado, se convém ou se é pecado empregar o **baton**?
Sem dúvida, empregar o **baton** é um fingimento de aparecer mais do que a natureza deu. Sem dúvida o **baton** é mentira, fazendo aparecer uma coisa que na realidade não existe. (...)
As jovens que se tratam ou se maltratam com **baton** querem fazer conquistas. (...)

³¹⁶ A esse respeito ver: ANDRADE, M. Lucelia de. Op. Cit.

³¹⁷ Página de modas e... modos: “Um caso policial” . In: Revista Maria, set./out. 1934. p. 233.

O teu corpo é templo do Divino Espírito Santo e não é propagandista de **baton**. Arma o teu espírito com as armas das verdades eternas.³¹⁸ (negritos no original)

Para a revista, e com razão, o cinema era visto como um dos influenciadores de comportamentos femininos e difusor das modas condenáveis. A concorrência com as fitas hollywoodianas era praticamente impossível e, embora em alguns veículos de comunicação católica houvesse o cuidado de apontar os filmes reprováveis e os filmes aceitáveis, parecia ser muito difícil manter as jovens totalmente afastadas das luzes sedutoras das telas.

Em Fortaleza, na década de 1920, por exemplo, o cinema já era apontado como responsável pela saída das mulheres dos lares, como o intuito de frequentar as salas de exibição da cidade. Para alguns memorialistas, essa frequência das mulheres ao cinema havia colaborado para diminuir a “decência” do gênero feminino na capital cearense. O fato é que os costumes europeus e americanos mostrados nas fitas realmente impactavam comportamentos, em especial das mulheres, que passavam a ter nas estrelas cinematográficas modelos femininos modernos.³¹⁹

A Igreja se incomodava com o alcance que as “fitas indecentes” tinham na sociedade, uma vez que os filmes ainda eram mais acessíveis do que as leituras indevidas, num país de numeroso índice de alfabetismo. A Igreja também tinha ciência de que o cinema era capaz de influenciar comportamentos, lançar modas, de forma muito mais sedutora que a linguagem dos sermões que tudo proibiam ao gênero feminino, exceto a renúncia de si, e o sofrimento, formas de santificação cada vez mais fora de moda na modernidade.

Mas o embate entre manter-se sintonizada com a tradição ou aderir aos comportamentos modernos não se dava apenas entre as leitoras e os editores da revista, também acontecia entre algumas Pias Uniões, entre as próprias Filhas de Maria. É um tempo de tensão e de conflitos de poder. Nem toda associada da Pia União reivindicava uma postura maleável com relação aos comportamentos do grupo. E uma das reações daquelas que não concordavam com as mudanças é a chamada “Liga da Modéstia”, cujas ações e regras encontram muita visibilidade nas páginas da revista. Noticiada como uma reação das “senhoras e senhoritas que

³¹⁸ Baton, sim ou não?. In: Revista Maria, jun. 1946. p. 94.

³¹⁹ Cf. SILVA, Diocleciana Paula da. **Do Recato à Moda: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

sabem ao mesmo tempo vestir-se com gosto e com nobre decência”³²⁰, tal liga foi também criada em algumas cidades brasileiras e mesmo aquelas que foram criadas em outros países eram sempre evidenciadas na revista, com ênfase nas regras propostas por essas mulheres:

1. O decote, tanto de frente como de trás, não deve descer mais de tres até seis centímetros debaixo da cóva do pescoço;
2. As mangas devem ao menos descer um pouco abaixo do cotovelo e o vestido deve descer seu tanto abaixo dos joelhos.
3. A meias (sic) devem ser compridas e nem ser de côr de carne nem transparentes;
4. O vestir em geral deve ser tal, em quantidade que antes esconda do que ponha á mostra as formas e as linhas da pessoa.³²¹

As quatro regras da decência, publicadas na revista, podem ser reduzidas a quarta e última delas: esconder o corpo, suas formas, suas linhas, sua cor, sua pele, o corpo negado que contrapõe por completo ao que a revista chamou de “Typo acabado da garota de 1940”, um corpo vistoso, que se coloca no mundo mostrando cores de desejos, seja o vermelho dos lábios, o loiro dos cabelos ou os coloridos vivos das roupas.

Olhos brilhantes, lábios escandalosamente pintados de vermelho, qual pimentão maduro, cabellos louros “naturalmente” pela “agua oxygenada”, emfim era o typo acabado da garota de 1940. Voluvel, barulhenta, semi-vestida, com uns panos de cores berrantes.³²²

E, por falar em corpos e cores, outro espaço e tempo que passa a ocupar lugar nas páginas da revista, como preocupação e recriminação é o Carnaval. A festa anual, na primeira fase da revista, não ocupa o hall de preocupações dos editores, que não chegam a mencioná-lo, a não ser nos anúncios de retiros feitos durante o carnaval. Mas, na segunda fase da revista, a cada ano, a festa pagã ganha espaço nos assuntos da revista, especialmente à medida que as Filhas de Maria, ignorando todas as proibições e ataques da Igreja no que se referia ao carnaval, começam a frequentá-lo.

É bem verdade que, no que diz respeito ao carnaval, as leitoras não tiveram a ousadia de escrever à revista defendendo sua participação neste ou se o fizeram, os editores acharam por bem sequer mencionar tamanho atrevimento. Não

³²⁰ A liga da Modestia. *In*: Revista Maria, dez. 1936. p. 338.

³²¹ A liga da Modestia. *In*: Revista Maria, dez. 1936. p. 338.

³²² Garotas de hoje... *In*: Revista Maria, dez. 1940. p. 151.

obstante, não defendessem abertamente a festa pagã, muitas tomavam parte da folia,

“- ... O mundo contemporâneo está muito adiantado. Já se foi o tempo dos carolas e das beatas. Hoje, todos tem um fito mais elevado, hoje, tudo é o progresso, é a sciencia que fala”.

Quem assim dizia era Maria Julia (...) É verdade que é *Filha de Maria*; mas aquela fita azul não é tão severa quanto o austero habito das religiosas; (...) e é interpretada, infelizmente, como o querem e vão julgando as consciências do *adiantado mundo contemporâneo*. (...) a hora actual não permite as penitencias, e o século XX bem se caracteriza pela infeliz ausência de amor ás cousas eternas. (...) E é assim que Maria Julia vae dizendo que é moça de hoje. Que é moderna, e que não deseja *estragar-se* em um convento. E vae dizendo tudo isso, sem se lembrar de que é *Filha de Maria*... Mas, se lhe é vantajoso o esquecimento da medalha?!...

Maria Julia foi tão exagerada em seu carnaval! Não pensou, e não teve medo de agir como lhe conveio melhor, porque *foi muito feliz* em se não lembrar de que tem uma mãe no Céu... (...)

- Filhas de Maria! Conheceis bem de perto a Maria Julia, e bem sabeis o mal que faz a ella e faz aos outros que vão dizendo, quando ella passa, e que ella nem percebe, talvez: - “Porque não fazê-lo também?! Ella não é Filha de Maria?!...” (Itálicos no original)³²³

A ideia do progresso e da modernidade deixando de lado os antigos hábitos parecia ser recorrente entre as jovens católicas, posto que foi justamente o argumento inicial usado pela personagem do texto de Miriam. A relativização da gravidade de ser Filha de Maria era uma característica do mundo contemporâneo. Mais do que desejavam, parece que a figura da “Maria Julia” era recorrente entre as associadas e, para elas, o texto traz um alerta implícito: uma Filha de Maria desviante estraga toda a reputação do grupo e ainda induz ao erro aquelas que usam como argumento o fato de que se “até uma Filha de Maria faz, por que não fazê-lo também?”.

Enquanto os desvios eram de poucas, bastava o castigo individual, com suspensão ou expulsão da desviante. Mas quando os desvios passam a se multiplicar, o melhor a fazer era tentar salvar o projeto do “exército branco”, a “milícia cor de neve”.

Como uma forma de auxiliar o combate às modas e modos que expunham os corpos ao pecado de si e dos outros, a revista elegeu outro personagem para responsabilizar e também para chamar a colaborar no embate: as mães, assim estas passariam também a ser responsabilizadas pelos excessos das filhas, logo aquela que é a equivalência de Maria, tornava-se suspeita. A revista,

³²³ Página de modas e... modos. In: Revista Maria, maio 1934. p. 113.

então, concentra parte de sua artilharia na figura da “Mãe moderna”, atribuindo a ela a culpa pelos excessos das jovens. Se a figura da mãe era sagrada, a mãe moderna era maldita, era ela a porta da perdição.

A figura da mãe é muito valiosa dentro do catolicismo, em especial no marianismo. É na figura da mãe maior que se concentra parte significativa de todo o universo das Filhas de Maria. Afinal, é a figura de Maria mãe que nomeia e orienta o grupo de suas filhas. Maria, a mãe ideal, pura, obediente, pronta a dizer “sim” a todo sacrifício, pura antes e depois do parto. Responsabilizada especialmente pela educação moral da família, e controle do corpo da filha, a mãe desviante, cometia o erro de entregar-se à vaidade também. Assim a revista não só acusava a mãe moderna de não educar as filhas direito, mas também de desviá-las e, até mesmo, de querer imitá-las.

É evidente que o modelo materno que a revista aborda é o modelo burguês, o qual a mãe, responsável pela educação das filhas, não trabalha, tem uma boa condição financeira e usufrui dos confortos e facilidades da vida moderna, tendo, portanto que se preocupar apenas como a manutenção do *status quo*, da moralidade e da reputação da família. Logo as situações narradas pela revista certamente não condiziam com a realidade da maioria das mães brasileiras, mas certamente se aproximava da realidade de muitas mães de associadas da Pia União, dado que eram jovens de condição social favorável, pois, para a revista, parecia muito evidente a classe social suas leitoras.

O exemplo da mãe moderna é trazido pelo texto de Maria José de Jesus, que narra a história de Teresinha, uma criança de “cabecinha loura, de cabelos anelados, uns olhos marrons, muito marrons, vivos e brilhantes” que chega à escola sem a lição de casa feita. Antes de admoestar a criança, a professora quis saber o motivo da displicência e a pequena dispara: “- *Mamãe não me pôde ensinar ontem; teve que ir fazer as unhas!*”. A professora de Teresinha considera, penalizada pela situação pobre criança: “*Compreendi, como tantas vezes tristemente compreende uma mestra, que Teresinha, tendo uma pessoa que lhe deu o sêr e que a cerca de carinho, de riqueza e de luxo, talvez não tivesse uma mãe!...*”

Assim, o primeiro pecado dessa mãe abastada, burguesa e moderna é esquecer a hierarquia familiar e igualar-se de certo modo às jovens da idade da sua filha. A outra falha, tão grave quanto, é macular a figura materna, tão cara ao catolicismo, mas que, na modernidade, é posta sob suspeita.

Em Carta do arcebispo do Ceará, dirigida particularmente às “senhoras e moças christãs”, republicada pela revista, é a figura da mãe que é responsabilizada pelos excessos da moda, pelos corpos à mostra.

O mais triste ainda é ver como as mães de família vestem, ou melhor, despem suas filhinhas ainda inocentes. Outr’ora eram as mães os anjos da guarda do pudor de suas filhinhas, hoje são ellas próprias que destroem este sentimento tão feminino e tão christão, sem o qual a mulher se torna desprezível. Os vestidinhos das meninas são hoje tão curtos, a moda, isto é, o inimigo das almas, assim o quer, são tão curtos que não merecem mais o nome de vestidos. (...) Pensem as mães de família que tremenda responsabilidade contraem deante de Deus. Se “quem descuida (da alma) dos seus, e sobretudo dos de sua casa, negou a fé e é peor do que um infiel”, (1 Tim. 5-8), como diz o Espírito Santo, que dizer de uma mae que faz perder a sua filhinha o pudor christão? Não valem de nada a piedade de uma mae, suas proprias communhoes, se se descuidam tao gravemente do pudor de suas filhinhas. E, porque assim fazem? Só para obedecerem á moda. Por causa della sacrificam totalmente o futuro de suas filhas, preparam-nas para a ruina eterna e se tornam a si próprias condemnadas ao inferno.³²⁴

A responsabilidade do pudor das jovens católicas passava a ser compartilhada com a figura materna que deveria cuidar para que os desvios fossem extintos. E se a Igreja não tolerava que as jovens católicas se entregassem às novas modas, tinha uma tolerância menor ainda se a adepta da modernidade fosse a mãe. Responsabilizadas pela educação e reputação da família, a ela cobrava-se duplamente: como mulher e como mãe.

4.3 “MAIS UMA VEZ ENTRE O JÁ E O AINDA NÃO” – GRAPHOLOGIA, PRESENTE E FUTURO DAS LEITORAS DE MARIA

Muito do que se diz sobre as Filhas de Maria em sua revista é uma fala a partir de homens religiosos, que visam à normatização do grupo. A voz dessas mulheres leitoras chega à revista em suas participações pontuais. Algumas conquistaram espaço de escrita dentro da revista, conseguindo imprimir, em suas páginas, seus pensamentos e opiniões. Entretanto, em alguns espaços da revista, é possível perceber a voz das leitoras anônimas, que recebem mensalmente a revista e que têm seus próprios interesses, opiniões, desejos, sonhos.

³²⁴ Uma palavra que deve ser divulgada. *In*: Revista Maria, set./out. 1940. p. 179.

Em períodos alternados³²⁵, sem manter um espaço fixo, a revista trouxe correspondências das leitoras. Nelas é possível perceber algumas demandas, especialmente daquelas que entravam em desacordo com o que pregam os sacerdotes. Nesses espaços missivistas, os sacerdotes responsáveis pela revista não se privavam de repreender aquelas que escreviam discordando ou desviando dos ensinamentos da revista. Talvez, por isso mesmo, que eram espaços diminutos e, via de regra, tiveram curta duração. Ou os editores não queriam publicizar os desacordos das leitoras, ou essas simplesmente passaram a ver tal atitude como uma exposição desnecessária, visto que as respostas às críticas eram sempre ríspidas e não consideravam as opiniões que elas expunham.

Por estas razões, a seção de Grafologia, sem dúvida a mais popular da revista, é certamente a que nos traz uma aproximação maior das leitoras em geral. E mais: nos escritos ao grafólogo, é possível perceber as questões que inquietavam essas mulheres, o que as incomodava, que percepção de mundo tinham em certa medida e, enquanto mulheres, que expectativas nutriam no espaço-tempo que habitavam. É partindo dessa premissa que buscamos aqui entender como essas leitoras procuravam conselhos junto ao “mestre grafólogo” e, nessa busca, permitem-nos perceber parte importante das questões que as incomodavam.

A seção de grafologia, como já mencionamos no capítulo anterior, não era uma exclusividade da revista Maria, pelo contrário, era muito popular na imprensa brasileira. Não havia um consenso em torno da validade da grafologia, mas o fato de estar numa revista católica, que exibia de forma recorrente a aprovação de diversos bispos do Brasil, e ser feita por um sacerdote, dava às leitoras uma maior confiança, já que o grafólogo-sacerdote se tornava também um conselheiro-confessor. Mas nem todas as assinantes confiavam cegamente nas análises oferecidas pela grafologia e, por isso, algumas mandavam a solicitação de análise do perfil, mas de antemão já se colocavam como descrentes da eficácia dessa “ciência”.

A grafologia suscitava curiosidade, não só sobre si, mas sobre a pessoa por trás da análise. É muito recorrente as leitoras-consultantes especularem sobre a

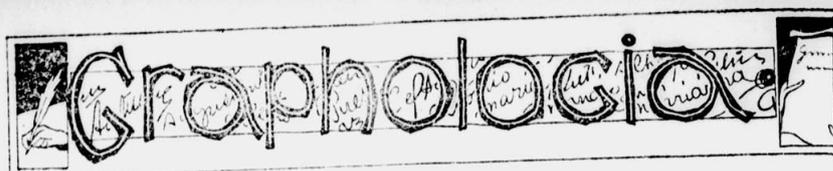
³²⁵ Não havia uma seção de correspondência na Revista. O que é possível perceber ao longo do período aqui em estudo, é que em alguns números, sem seguir uma regularidade ou padrão, os editores da revista reservavam um pequeno espaço da revista para responder algumas cartas ou mandar recados para assinantes. Então, é possível encontrar nessas correspondências desde avisos de envios de exemplares solicitados, agradecimentos pelo apoio à revista, até críticas de colaborações enviadas para publicação pelas leitoras, orientações para as que quiserem colaborar e também broncas àquelas leitoras mais atrevidas que ousavam criticar alguma opinião veiculada no periódico.

identidade do mestre grafólogo. Depois de muitas especulações, assim como fez com Ruth, a revista publica uma foto do mestre grafólogo trabalhando. Na fotografia, vemos um homem em um microscópio, numa flagrante tentativa de atribuir à análise grafológica uma imagem que condiz com práticas científicas. Não é possível ver o rosto do homem que está ao microscópio, mas curiosamente ele não usa batina, que era obrigatória na época³²⁶, embora o “mestre grafólogo” se reafirme inúmeras vezes como sacerdote. A foto do mestre grafólogo ocupa uma página inteira da seção de grafologia da edição que trouxe os meses de janeiro, fevereiro e março de 1934 juntos.

No texto que vem logo abaixo da foto, afirma-se que a imagem representa o grafólogo em plena atividade, chamando atenção para a pilha de cartas que esperam análise grafológica. A presença do microscópio compondo a cena vende a imagem de ciência da grafologia, algo que era muito importante para o grafólogo, que reafirmava constantemente a natureza científica da grafologia. Nesta edição específica, a seção de “Graphologia” se resumiu a esta fotografia. Não foram publicados perfis, como usualmente se fazia.

³²⁶ A obrigatoriedade do uso da batina deixa de existir após 1962, com as mudanças propostas pelo Concílio do Vaticano II. A obrigatoriedade do uso dessa indumentária ainda hoje causa polêmica entre o clero católico brasileiro. Aqueles mais conservadores defendem que a batina ainda é a vestimenta mais apropriada para um sacerdote, embora esse não seja o consenso na Igreja.

Figura 9 – Foto do Mestre grafólogo



O NOSSO MESTRE GRAPHOLOGO



Muitos consulentes desta secção desejam conhecer o primus inter pares que tão proficientemente preside aos componentes da Comissão de Graphologia. Ei-lo, acima, o Mestre abalisado, em plena actividade graphologica, com o microscópio assestado e focado para o exame dos caracteres. Não vêm a ruína de cartas, ao lado? Pois avaliem quão volumosa é a tarefa que vai sendo submettida a delicado e minucioso diagnostico. E' possível que no proximo numero figurem as respostas de grande parte daquella pilha de consultas.

Ao longo de todo o ano de 1932, várias foram as vezes que o grafólogo mencionou o excesso de cartas que estava recebendo, afirmando que, para dar conta de tantas consultas, a revista Maria teria que se transformar numa revista exclusivamente de grafologia, daí a recorrência de notas explicativas na seção. Nessas notas a pauta sempre gira em torno da demora na publicação e do excesso de cartas, enquanto pede paciência para as consulentes mais ansiosas.

(...)Maria não póde ser uma revista de grafologia. Não póde publicar em cada numero mais que uma determinada porção de perfis. Há pouco mais de semana mandei á redação vinte perfis, agora vão mais cincoenta e poucos. Naturalmente não podem ser todos publicados de uma vez. Recebo as cartas dos consulentes aos maços por meio da redação. Há ocasiões em que há na redação um bom numero de perfis prompts e aqui em meu gabinete alguns – tres ou quatro – maços de cartas a serem estudadas!³²⁷

Desse modo, muitas eram realmente as cartas que a revista recebia pedindo a análise do perfil grafológico, tanto que, quando o mestre grafólogo resolveu aposentar-se, em 1935, alegando muitas outras responsabilidades que exigiam seu tempo, o novo grafólogo, que assumiu a seção na edição de agosto-setembro de 1935, logo empreendeu uma espécie de mutirão para colocar em dia todas as cartas enviadas para a revista. Assim, a cada edição, ele publicava também uma parte desses perfis antigos, que ele chamava de “perfis congelados”, alguns deles já estavam aguardando há três anos para serem analisados.

Antes mesmo da aposentadoria do mestre grafólogo, muitas correspondentes pediam urgência na análise, e vendo a recorrência desse apelo, o mestre resolveu usar a grafologia como uma renda extra para a revista, passando a oferecer às consulentes a opção de perfil pago. A leitora que desejasse mais rapidez na análise e, até mesmo, total sigilo, deveria enviar a quantia de 10 mil réis para a revista, assim receberia em casa seu perfil grafológico.

Não é possível mandar-lhe directamente o perfil, seria tornar inutil o motivo pelo qual tenho o trabalho desta secção, que é o apostolado da imprensa catholica. Quem desejar receber directamente o perfil manda ara a Maria a importancia de dez mil réis, que serão destinados á revista, não a mim. Os perfis publicados nesta secção são gratis.³²⁸

Em março de 1932, a assinatura anual simples da revista custava cinco mil réis, e a assinatura anual de proteção, vinte mil réis. Ou seja, se comparado ao

³²⁷ Graphologia. In: Revista Maria, mar. /1932. p. 58.

³²⁸ Graphologia. In: Revista Maria, mar. /1932. p. 58.

valor da revista, o perfil grafológico privado, e urgente, custava 2 assinaturas anuais da revista, ou metade de uma assinatura de proteção. Embora mencione com frequência a possibilidade dos perfis pagos na revista, o grafólogo não informa como era a demanda por esse tipo de serviço oferecido a partir da revista. Entretanto, não descartamos alguns indícios que podem indicar que as consultas privadas ocuparam o tempo do grafólogo, já que é possível perceber uma diminuição nos números de perfis publicados na revista, associada a insistentes notas de que o grafólogo estava atarefado.

Além disso, o fato de que o número de cartas à revista aparentemente não diminuiu, já que posteriormente foi necessário um verdadeiro mutirão para colocar essas consultas em dia, consideramos razoável considerar a possibilidade de que o mestre grafólogo estava ocupado atendendo os perfis privados, que poderiam render um bom dinheiro para a revista, já que sempre estava reclamando dos custos e das dificuldades de manutenção, dando a entender que, aqueles que pagassem pelo perfil, teriam prioridade no atendimento.

Outro ponto significativo da seção de Graphologia é nos permitir rastrear, mesmo que parcialmente – uma vez que nem todas as assinantes escreviam pedindo um perfil – o alcance geográfico da revista. Uma rápida análise dessa seção da revista já permite rastrear consulentes de muitos Estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, enfim, todos os Estados da federação aparecem em maior ou menor profusão, nas consultas, não obstante os Estados do Nordeste e Norte aparecessem com mais frequência. Entretanto, ressaltamos também que a revista contava com muitas participações de leitoras do Rio de Janeiro e de São Paulo, este último em menor número que o primeiro.

Ao adentrarmos ao conteúdo das consultas grafológicas, o primeiro ponto a ser observado é que a relação grafólogo–consulentes era permeada de uma tensão que marcou a tônica da seção nesta fase da revista e que aparecia de forma recorrente nos escritos do mestre. Primeiramente, havia uma desconfiança recíproca entre grafólogo e consulentes. Era comum o grafólogo acusar a consulente ou o consulente de estar tentando ludibriá-lo, modificando a letra. Por outro lado, em alguns casos a(o) própria(o) consulente declarava abertamente em sua carta que não acreditava na eficácia da grafologia. Alguns apontavam sua incredulidade em tom cordial, muito provavelmente pelo fato de estarem se dirigindo a um padre e

também como uma forma de angariar a simpatia daquele que iria analisá-lo, é o caso de Pedro Gordo³²⁹. Outros relatavam sua descrença de forma mais agressiva, sem muito arroteio, como no caso de Fiusa³³⁰,

PEDRO GORDO (Queimadas) – Escreve o sr. Gordo: “Creia, meu Padre, até hoje não acredito ainda que por uma simples carta se conheça perfeitamente uma pessoa, quaes os seus defeitos, os seus planos, etc. Portanto penso que só V. Revma. me fará acreditar depois que eu vir publicado o exame feito sobre esta carta que ora lhe escrevo... Só então poderei dizer que acredito nesses exames de graphologia.

FIUSA (Recife) – 2-8-33. Ante o alvoroço ensurdecedor em torno de vossa figura conspícua de mestre abalisado, animou-me o desejo de tentar uma consulta... (!!!) Nenhuma confiança deposito nesta sciencia. Vêjo nella um mero passatempo. Não acha V. Excia? A sua utilidade pratica é nenhuma. Leio sempre com desdem a sua pagina graphologica, na revista Maria. Nada vejo senão conselhos de velho interessado no aperfeiçoamento de cada um, mas, que nada, penso eu, alcança. Trabalha em vão...

Cabe aqui uma observação importante: a secção de Grafologia em seu início tinha quase que exclusivamente a participação feminina. Na primeira fase da revista, muito raros foram os casos de homens escrevendo para o grafólogo, parte dos poucos que o fizeram tiveram seus perfis apontando-os como efeminados. Na segunda fase da revista, que ora abordamos, a participação masculina é muito numerosa, chegando a se publicar a maioria os perfis em alguns números da revista. Embora não seja o foco fazer uma análise de gênero, sempre que for relevante para as questões aqui propostas estabeleceremos um comparativo entre os gêneros, afinal, a modernidade impacta os gêneros de formas e intensidades diferenciadas.

Ao apontar possíveis tentativas de enganá-lo, o mestre grafólogo exaltava um ponto que para ele era muito importante: provar que ele era um cientista experimentado e, como tal, não era facilmente enganado, que estava ali para fornecer verdades científicas e não supersticiosas, e que sua ciência não estava em desacordo com os ensinamentos da Igreja Católica. Por fim, que a desconfiança em torno da grafologia estava ligada à falta de cultura do povo brasileiro, uma vez que, na Europa, até o papa já tinha tido sua grafia analisada por um grafólogo. Sobre isso escreve o mestre:

Vae a Graphologia se affirmando sempre mais nos meios scientificos como sciencia de grande alcance. Os psychologos, os criminalistas não lhe dispensam os serviços. A propria ascese a chama em auxilio. (...)

³²⁹ Graphologia. In: Revista Maria, out. 1933. p. 232.

³³⁰ Graphologia. In: Revista Maria, jul. 1936. p. 209.

Um ilustre collega italiano delineou em magistrais pinceladas o perfil graphologico do grande Papa, um dos maiores – dos mais sábios e dos mais santos – que hoje governa a Igreja de Deus. Subscrevemos com prazer in totum o perfil pontifício. Por ahi se vê que em outros países, entre outros povos de um pouco mais cultura que a nossa caboclada, a Graphologia não escandaliza ninguém. Mas aqui a aldeia é pequena.³³¹

É neste terreno de preocupação com a não confusão entre a grafologia ciência e a perspectiva de uma visão supersticiosa da grafologia que figura um dos embates mais recorrentes do grafólogo com suas consulentes. É uma constante a repetição de que a grafologia não é futurologia, que não cabe a ele previsão do futuro e que isso é do campo da superstição e da feitiçaria. Uma constância ineficiente, pois a preocupação das consulentes com o futuro não cessa. Pelo contrário, ela só cresce nesta segunda fase.

Se na primeira fase as consulentes buscavam descobrir, ou mesmo receber elogios sobre suas qualidades espirituais, na segunda fase as qualidades espirituais foram sendo deixadas e lado e as dúvidas e angústias sobre o futuro povoaram a quase totalidade das consultas.

No nosso entender, é a partir dessa preocupação cada vez maior com o futuro, com os rumos que devem tomar na vida, que podemos entender esse tempo que consiste na segunda fase da revista como, nas palavras de Hannah Arendt, “*um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda*”³³².

Na fase anterior, não são recorrentes perguntas sobre o futuro, sobre vocação, ou sobre quais decisões a tomar. Não podemos ignorar que uma das características da modernidade é justamente essa angústia com o porvir que parece mais imediato e desconhecido. Reinhart Koselleck³³³ nos lembra de que “*a relação entre passado e o futuro alterou-se de forma evidente, também na sequencia das gerações históricas.*” Desse modo, “*à medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito, como um ‘novo tempo’ moderno, o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador.*”

É uma angustiosa dúvida o presente dessas mulheres, mas a fonte da angústia no presente está no futuro, na incerteza do porvir. “*O que serei? Qual*

³³¹ Graphologia. In: Revista Maria, dez. 1932. p. 298-299.

³³² ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 35-36.

³³³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006. p. 16.

minha vocação? O que devo fazer?” Dentro do *espaço de experiência*³³⁴ dessas mulheres³³⁵ as possibilidades oferecidas pela modernidade parecem não se encaixar nos moldes que a tradição católica apresentava para elas. Na década anterior, essa insegurança sobre o que ser ou fazer não parece povoar as preocupações do público leitor da revista, porque o modelo que a própria Pia União das Filhas de Maria fornecia a essas mulheres não dava margem para muitas escolhas, dúvidas ou discussões, elas deveriam se conformar com a ideia de abraçar a vida, fosse matrimonial ou religiosa, buscando a elevação espiritual e, se o sofrimento se fizesse presente, seria apenas um degrau necessário para que alcançassem as virtudes do modelo maior, ainda que humanamente inatingível³³⁶, Maria.

Mas essas mulheres se encontravam nessa brecha do tempo, quando elas não se identificavam mais com seu papel social de outrora, e o casamento, o convento ou a temida solteirice eram as opções possíveis, e ainda não são completamente modernas, uma vez que a própria condição de associadas da Pia União as colocava como guardiãs da tradição e, por isso, deveriam ser refratárias às novidades da modernidade. Essa incerteza, porém já é em si, própria da modernidade, pois como nos lembra Marshall Berman, *“ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ou mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”*³³⁷

Inseguras de seus anseios, temiam estarem ambicionando em demasia e, no entanto, já não se privavam de sonhar. Filhas de parcelas mais abastadas da sociedade, essas moças já arriscavam construir planos ambiciosos que iam muito além do matrimônio e da maternidade, e em uma época quando o ensino superior

³³⁴ Cf. KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit. passim.

³³⁵ E falo aqui nas mulheres especialmente por dois motivos: em princípio porque são elas e sua interação com a revista o principal objeto desta pesquisa e, depois, não menos importante, são as mulheres muito mais que os homens que demonstram essa ansiedade com relação ao futuro.

³³⁶ Uta Ranke-Heinemann, ao analisar a construção da mariologia na teologia católica, afirma: “É um destino sombrio para uma mulher ter de viver num colete dogmático feito por homens. Maria encontrou-se nessa situação de forma sem paralelo. Não lhe foi permitido partilhar de nada que tivesse a ver com a sexualidade feminina, nada ligado ao processo natural de concepção e de parto de um filho. (...) ela foi transformada numa espécie de criatura assexuada, à sombra de uma esposa e mãe, reduzida a sua função na história da salvação. Só ganhou vida real pelos senhores da criação na medida necessária em que atendesse a sua função. Além disso, tudo o mais lhe foi negado.” RANKE-HEINEMANN, Uta. Op. Cit. p. 365.

³³⁷ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 24.

era para muito poucas no Brasil, algumas delas já mostram esse intento em suas preocupações com o futuro, como é o caso da jovem do Espírito Santo, que confia ao grafólogo sua vontade de cursar medicina.

YOPORANGA (Santa Teresa – Espírito Santo) (...) A vocação parece o casamento. Sobre a medicina há realmente como que uma aversão ou menos conveniência, geralmente falando, entre o estudo da medicina e a mulher por ser e dever ser a mulher recatada etc. isto sobretudo para nós brasileiros. Nem se diga que isto é apenas sentimentalismo não. Aliás o sentimento é o substractum da cultura de um povo. Entretanto não há inconveniente algum em que a medicina seja estudada e praticada pela mulher. Conheço duas medicas em uma capital do nordeste. Uma casada e outra solteira, ambas criaturas muito boas, muito dignas, piedosas, serias e além de tudo isto muito caridosas e apostolas. Uma delas é mãe de varios filhos, uma verdadeira conselheira de muitas mães. E que bellos e sábios conselhos sabe dar! A outra é Filha de Maria e digna de sê-lo.³³⁸

A resposta à aspirante da médica foi dada pelo sucessor do mestre grafólogo, que parecia ser menos rígido que o sacerdote que o antecedeu. Seus comentários, mesmo quando criticam as consulentes, tem um tom mais ameno. E é nesse tom mais ameno que ele fará considerações acerca dos planos da consulente, afinal ele também vivenciava esses anos em que as mudanças pareciam mais aceleradas e inevitáveis e, talvez por isso, tivesse essa postura mais tolerante com a pretensão da consulente, mas não sem antes recomendar-lhe o casamento como vocação principal, para, em seguida, dar dois exemplos de médicas que conhece: uma mãe e outra Filha de Maria, ambas piedosas católicas. Novos tempos, outros planos femininos, mas a preocupação para que a mulher não fuja do papel que a tradição lhe atribuiu de mãe, esposa ou filha piedosa e exemplar permanece.

A dificuldade de traçar caminhos para um horizonte de expectativa agora tão imprevisível e desconhecido fazia essas mulheres procurarem resposta num espaço que lhe foi ensinado como confiável: sob os conselhos de um padre. E se esse padre pudesse lhe dar respostas sobre o futuro, melhor ainda. O casamento, a profissão, os desejos e a felicidade, povoavam as dúvidas no horizonte de Margarida Flora e de muitas outras consulentes e trazem consigo a marca dos novos tempos, afinal, na fase anterior, a felicidade não era a demanda da Filha de Maria. Os conselhos que as cercavam falam de suportar dores, fazer sacrifícios, elevar o

³³⁸ Graphologia. In: Revista Maria, nov. 1937. p. 226.

espírito mediante o sofrimento como os mártires modelos da Igreja³³⁹. A felicidade terrena, nos parâmetros da tradição católica, não estava na pauta dessas mulheres. Agora, nos novos tempos, o desejo e a felicidade entram na pauta do horizonte de expectativa dessas mulheres, que querem saber, acima de tudo, se serão felizes. Esse é, aliás, um questionamento recorrente: se serão felizes em suas escolhas de futuro.

Margarida Flora – (...) Formula uma porção de perguntas todas alem do âmbito da graphologia, (...) se terminará os estudos com felicidade, qual o typo de noivo que terá caso fôr a sua vocação o matrimonio, e se fôr religiosa qual a Ordem que abraçará, se depois de formada alcançará a cadeira que deseja, se encontrará muitas dificuldades na vida, se há alguém neste vasto mundo que lhe tenha odio. Graphologia não é feitiçaria, é uma sciencia plenamente natural como os seus limites bem claros.³⁴⁰

Embora haja um esforço recorrente do grafólogo em afirmar a sua ciência como contrária à feitiçaria ou a adivinhação, suas leituras dos perfis grafológicos muitas vezes abriam uma brecha para que as leitoras pensassem que ele poderia ser muito útil no aconselhamento de suas escolhas para o futuro. Em sua vaidade de afirmar a eficácia de sua ciência, contando casos de sucesso onde conseguira prever o futuro das consulentes, a mensagem passada pelo analista era, por vezes, ambígua, e sua capacidade de aconselhar sobre o futuro ficava subentendida.

Vou contar um facto real. Muitas vezes perguntam as consulentes qual a sua vocação e muitas vezes não sei responder ou **não respondo para não ser imprudente**. Convenhamos que a cousa não é lá tão fácil e **póde ter consequência. Já houve quem desmanchasse o casamento porque o perfil do noivo foi terrível. O rapaz effectivamente não prestava**. Mas eu não quero sobrecarregar-me com a responsabilidade de desmanchar casamentos. Certa vez a uma consulente que aliás não me havia interrogado sobre a vocação, á vista de uma letra cheia de idealismo e de signaes de amôr á perfeição a par de qualidades e caracteristicos de outras inclinações e virtudes proprias da vida religiosa, **escrevi que ella tinha ou parecia ter vocação religiosa**. Não me recordo bem das minhas palavras e não tenho tempo agora para consultar o archivo graphologico nem a collecção da revista “Maria”. A consulente não havia pensado nisto. O seu director espiritual tambem não. **E hoje está decidida a sua vocação com plena aprovação de seu director**. E foi uma decisão rapida, relativamente.

³³⁹ Não podemos perder de vista a perspectiva de que o catolicismo traz o sofrimento como algo nobre, que eleva o espírito. O sacrifício, o sofrimento e a dor são norteadores de santidade, salvação e, portanto, de glória eterna. Os humildes, os sofredores serão os escolhidos para a glória de Deus. Logo, especialmente nesse catolicismo mais tradicional, ligado a um catolicismo reformado e ortodoxo vigente nas primeiras décadas do século XX no Brasil, a felicidade terrena é illusória. O verdadeiro cristão não se ocupa dela, pois seu fito está na salvação do espírito e é constantemente associada ao sofrimento, obediência e resignação.

³⁴⁰ Graphologia. In: Revista Maria, dez. 1935. p. 264.

*A graphologia foi que abriu os olhos da propria alma e do director. E este não acreditava em grafologias.*³⁴¹

O grafólogo reafirma a natureza não divinatória da grafologia, mas também se coloca como um conselheiro adequado e eficiente para as leitoras, que se veem cada vez mais em dúvida sobre seu futuro, colocando-se, assim, como mais capaz até do que os próprios professores das consulentes - em tese aqueles que sabem seus mais íntimos segredos - de apontar caminhos e vocações para aquelas que, não encontrando mais no seu espaço de experiência uma resposta adequada a seus anseios, sentem a necessidade que alguém confiável lhes aponte caminhos.

Ainda que outras demandas comecem a povoar as expectativas de futuro dessas jovens, obviamente o casamento ainda ocupa um lugar importante para elas e, em um regime de tempo³⁴², quando tradição e modernidade estão em conflito na brecha em que muitos comportamentos femininos se localizam entre o “já e o ainda não”, algumas vezes, essas mulheres revelam sonhos de liberdade e conflitos entre os desejos de ousar e a segurança de realizar o que a tradição espera de uma jovem Filha de Maria. A carta da leitora, identificada como “Senhora de Engenho”, que o grafólogo publica em grande parte na íntegra, traz um pouco do universo de sonhos dessas leitoras da segunda fase da revista,

(...) Tenha paciencia com esta pobre consulente que ultimamente anda “afolosada” dos nervos. Sabe, Sr. Graphologo, estou noiva. Avalie o Sr. que eu até pouco tempo tinha aversão ao casamento. Eu sempre dizia que não queria me casar, tinha outros planos. La vae elles. Queria terminar os estudos, comprar uma baratinha e com ella correr por toda parte, ficar senhora de meu nariz, não ter contas que dar a ninguem (refiro-me aos srs. maridos), gozar a vida, e assim por diante. Ficaria eu portanto uma titia, dessas **ranzinhas**, que se occupam só em se enfeitar tal qual uma **dondoca**. Mas appareceu em minha terra um rapaz que veio por abaixo todos os meus projetos. Em boa hora elle chegou, não foi Sr. Graphologo?... E alem de tudo ainda deu um noivo bomzinho, catholico praticante etc.”³⁴³ (Negritos no original)

Os sonhos de futuro de Senhora de engenho nos dizem muito sobre essa mulher-leitora de classe abastada, com possibilidade de acesso às novidades e ideias da modernidade, perfil da maioria das Filhas de Maria, mas que, ao mesmo

³⁴¹ Graphologia. In: Revista Maria, jan./fev. 1933. p. 23-24.

³⁴² François Hartog chama de regime moderno, esse regime de tempo que “oscila entre duas ordens do tempo e entre dois regimes de historicidade: o antigo e o novo”. In: HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 31.

³⁴³ Graphologia. In: Revista Maria, jul. 1936. p. 208-209.

tempo, não consegue se desligar dos valores culturais e morais da tradição. Por um instante, chegamos a acreditar que, ao ler os planos e sonhos da consulente, o grafólogo iria tecer algum tipo de comentário condenando tais ideias: ser dona de si, andando pelo mundo de carro, cuidando de si e de sua felicidade. Mas não. Nenhuma censura. O grafólogo se limita a dizer que não transcreverá a “parte mais interessante da carta” para não revelar a identidade da consulente e finaliza dizendo, depois de elencar algumas características (agitada, teimosa, inteligente, econômica, sincera, sensível, etc): *“Não sei se será feliz no casamento, em todo caso é necessario modificar bastante o genio antes de casar”*. É bem verdade que as respostas do grafólogo, via de regra, ao contrário do mestre seu antecessor, não são tão ácidas. Mas poderíamos cogitar duas possibilidades que não são auto-excludentes para essa resposta diminuta que ele forneceu à Senhora de Engenho: primeiro, que o fato da consulente afirmar que está noiva de um rapaz católico praticante, coloque-a como alguém que não precisa mais de cuidados, pois seu noivo ajudará a colocá-la no rumo acertado. Segundo, podemos pensar que, em 1936, as ideias de liberdade e independência da consulente já não são novidade e seria desperdício de energia tentar atacar tais pensamentos.

De todo modo, Senhora de Engenho nos dá, em sua carta cheia de planos de independência, uma amostra de como um novo tempo, especialmente para as mulheres, estava sendo percebido e vivenciado e que mesmo um grupo com forte ligação com a Igreja católica e seus ensinamentos, não estava imune às ideias e comportamentos da modernidade. Essa percepção aparece de forma indireta nas missivas ao grafólogo e nas reflexões em textos colaborativos de mulheres, tais como o texto de Guiomar Fonte, que reconhece o poder atrativo dos prazeres da modernidade.

No seculo em que vivemos, seculo de evoluções, seculo da independência e do modernismo, a sociedade vê-se na contingencia de não poder enfrentar o mal, e attrahida pela novidade do gozo, deixa-se levar. Domina a necessidade do prazer. (...) A liberdade conquistada pelo prazer inebria, seduz, nada lhe é comparavel.³⁴⁴

Embora os defensores e defensoras da tradição católica, aversos às mudanças comportamentais advindas com a modernidade, continuassem defendendo um retorno à tradição e aos costumes de outrora, há, por parte deles, a

³⁴⁴ Página de modas e... modos. In: Revista Maria, set. 1938. p. 167.

percepção de que os tempos eram novos, e que a melhor proposição era encontrar um meio termo, entre a tradição e a modernidade, entrelaçando valores e comportamentos, uma vez que se tornava cada vez mais difícil manter-se imune às novidades. É essa percepção de que há algo novo acontecendo, gerando comparações com o que já existia, que dá a dimensão da emergência de uma nova temporalidade.

Na segunda fase, a seção de grafologia traz mais a voz da leitora do que do grafólogo em si. Se, na fase anterior, o mestre grafólogo “falava” mais e se dedicava a traçar perfis com riqueza de detalhes, estabelecendo estereótipos para o gênero feminino, na segunda fase o espaço dado para as perguntas das consulentes é maior. O novo grafólogo é sucinto e, em parte considerável das análises, se restringe a responder “Sim” ou “Não”, depois de listar as perguntas. É por essa visibilidade que ele dá às perguntas que nos é possível constatar como as dúvidas, questionamentos e desejos das jovens são direcionados ao futuro, e não ao presente ou à elevação espiritual³⁴⁵.

Os estereótipos dos gêneros construídos nessa fase da seção de grafologia também apresentam mudanças significativas, especialmente porque estamos falando de um periódico católico pensado para um grupo feminino que deveria ser modelo para as mulheres católicas do país. Na fase anterior, há uma recorrência em apontar as mulheres como fracas, nervosas e sonhadoras, e daí a necessidade de um constante controle, como já falamos no capítulo anterior. Nessa nova fase, as mulheres que têm seus perfis publicados na revista são retratadas de forma diferenciada, não são retratadas como bobas ou fúteis, e a potencialidade do grupo é exaltada com entusiasmo, chegando a contrapô-las inclusive ao gênero masculino, como modelos de tenacidade.

MARIA DE FATIMA (Alto Sertão de Pernambuco) - (...) Que mulheres! Ultimamente tenho feito aqui perfis grafológicos de algumas que metem medo reunidas a exércitos de homens imbecis. Só se vê é mulher de vontade de ferro, de tenacidade usque ad mortem (até a morte. Passe o latinório). (...) ³⁴⁶

Os perfis masculinos trazem como características mais comuns a falta de maturidade e também de cultura, além disso, as principais características elencadas

³⁴⁵ Questões como fé, piedade, inveja, futilidade,

³⁴⁶ Graphologia. In: Revista Maria, nov. 1937. p. 227.

pelo grafólogo para os consulentes nesse período eram: ativo, prático, teimoso, inteligente, autoritário, ríspido. Em quase todos os perfis aparece a combinação de pelo menos três dessas características, quando não todas elas juntas. Ainda que nos pareçam características que desabonem seus portadores, não parecia ser assim que pensava o grafólogo, afinal ele não fazia nenhuma reprimenda a elas, ao contrário do que acontecia quando detectava uma possível feminilidade no consulente. Isso era de imediato reprimido e, de pronto, o consulente em questão era aconselhado a “ser homem” ou casar-se rapidamente com o fito de emendar-se.

UM BÓSBOCA (...) Aprenda a dominar-se, a renunciar-se, a formar emfim a sua vontade. Cheio de originalidades, de luxo, de “nove horas”. Deixe-se de historias e seja homem: v. não é nenhuma melindrosa. Não se arrecei de ficar com as mãos callosas. Antes assim, mas ter o pão honrado. Não se póde levar a vida em fazer fita, em enganar o mundo e a si mesmo. (...) Case-se quando puder e fôr capaz de assumir a responsabilidade de uma família. (...) Precisa quem tome conta dele toda a vida. Quando deixará de ser criança e se fará homem? Caracter efeminado. Não sabe vencer-se nem sabe lutar.³⁴⁷

O casamento deveria servir para tais homens de natureza fraca e efeminada como remédio e precaução, ter alguém que lhe tome conta significava ou alguém que o colocasse no lugar a ele destinado, o de homem que deve ter para si a responsabilidade de uma família. Alain Corbain afirma que, no século XIX, o casamento era visto como remédio para todo tipo de comportamento tido como “desregramento do desejo sexual”, entre eles a homossexualidade³⁴⁸, pensamento que chega ao século XX, dentro da moral cristã católica de forma preponderante. Não há, na sociedade moderna normatizada pelos parâmetros burgueses, espaço para essa inversão de posturas, que era, em última instância, o retrato da degenerescência moral. Segundo Corbain

No final do século XVIII os cientistas naturalistas impõem explicitamente ao homem sentir-se membro da espécie que domina a criação. “Seja um homem, meu filho!”, a injunção fundamental tem o significado implícito: seja o Adão do Gênesis a quem foi conferido o domínio sobre todas as coisas. No século XIX essa injunção de virilidade embasa a atividade do homem. Este deve, permanentemente, manifestá-la por seus atos. (...) A virilidade não constitui uma simples virtude individual. Ela ordena, irriga a sociedade, cujos valores sustenta. Ela induz efeitos de dominação – dentre os quais o exercido sobre a mulher é apenas um elemento.³⁴⁹

³⁴⁷ Graphologia. In: Revista Maria, out. 1936. p. 286.

³⁴⁸ CORBIN, Alain (Dir.). **História da Virilidade**. Vol 2: O triunfo da virilidade o Século XIX . Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 248.

³⁴⁹ CORBIN, Alain (Dir.). Idem. p. 09.

Assim, no que se refere aos leitores que interagem com a revista, mais especificamente na seção de grafologia, a virilidade, a masculinidade e os possíveis traços efeminados são características observadas com esmero pelo concorrido grafólogo.

Um pouco effeminado. (...) Sobre duplicidade de personalidade, é asneira: não há absolutamente nada. Sobre a segunda pergunta de uma mera possibilidade de vida religiosa, pode ser. Senso artístico. Tenha cuidado com essa tendência de efeminação do seu character. Fóra com isto. Seja homem! Parece moça.³⁵⁰

Sobre a “duplicidade de personalidade” que o consulente fala, não fica claro se tem algo relacionado ao temperamento efeminado, no entanto a suposta tendência feminina do rapaz irrita o grafólogo que além de mandá-lo ser homem, ainda admite a possibilidade de uma vida religiosa. Seria essa uma alternativa de fuga para esse rapaz, que, “parecendo uma moça”, chega questionar-se se tem dupla personalidade. Não podemos responder com certeza tal questão, mas o que fica evidente é que, mesmo num periódico que tem a mulher como foco principal, o homem também não sai da pauta, porque a relação entre os gêneros³⁵¹ é, ao final, o que define os papéis de cada um na sociedade e, para a Igreja, e consequentemente para a revista, não era admissível nenhum desvio desses papéis idealizados.

As características cultivadas pelos homens ditos modernos pareciam confundir-se muitas vezes com o conceito de efeminado³⁵². Logo, um homem vaidoso, educado, imaginativo, admirador das artes, entre outras características poderia logo ser vistas como uma perigosa inversão de caráter.

Personalidade que não se destaca. Um bocado vaidoso. Jeitoso. Prático e hábil. Tem orgulho de família. Esforçado. Muito bom coração. Vontade fraca, insuficiente. Generoso, um pouco orgulhoso. Imaginação fértil. Character um pouquinho effeminado. Bom gosto, amigo do bello e da arte, e da ordem.³⁵³

³⁵⁰ Graphologia. *In*: Revista Maria, dez. 1937. p. 257.

³⁵¹ Ver SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

³⁵² Segundo Durval Muniz o mundo moderno traz consigo uma “crise de um padrão de masculinidade”. O homem moderno seria desvirilizado por um mundo cada vez mais feminizado. Ver ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

³⁵³ Graphologia. *In*: Revista Maria, mar./abr. 1937. p. 57.

Mas não é o corpo masculino em si que é vigiado. É seu uso desvinculado da virilidade, seus trejeitos. O homem efeminado é, antes de tudo, um anormal. Essa anomalia precisa ser controlada, curada, eliminada se o indivíduo ainda quiser ser aceito como um membro da comunidade católica, da qual a revista Maria é também representante.

O estereótipo de gênero masculino assinalado na seção está em sintonia com a imagem do nordestino que foi engendrada de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, conforme nos mostra Durval Muniz, a qual diz que esse tipo masculino, que é inventado, traz características que estão em sintonia com o exposto pelo grafólogo, que fala a partir de Pernambuco, embora escreva perfis para consulentes de vários Estados brasileiros. Para Durval Muniz,

“O nordestino é um homem incubado, um homem explosivo, aparentemente morno e sombrio, porém com reservas enormes de talento e imaginação. Esse homem rústico e desconhecido seria capaz, no entanto, de dirigir um automóvel e consertá-lo depois de duas lições.”³⁵⁴

Mesmo quando não efeminado, o homem que aparece perfilado nesse período é um indivíduo que, apesar de todas suas “qualidades masculinas”, necessita de alguém para guiá-lo, de preferência uma jovem bem formada e que saiba não apenas ser sua companheira e conselheira bem como a garantia de que contribuirá para o seu progresso material e espiritual. Era nesse sentido que o casamento aparecia para o gênero masculino: uma escolha racional que determinaria um futuro livre de problemas familiares.

A. - É uma alma de artista. Muito sonhador. Inteligente, e pratico, apesar dos sonhos. Não parece ter a madureza da noiva. Esta é para ele como uma irmã mais velha, sisuda. A. é o irmão mais moço, mais sonhador. (...) ³⁵⁵

M.(...) – Caracter maduro, desenvolvido, homogêneo, quasi sempre o mesmo. Inteligente e bastante pratico e jeitoso. Vontade bem formada e sofficientemente enérgica e perseverante. Entretanto parece-me apesar da intelligencia e vontade que tem, não sabe dirigir-se, necessita de alguém, que exercendo certo ascendente e autoridade moral, saiba impôr-se-lhe, aconselhá-lo e guiá-lo. ³⁵⁶

Uma particularidade da seção de grafologia da segunda fase da revista chamou-nos atenção, no que se refere aos perfis masculinos (não verificamos isso

³⁵⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 232.

³⁵⁵ Graphologia. In: Revista Maria, maio 1936. p. 138.

³⁵⁶ Graphologia. In: Revista Maria, jul. 1936. p. 207.

nos perfis femininos): a recorrência de “diagnósticos” de problemas mentais. Em alguns casos, o grafólogo foi incisivo, ao afirmar tratar-se de um “doente mental”.

TIMOTHEO (Olinda) – Se V. não esta doido, esta perto. Recommendo-lhe uns tratamentos de umas duchas circulares alternadas. Faça uma visitinha as installações modernas do Hospital Dom Pedro II ou ao Sanatorio do dr. Ulysses Pernambucano. Uma confusão mental que faz mêdo. V. está com desdobraimento de que? Da personalidade? Deixe-se de historias. (...) V. se trate, meu amigo, trata-se desses seus nervos. Talvez ainda haja remédio. Não toque em álcool, nada que o contenha, nem cerveja, nem vinho, nada, nada. Nem café, nem chá verde nem preto que essa droga contem mais cafeína que o próprio café. Tome matte que é uma bebida genuinamente nossa e é um verdadeiro remédio. Não esqueça de ir a um especialista de moléstias nervosas e mentaes. V. tratando-se, se não fôr lues, ficará até um rapaz ajuizado.³⁵⁷

Na segunda fase da revista, o tom da seção de grafologia foi, de um modo geral, mais ameno com as mulheres, embora permaneça nos perfis um misto de análises que estereotipam a mulher como fútil e curiosa, e outras que exaltam a força de vontade da mulher brasileira, que nessa nova fase não foi alvo de tantas reprimendas pelo grafólogo, nem mesmo quando diz sonhar em fazer medicina ou sair pelo mundo dirigindo “uma baratinha”, como já vimos.

Essa “benevolência”, longe de ser pura compreensão e bondade por parte daqueles que eram responsáveis pela revista, revela que o comportamento feminino estava mudando e isto impunha àqueles que visavam normatizá-lo certos recuos e ajustes, pois a modernidade exige rearranjos no universo dessas jovens. Sinais de um tempo que já não é mais (tradicional) e não é ainda (moderno).

4.4 “QUANDO A POLÍTICA AMEAÇA O ALTAR” – O SUFRÁGIO FEMININO E O NOVO PAPEL SOCIAL DA MULHER CATÓLICA.

A revista Maria não tinha uma seção dedicada à política. Não era o intuito da revista diretamente. Seria mesmo de se estranhar se houvesse um espaço fixo para discutir política numa revista dirigida a mulheres e que era contra uma vida pública³⁵⁸ para elas, exceto em experiências dirigidas e tuteladas pelo clero. Assim,

³⁵⁷ Graphologia. In: Revista Maria, jul. 1936. p. 207.

³⁵⁸ Em “Mulheres públicas” Michelle Perrot nos lembra como a participação da mulher na vida pública é algo que incomoda as sociedades ocidentais desde tempos remotos. Afirma Perrot: “O lugar das mulheres no espaço publico sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual desde a Grécia antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. ‘Uma mulher em público está sempre deslocada’, diz Pitágoras. Prende-se à percepção

de uma forma geral, a política nacional não figurava com frequência na revista, exceto em momentos cruciais, como em períodos pré-eleitorais ou de votação de questões constitucionais caras para a pauta católica, tais como divórcio e ensino religioso³⁵⁹.

Os artigos e notas que faziam referência a assuntos políticos nacionais e internacionais na revista sempre vinham assinados por Xavier Pedrosa. Quando são textos de opinião, como os que falavam sobre o Estado Novo, ele fazia questão de deixar claro que era sua opinião e não reflexo da posição da revista. Apesar da ressalva do clérigo, não podemos desvincular suas opiniões do posicionamento da revista. Logo, os escritos de Xavier Pedrosa figuram no nosso entendimento também como uma posição da revista. Quando se trata de textos menores, ou pequenas notas, ele usa o espaço da seção “Respingando...” sob o pseudônimo de Ruth.

A primeira pauta política recorrente na revista é o voto feminino. Ao longo de toda a primeira fase da Revista, o posicionamento desta foi terminantemente contrário ao voto feminino, conforme já falamos. Mas quando, em 1932, o direito ao voto é conquistado pelas mulheres brasileiras, a revista muda sua posição e passa a trazer textos que exaltam as mulheres que assumem a responsabilidade de votar, bem como textos que orientam suas leitoras como devem portar-se diante do direito adquirido.

Dos textos veiculados na revista abordando a questão, os mais resistentes ainda eram os de Xavier Pedrosa, que sempre fez um ataque raivoso aos desejos femininos de conquistar o sufrágio. Assim, logo no primeiro número de 1933, abaixo do editorial saudando o novo ano, lemos, em um quadro em letras garrafais, a citação de Pio XI e que já indica as diretrizes que orientariam, a partir daquele momento, as falas e ações acerca do voto.

da mulher uma ideia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça.” PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 08.

³⁵⁹ Na edição de agosto de 1934, na matéria intitulada “A Igreja Católica e a Assembléia Constituinte”, o articulista celebra os pontos vitoriosos da pauta católica na constituinte. Ele elenca 11 pontos, são eles: “O nome de Deus no preambulo; Colaboração reciproca entre a Religião e o Estado; Serviço militar dos ecclesiasticos; Direito de voto aos membros das ordens monásticas; Assistencia religiosa; Obediência das associações confessionaes ás autoridades da respectiva religião expressa na Constituição; Cemiterios das irmandades; Pluralidade dos Sindicatos; Indissolubilidade do Casamento; Casamento religioso valido; Ensino religioso”. (Revista Maria, ago. 1934. p. 198-200) Para cada tópico, explica-se o que era pleiteado pela Igreja e como foi votado, em alguns tópicos chega a descrever como se deu a votação e nomear os votantes.

“QUANDO, PORÉM, A POLITICA AMEAÇA O ALTAR... ENTÃO O PAPA, O CLERO E O LAICADO CATHOLICO, PARECEM FAZER POLITICA, MAS NA REALIDADE FAZEM OBRA DE RELIGIÃO, DEFENDENDO A LIBERDADE DA IGREJA, A SANTIDADE DA ESCOLA, A PUREZA DA FAMÍLIA E A SANTIFICAÇÃO DOS DIAS CONSAGRADOS A DEUS.” – PIO XI.³⁶⁰ (Maiúsculo no original).

O recado era claro e, aos possíveis críticos que argumentassem que a Igreja estaria se envolvendo com a política, alertava que para defender seus interesses, os representantes do catolicismo iriam sim fazer política e, para isso, o primeiro passo, no Brasil, era investir na orientação e captação de um contingente de neovotantes composto pelas mulheres católicas do país. E parte importante desse contingente, devidamente mobilizado e organizado era formado pelas Pia Uniões das Filhas de Maria.

A hora quer

A mulher é para o lar. No lar está o seu ideal, o seu dever, o seu objeto, a esfera da sua acção. Não quer isto dizer que a mulher está fora da acção catholica a que todo laicato christão deve dar seu apoio. A hora presente exige até como um dever a acção da mulher nas obras de apostolado.

Ora, é o caso agora do voto feminino. A Liga Eleitoral Catholica não pode prescindir da mulher catholica brasileira. Desde que á mulher foi dado, no Brasil, o direito de votar, a mulher catholica deve ir ás urnas.

Ir ás urnas dar o seu voto de consciência para exercer um direito e evitar que com a sua excusa sobrevenha um mal.³⁶¹

Mesmo diante da necessidade de angariar o voto feminino, ainda havia por parte dos responsáveis pela revista uma preocupação sobre como essa participação política deveria se dar e como poderia mudar o comportamento das católicas brasileiras, por isso era importante lembrar que essa saída do lar para tomar parte na vida pública era limitada e, depois tudo, deveria voltar a ser como antes e à mulher caberia retornar ao lar. É o que recomenda Ruth, ou melhor, Xavier Pedrosa.

Votar e voltar ao lar. A Liga E. Catholica não é partido. Muito menos a mulher catholica deve ter partido.

Haveremos de votar no candidato catholico, seja qual de partido for, que nos apontarem os que nos orientam. Alea jacta est. No Brasil a mulher vae votar e a mulher catholica irá votar em quem, *em consciencia*, deve votar, não attendendo a exigências de partidos, nem a conveniencias pessoas, mas olhando o bem da Patria e os interesses da Religião.

Para as urnas! Vamos eleger os constituintes. Quem nos irá representar? Quem quiserem os catholicos, se estes cumprirem o seu dever de consciencia.³⁶²

³⁶⁰ Revista Maria, jan./fev. 1933. p. 02.

³⁶¹ Respingando... In: Revista Maria, jan./fev. 1933. p. 09.

A mulher católica não deve ter partido porque ela não deve participar efetivamente da política. Sua participação deve atender apenas aos interesses daqueles que desejam orientar sua atuação social. Seu espaço por excelência é o lar, de lá só deve sair quando solicitada e, assim que cumprir o seu chamado, voltar a recolher-se a sua “esfera de ação”.

Como forma de se fortalecer politicamente e angariar apoio para as suas pautas, a Igreja organiza a Liga Eleitoral Católica – LEC. Ao contrário de um partido político que limita o número de apoiadores à um grupo específico, ao organizar uma Liga suprapartidária as possibilidades de apoio aumentavam, pois o foco não era a qual partido o candidato pertencia, mas se este candidato assumia o compromisso de defender as causas da Igreja, especialmente na constituinte. A estratégia da Liga foi um sucesso e garantiu que a maioria dos candidatos apoiados pela LEC chegassem ao poder.

O voto feminino foi muito importante nessa disputa, uma vez que, com a conquista do direito ao voto em 1932, o eleitorado feminino passa a figurar como um eleitorado numeroso³⁶³ que antes não existia e que seguia, principalmente, aquelas que faziam parte de associações religiosas, as orientações de voto dadas pelos seus diretores espirituais, sacerdotes nos púlpitos e pela imprensa católica. Pensamento também defendido por Ângela de Castro Gomes que afirma que a LEC, “definindo-se como uma força extrapartidária atuou fortemente nas eleições de 1933, mobilizando o eleitorado católico, e aí particularmente o feminino que votará pela primeira vez.”³⁶⁴

Enquanto publicava textos que exaltavam e incentivavam a participação feminina como eleitora, é possível perceber uma tentativa de associar catolicismo e patriotismo. Embora não haja um esforço de construir uma sólida argumentação com textos mais complexos sobre a ligação Igreja e Pátria, essa dupla aparecerá em

³⁶² Respingando... *In*: Revista Maria, jan./fev. 1933. p. 09.

³⁶³ Em minha pesquisa de mestrado, ao fazer o levantamento das listagens de novos títulos de eleitor emitidos no Ceará publicadas no jornal O Nordeste, pude verificar que a maioria dos novos eleitores cadastrados era composta por mulheres. Não por acaso, o jornal se dedicava a incentivar e pressionar as mulheres católicas cearenses a tirarem seus títulos de eleitoras para poderem votar nos candidatos da LEC, como um compromisso religioso. Para mais detalhes ver: ANDRADE, M. Lucélia de. Op. Cit.

³⁶⁴ GOMES, Angela Maria de Castro. Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). *In*: FAUSTO, B. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1983. v. 3, p.21.

frases de efeito em vários textos que falam de política, em especial, quando se tratava da constituinte de 1934 e, posteriormente, como apoio tácito ao golpe de Vargas, que instaurou o Estado Novo em 1937, usando como justificativa o risco de um levante comunista como o de 1935. Assim, o voto feminino passa a ser relacionado a uma responsabilidade das Filhas de Maria com a Igreja e com a Pátria, pois seria a Igreja ao final das contas que daria dignidade e confiabilidade a essa pátria que estava sendo gestada com a elaboração de uma nova constituição.

E mesmo depois da constituinte, não se desmobilizou de pronto o fervor entusiástico do voto feminino católico, especialmente no que se refere às “patricias” que integravam “exército branco”

Grande, sublime, encantadora, a missão da mulher! Porém, maior, mais sublime, mais encantadora, eu me parece, é a missão da mulher patricia, da jovem brasileira. Guarda fiel de uma tradição honrosa, genitora de uma raça forte, é a mulher brasileira a esperança viva da ressurreição da Patria. ‘Não há reconstrução nacional, disse alguém, sem reconstrução moral, e esta repousa mais que tudo na contribuição da mulher’. No Brasil que ora atravessa a phase, talvez mais aguda de sua historia politica incumbe, também, as nossas jovens patricias uma arregimentação *consciente* de forças, de idéas, em torno da Igreja Catholica – a única esperança e salvação dos povos. (Itálico no original)³⁶⁵

Reforçando a imagem da Filha de Maria de origem abastada, às “patricias” cabia a missão de uma militância política “consciente”. A consciência política das jovens viria a partir da orientação do clero e a revista Maria era um desses espaços que deveria ajudar a uniformizar ideias, forças e ações. A mulher que aparece nesse texto agrega todos os papéis que a revista esperava de suas leitoras: guardiã da tradição, mãe do futuro, soldada da “milícia côr de neve”. Entretanto, mesmo quando é colocada como importante no contexto da política nacional, sua contribuição sofre um esvaziamento do conteúdo político transformando a ação política que se requeria delas em uma missão moral e religiosa, orientada pelos ensinamentos da Igreja. Mudam o contexto, a necessidade de ação, mas não se abandona a ideia de que à Filha de Maria cabe um protagonismo tutelado.

Às Catholicas refractarias ao voto

Lembra-te, ó mulher catholica, que é teu voto reclamado, não pelos políticos mas pelos teus filhos, por tudo quanto possues de precioso na terra, e – não te espantes – pelo mesmo Jesus, a quem confias a tua alma: teu voto será

³⁶⁵ Jovens patricias... In: Revista Maria, jun./jul. 1935. p.105.

a pequenina mas indispensável parcela da força com que se salvará seu reinado no Brasil. (...) A mulher verdadeiramente catholica e verdadeiramente brasileira não póde absolutamente negar-se a votar, porque isto equivaleria a negar a Jesus a abdicar as mais nobres affeições do coração feminino. (...)

Não, mil vezes não, mulher catholica! Não concurras para a morte dos ideaes de teus irmãos, da pátria e da Religião! Não negues teu concurso nesta santa cruzada em prol das reivindicações de nosso Deus e Senhor! Alista-te e vota.³⁶⁶

Com a conquista do voto, colaboradoras da revista celebram, empolgadas, o direito adquirido, mas sem afrontar em demasia os editores da revista, reafirmando ainda seu compromisso com a Igreja.

O direito de voto concedido ás mulheres brasileiras empolga devéras a élite feminina, na compreensão inteligente do cumprimento de um dever cívico, do qual está a depender o destino de nossa pátria.

Era um dos meus grandes anseios, e fui sempre uma grande defensora dos direitos políticos da mulher.³⁶⁷ (Negrito no original)

A percepção que as Filhas de Maria fazem parte de uma classe mais abastada aparece em vários momentos na revista, como já falamos anteriormente. Nas formas como supõem que é a vida de uma Filha de Maria, nas questões que envolvem seu cotidiano, e no modo como o trabalho é pensado para elas, colocado sempre como um trabalho intelectual e caritativo e nunca como provedor de sustento. Quando se trata do voto, essa percepção volta, mais uma vez essas mulheres são colocadas e também se colocam, como um grupo de mulheres de “elite”, que têm o entendimento da importância e do dever do voto.

Foi longa a trajetória de luta das mulheres brasileiras em busca do direito de votar. Depois de uma década de intensa movimentação, que foi a década de 1920, com muitas tentativas de apresentar projetos, finalmente em 1932, pelo Decreto nº 21.076 (Código Eleitoral), do Governo provisório, deu-se a conquista do voto para as brasileiras. Pelo decreto, poderiam votar mulheres alfabetizadas, maiores de 21 anos, sem restrições quanto ao estado civil.³⁶⁸ Ao estabelecer que somente mulheres alfabetizadas pudessem votar, a lei já trazia essa conotação excludente, que colocava apenas uma pequena parcela da população feminina como apta para exercer o direito ao voto. Daí tornar-se ainda mais urgente, orientar

³⁶⁶ Revista Maria, maio 1933. p. 89.

³⁶⁷ O voto feminino. *In*: Revista Maria, mar./abr. 1933. p. 42.

³⁶⁸ Cf. MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2018.

Filhas de Maria a prosseguirem com seu cadastramento eleitoral. É importante ressaltar que, de acordo com dados oficiais do censo do IBGE de 1940³⁶⁹, ou seja, de quase uma década depois, quando já se apresentavam leves melhorias nos índices de alfabetização, somente 32,9% da população feminina do país era alfabetizada.³⁷⁰

Entusiasmada com o direito ao voto, Guiomar continua na sua argumentação sobre quão legítima e necessária era a atuação feminina na vida política do país, apontando já para uma leitura do tempo que mescla novos e antigos valores na construção de um pensamento moderno sintonizado com os ensinamentos da Igreja Católica.

Muitos são os adversários dos sufrágio feminino, alegando que assim procedem por medida de prudência, pois á mulher faltam aptidões e porque a sua missão primordial é de companheira do homem, e a sua principal função a maternidade.

É um falso conceito. São velhas teorias, que o próprio tempo se encarrega de exterminá-las.

A capacidade, a intelectualidade e a cultura feminina, não há negar, são sensíveis através da História e pelos tempos modernos. Cerebros femininos de grande visão intelectual têm brilhado nas sciencias, nas letras e na politica.

(...)

As novas condições da actualidade atribuem á mulher funções e direitos que lhe não attribuiam os tempos passados.

(...)

Para a geração presente o voto feminino póde secundar, em grande parte, nos escrutínios, as influencias favoráveis a ordem, á religião e ás tradições, pois existem em muitos países mais fortes contingentes de mulheres que de homens, dedicados a esses nobres fins.³⁷¹

Novos tempos, novas necessidades, novas leituras dos papéis femininos, mas Guiomar não ousava ainda romper completamente com os valores da tradição

³⁶⁹ De uma forma geral, há uma dificuldade em apresentar estatísticas precisas para os índices de alfabetização no país, principalmente em virtude de como os censos eram feitos, muitos deles não dando muita importância a detalhes com relação à escolaridade. Alguns estudos sobre o assunto tomam como base os censos de 1872, 1890 e 1920. E, mesmo não tendo dados sobre a alfabetização, divididos por sexo, podemos perceber o quão elevado era o nível de iletrados no país, sendo que, no período aqui estudado, nos censos que consideraram o recorte por sexo, as mulheres sempre apresentam um nível de escolaridade mais baixo que os homens. Assim, temos em termos gerais (sem divisão de sexo) os índices de não alfabetizados nos censos do Brasil: 1872 = 82,3% de analfabetos. 1890 = 82,6%; 1920 = 71,2%; 1940 = 61,2%. A esse respeito, ver: FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81. p. 21-47, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13930.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2019.

³⁷⁰ Beltrão, Kaizô I. (Kaizô Iwakami). **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1425.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2019.

³⁷¹ O voto feminino. *In*: Revista Maria, mar./abr. 1933. p. 42-43.

e, como uma forma de tirar do voto feminino, a pecha de má influência para a família e para a mulher argumenta

O papel de esposa e mãe não impede á mulher exercer grande influencia fóra do lar, fóra do ambiente familiar. Pela sua personalidade moral, a mulher póde desenvolver livremente a sua capacidade em pról dos interesses políticos dos povos. A mulher, que é esposa e mãe, não deixa por isso de ser um membro livre e independente da vida humana, valendo pela sua superioridade própria, e não pelo facto de ser mãe de família. O catholicismo não condemna o suffragio feminino. O direito de voto á mulher é, sem contestação, uma garantia para desenvolver dos problemas sociaes catholicos. E a Igreja Catholica prestigiou sempre os direitos jurídicos, sociaes e políticos da mulher.³⁷²

Embora saibamos que os acontecimentos nem sempre ocorreram desse modo e que a Igreja não foi tão amiga assim de direitos jurídicos, sociais e políticos da mulher, a fala de Guiomar tinha mais um intuito conciliador, em que, depois de reafirmar um protagonismo feminino, ela colocava essa mulher social e politicamente ativa como apoiadora e também apoiada pela Igreja. Faz parte da construção desse tempo de transição e de mudanças significativas não insurgir-se de forma muito enérgica contra essa instituição, da qual elas tomavam parte ainda que numa posição subalterna. Assim, ela encerrou seu texto conclamando suas iguais a tomarem parte nesse momento que para a Igreja era também de grande relevância:

O direito de voto é uma responsabilidade que assume a mulher brasileira. O Brasil tudo espera de sua contribuição. É chegado o tempo em que a mulher catholica tem o dever de interessar-se pelos altos problemas do Brasil á luz da fé, e pugnar pelo ideal do povo brasileiro – trabalhar, portanto, em pról dos grandes ideaes da família e da Patria. É um dever de defesa dos sacrosantos princípios da Igreja, da Moral, e da Sociedade, como bem diz o nosso Cardial Leme.
 Às urnas, pois, patricias minhas, Deus o quer!³⁷³

Ao colocar o dever de votar, embora o voto feminino fosse facultativo, como um desejo divino, Guiomar também nos coloca uma questão que aparece principalmente nas falas do clero, que é a despolitização do exercício desse direito conquistado. Assim, votar vira uma missão divina, sacrossanta. Sua execução, ao invés de ser política é purificadora da política, segundo a fala do bispo de Niterói que a autora faz questão de citar:

³⁷² O voto feminino. *In*: Revista Maria, mar./abr. 1933. p. 42.

³⁷³ O voto feminino. *In*: Revista Maria, mar./abr. 1933. p. 43.

Diz o egrégio bispo de Nictheroy, o sr. d. José Pereira Alves, que a Igreja tanto abençôa a mulher que trabalha honestamente no commercio, dactylographa ou contabilista, no exercício das funcções liberaes ou nas administrativas, como a que vae purificar as urnas com a sua fé intencional, e participar da vida publica do país.

A mulher, e sobretudo a mulher catholica, que é um agente de primeira grandeza nos varios ramos do viver social, não pôde recusar o seu prestigio neste momento, em que a lei vem em favor do voto feminino, obrigando-a em certo modo a alistar-se e concorrer com o seu voto para o engrandecimento moral e cívico do Brasil.³⁷⁴

Para um grupo que se constitui como um ideal santificado de feminino, perceber-se como purificador do processo eleitoral era transformar sua atuação política uma obra religiosa e despir dela toda potencialidade política de seu ato.

É recorrente no discurso da revista sobre a situação política brasileira na década de 1930 a associação entre a Igreja e a Pátria. Essa associação é característica desse período em que a Igreja, procurando se afirmar e vendo no novo governo que se instalava a possibilidade de retorno às suas ligações mais próximas com o Estado e seus favorecimentos, busca forjar esse discurso que só uma pátria comprometida com a fé católica poderia prosperar, no mesmo instante em que se colocava disposta a dialogar com o Estado, pois a Igreja Católica era uma defensora da pátria e da família.

Dentro dessa perspectiva de uma atuação política como um compromisso religioso, a revista traz à tona a figura de um herói mártir político para a Igreja Católica do Brasil: Dom Vital.

Juventude Catholica Feminina
ORGANIZEMO-LA

Recebemos dos primeiros christãos este axioma, comprovadíssimo pela experiencia: "O sangue dos martyres é semente de christãos". A história ecclesiastica de Pernambuco orgulha-se de registrar a passagem por entre nós de uma legitima figura de martyr, heroico defensor da Fé, dom fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira. Não é preciso derramar o sangue para merecer o titulo de martyr. Basta o sofrimento e a perseguição por ódio á Fé e á Igreja. (...) Ora, o sacrificio deste grande bispo não haveria de permanecer infecundo.³⁷⁵

Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira (27/11/1844 - 04/07/1878) foi um dos protagonistas da chamada questão religiosa, na década de 1870. A revista elegeu a figura de Dom Vital como símbolo do catolicismo legítimo, que se sacrifica em defesa da fé, não por acaso, afinal, ele representa o processo de romanização

³⁷⁴ O voto feminino. *In*: Revista Maria, mar./abr. 1933. p. 43.

³⁷⁵ Juventude Catholica Feminina. *In*: Revista Maria, jun./jul. 1932. p.128.

do catolicismo brasileiro em seus primórdios. Na segunda fase da revista, especialmente em períodos de tensão política, foram constantes as menções à Dom Vital, seu heroísmo e sacrifício em defesa da Igreja e também sua santidade.

Na edição de agosto-setembro de 1933, quatro meses após as eleições que escolheram os deputados para a Assembleia Nacional Constituinte, a revista lançou uma seção intitulada “Página de Dom Vital”. Nela a revista publicava, a cada número, textos exaltando a figura do bispo, seu heroísmo, sua atuação e sua capacidade intelectual. A página Dom Vital foi publicada até fins de 1936, embora outros textos o exaltando continuem a ser publicados em outros espaços da revista, sem seção fixa.

Concomitante à criação da página Dom Vital, é interessante perceber que começam a aparecer também agradecimentos de graças alcançadas em nome de Dom Vital. As graças atribuídas a ele vinham em destaque na seção de Graças, em separado de todos os outros agradecimentos, ficando evidente que havia uma tentativa da revista de fomentar uma devoção ao bispo como santo, enquanto publicava também homenagens e textos que exaltavam sua bravura e memória.

Em um momento de afirmação da Igreja frente ao Estado, quando a instituição católica se aproximava de Vargas e passava a negociar suas pautas, a figura de Dom Vital era simbólica e reafirmava a disposição da Igreja de ir de encontro ao Estado se preciso fosse, ao mesmo tempo em que trazia uma figura “santificada” como exemplo para as leitoras. Logo a disputa política que envolveu o bispo de Olinda foi transformada em guerra santa, enquanto a figura de Dom Vital passou a figurar fartamente também na seção de graças alcançadas. Novamente, para as leitoras da revista, despolitizava-se a participação feminina nas eleições e transferia-se o foco de suas ações para o campo religioso, moral e devocional.

A década de 1930 se caracterizou por uma reaproximação Igreja e Estado, capitaneada por Dom Leme e Vargas. Dom Leme, ao promover a solene coroação de Nossa Senhora Aparecida, consagrando o Brasil à santa, em 31 de maio de 1931, fazia uma bela demonstração de poder e mobilização por parte da Igreja, que não poderia ser ignorada pelo presidente Vargas. No mesmo ano, alguns meses mais tarde, em outubro de 1931, nova demonstração de força da Igreja, capitaneada pelo Cardeal Leme: a inauguração do Cristo Redentor. Em seu discurso, o Cardeal disparou:

E haverá ainda quem acredite ser ilícito à República fingir que pode ignorar as crenças religiosas do povo? Não, senhores! Depois de tantas afirmações da consciência religiosa do povo brasileiro, o agnosticismo do Estado seria uma mentira solene a aviltar o bom senso dos legisladores. O nome de Deus está cristalizado na alma do povo brasileiro. Ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhecerá o Estado.³⁷⁶

A política de aproximação entre Igreja e Estado se fez presente em todo o primeiro governo Vargas, mesmo em meio a diversas crises pelas quais o país passou. Thomas Bruneau, para quem a Revolução de 1930 representou também a reintegração da Igreja no Estado, afirma que naquele contexto

a legitimidade da Igreja é uma vantagem preciosa para o governo. Vargas compreendeu isso e fez tudo para ganhar a aprovação da Igreja. A compreensão que resultou da cooperação Vargas-Leme pode muito bem ter facilitado o governo de Vargas, e certamente ajudou a Igreja a reformular a sua abordagem da influência.³⁷⁷

Assim, uma vez estabelecida uma aliança de benefícios recíprocos com o Estado, a Igreja centrou fogo num inimigo comum a ambos: o comunismo. Foi em torno do comunismo que Estado Novo e Igreja concretizaram sua aliança. Na revista Maria, a oficialização desse apoio veio numa matéria não assinada, que ocupou duas páginas completas, intitulada “*A Igreja e a Patria contra o comunismo*”³⁷⁸. Nela, além de justificar a necessidade do “golpe de Estado que nos colocou no Estado Novo”, alimentava-se o medo do comunismo, recorrendo à “ameaça de 1935”.³⁷⁹ E, por fim, exaltava a ação enérgica de Vargas como guardião da pátria e da Igreja, que, segundo o texto, é sempre uma das maiores vítimas dos regimes comunistas.

³⁷⁶ Mensageiro do Coração de Jesus, dez. 1931. p. 750-754. *Apud* AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II: Terceira Época: 1930-1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 228.

³⁷⁷ BRUNEAU, Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 78.

³⁷⁸ A Igreja e a Patria contra o comunismo. *In*: Revista Maria, dez. 1937. p. 238-239.

³⁷⁹ A ameaça de 1935 é uma referência ao levante comunista de 1935, que ficou conhecida como Intentona Comunista. Diversos setores da sociedade desiludidos com os rumos que o governo que havia tomado o poder, a partir da revolução de 1930, reunidos sob a bandeira da Aliança Nacional Libertadora (ANL), decidiram derrubar Vargas e instalar um governo que teria a frente o líder comunista Luís Carlos Prestes. Apesar de ter sido rápida e violentamente debelada, o fantasma de um levante comunista permaneceu sendo alimentado pelos discursos políticos da época, com a ajuda da Igreja, e serviu como justificativa para o acirramento da repressão do Estado, e a consequente ditadura do Estado Novo. Rodrigo Patto, afirma que o levante de 1935 colaborou para o crescimento de uma onda anticomunista no país. Ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva-FAPESP, 2002. p. 59.

A Este brado angustioso e solenne veio se ajuntar a denuncia do heroico, valoroso e vigilante exercito brasileiro.

Ele denunciou a extensão, a imminencia, a hediondez e gravidade da monstruosa conjura dos nossos inimigos e pediu medidas excepcionaes para combatê-la e humilhá-la.

Veio o estado de guerra, veio a mão forte do Presidente Getulio Vargas, o maior homem publico que já possuiu esta Republica neste ultimo quartel de século, veio a energia de alguns militares que honrariam qualquer exercito do mundo e o Brasil respirou um pouco.

Não estamos livres das garras de Moscovo, mas ha uma solida esperança de quebra-las e humilhá-las.³⁸⁰

Sem dúvidas, depois da intensa campanha em torno do voto e da pressão junto a constituinte, foi o comunismo a grande pauta política que figurou nas páginas da revista Maria. O discurso anticomunista não é uma novidade na imprensa católica, muito menos exclusividade da revista Maria. A Igreja Católica foi uma das principais protagonistas da luta anticomunista no Brasil e o comunismo teve, ao longo da década de 1930, uma presença constante nas páginas da revista. Buscamos aqui ressaltar como uma revista que não possuía, como já foi dito, um foco político e buscava inserir a mulher na política apenas dentro dos limites dos interesses da Igreja, buscando arquitetar para suas leitoras um protagonismo político tutelado, que não as desligasse do espaço concebido pela igreja como delas “por natureza” qual seja o lar, apontando assuntos políticos somente quando estes se faziam graves.

Rodrigo Patto Sá Motta aponta que, no Brasil, a primeira matriz anticomunista foi o catolicismo. Motta aponta três fases agudas de anticomunismo (1935-1937; 1946-1950; 1961-1964), mas ainda, segundo ele, os primórdios desse movimento datam de 1917³⁸¹. É nesse arranjo que figurava a constante referência ao comunismo e seus males na revista Maria. Como a ideia da revista era moldar comportamentos e formar a “milícia branca” para o combate pelas causas católicas, o comunismo era representado, com diversas faces do mal, para assombrar e convencer o público leitor feminino o quão comprometido deve ser o esforço para evitar que a “infernial impiedade embrutecida de Moscovo” tomasse conta do Brasil.

O comunismo que a revista apresentava era uma construção de antípodas da moral, do bem, do bom, do sagrado. Diversos eram os argumentos utilizados pela revista para desqualificar o comunismo. Embora saibamos que a

³⁸⁰ A Igreja e a Patria contra o comunismo. *In*: Revista Maria, dez. 1937. p. 239.

³⁸¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva-FAPESP, 2002. Passim.

questão do comunismo para a Igreja Católica seja mais antiga e mais profunda, presente em encíclicas papais que trazem a preocupação com questões sociais e com a luta de classes, na revista não havia um aprofundamento das questões teóricas que envolvem o comunismo, colocando tudo que envolve o pensamento comunista como essencialmente mau, trazendo explicações rápidas, notas que em sua maioria visavam alimentar o medo e a ojeriza do comunismo junto às leitoras.

O comunismo quer:

- a) – O incentivo á luta de classes, pois é plano comunismo acirrar o odio entre operários e patrões;
- b) – O aniquilamento da Patria, vendendo-a ao capitalismo judaico da Russia;
- c) – O assalto á propriedade de cada um;
- d) – A deshonra das familias brasileiras pela pratica do “amor-livre”, officializado na Russia;
- e) – O aniquilamento dos principios religiosos, para, animalizando o homem, torná-lo mais apto ás conveniências do regime.
- f) – A morte das liberdades populares pela escravização do operario ao guante de ferro de Staline – o antigo salteador de estradas.
- g) – A miseria da infancia, como acontece na Russia, onde um recente decreto estabelece o fuzilamento de meninos de 12 annos para cima.
- h) – O regime do terror, do saque, dos maiores opprobios, das mais revoltantes miserias que o cerebro humano possa conceber.³⁸²

A cada ponto enumerado por Ruth em sua seção “Respingando...”, podemos perceber que o texto joga com o medo, pintando um quadro de horrores, que, certamente, apavorava as leitoras: acirramento de ódio entre patrões (camada social com a qual as Filhas de Maria se identificavam) e operários; capitalismo judaico da Rússia (nas notas anticomunistas da revista era comum um tom antissemita, fazendo uma ligação judaísmo-comunismo); ameaça a propriedade privada; prática do amor livre (escandalizando a moral cristã católica); fim dos princípios religiosos (tão caros a essas mulheres, que, em virtude deles, tinham um lugar de destaque na sociedade); escravidão; fuzilamento de crianças; finalizando com uma ameaça velada de horrores ainda piores, falando do estabelecimento de um regime dos “maiores opróbios e revoltantes misérias”. Em suma, Ruth apresentava como sendo desejo do comunismo destruir tudo aquilo que eram as leitoras da revista social, econômica e religiosamente.

Essa estratégia de demonização do comunismo não era uma exclusividade da revista Maria. O discurso anticomunista no Brasil, especialmente aquele empreendido pela Igreja Católica soube mexer com o imaginário dos medos

³⁸² Respingando... In: Revista Maria, nov. 1936. p. 309.

da sociedade brasileira, adequando seu discurso para alimentar tais temores. Rodrigo Patto aponta, dentro desse imaginário, os elementos mais frequentes e destacados nos diversos discursos presentes na imprensa e na literatura, contra o comunismo: a associação ao demônio, a agentes patológicos, a ameaça estrangeira, incluindo aí o discurso antisemita, o ataque à moral e o exemplo da União Soviética como um país terrível depois da Revolução de 1917³⁸³. Todos esses elementos apareceram nas notas da revista sobre o comunismo.

Além disso, no embate contra as ideias comunistas, antes de oficializar seu apoio e reverência ao Estado Novo, a revista chegou a flertar com o integralismo, trazendo artigos que prestavam certo apoio ao movimento integralista, sem colocá-lo diretamente como bandeira da revista, como fazia com o anticomunismo. Assim, a revista buscava manter a imagem que tentava passar, de ser isenta, sem preferências políticas.

Sem que a nossa palavra signifique a nossa adesão oficial ao novo movimento restaurador, que se alevanta, carregado de belas esperanças, nós declaramos bem alto e sem timidez, que ninguém, que ame sincera e lealmente os interesses da sua Fé, da sua pátria e do seu lar, póde ser, na hora presente, indiferente á onda verde que se ergue majestosa e se avoluma com impeto sadio para despertar o Brasil e o libertar da onda negra que desce do oriente escuro e frio das duas Russias escravizadas ao jugo de Moscovo.

Quem tem tradições de fé, honras de família e glórias de uma pátria livre a defender, não póde ficar indiferente ao movimento integralista que tem como bandeira Deus, Patria e Família. (...)

Não temos ideal politico, nem o queremos; mas corre-nos a obrigação de falar só com o intuito de cumprir um dever.³⁸⁴

A relação da Igreja Católica com a Ação Integralista Brasileira é vacilante. Embora os integralistas falassem em nome de Deus, Pátria e da família, afirmassem sua ligação com os valores do catolicismo e contassem em suas fileiras com uma grande maioria de católicos, o apoio da Igreja ao movimento nunca foi oficializado. Segundo Thomas Bruneau,

*alguns, na Igreja, sentiam-se atraídos pelos integralistas por causa da sua similaridade com as crenças católicas, em alguns pontos, e principalmente por causa de sua oposição ao 'comunismo ateu'. Contudo a Igreja não se deixou enredar no Integralismo.*³⁸⁵

³⁸³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op. Cit. passim.

³⁸⁴ Deus, Patria e Família. *In*: Revista Maria, ago./set. 1935. p.133.

³⁸⁵ BRUNEAU, Thomas C.. Op. Cit. p. 80.

Ao que parece, pelo menos durante um tempo, Xavier Pedrosa figurava entre os “atraídos” pelo integralismo e, em virtude disso, em ocasiões pontuais, publicou textos falando dos integralistas, reafirmando não ter bandeiras políticas e, no mesmo instante, exaltando os feitos dos camisas verdes, como é o caso de seu artigo intitulado “Recado aos Integralistas.

Vocês, rapazes das camisas verdes, merecem aplausos e parabens. (...) Vocês são herdeiros do patrimônio de coragem, de fé e de civismo(...) Sejam heroes, rapazes das camisas verdes. Eu sou entusiasta dessa idéia que vocês andam pregando, como uns novos campeadores que hão de salvar a Patria, como a salvou o Cid. Não visto a camisa verde, mas a minha alma esta vestida de verde tambem. Sei que vocês não são soldados officiaes da causa catholica como andam dizendo os vis estupradores da verdade; mas reconheço que vocês estão fazendo um alto serviço ás tradições religiosas de minha Patria. É por isso mesmo que vocês merecem estima dos bons patriotas e dos christãos sinceros. C.X.P.³⁸⁶

Em seu recado, Xavier Pedrosa não faz um apelo aberto para que as leitoras façam uma adesão às fileiras da AIB, no entanto não deixa dúvida sobre seu apoio às ações dos integralistas. Essa posição de elogios e reconhecimento aparece em algumas pequenas notas, entretanto, à medida que a política brasileira avançava na direção do Estado Novo, que, por sua vez, expurgará a Ação Integralista Brasileira, colocando-os no mesmo lugar de indesejáveis dos socialistas, a revista retomará ao seu princípio básico: reafirmar a importância da congregação mariana.

No texto intitulado “Como pensava meu amigo”, fala-se de um integralista “intransigente e intolerante” que “a seu ver, quem não partilhasse as ideias do Sigma, era ou comunista ou indigno de ser brasileiro”³⁸⁷. Ao longo de uma página e meia, o autor que assina como Jacson, descreve as intransigências de seu amigo, enquanto insinua que o demasiado apego à Ação Integralista o afastava da religião católica. Como uma forma de desculpar o amigo e culpar a AIB, afirma: “Sua indiferença religiosa baseava-se mais em leituras e maus exemplos do que em convicções íntimas.” A história finaliza com o amigo integralista comungando, alistando-se nas fileiras da Ação Católica, enquanto o autor arremata a narrativa, dizendo

Embora não envergasse, com os outros, a camisa-verde, mas com toda a honra e ufania, a minha fita azul de mariano.

³⁸⁶ Recado aos Integralistas. *In*: Revista Maria, dez. 1935. p. 238.

³⁸⁷ Como pensava o meu amigo. *In*: Revista Maria, ago. 1939. p.181.

Da fita azul é que precisamos; pois a religião, bem compreendida e bem praticada, é que salvará o Brasil.³⁸⁸

Ao colocar o amigo integralista como uma espécie filho pródigo que volta às fileiras da Igreja, sem condená-lo, pois suas convicções íntimas não eram más, só estavam mal influenciadas, a revista passava a mensagem de que as congregações marianas estavam de braços abertos para receber todos aqueles que participaram com entusiasmo do movimento integralista.

Para entender tal postura é importante atentarmos para o fato de que Vargas, à proporção que avançava nas articulações que desfechariam com o golpe de outubro de 1937, afastava-se cada vez mais dos integralistas, apesar destes prestarem-lhe apoio. Em 03 de dezembro de 1937, Vargas decretou a dissolução da Ação Integralista Brasileira, colocando-a no mesmo patamar da Aliança Nacional Libertadora, de orientação comunista. Uma parte dos integralistas, insatisfeitos com as ações do Estado Novo, passaram a alimentar a ideia de insurreição, que culminou numa tentativa desastrosa de tomar de assalto o Palácio da Guanabara e o ministério da Marinha. Debelado o golpe, os integralistas passaram a ser vistos como indesejáveis pelo Estado e os líderes do movimento passaram a tomar rumos individuais. Em maio de 1939, Plínio Salgado, tido como o principal líder do movimento integralista, exilava-se em Portugal³⁸⁹. Ficando, assim, os “camisas verdes” desprovidos de uma liderança.

Passados poucos meses, era oportuno, portanto, que a Igreja buscasse, através de sua imprensa, tentar atrair os adeptos do integralismo para a Ação Católica e, dessa forma, manter mobilizada uma parcela considerável da população capaz de pressionar o governo se preciso fosse. Resolvida a questão do integralismo, relegando ao silêncio nas páginas da revista, o comunismo permanecerá como inimigo implacável e cuja ameaça, mesmo sorrateira, não deve ser esquecida.

Não por acaso, a questão da Guerra Civil Espanhola será constantemente tratada na revista. Xavier Pedrosa dará um espaço considerável da revista para tratar dos acontecimentos na Espanha, narrando a perseguição ao clero, de modo dramático, dando às narrativas um toque de terror sangrento. Tantas foram as

³⁸⁸ Como pensava o meu amigo. *In*: Revista Maria, ago. 1939. p.182.

³⁸⁹ A esse respeito ver: FREITAS, Marcos Cezar. **Integralismo**: fascismo caboclo. São Paulo: Ícone, 1998.

narrativas de Xavier Pedrosa, que resultou em um livro publicado e amplamente divulgado na revista. Para Rodrigo Patto, a Guerra Civil Espanhola colaborou para acirrar o anticomunismo católico e também fez com que Igreja se sentisse muito ameaçada.

A partir do início da guerra, em meados de 1936, as instituições católicas se empenharam numa campanha mundial de denúncia das 'atrocidades comunistas' cometidas na Espanha. No Brasil, tal ofensiva coincidiu com a onda anticomunista provocada pelo levante de 1935. O noticiário sobre o drama espanhol forneceu mais argumentos para os ativistas locais, contribuindo para o estabelecimento do clima de guerra sem tréguas ao comunismo.³⁹⁰

Ao contrário das opiniões sobre o voto, as quais contavam com participação de escritos de leitoras, a narrativa sobre a Espanha, o Integralismo e o comunismo de uma forma geral ficou basicamente restrita à Xavier Pedrosa, as colaboradoras da revista fizeram esparsas ao socialismo cultural, bolchevismo e comunismo ateu que, na revista, eram apresentados como sinônimos do mesmo e monstruoso mal.

Como dissemos no início desse tópico, política não era o foco da revista Maria. Política, aliás, era um aspecto da vida social que a revista afirmava não caber à mulher e às Filhas de Maria. Entretanto, quando a política se tornava uma ameaça à Igreja, esta não hesitava em trazer a "milícia cor de neve" para a arena e, nesta, a função delas era a da torcida que impressiona e pressiona, demonstrando àqueles que desafiavam a Igreja que esta tinha um poder de mobilização que não podia ser ignorado e cujo alcance real era incalculável. Com isso, as Filhas de Maria estiveram ao longo das seis primeiras décadas do século XX vigilantes e à disposição.

³⁹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op. Cit. p. 21.

5 FUTURO-PRESENTE - A FILHA DE MARIA DA MODERNIDADE.

A última fase da revista é uma fase muito significativa, pois é uma fase de total mudança na estrutura da revista e na forma como ela é pensada, além de evidenciar como o grupo ao qual ela se direcionava também já havia passado por mudanças que o distanciava muito dos grupos de Filhas de Maria das três primeiras décadas do século XX.

É nessa fase que a revista é assumida totalmente por mulheres. Façamos aqui uma breve retrospectiva de fatos, para chegarmos a 1955, ano em que a revista é assumida pelo grupo que dará a ela uma nova feição: o cônego Xavier Pedrosa morreu em maio de 1952. Adalgisa Souto Maior Genn, que desde a morte de seu irmão Euvaldo Souto Maior, em novembro de 1943, havia assumido grande parte das responsabilidades da revista, torna-se a principal responsável pelo impresso. Ela contava com o auxílio da filha, Maria Emilia Genn, entretanto, depois de 42 anos colaborando com a revista³⁹¹, Adalgisa Genn também vem a falecer, em 17 de maio de 1955. No intervalo de tempo entre o falecimento de Xavier Pedrosa e o de Adalgisa Genn, a revista passou por uma fase de indecisão, quando a regularidade de circulação ficou comprometida, chegando a sair número que compilavam três meses e, mais comumente, dois meses por número. Quando Adalgisa Genn morre, sua filha Maria Emilia assume definitivamente a direção do periódico, quando a revista ganha a forma característica dessa fase que se constitui como um período em que o *horizonte de expectativa* é o principal referencial dessas moças. Desse modo, elas se encarregam de repensar o que é ser Filha de Maria no século XX, quais as necessidades que os novos tempos lhes impõem, além de iniciarem um substancial projeto de formação para o futuro, focando em duas novas seções fixas (Página do Lar e Página das Noivas) e abordando em suas páginas as questões que norteavam as preocupações de futuro dessas mulheres.

É significativo lembrar que a Filha de Maria é solteira³⁹². Quando oficializa o noivado, o próprio Manual da Pia União recomenda que inicie seu

³⁹¹ Por ocasião de seu falecimento, algumas notas colocadas na revista homenageando Adalgisa Genn dão conta de que, desde seu primeiro número, a revista já contava com o auxílio dela. Como já foi dito, Adalgisa era irmã do padre Euvaldo Souto Maior. E, enquanto ele estava à frente da revista, era uma espécie de secretária dele ajudando o irmão nas lides da revista.

³⁹² Aqui cabe uma ressalva: na prática não havia “Filha de Maria casada”. Se casasse, a associada desligava-se da Pia União. Entretanto, como parte importante da construção da Identidade da Filha

processo de desligamento da congregação. Noivados longos não eram aconselhados, logo, o noivado era um período de despedida e, conseqüentemente, pertencia ao futuro da Filha de Maria, e não ao seu presente, assim, é sobre esse período de transição que elas criam a Página das Noivas. Seguindo a lógica de pensar seu futuro e preparar-se para ele, criam também a Página do Lar, onde já aparece a discussão dos problemas e dificuldades advindos do casamento. Sobre a Página das Noivas e a Página do Lar falaremos mais adiante.

No ano de 1961, quando a equipe aproveita para publicar um relatório de suas atividades a partir de 1955, ou seja, as próprias responsáveis pela revista consideravam o ano de 1955 como marco das mudanças da revista e que deram origem a um periódico remodelado, diferente daquele que elas tinham quando assumiram a publicação. Em 1961, das vinte e duas pessoas que compunham a equipe responsável pela edição e circulação do periódico, vinte eram mulheres e os dois homens envolvidos não estavam diretamente ligados à escrita da revista em si.

Membros da Equipe em 1961

Assistente eclesiástico: Conego Eustáquio de Queiroz

Gerente: Snr. Alberto de Queiroz

Tesoureiras: Maria da Conceição Carneiro e Maria Emilia Genn de Barros

Secretária: Antonieta Marques

Correspondente (Assinaturas e valôres): Ody Azevedo

Expedição: Maria Odete Mesquisa

Revisão – Lígia Fernandes

Anúncios: Ebal Eliel

Colaboradoras:

Teresinha Caldas – Maria José de Melo – Ody Azevedo – Maria Odete

Mesquita – Aspázia Marques – Juracy Soares de Oliveira – Marqueritte

Raisin – Reina de Lourdes – Zaira Pereira – Ivonete Souto Maior – Lígia

Fernandes – Maria Anunciada Sobra – Maria da Conceição Carneiro (...).³⁹³

Podemos afirmar que a terceira fase da revista é a mais feminina de todas, o que reflete na escolha das pautas, na concepção de secções permanentes e nas visões de mundo que passam a ser esboçadas pelas mulheres que compõem o corpo de colaboradoras de Maria.

Não é, entretanto, por ter em seu feitio somente mulheres, uma fase isenta de conflitos. É importante considerar que, de 1955 em diante (recorte temporal dessa fase), havia, espalhadas pelo país, muitas mulheres Filhas de Maria

de Maria, costumava-se dizer que uma Filha de Maria sempre seria Filha de Maria, como se o fato de ter pertencido à Pia União se tornasse algo intrínseco à sua personalidade.

³⁹³ Relatório das Atividades realizadas durante cerca de Cincoenta Anos pelos Dirigentes da Revista Maria. *In*: Revista Maria, dez. 1961. p. 21.

há décadas, que ocupavam o lugar da chamada “solteirona”, sobre as quais falaremos mais detalhadamente adiante. Algumas dessas mulheres, as quais se tornaram Filhas de Maria nas primeiras décadas do século XX e que vivenciaram a construção da Filha de Maria como representante da tradição, tendo o *espaço de experiência* do catolicismo como principal referência, muitas vezes, sentiam-se incomodadas com as novas formas de pensar das Filhas de Maria e com os novos comportamentos destas.

(...) realmente nos cabe a responsabilidade na hora presente, mas minha querida irmã **como poderemos lutar se o batalhão azul e branco em sua maior parte já aderiu aos exageros da moda?**

Aproveito esta oportunidade para **desabafar o meu coração de filha já tão magoado. Sou Filha de Maria há quase 40 anos**, quero dizer, você bem sabe que alcancei o tempo em que as Filhas de Maria, pela sua modéstia e conduta cumpriam a linda promessa que faziam no dia de sua consagração a Virgem Mãe. Mas vejo com tristeza que as **Filhas de Maria de hoje em nada diferem das outras moças**, as mangas sobem assustadoramente, já tenho visto muitas Filhas de Maria com apenas 5 cms de manga, decotes exagerados, pinturas também exageradas, frequentando bailes e banho de mar com maillot pouco descente. Chego até a pensar que as Pias Uniões não têm mais um conselho idôneo, prudente, que tenha um certo interesse pela santificação e pela conduta das congregadas. São apenas **figuras decorativas para seguir a tradição**.

(...)

Maria da Conceição Santos³⁹⁴

Na carta aberta da leitora Maria da Conceição dos Santos, vemos toda a frustração daquelas que são partidárias da tradição de outrora com as mudanças da modernidade. Mas, em sua opinião, embora lamente, o processo de supressão dos costumes da tradição parece irreversível, daí sua denúncia de que as Filhas de Maria de hoje já não cumprem os ideais de modéstia tão caros ao seu tempo de ingresso na Pia União, quase 40 anos antes. Ou seja, Maria da Conceição era uma Filha de Maria da tradição, aquela cujo *horizonte de expectativa* era bastante reduzido e cujo principal referencial de comportamento era o *espaço de experiência* da tradição católica. Tanto que a principal preocupação de Maria da Conceição era sobre o usufruto do corpo, materializado nos “exageros das modas”, no uso do maillot, da maquiagem, dos decotes, na frequência do banho de mar e dos bailes. Na visão de Conceição, a Filha de Maria da década de 1950 já havia se transformado em figura decorativa de uma tradição esvaziada do seu significado.

³⁹⁴ Carta Aberta. In: Revista Maria, maio 1955. p. 14.

Mas não parece ser essa a opinião da maioria das leitoras, tampouco da equipe que comandava a revista. A percepção das colaboradoras do periódico de que era importante dialogar com a modernidade e adaptar-se aos novos tempos é a tônica desse período e essa percepção inicia-se pela necessidade que elas tinham de atualizar a publicação e dar a ela uma aparência mais moderna. Esse processo de mudança é relatado por elas em seu “Relatório das atividades da Revista Maria a partir de 1955”, publicado em três partes, nas edições de Março-Abril; Outubro-Novembro e Dezembro de 1961. No relatório elas afirmam:

O primeiro esforço das suas [da revista] auxiliares foi nesta época de atualizar a revista, de torna-la mais atraente para as jovens e principalmente para as Filhas de Maria que constituíam o número maior de assinantes. (...) A qualidade do papel deixava muito a desejar; os clichês, se bem que numerosos, eram antigos.

Tornava-se necessário renová-los, colaboração pouco a pouco tornou-se mais variada, graças à bôa vontade das novas auxiliares que Nossa Senhora foi mandando. A transformação foi muito lenta, principalmente pela escassez dos meios financeiros. A procura de novos anúncios tornou-se mais intensa para aumentar os recursos.

Os progressos foram se multiplicando até conseguirmos chegar ao tipo atual da revista: papel bom, assuntos variados, formação cristã, renovação constante de clichês modernos, páginas destinadas às adolescentes e às crianças, etc. o numero de páginas foi aumentado e a capa especialmente, tornou-se mais apreciada pelos belos clichês que apresenta.

A nossa revista, bem feminina, é destinada principalmente às Filhas de Maria. Não poderia deixar, de ser uma revista de formação.³⁹⁵

As mudanças dos clichês, que estampavam as páginas e capas da revista, deram ao impresso uma aparência mais moderna, fugindo, inclusive, do estereótipo que se espera de uma revista católica feminina e se distanciando do padrão das fases anteriores. Embora não tenham descartado totalmente as imagens religiosas para estampar as capas, algumas capas de Maria traziam fotos de mulheres sorridentes e que não se diferenciavam muito de outras revistas de entretenimento que circulavam no país.

³⁹⁵ Relatório das atividades da Revista Maria a partir de 1955. *In*: Revista Maria, out./nov.1961. p. 22-23.

Figuras 10 e 11 – Capas da Revista Maria edições de Junho-Julho/1958 (Esq.) e Setembro/1957 (Dir.)



Fonte: Hemeroteca Digital.

Figuras 12 e 13 – Capas da Revista Maria edições de Set/1958 (Esq.) e Jul-Ago/1960 (Dir.)



Fonte: Hemeroteca Digital.

Figuras 14 e 15 – Capas da Revista Maria edições de Set-Out/1960 (Esq.) e Mar-Abro/1963 (Dir.)



Fonte: Hemeroteca Digital

A título de comparação, trouxemos capas de três revistas de grande circulação no período e, nelas, podemos ver que a diferença das ilustrações trazidas na capa se dá, em alguns casos, basicamente pelo colorido da capa. As capas de Maria, nesse período, apresentaram cores, mas de forma limitada, algumas vezes se restringindo aos quadros que servem de fundo para o nome da revista e para a imagem, como ocorreu na edição de março-abril/1963, mostrada acima.

Figura 16 – Capas das Revistas: A Cigarra; O Cruzeiro e Revista da Semana.



Fonte: Hemeroteca Digital

É significativo apontar que, na terceira fase da revista, a seção de Graças praticamente desaparece. Em alguns números, ela não chega a ser publicada, já em outros aparece, mas com um número muito reduzido de leitoras, agradecendo a seus santos de devoção e publicizando a eficácia deles. É um indício de que a forma de vivenciar a fé católica já não era a mesma, e/ou que a grande maioria das leitoras já não via a revista como um instrumento-meio para vivenciar a fé. O próprio periódico, em sua estrutura, passa a ser visto como um impresso efêmero, tal qual é a natureza de uma revista, e a prova dessa percepção é que desaparecem as indicações de que deveriam encadernar os números ao final de um ano para formarem uma espécie de livro. A numeração das páginas passa a ser iniciada a cada número, não sendo mais uma numeração contínua, como era anteriormente. E, a partir de 1962, passa a ser bimestral, para driblar as dificuldades e regularizar a circulação.

A administração feminina da revista encarou as dificuldades financeiras com outras estratégias. Não se restringiu, como outrora faziam os padres, a uma enfadonha campanha por novas assinaturas. Ampliou as possibilidades, agregando anúncios, rifas, livro de ouro, campanhas por novas assinaturas, simultaneamente. E, em janeiro de 1958, o subtítulo da revista foi novamente alterado e passou a ser Maria: Órgão das Pias Uniões, reafirmando sua ligação com as Filhas de Maria.

Como propaganda do impresso, elas não abriram mão da chancela da tradição, até como forma de provar que, apesar das mudanças de postura, a alta hierarquia eclesiástica continuava dando apoio à Revista Maria como sendo uma publicação recomendável. Para isso, o arcebispo coadjuntor solicitou, em carta circular aos bispos do Nordeste, que recomendassem a revista. As cartas desses bispos são publicadas nos números de agosto-setembro e outubro-novembro de 1956, um ano após as mudanças.

E, embora isso não apareça explícito na revista, podemos cogitar que a publicação de recomendações de autoridades eclesiásticas fosse uma forma de responder possíveis críticas à modernização do periódico. Essa tônica de que a

revista aborda adequadamente os “assuntos adequados à hora presente”, está presente na carta do Núncio apostólico³⁹⁶, Armando Lombardi.

Bênção do Sr. Núncio Apostólico

Com grande júbilo e de todo coração concedemos uma bênção especial à Revista Maria que, há 43 anos vem realizando **importante apostolado entre as Filhas de Maria publicando atualmente assuntos adequados à hora presente**. Conceda Deus fôrça e coragem aos seus dirigentes a fim de que a Revista possa atingir a meta desejada pela Igreja, isto é, a melhor difusão do reinado de Cristo na terra. (Grifo nosso)

† ARMANDO LOMBARDI³⁹⁷

A direção da revista por um grupo de mulheres também traz uma visão pragmática ao impresso, trazendo número considerável de dicas práticas para realizar as tarefas domésticas, receitas culinárias, moldes de costuras, reafirmando o papel da mulher como a responsável pelo lar, mas fugindo da exclusividade de textos instrutivos de moral, costumes e religião.

A preocupação e a censura ao corpo feminino não ocupam papel de destaque como nas fases anteriores. Para essas mulheres, a censura em torno do usufruto do corpo não se constitui uma pauta central e, nessa fase, são poucas as colaborações que contestam as formas de lidar com o corpo na modernidade. Renegar o corpo não é mais uma diretriz do grupo, embora elas não ignorem o potencial do desejo carnal em suas vidas, o que abre a pauta da revista para de maneira discreta, mas constante, elas discutirem as tentações que a intimidade entre corpos podem despertar, especialmente durante o noivado. Essas mulheres advogam que é preciso conhecer para combater, mesmo que isso signifique tomar conhecimento do mal, do tentador. Discutir o proibido é essencial para que possam combatê-lo com eficácia, uma total mudança de postura, uma vez que a orientação dos sacerdotes, nas décadas anteriores, era justamente o contrário: saber era perder-se quando se tratava das Filhas de Eva.

De um modo geral, a terceira fase as revista não está em embate com a modernidade e, ao invés de cultivarem a ideia de combate e contraposição aos novos tempos, as responsáveis pelo impresso defendem a perspectiva de

³⁹⁶ O Núncio Apostólico ocupa o lugar de embaixador do Estado do Vaticano. É o representante do papa no Brasil. Dom Armando Lombardi ocupou o cargo de núncio apostólico de setembro de 1954 a maio de 1964.

³⁹⁷ Bênção do Sr. Núncio Apostólico. *In*: Revista Maria, out./nov. 1956. p. 05.

adequação. O futuro não as assusta, mas povoa seus pensamentos e planos, assim as questões do presente transformam-se em questões relacionadas ao futuro. Esse futuro fala mais alto e é ele que dará o tom da escrita do periódico na terceira fase.

5.1 APRENDER A SER FILHA DE MARIA NA MODERNIDADE

A partir de meados da década de 1950, a sociedade brasileira já tinha passado por muitas mudanças, especialmente no que se refere aos costumes. Os valores da modernidade pareciam estar mais solidificados, com isso a Igreja já admitia serem necessárias concessões ao comportamento feminino, embora ainda reafirmar a necessidade de cuidado com os excessos. Os chamados “anos dourados”³⁹⁸ trazem mudanças substanciais de comportamento, principalmente feminino, que chega da década de 1950 tendo que lidar com questões relativas à escolaridade, ao mercado de trabalho e às mudanças nas formas de relacionar-se com o gênero masculino, com a religião e com a sociedade.

Mas, dentro da revista Maria, o que parece mais urgente é adaptar-se a esse novo mundo sem se distanciar em demasia da tradição, também sem parecer uma figura exótica em meio a uma sociedade que celebra o progresso e a modernidade. A Filha de Maria da terceira fase da revista, na concepção das colaboradoras do periódico, é uma moça que está no mundo e que dele não deve isolar-se.

Nesse momento, como já dissemos, prevalece a preocupação e o foco no horizonte de expectativa, mas como nos ensina Kosellek, os estratos do tempo se misturam, sobrepõem-se, logo a tradição não desapareceu da pauta dessas mulheres. Ela ainda é parte importante do espaço de experiência delas, embora pareça cada vez menos decisivo em suas escolhas e comportamentos. É nesse sentido que podemos encontrar ainda uma ou outra colaboradora, por vezes, defendendo os valores da tradição e um retorno aos princípios que norteavam as Filhas de Maria das décadas de 1910 e 1920, ainda que não seja esse o

³⁹⁸ Para Pinsky, os chamados “anos dourados” compreendem o intervalo de tempo que vai de 1945 a 1964, quando o Brasil viveu uma fase de desenvolvimento econômico acelerado, e experimentou crescimento do leque de ocupações no mercado de trabalho, aumento e transformação dos padrões de consumo, aumento do nível de escolaridade, especialmente o feminino, entre outras mudanças. Cf. PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

pensamento que predomina no impresso no período de 1955 a 1965. Para essas mulheres, há mesmo uma tendência em comparar a Filha de Maria “Antiga” e a “Moderna”, para as leitoras e editoras era claro que havia uma diferença. Essa percepção aparece em tom de denúncia na fala das defensoras da tradição e em tom de conciliação na fala das editoras da revista, que tentam dissipar as possibilidades de atritos entre “antigas” e “modernas”.

Filha de Maria do Século XX

Jovem – moça plenamente integrada na sociedade.

Veterana – criatura inteligente que acompanha o belo progresso da humanidade.

Esse ideal enquadra-se no real sentido da verdadeira Filha de Maria.

Filha de Maria do século XX cumpre com a responsabilidade que assumistes ao receber a Fita Azul! Não seja fútil, mas também não seja arcaica; não se escandalize com o mundo, entretanto, também não o escandalize.

Não é pesado o dever da Filha de Maria, essa Fita Azul proíbe apenas aquilo que não – digno de ser feito por uma cristão, e, que prometeste evitar ao receber a mesma. Criatura igual as demais, com os mesmos direitos, aspirações idênticas, entretanto, tens a glória de uma proteção especial da Virgem Santíssima.

Ela te protege, te ama, te vê como Filha, Predileta. Não a decepciones com exageros pró ou contra o modernismo. (...)

- És uma conservadora de hábitos e costumes, maçante e desintegrada do convívio humano?

- És partidária dos exageros sociais, fútil, leviana e vasia de aspirações?

- Acompanhas o progresso, (...) participando moderna e decentemente dos esportes e diversões (...)³⁹⁹

Usando um tom cordato, a colaboradora sinaliza para o meio termo, de forma que não ofenda as Filhas de Maria mais velhas, nem espante as mais jovens, que já estão em um mundo onde frequentar diversões, praticar esportes, usar maquiagem e cabelos curtos já não são condenáveis, nem mesmo pela Igreja. E àquelas que advogavam a permanência restrita nas regras da tradição, argumentava-se:

O dogma não muda, mas debes vivê-lo no dia de hoje e não no de ontem. Vês como exemplo o jejum absoluto de ontem e o jejum eucarístico de hoje, missa exclusivamente matinal de ontem e a vespertina de hoje, e, tudo isso a fim de corresponder as necessidades da vida moderna!

Diz Jean Webster – o verdadeiro segredo da felicidade está em viver-se no “agora” da vida.⁴⁰⁰

³⁹⁹ Filha de Maria do século XX. *In*: Revista Maria, out./nov. 1961. p. 12.

⁴⁰⁰ Filha de Maria do século XX. *In*: Revista Maria, out./nov. 1961. p. 12.

A própria percepção de que essas moças têm do que é a Pia União das Filhas de Maria é uma adaptação entre a concepção da tradição, da Pia União como um espaço de formação, e não de preparação para a vida no claustro, e a concepção de que a Pia União é um espaço de preparação para o futuro, sem privar as associadas dos divertimentos que o mundo moderno oferece no presente.

Alguns pensam que uma Filha de Maria deve ser uma moça diferente das outras, **desajustada de viver afastada do mundo**, pretendendo algum convento ou coisa semelhante, sem direito aos divertimentos apropriados à sua idade, e que, mesmo usufruindo os encantos da juventude, contudo, deve por força das circunstâncias, se considerar uma autêntica SOLTEIRONA! (...)

Se numa paróquia é fundada uma PIA UNIÃO certamente que a ideia tem uma finalidade, não de tolher os passos das jovens, mas de ajuda-las a caminharem com dignidade. É erro, portanto, se pensar que uma Filha de Maria deve levar uma vida religiosa equivalente à de um claustro, mas olhar para a realidade dos fatos que demonstram ser uma Pia União, o centro aonde **se processa a formação de milhares de jovens, capacitando-as a desempenhar futuramente na vida**, o seu papel bem feminino de esposa e mãe, integralizando nelas um modelo de vida mais perfeito e digno de cópia (...)⁴⁰¹

É interessante pensar os estratos do tempo articulados na elaboração da revista na terceira fase, porque, embora seja possível rastrear muitas mudanças substanciais, não há efetivamente uma completa ruptura, porque a própria identidade da Filha de Maria está ligada à tradição. Assim, elas optam por um rearranjo, tentando unificar o melhor das leituras de tempo – modernidade e tradição – para continuarem a fazer parte de um grupo distinto e, ao mesmo tempo, não se submeter a muitas restrições.

Para isso, instruir-se era essencial. Uma Filha de Maria bem instruída poderia entender melhor sua função na modernidade e quais papéis poderia desempenhar na sociedade. A Filha de Maria da terceira fase da revista tinha sede de saber e essa sede não era apenas acerca do corpo, da sexualidade e das mudanças e perigos da modernidade. Ela acreditava também que era necessário ter um conhecimento mais substancial de sua própria religião e fé. Por isso, também defendiam que a “Filha de Maria moderna”⁴⁰² deveria ter uma melhor formação

⁴⁰¹ O que é uma Filha de Maria. *In*: Revista Maria, maio 1958. p. 06.

⁴⁰² A expressão Filha de Maria moderna é muito recorrente nas edições da terceira fase da revista e é a partir desse parâmetro que a leitora é pensada. Mas cabe aqui uma reflexão sobre esses “estratos de tempo”, que se entremeiam às vezes de forma tão imbricada, já que a Filha de Maria, pelo menos, em sua origem, seria justamente o oposto à modernidade. Ela é filha da tradição, símbolo dela. Mas, na tentativa de repensar seus lugares sociais, essas mulheres agregam paradoxalmente, ou nem

religiosa, ou seja, estudar os textos bíblicos, as determinações do papado, os dogmas. Embora em princípio isso possa parecer um retorno a tradição, focando no devocional muito característico dos grupos formados por mulheres, não por acaso conhecidas no catolicismo como o “sexo devoto”⁴⁰³, vemos nisso uma tentativa de emancipação dessas mulheres que desejavam, nesses novos tempos, tomarem para si parte da responsabilidade por sua formação religiosa, uma vez que, até então, toda a formação das Filhas de Maria deveria ser tutelada, pois, como devemos lembrar, a existência de uma Pia União estava condicionada à existência de um diretor espiritual, que, por sua vez, deveria orientá-las.

(...) Para realizar com proveito o seu apostolado, a F. de M. além de estar em estado de graça e em íntima união com Deus, deve ter uma certa cultura religiosa, adquirida não apenas nas aulas de catecismo, mas no manuseio da Escritura Sagrada e especialmente nos Evangelhos, assim como através da leitura de documentos pontifícios a fim de conhecer a doutrina da Igreja sobre palpitantes assuntos como por exemplo: “Dignidade do Matrimônio Cristão”, “Educação da Juventude”, “Capitalismo e Comunismo”, Virgindade e, especialmente aqueles que se referem a Nossa Senhora e ao apostolado da juventude feminina.⁴⁰⁴

Fundamentar seus conhecimentos e entendimento de mundo para além das prescrições dos sacerdotes, associando a doutrina católica a questões da época, como virgindade, comunismo, matrimônio e educação, era na visão das colaboradoras da revista, que acreditavam que não poderiam mais se isolar do mundo e de suas questões, como outrora fizeram as que as antecederam. Em contato com o mundo, bem preparadas e não se comportando como solteironas reprimidas, poderiam ser mais eficientes na missão de evangelizar pelo exemplo.

No mundo de hoje, tão trabalhado pelas forças do mal, e que oferece tantos perigos sobretudo para a juventude, - mas que em compensação nos oferece também muitos meios que poderão ser empregados no bem tanto material como espiritual da humanidade, - A F. de M. não poderá se isolar como faziam as jovens de outrora, - mas pelo contrário, precisa estar em

tanto, o moderno como adjetivo da associada da Pia União, nas décadas de 1950 e 1960. Para as colaboradoras da revista, não há mais oposição entre elas e a modernidade e sua existência como grupo estava diretamente ligada à eficiência do diálogo tradição-modernidade que elas deveriam estabelecer.

⁴⁰³ “As mulheres são chamadas em linguagem eclesiásticas, o sexo devoto, porque, nos exercícios da religião, mostram a ternura e a sensibilidade que lhes é própria e são, por outra parte, mais minuciosas e quase cerimoniosas nas exterioridades do culto.” Tesouros da Língua Portuguesa - Frei Domingos Vieira apud ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. **O sexo devoto: normatização e resistência feminina no império Português – XVI-XVIII.** 2003. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

⁴⁰⁴ A Filha de Maria no mundo de hoje. *In:* Revista Maria, set./out. 1959. p. 09-10.

contacto com a sociedade, para com a sua presença e as suas atitudes, dar um testemunho da sua Fé e do Cristo.⁴⁰⁵

Requeria-se dessa Filha de Maria que ela agisse na sociedade, assumindo a função de orientadora daquelas jovens que, não fazendo parte da Pia União, podiam se deixar atormentar pelas dúvidas e seduzir pelas tentações. O *modus operandi* também era outro, não deveriam mais agir como os velhos sacerdotes que, de forma ríspida, respaldados pela autoridade da tradição, tentavam impor comportamentos. A Filha de Maria moderna deveria agir com tato, aproveitando-se da proximidade com outras jovens para convencê-las dos seus valores e ensinamentos.

(...) Quanto bem não se poderá fazer numa simples conversa sôbre ***problemas de interesse palpitante para uma jovem*** como sejam: ***modas, praias, danças, relações entre rapazes e moças, namôros, casamentos, independência da mulher, direito do voto, leituras, cinemas***, etc? nas quais ***com muito tato*** se iria substituindo as ideias errôneas sôbre o assunto, por outras sadias e condizentes com a moral cristã. Poder-se-ia aproveitar dessas conversas mais íntimas, para inculcar nas jóvens, o sentido da grandeza do papel que lhes compete na família e na sociedade. Será também um interessante apostolado a exercer especialmente entre jovens de ambos os sexos êste de orientação de leituras, escolhas de programas de cinema, rádio e em breve a TV.⁴⁰⁶ (Grifos meus)

Observa-se que a Filha de Maria moderna não deveria se esquivar de nenhum assunto ou nenhum espaço que outras jovens frequentassem. Mesmo nas competições esportivas, assunto tão controverso na segunda fase da revista, elas deveriam estar e nelas também exercitar o seu apostolado, que não deveria mais se restringir ao sexo feminino. Efetivamente, o que essas mulheres deixam claro é que não há mais espaço para o excesso de conservadorismo, que a Igreja e a sociedade estavam mudando de forma incontestada e irreversível e que o grupo das Filhas de Maria precisava e queria mudar também. Dessa maneira, a modernidade e os novos costumes não são mais inimigos das leitoras, mas sim os excessos, e o excesso de conservadorismo está entre eles. É nesse sentido que Ivonete Pêsoa Souto Maior pondera,

(...) o mundo vê aquele que quer continuar fiel aos princípios religiosos como um antiquado um destituído de ambições de progresso. Devemos e temos obrigações restritas de fazê-lo provar que isto é totalmente errado. Não vamos negar a existência, infelizmente em alguns lugares, de membros

⁴⁰⁵ A Filha de Maria no mundo de hoje. In: Revista Maria, set./out. 1959. p. 09.

⁴⁰⁶ A Filha de Maria no mundo de hoje. In: Revista Maria, set./out. 1959. p. 24.

antiquados, mas, isto não é em absoluto a voz universal da IGREJA. (...) Os jovens cristãos de hoje não podem e não devem submeter-se a um conceito do século passado. Devem, portanto, viver a vida como se apresenta ela; com seus encantos dados por aquele progresso que já falamos. (...) Devemos adaptar às nossas convicções religiosas os costumes da época, se quisermos que eles não naufraguem por completo. Que a geração de hoje se fortifique na fé e dê uma educação moderna a seus filhos⁴⁰⁷

Até então era comum, mesmo na revista, que os defensores da tradição reafirmassem a opinião de que o ideal era que a mulher desconhecesse o mundo e seus prazeres, posto que o conhecimento do que o mundo poderia oferecer era, na visão dos conservadores, um caminho inevitável para a perdição, que começava sempre pelo descortinar das tentações mundanas. Já para o grupo de mulheres responsável por Maria, esse pensamento não servia, pelo contrário, elas defendiam que só era possível resistir às tentações do mundo, conhecendo-as e instruindo-se, sobre elas, uma posição ousada para uma revista que se propunha a instruir suas leitoras cristãmente.

A jovem moderna confia em si própria pelas seguintes razões: 1ª. – porque conhece o mal e privando com êle exercita-se a combatê-lo. 2º. – porque para neutralizá-lo, considera-se provida de elementos de defesa que as passadas geração de mulher não conheceram. (...) o conhecimento do mal – e tomamos aqui como tema o da sensualidade – é uma condição necessária para a precaução contra êle.

Ninguém, com efeito, ousa dizer que a ignorância favorece a virtude, pois é êrro funesto supor que a pureza exclua o conhecimento da impureza, uma vez que a castidade inconsciente é um privilegio da idade infantil. A partir da adolescência é sabido que, para preservar a castidade, fez-se preciso tomar conhecimento daquilo que a ela se opõe.

Está certa, portanto, neste particular, a jovem moderna.⁴⁰⁸

À jovem moderna não convinha mais uma “castidade inconsciente”, e o próprio conceito de castidade é repensado. Se antes tomar conhecimento do corpo e da sensualidade já era uma mácula preocupante, nos novos tempos mesmo a castidade física já começa a ser relativizada, ainda que de maneira tímida, pelas responsáveis pela revista. Não que elas pregassem que não fosse importante manter-se intocada, mas se por infelicidade a jovem cair em pecado, há sempre a chance de reparar-se. O perdão e a tolerância parecem falar mais alto ao coração das editoras, do que a necessidade de punição exemplar.

A representação da Filha de Maria, com os novos clichês da revista, é outra. A Filha de Maria moderna é, na essência, a antítese daquela pensada nas

⁴⁰⁷ Revista Maria, jan./fev. 1962. p. 20.

⁴⁰⁸ Revista Maria, jan. 1955. p. 13-14.

fases anteriores, principalmente na primeira: batom, cabelo curto, mangas curtas, sorridente, sedutora, não se distancia sequer do estereótipo de beleza do cinema, que era visto com muita desconfiança pela Igreja⁴⁰⁹.

⁴⁰⁹ Na impossibilidade de combater o sucesso do cinema nas áreas urbanas que contavam com salas de cinema, a Igreja passou a tentar instruir o clero e os fieis sobre o cinema. Encontramos muitos anúncios de cursos feitos por religiosos e religiosas sobre cinema, para que estivessem aptos a fazer frente às fitas desaconselháveis. O próprio Jomard Muniz, mais conhecido por seus trabalhos com cinema experimental, em 1955, ministrou um curso de cinema no Colégio das Damas de Instrução Cristã em Recife.

Figuras 17 – Clichês ilustrando a Filha de Maria do século XX.



Fonte: Revista Maria (Direita para esquerda e de cima para baixo): out./nov. 1961, p. 12; out. 1958, p. 10; ago. 1958, p. 13; set. 1958, p. 11.

Aos poucos, as responsáveis pelo feitio do periódico vão discutindo novas formas de atuação das Filhas de Maria na sociedade moderna, enquanto trazem para a pauta assuntos que antes sequer ousava-se insinuar, como as intimidades – ainda vistas como perigosas – entre os gêneros, as tentações do corpo e a vivência da sexualidade. Tais discussões figuraram como principal assunto da “página das noivas”, sobre a qual falaremos mais detidamente adiante.

Paradoxalmente, em alguns momentos, ainda se percebe por parte de algumas mulheres que escrevem para a revista, uma tentativa de rememorar a tradição, retomar as regras e valores que permeavam a identidade de Filha de Maria das primeiras décadas do século XX, tão cuidadosamente construída e valorizada na revista. Logo, em alguns momentos buscam nos arquivos do periódico, matérias publicadas nos primeiros anos da revista e que falam da Filha de Maria e seu papel na sociedade, bem como seus deveres e o comportamento que delas se espera.

O esforço de se firmar como uma Associação moderna, não apegada a um conservadorismo atrasado e que limita a vida social da mulher, nascia também de uma necessidade real, de se reinventar para não se extinguir. A década de 1960, no Brasil, sente-se a influência do cinema com seus jovens rebeldes, dos movimentos musicais que desembocarão no final da década como a tropicália, a jovem guarda, além das mudanças sociais como o crescimento dos centros urbanos com um acentuado êxodo rural.

A Igreja Católica também inicia a década de 1960 em meio a uma crise de autoafirmação, sentindo a necessidade de dialogar melhor com os novos tempos. É nesse esteio que será convocado o Concílio do Vaticano II (1962-1965), o qual inaugura uma visão de Igreja mais em sintonia com os novos tempos. Os ares do Vaticano II sinalizavam para uma Igreja “povo de Deus”⁴¹⁰ e, com ela, uma orientação no sentido de extinguir as diferenciações dentro dos cultos, tentando igualar todos dentro dos rituais. No Brasil, essa determinação impactará diretamente grupos como as Filhas de Maria que tinham lugar de destaque e de prestígio frente aos outros fiéis.

⁴¹⁰ Grosso modo, a proposta trazida pelo Concílio do Vaticano II de “Igreja povo de Deus” intencionava reafirmar a base laical da Igreja. Assim, mesmo a hierarquia clero – povo deveria deixar de existir, pois o clero também é povo de Deus, antes de tudo. Assim, todos seriam iguais dentro da Igreja, clero e fiéis, todos povo de Deus. Para uma análise mais aprofundada deste tema ver: LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Não bastasse o golpe da modernidade, em que as moças já não desejavam submeter-se a tantas privações e proibições comportamentais, a visão de uma nova Igreja, mais popular, menos elitista e mais focada numa igualdade entre os fieis, influenciará diretamente na audiência das Pia Uniões. Essas mudanças são determinantes para que a revista, que se colocava como porta voz das Pia Uniões do Brasil, repense a atuação da Filha de Maria não só como uma questão de atualização, mas também como uma questão de sobrevivência.

A autocrítica vinha do grupo de colaboradoras e era partilhada por alguns clérigos que apontavam a abertura de pensamento sob pena de extinguir-se esse modelo congregacional que foi tão útil à Igreja Católica brasileira ao longo da primeira metade do século XX. Na opinião do Côn. Olímpio Torres, a insistência permanecer com as antigas práticas representaria inevitavelmente o fim da associação, por isso advogava “Pias Uniões Renovadas”, enquanto tecia críticas às velhas e enfadonhas formas de organização.

PIAS UNIÕES RENOVADAS

(...) Tôdas as coisas humanas sofrem a ação do tempo. Formas de vida cristã que ontem correspondiam exatamente às necessidades da Igreja e às aspirações dos seus membros, podem, com o tempo, tornar-se caducas, desajustadas da época.

Assim é que muitas Associações religiosas outrora florescentes entraram depois em declínio, caducaram e desapareceram.

Quem já imaginou o que é uma Pia União das Filhas de Maria envelhecida e caduca?

A Pia União pode ter associadas “maduras” na idade, mas o seu espírito há de ser sempre moço. Moço, isto é, ajustado ao tempo e às necessidades da Igreja. Quando a Pia União não se ajusta à vida cristã, que caminha sempre pra frente, envelhece. E quando envelhece começa a “sobrar” na paróquia.

Diz-se que uma coisa está sobrando quando não existe lugar para ela. Quando já se pode manda-la para a lata do lixo sem fazer falta em casa.

Ora, uma Pia União, uma Irmandade ou Associação qualquer, quando começa a sobrar é “apenas” um pêso morto na vida paroquial. As associadas começam a faltar. O vigário começa a “não ter tempo” para presidir às sessões. A máquina começa a falhar na hora de movimentar-se. O fim está próximo.

Para comêço de conversa com as Pias Uniões que experimentam os sintomas acima, eu aconselharia, nas suas atividades, uma modificação geral.⁴¹¹

Na terceira fase da revista, o conceito de trabalho da Filha de Maria também muda. Já não se trata mais somente de um trabalho intelectual, espiritual e caritativo como era concebido nas fases anteriores, pelo contrário, essa concepção

⁴¹¹ Revista Maria, maio/jun. 1965. p. 09.

de trabalho já não aparece. O trabalho feminino na terceira fase da revista está relacionado ao próprio sustento, às imposições do mundo moderno.

A própria resistência ao trabalho feminino, à saída da mulher de casa para ganhar seu sustento, não está mais presente na revista. Carla Bassanezzi afirma que, nos chamados anos dourados, a Igreja continua sendo contrária ao trabalho feminino. Essa resistência não aparece nas páginas de Maria, talvez pelo fato de que, uma vez escrita por mulheres, estas já enxergam o trabalho como uma necessidade material e de realização pessoal, não considerando mais as resistências conservadoras que viam o lar como espaço inquestionável da mulher, do qual ela não deveria sair.

Além do mais, as camadas médias urbanas, a partir da década de 1950, criavam novas necessidades de consumo, novos hábitos e necessidades modernas, que exigiam cada vez mais a participação feminina no orçamento doméstico, mesmo em segmentos mais favorecidos economicamente, já que, para as classes baixas, o trabalho feminino sempre foi uma realidade imposta pela necessidade de garantir a sobrevivência.

A transformação que tem sofrido o mundo moderno afetou profundamente o mecanismo social, ameaçando seriamente o equilíbrio da vida familiar.

Não se pode mais compreender um chefe de família trabalhando sozinho para manter todos os que com ele habitam. É necessário que todos colaborem pois ainda que se ganhe muito, êsse muito não é suficiente para manter muitas pessoas, alimentando-as, vestindo-as dando-lhes remédios quando doentes, educando-as etc.

Por essas razões, até a mulher casada vê-se na obrigação de ganhar qualquer coisa, e, como os trabalhos domésticos rendem pouco, ela precisa uma atividade que lhe dê um pouco mais e com a qual canse menos para poder dar assistência aos filhos e assim, cumprir os seus deveres de estado.

E não somente a mulher casada, mas a solteira também precisa trabalhar para manter-se e ajudar os outros; ora educando os sobrinhos ora amparando financeiramente os menos abonados da família, ora ajudando na parte material dos trabalhos domésticos. (...)⁴¹²

A terceira fase da revista traz, portanto, muitas passagens que se dedicam à vida profissional feminina, discutindo a carreira, a escolha da formação e o exercício da profissão no mercado de trabalho. Tais discussões não têm um espaço fixo na revista e vêm sendo trazidos, às vezes, por artigos, pequenas notas ou entrevistas com mulheres que já estavam no mercado de trabalho. Nessas entrevistas, a revista não se esquece de reafirmar o fato de que essas mulheres são

⁴¹² Revista Maria, mar. 1958. p. 18.

profissionais estão no mercado de trabalho e continuam sendo Filhas de Maria, modernas filhas da tradição.

(...) Nos dias atuais tem as Filhas de Maria obrigação de saber defender-se sozinha, por uma educação mais sólida e mais prática. Com a conquista da civilização a vida tornou-se mais difícil, para todos e maior a necessidade de lutar para vencer. Assim, são muitas moças forçadas a ombrear com o homem no desempenho de atividades publicas, em repartições, escritórios, ministérios, etc. para ganhar o seu sustento ou da família.⁴¹³

As relações de trabalho, a inserção feminina em ambientes antes exclusivamente masculinos ocupam as preocupações das colaboradoras, apontando constantemente que as mulheres sofrem com ataques e abusos em seus ambientes de trabalho. Ao contrário de recomendar-lhes não ocuparem o mercado de trabalho, o que parece não estar em cogitação, elas tentam orientar as leitoras sobre como proteger-se e comportar-se, além de aconselhar e apontar caminhos para fazer o ambiente de trabalho um novo espaço de conversão, principalmente das outras colegas.

(...) o desrespeito à dignidade feminina no local de trabalho, quando a situação presente obriga milhares de jovens a entrar em contacto com esta vida pública para ganhar o pão com o suor do seu rosto! Quanta baixeza e quanta vilania se vê, sendo preciso uma base cristã muito sólida para que uma base cristã muito sólida para que uma moça possa passar por semelhante provação! Só quem trabalha fora de casa, pode aquilatar o quanto é preciso a um coração sensível e bem feminino, suportar as injustiças dos homens.⁴¹⁴

Maria Izilda Matos e Andrea Borelli⁴¹⁵ apontam que, no início do século XX, o mercado de trabalho brasileiro nas áreas urbanas reservava às mulheres pobres um espaço considerável nas fábricas têxteis e alimentícias, onde havia. Para as mulheres pobres das zonas urbanas, existia, ainda, a possibilidade de atividades, consideradas domésticas e que as mulheres poderiam executar com horários mais flexíveis, como lavar roupa, fazer comidas para serem comercializadas pelas ruas ou sob encomenda. O comércio informal nas grandes cidades, aliás, também serviu de espaço de trabalho das mulheres pobres que comercializavam também gêneros alimentícios os mais diversos, como legumes, peixes, leite, ovos, entre outros. Já

⁴¹³ Revista Maria, set. 1958. p. 08-09.

⁴¹⁴ Revista Maria, ago. 1955. p. 14.

⁴¹⁵ MATOS, Maria Izilda & BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126-147.

para as camadas mais abastadas, já era possível pensar profissões autônomas, movimento tímido nas três primeiras décadas do século XX, mas que foi se intensificando à medida que o século XX avançava.

Em princípio, algumas profissões tinham a chancela da sociedade para serem exercidas por essas mulheres, especialmente o magistério, com a justificativa de que o “espírito maternal” ajudaria no trato com as crianças. A enfermagem, também entrava no rol de profissões femininas, uma vez que da enfermeira exigia-se uma capacidade de cuidar que era essencialmente feminina. A odontologia também é apontada por Matos & Borelli como profissão exercida pelas mulheres de classe média das zonas urbanas, mas como uma herança de família, daí serem exercidas por viúvas e filhas de odontólogos, que aproveitavam o alto investimento já feito em equipamentos e materiais para o exercício da profissão. A década de 1960, segundo as autoras, foi decisiva para uma série de mudanças, que se acentuaram nas décadas seguintes, no mercado de trabalho feminino.

A partir da década de 1960, a empregabilidade feminina crescerá de forma sistemática tornando-se constante, intensa e diversificada. Vários elementos contribuirão para tanto. A redução do poder de compra e o arrocho salarial colocaram em xeque a sobrevivência e capacidade de consumo das famílias, levando mulheres de setores populares ao mercado de trabalho. Mudanças comportamentais (trazidas pelos movimentos feministas e de contracultura) alimentaram novas expectativas femininas, despertando o desejo de autonomia financeira e de realização profissional nas mulheres das camadas médias.⁴¹⁶

Essas novas expectativas estavam presentes nas páginas de Maria e a pauta do trabalho como sustento e como realização pessoal estava na ordem do dia das preocupações dessas moças católicas de camadas médias e altas da sociedade brasileira. Mas chama atenção o fato de que, ao falar de expectativas de profissão e de mercado de trabalho, essas mulheres fogem das profissões tidas como “femininas” e ambicionam mais. Nessa fase, elas começam a publicar, a partir de fins de 1957, em uma seção intitulada “O que elas dizem”, entrevistas com mulheres Filhas de Maria, que exercem alguma profissão remunerada. Nessas entrevistas falam sobre as dificuldades e belezas da profissão, bem como do posicionamento de uma Filha de Maria no ambiente profissional. A primeira entrevistada fala que é do setor de funcionalismo, mas não especifica se fala do funcionalismo público, apenas

⁴¹⁶ MATOS, Maria Izilda & BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 142-143.

menciona que onde trabalha são aproximadamente 2 mil funcionários, porém, ao refletir sobre a mulher no mercado de trabalho, aponta na direção que a revista discretamente defende: a mulher pode ocupar a função que quiser e o que importa é que se realize em sua profissão.

(...) Embora o trabalho exija uma vocação, ou melhor, um certo pendor para um determinado tipo de ocupação, creio que podemos nos adaptar a diversos tipos de trabalho, desde que haja da nossa parte boa vontade de aprender e atenção ao executar as tarefas que nos são impostas. Por exemplo, uma pessoa pode ser assistente social e mudar em meio a sua carreira para a de comerciária e viver satisfeita com esse último tipo de trabalho, que é inteiramente diverso do primeiro.⁴¹⁷

Já a segunda entrevistada é a médica Eliane Gonçalves, que defende, em sua entrevista, a medicina como sendo uma ciência apropriada ao gênero feminino, embora não desvincule de seus argumentos a ideia da “natureza maternal” feminina, traços da tradição numa argumentação que tem base princípios tão modernos e emancipadores, como a legitimidade da medicina ser exercida por mulheres.

(...) A mulher médica tem possibilidades no campo de orientação, ainda mais vastas. Mais fácil e francamente ela poderá orientar outra mulher; ouvindo-lhe as queixas, mais profunda e intimamente penetrará naquele coração e, de maneira mais lógica, lhe dirá o que deve fazer. Além disso, a sensibilidade feminina é extrema; e não há maior orientador do que aquele que seja verdadeiramente capaz de compreender as nossas fraquezas. (...) Dentro do princípio da orientação poderá um médico tornar-se um elemento preponderante na estabilidade social. É o apostolado leigo feito com amor, desprendimento e sacrifício. Dá ser esta a profissão ideal para a mulher: ela possui como ninguém a propriedade de se sacrificar em benefício do seu ideal. Além disso, o instinto materno ajudá-la-á nas angustiantes questões que se lhes apresentem; orientação das jovens nos seus problemas matrimoniais, indicando-lhes com clareza o benefício do exame pré-nupcial, tão necessário e no entanto tão esquecido... Dá um fato interessante observarmos no que se relaciona à mulher moderna: apesar de tanta evolução e cultura, nunca foi tanto quanto hoje escrava dos seus problemas sentimentais. Abrace as Matemáticas, a Física e Química ou as Ciências Naturais, será sempre a sonhadora incorrigível cujo coração é a grande causa do seu fracasso. Daí a necessidade prévia de orientação médica no que se refere aos seus problemas matrimoniais.⁴¹⁸

Nos argumentos da médica, há a posição de conselheira das jovens, a possibilidade de orientá-las mais adequadamente, em especial, para o casamento, sem deixar de colocar a mulher como “fracas”, sonhadoras, sentimentais, apesar da “evolução” da modernidade.

⁴¹⁷ O que elas dizem... In: Revista Maria, jun. 1957. p. 8.

⁴¹⁸ O que elas dizem... In: Revista Maria, set. 1957. p. 14.

É interessante perceber que o emaranhado das temporalidades nessa fase da revista aproxima e afasta espaços de experiência e horizontes de expectativa, uma vez que, ao mesmo tempo em que a revista faz incursões às origens do periódico, trazendo momentos importantes do impresso, como a carta elogiosa de Dom Leme, quando o mesmo ainda era arcebispo de Recife-Olinda, numa tentativa de reafirmar a legitimidade histórica da revista como impresso filho da tradição católica, tentando ainda reavivar a identidade aparentemente esmaecida da Filha de Maria das primeiras décadas do século XX, ela também passa a pensar a leitora, a partir de meados da década de 1950 e início de 1960, em uma perspectiva de futuro, criando secções com conselhos práticos voltados para o noivado, o casamento, a maternidade e a realização profissional.

5.2 A PÁGINA DAS NOIVAS – INSTRUÇÕES PARA UM PERIGOSO TEMPO DE TRANSIÇÃO

Se a terceira fase é perpassada de profundas mudanças na forma como a revista enxerga a Filha de Maria moderna, em alguns momentos essas mudanças geram um espaço-tempo de instabilidade, que merece cuidados próprios e que não estavam na pauta da revista nas fases anteriores. É o caso do espaço-tempo do noivado, que, de tão valorizado pelas colaboradoras da revista, ganha uma seção própria na terceira fase da revista.

A “Página das Noivas” estreou em janeiro de 1955, seu intuito era possibilitar um lastro realista e pragmático para as jovens que entravam nesse tempo-espaço potencialmente perigoso para a jovem católica. À leitora, a secção deixava claro seu intuito: cooperar “*na orientação dos seus sonhos para que eles não a levem muito longe, no caminho da ilusão*”.

Eis uma particularidade que devemos analisar com cuidado: o tempo do noivado é um tempo, que, além de perigoso, é um espaço de não ser. Como noiva, a leitora ainda não é uma senhora casada, nem uma jovem totalmente solteira. Ela está em uma fase de transição, em que o contato constante com um homem, ainda que candidato a futuro marido, a coloca também sob constante prova e risco. Para esse tempo cheio de incertezas e dúvidas, a revista apostou na informação.

A “Página das Noivas” advoga que a noiva deve estar ciente de que não convém desperdiçar esse tempo com sonhos ou romantismo. Pragmaticamente, aconselha que a leitora aproveite esse intervalo de tempo para conhecer o temperamento do noivo, especialmente seus defeitos. Não há espaço para romantismo na Página das noivas, suas editoras parecem estar muito mais preocupadas em garantir que sua leitora não se deixe iludir por ideias românticas e venha depois a sofrer em demasia no casamento, que, por sua vez, também não é visto como um espaço-tempo de alegria, mas sobre isso falaremos mais detalhadamente no tópico seguinte. Para essas mulheres, não há tempo a perder com sonhos ou ilusões, é preciso ser racional e aproveitar bem o tempo.

Que o tempo que precede o noivado não seja desperdiçado em conversas que não contribuem para o reconhecimento recíproco. Ambos devem desejar conhecer o temperamento, o carácter, os gostos e também os defeitos daquela pessoa com a qual terão que conviver durante a vida inteira. (...) Porém quantas ilusões são alimentadas durante o tempo do namoro e do noivado! Geralmente os jovens se apresentam revestidos de qualidade que, na realidade, não possuem...⁴¹⁹

Não é apenas um tempo de incerteza, de perigo, mas também é um tempo que precisa ser vivido, experienciado com muita cautela, e não deve ser encurtado, pois um noivado curto demais pode dar margem para casamentos mal sucedidos. Daí a importância que a revista dá ao noivado e aos conselhos às noivas, para que esse tempo seja bem aproveitado para conhecer temperamentos e esmaecer os sentimentos de encantamento e romantismo. Anne-Marie Sohn argumenta que as relações afetivas no século XX, especialmente a partir de meados do século, passaram a ser cada vez mais envolvidas com o amor físico⁴²⁰. O casamento por amor trazia consigo as questões relacionadas à necessidade de encantamento e sedução entre os casais, e o perigo disso, para a revista, era que se construíssem relações superficiais e efêmeras, o que não condiz com o casamento cristão católico, que é indissolúvel.

O desejo e a sexualidade aparecem nas preocupações da página de forma recorrente. Na maior parte do tempo, as autoras referem-se a eles com os termos genéricos de “sensualidade”, “sensualismo”, “intimidades”. O corpo feminino da terceira fase é um corpo sexuado, seus desejos não são silenciados. Partindo da

⁴¹⁹ Revista Maria, jan. 1956, p. 21.

⁴²⁰ SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.) **História do Corpo**. Vol.3: As mutações do Olhar: O século XX. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

ideia de que o saber é necessário para o combate ao mal, reconhecer esses desejos e aprender a lidar com eles está na ordem do dia, especialmente na página das noivas, a qual se direcionava para mulheres que estavam no limiar entre a vida celibatária de solteira e a vida sexualmente ativa de casada. Um tempo vacilante, incerto, com muitas situações de perigo, estranhamento e que exige um aconselhamento detalhado.

Em saberes que alguém te ama, experimentas uma alegria exuberante. Cuidado, porém! Protege teu amor; assim como se protege à tenra flôr da primavera. Não permitas que ele fique machado pelo egoísmo duma paixão sensual.

Já sabes que és carinhosa. Uma imprudência uma intimidade proibida poderá ser fatal. Tantos noivados que são desmanchados!⁴²¹

A proximidade com o gênero masculino, oficializada pelo noivado, não deixava esse contato menos tenso e perigoso. Embora o noivado fosse visto como um compromisso sério, nada impedia que fosse desfeito, principalmente em razão de deslizos morais, o que acabaria por manchar a reputação da moça. Ressalte-se que, na página das noivas, o corpo feminino é um corpo que sente, mas não é um corpo livre. A percepção dos desejos é pensada a partir da ideia de autocontrole. Mas, mais do que controlar a si mesma, a noiva leitora de Maria era responsabilizada pelo controle do noivo.

Mais facilmente que a mulher, o homem torna-se egoísta, sensual, materialista no amor. A não ser que ele seja bem orientado, bem protegido. Para êle, existe mais o perigo do amor paixão. Qual se baseia só nas qualidades físicas e nos prazeres sensuais. Os corações, a inteligência a alma ficam desprezados.

Todo excesso de sensualismo corrompe, destrói o amor, pois destrói a vida espiritual.

As intimidades exageradas durante o namoro, bem como durante o noivado, tiram o respeito pela pessoa amada, dão origem à desconfiança tirânica ou doentia. Provocam no noivo a desilusão, a indiferença, as infidelidades e o nôjo. Finalmente vem o abandono.⁴²²

O noivo, como homem, aparece como mais instintivo, com um controle limitado sobre a sua sexualidade. Assim, o controle de si e do outro se torna a missão religiosa da noiva, ajudar seu noivo a conter sua natureza e, assim, santificá-lo.

⁴²¹ Revista Maria, mar. 1958. p. 10.

⁴²² Revista Maria, mar. 1958. p. 10.

É um duplo padrão moral que permeia toda a concepção de sexualidade apresentada por essa sociedade católica, que, enquanto vigia e proíbe o desejo feminino o culpabilizando, ameniza coniventemente a culpa e a condenação do desejo masculino. A respeito dessa dupla moral, Alain Corbin afirma que, nesse rearranjo de relações estabelecidas entre homens e mulheres durante o século XX, *“A mulher descobre o desejo quando focaliza seus sentimentos sobre um indivíduo. O homem pode ser invadido por uma necessidade de mulher que uma parceira casual poderá satisfazer. Esta diferença radical nas modalidades do desejo fundamenta o duplo padrão da moral.”*⁴²³

Embora as colaboradoras reconheçam e falem discretamente dos desejos do corpo, seu controle ainda é religioso e a motivação ainda traz a marca da tradição: mesmo na modernidade, santificar-se não perde importância no universo de valores morais e religiosos dessas moças.

Para a moça que ama, o homem precisa sentir uma grande admiração. Ela tem que ser em relação a ele, um ser quase inacessível, que merece respeito e que ele admira. Uma verdadeira estrela que ilumina o oriente. Tem que ser um anjo de luz que ajude o homem a se superar a si mesmo, a se espiritualizar, a viver em Deus, no Seu respeito e no Seu amor. Sendo anjo de luz, ela será sempre amada e feliz.⁴²⁴

O autocontrole feminino, além de missão espiritual, era colocado também como uma espécie de teste. Em seus conselhos, a Página das Noivas afirma que alguns noivos testam a honestidade e a moralidade da noiva a partir de insinuações e tentativas de intimidades indevidas. Logo, aquela que sucumbisse aos apelos amorosos e sexuais do noivo, seria vista e tratada como desonesta e indigna para o casamento. A noiva moderna deveria cercar sua sexualidade de muitos cuidados e responsabilidades que nos novos tempos só cabiam a ela.

Se tôdas as noivas fossem cem por cento mais dignas, os rapazes seriam também cem por cento mais respeitadores, mais dignos da sua confiança, do seu amor.

À noiva virtuosa não são feitas certas propostas aparentemente inofensivas porque o noivo está certo de que serão repelidas com dignidade. Ele experimenta, impõe certas provas àquela virtude que sente existir na jovem que ama. Muitas vezes mostra-se contrariado mesmo com sua firmeza. Acha que é exagero e discute o seu ponto de vista com entusiasmo e mesmo com uma certa insistência.

⁴²³ CORBAIN, Alain. O encontro dos corpos. In: CORBAIN, Alain (Dir.) **História do Corpo**. Vol.2: Da Revolução à Grande Guerra. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 187.

⁴²⁴ Revista Maria, mar. 1958. p. 10.

Porém, são muitos os casos concretos em que os próprios noivos dizem ter crescido a sua admiração e a sua confiança na noiva justamente porque ela repeliu as suas propostas logo no início do seu namoro ou do seu noivado.⁴²⁵

Se, nas primeiras décadas do século XX, a responsabilidade de conservação da honra e da inviolabilidade da pureza feminina ainda era partilhada com a família e a Igreja, em fins da década de 1950, essa percepção parece ter sofrido uma reviravolta significativa. A partir de então, cabia principalmente a essa mulher resistir e se proteger sozinha, até mesmo daquele que, em tese, tinha-lhe amor e planejava com ela a constituição de uma família.

Uma moça virtuosa e digna sabe muito bem distinguir o que é permitido daquilo que não o é. Sabe mortificar-se, renunciar certas satisfações e, pelo exemplo que dá constantemente ensina ao noivo como deve conduzir-se nas suas relações, não só no tempo do noivado mas durante a vida inteira.⁴²⁶

Mesmo pensada por mulheres, o que prova que elas não estavam imunes aos discursos e valores da tradição, a culpa da noiva vacilante sempre recai sobre ela. O noivo que chantageasse emocionalmente sua noiva, argumentando que ela não o amava suficiente, porque resistia a suas investidas, não era culpabilizado. A forma que essas mulheres falam dos noivos em sua página gira em torno de duas variantes, ou ele é um ser infantilizado que precisa ser acolhido, acalmado e ensinado pela noiva, uma espécie de segunda mãe, ou é um ser bestializado cujo instinto é maior que a razão e, por isso, precisa ser domado, para ser santificado.

Quantos rapazes foram de certo modo “formados para uma “vida” virtuosa e mais digna”, graças à noiva, uma criança quase porém de uma firmeza inacreditável diante do pecado ou de tentações perigosas para que a sua alma cheia de graças de Deus!

Alguns viram nesta firmeza um reflexo da severidade materna que os preservara tantas vezes das quedas comuns ao tempo da adolescência. Outros orgulhosos não manifestaram a sua admiração; porém intimamente deram graças a Deus por terem encontrado, para sua felicidade uma jovem realmente pura e digna de sua confiança entre tantas outras que se entregam com a maior facilidade, diminuindo o seu próprio valor.

Os mais sinceros confessam: “Graças a Deus eu tenho F... junto de mim para sustentar minha fraqueza... felizmente que encontrei uma moça sem por cento um verdadeiro “rochedo” que não cede de jeito nenhum...”

Leitora amiga... nas horas perigosas reflita um pouco e veja se não é verdade que estas duas coisas são indispensáveis a uma noiva: a virtude e a dignidade.⁴²⁷

⁴²⁵ Revista Maria, ago. 1958. p. 12-13.

⁴²⁶ Revista Maria, ago. 1958. p. 12-13.

⁴²⁷ Revista Maria, ago. 1958. p. 12-13.

Ao final, a noiva é a responsável e, também, a culpada pelo controle ou descontrole da sexualidade durante esse tempo de perigo e indecisão que é o noivado. À jovem leitora noiva não é dada nenhuma isenção, a não ser a do saber identificar os perigos e controlar-se diante deles. Mesmo a ingenuidade é culpada. Nos novos tempos, não é permitido à jovem casadoira nem experimentar demais e nem saber de menos, se, por um lado, ela não podia se entregar aos prazeres e tentações da carne, por outro, ela não podia se permitir à ingenuidade pueril, que, algumas vezes, criava situações embaraçosas. Mais do que nunca, a máxima do eu pecador cristão estava em voga, pecava-se “por pensamentos e palavras, atos e omissões”.

Uma jovem educada num ambiente de pureza, guarda uma certa inocência e a ignorância do mal existente na pobre natureza humana. Ela não pensa que possa tornar-se, de repente uma causa de tentação para aquele a quem ama. Nele confia plenamente e expõe-se, assim, a muitos perigos que ignora. Compete então ao rapaz libertá-la dos mesmos dizendo resolutamente um “não” aos convites do amor. Isto exige renúncia da sua parte somente, pois a noivinha ingênua não imagina o que se passa com êle, despreocupada como vive, preservada pela pureza da sua alma. Porém quando o rapaz é envolvido pela tentação e se deixa levar por um amor apaixonado, compete à jovem repelir com firmeza às suas solicitações muito embora lhe dedique a mais terna afeição. Saber distinguir os momentos em que é preciso dizer “sim” ou “não” é cousa imprescindível no noivado.⁴²⁸

É a natureza de Eva, que, mesmo em meio a todas as mudanças e emancipações da modernidade, ainda ronda a moça católica e a Filha de Maria como uma mancha indelével da qual ela precisa fugir, não sem muito esforço.

A noiva leviana é aquela que não quiz ou não teve a coragem de dizer um “não” quando se fazia preciso. Há moças que, desde meninas, não tem firmeza nem força de vontade para resistir às tentações. (...) Há outras jovens que se tornam levianas depois de terem sido ajuizadas e virtuosas. “A ocasião faz o ladrão...” diz o ditado. Ou por timidez ou por falta de firmeza de vontade, o que é certo é que elas cedem facilmente e cometem as maiores leviandades mesmo antes do seu noivado. Noiva leviana quase sempre é extremamente vaidosa. Não sabe mortificar os sentidos.⁴²⁹

⁴²⁸ Revista Maria, set. 1958. p. 11.

⁴²⁹ Revista Maria, out. 1958. p. 10.

Os conselhos da página das noivas não fogem completamente das apreciações religiosas, do ideal santificador do casamento, e eram, por fim, essas apreciações que arrematavam a maioria dos conselhos, mas eram os mais pragmáticos que prevaleciam. Em algumas passagens, de forma discreta, mas nem tanto para uma revista católica feminina, a seção lembrava que esse tempo de renúncia era apenas uma preparação para um novo estado, em que tais privações não seriam mais necessárias, em uma alusão clara de que o casamento tornaria lícito àquilo que no noivado não era: o exercício da sexualidade.

O verdadeiro amor guarda a serenidade e regula tôdas as suas manifestações. Sabe orientar a sua ternura, é sóbrio porém perseverante. É digno, e nobre nas suas caricias, ponderado nas palavras e prudente nas suas promessas. Não se entrega levemente, mas prepara-se pela mortificação para uma entrega total depois de efetuado o matrimônio que traz as bênçãos de Deus. Sabe sacrificar-se, embora seja dedicado e generoso. Protege e não abusa da confiança que lhe demonstra aquele que ama. (...) Sabe distinguir o que é lícito daquilo que não é permitido aos noivos, embora o seja para os cônjugues.⁴³⁰

Embora haja na página das noivas toda uma atenção ao autocontrole feminino, não significa que essa página seja somente proibitiva e cerceadora. Dosando os estratos do tempo, misturando as necessidades da modernidade e as exigências da tradição, as colaboradoras também dão conselhos às jovens de um cuidado de si, no sentido de pensar um pouco suas necessidades e anseios. Assim, aconselham as leitoras as enfeitarem-se, a não aceitar que seu noivo comporte-se de qualquer forma e também que tomem cuidado ao decidirem-se pelo casamento. Casar-se cedo demais pode ser um erro com o preço muito alto.

Desconstruindo a imagem de que uma vez casada e com filhos a mulher vive seu paraíso terreal, a página adverte: não se case cedo demais. E traz um depoimento de uma jovem, que, por força da orfandade, viu no casamento a única saída. Embora a jovem não afirme categoricamente seu arrependimento, relata com pesar as dificuldades da vida de casado.

S. ..., casada há quatro anos é mãe de três crianças e seu esposo tem vinte e sete anos é contador e bom homem consciente das suas responsabilidades. Ela diz:

“Eu desaconselharia a uma outra casar-se muito jovem. O meu caso foi diferente porque era órfã, tinha uma necessidade imensa de afeição e aspirava ter um lar. Tive a sorte de encontrar um rapaz bastante amadurecido para a sua idade, afeitoso e consciente das suas

⁴³⁰ Revista Maria, jan./fev. 1960. p. 16.

responsabilidades. É um ótimo esposo, mas isto não evita certas dificuldades. Tínhamos algumas economias que se derreteram como a neve ao sol... e mais tarde o terceiro. Foi uma luta para podermos equilibrar as nossas finanças. Algumas jovens imaginam que o casamento é liberdade. Não! É a vida do dois, com toda a paciência, com a coragem que ela nos pede mesmo quando o amor é muito grande. Crianças que choram durante a noite, que ficam doentes, que devem ser alimentadas regularmente que devem usar roupas muito limpas e bem cuidadas. O cansaço, a impossibilidade de cuidar de sua toilette, de comprar um vestido, todos estes choques que se produzem porque tudo cansa, tudo isso pede uma profunda maturidade que aos dezessete anos raramente existe. Então vem a decepção, as recriminações, e dois anos depois de casadas constatamos que a nossa vida foi sacrificada bem cedo... que podíamos ter aproveitado mais a nossa juventude”.⁴³¹

Por fim, o decálogo da noiva, publicado no último número de 1964, é emblemático dessa mulher que está buscando uma visão mais pragmática do que é estar noiva e do que fazer nesse período, mas que, ao mesmo tempo, é aconselhada a certa dose de sacrifício e submissão para agradar ao marido em nome de uma felicidade que só será completa em outro plano.

Na revista Maria, ao longo do período aqui em estudo, os decálogos são comuns. Essas listas de conselhos direcionados para determinados perfis (mãe, Filha de Maria, noiva, jovem, catequista, etc) eram comuns no periódico. No entanto, nas duas primeiras fases, esses decálogos traziam conselhos de cunho mais moral e religioso, tais como *“em tudo mais conservar o recato devido à inocência da alma, edificando com todas as suas atitudes externas onde quer que se esteja”*⁴³². Já o “Decálogo da Noiva”, traz, em sua maioria, conselhos bem pragmáticos, visando a relação homem-mulher.

1 – Analise seu amor por êle e dele por você. É amor verdadeiro, amor dedicação ou amor interesse? Amar é querer o bem da pessoa amada.

2 – Não exija em seu noivo apenas qualidades exteriores: beleza e dinheiro. Procure antes de tudo que haja entre êle e você afinidade de sentimentos, de educação, de cultura.

3 – Procure conhecer seriamente como êle encara o casamento, o papel da mulher no lar, a educação dos filhos, etc.

4 – Perscrute os seus sentimentos em matéria religiosa. A disparidade nesse assunto sempre traz desajustes no lar.

5 – Lembre-se de que você não vai casar com um anjo, mas com um homem. Não fique surpreendida, pois, se encontrar nele defeitos e imperfeições.

6 – Mostre interesse pela família dele. Tenha atenções delicadas para com sua futura sogra. Considere-a como sua segunda mãe. Não a encare com os preconceitos com que a tradição a alveja.

7 – Esforce-se por gostar de seus assuntos, dos seus amigos, dos seus trabalhos como parte integrante de sua vida.

⁴³¹ Revista Maria, jun./jul. 1963. p. 18-19.

⁴³² Revista Maria, out. 1921. p. 135.

8 – Não fale demais de si mesma, de seus interesses, de seus gostos. Não desabafe com êle suas pequenas contrariedades.

9 – Nas conversas não se afeite às suas opiniões. Deixe-o permanecer na convicção de que êle sabe mais do que você. Isto lhe lisongeia a vaidade e aumenta a confiança em você.

10 – Lembre-se, porém de que a felicidade perfeita, não é para este planeta. Procure pois, orientar para realidades supra terrenas a vida conjugal.⁴³³

O “Decálogo da Noiva” publicado na revista Maria poderia ter sido publicado em qualquer revista feminina da década de 1960. Suas preocupações giram em torno do cotidiano e das dúvidas daquelas que vivenciavam esse período de transição. Mas, devido a sua publicação em Maria, dá-nos indícios de como a modernidade aproximou as Filhas de Maria das mulheres comuns e que, na fase em que elas tomam a palavra e o feitio da revista para si, elas impõem a esse impresso as feições da Filha de Maria moderna, cuja preocupação com a tradição se esmaecia rapidamente, enquanto as angústias com o futuro e o desejo de saber pautam seus escritos e seus pensamentos.

5.3 A PÁGINA DO LAR – O CASAMENTO SOB A ÓTICA FEMININA.

A “Página do Lar” apareceu pela primeira vez na revista Maria em fevereiro de 1955, e, em suas primeiras edições, focava principalmente em receitas e dicas domésticas, que iam desde decoração até instruções de corte e costura. Posteriormente, passou a oferecer orientações e ajuda sobre as dúvidas e dificuldades de ser esposa e mãe, das relações conjugais, mesmo nas condições mais complexas.

Já mencionamos que a percepção que os responsáveis pela revista tinham de suas leitoras apontava claramente para mulheres de camadas médias e altas urbanas. Na página do lar, essa percepção é ainda mais acentuada e, mais do que isso, a imagem de família apresentada na página é de uma família burguesa com um considerável poder aquisitivo, tanto que uma parte considerável das questões domésticas apontadas na página faz menção a empregadas domésticas, cozinheiras e babás. O próprio clichê que ilustrava a seção, representando a família, mostra a percepção burguesa de família.

⁴³³ Revista Maria, nov./dez. 1964. p. 14-15.

Figura 18 – Clichês ilustrando a Página do Lar.



Fonte: Revista Maria, dez.1957, p. 12-13.

A ideia de casamento presente na página está muito relacionada à resiliência, ao sofrimento e ao autosacrifício da esposa. De todas as participações da terceira fase da revista, a página do lar é a que mais retorna à tradição, já que essas jovens, que ainda eram solteiras, não estavam aptas a pensar a mãe e esposa “modernas”. Aliás, moderno é um adjetivo que não foi agregado a essas personagens (mãe e esposa) nessa seção. A esposa da página do lar está mais ligada à tradição do que a modernidade, destoando das outras representações femininas, que apareciam ao longo de toda essa fase. Essas mulheres viviam e usufruíam dos progressos técnicos da modernidade, mas, em termos de comportamento e valores, a visão permanecia aquela tradicional. Permitindo-nos pensar como essas relações tradição-modernidade inevitavelmente são elásticas,

ora prevalecendo, ora equilibrando esses eixos temporais. Talvez, justamente por isso, essa página traga novamente ao destaque uma reflexão sobre a participação feminina na sociedade a partir de dois arquétipos femininos cristãos: Eva e Maria.

“A mão que embala o berço, embala também o mundo”.
 Quem pode negar a influência da mulher na história da humanidade?
 Eva e Maria. Teremos que voltar sempre os olhos para que estar duas figuras inesquecíveis: uma facilita a destruição da felicidade à qual tínhamos direito, como filhos seus. A outra a mulher em toda a sua plenitude, bela e imaculada, foi a portadora de uma felicidade nova à qual jamais poderíamos aspirar. (...) Porque si é verdade que os homens fazem as leis, não é menos real que são as esposas e as mães que fazem os homens. Bem dita é a influência benéfica da mulher que segue os traços da Virgem Mãe.⁴³⁴

Na página, também, vai-se delineando funções de cada gênero entre os cônjuges. A mulher cabe ser o agente que harmoniza o funcionamento e as relações do lar. Mesmo o amor dos filhos pelo pai deve ser orquestrado pela figura materna, responsável pela educação e criação dos filhos, enquanto o pai cumpre a função de provedor distante, chegar ao lar quase como um hóspede importante, que deve ser reverenciado e respeitado. No lar que ele financia, deve gozar de conforto e tranquilidade, para isso os filhos não devem importuná-lo em demasia, restringindo-se a cobri-lo de amor e atenção.

O pai, geralmente, tem menos contacto com os filhos. Compete à esposa despertar nos seus corações abertos para o amor, esta ternura filial que pode ser mais, mas elo na corrente da afeição que os prende um ao outro. A mãe falará muitas vezes do “papai” ausente. Contará histórias da sua infância, fará referências ao seu trabalho fora do lar, aos sacrifícios que ele faz para que nada falte à sua família. Assim pouco a pouco as crianças irão conhecendo como é o seu pai, quais são os seus gostos e o que é “dar-lhe prazer”⁴³⁵.

Para mulher casada, embora esteja triste ou infeliz, não há o direito a queixa. Seu choro e suas reclamações devem ser silenciados em nome da harmonia do lar e da felicidade dos membros da família, posto que, dela é, em última instância, a responsabilidade da alegria dos outros, mesmo que essa alegria seja construída em cima de suas lágrimas e infelicidade. Desse modo, prevalece a visão da tradição do sacrifício como ofício da salvação. Na busca da felicidade, não é o plano terreno que deve ser priorizado. A salvação cristã é essencialmente sofrida e resignada, porque a verdadeira felicidade só é alcançada no plano divino e não no

⁴³⁴ Revista Maria, dez. 1955. p. 24.

⁴³⁵ Revista Maria, set. 1958. p. 12.

plano terreal. Esse ideal de resignação e auto sacrifício está presente na “Oração da Dona de Casa”, que é, grosso modo, um exercício de conformação, com as dificuldades cotidianas, com a rotina enfadonha e maçante, num exercício constante de renúncia de si. Nela, os dessabores de ser dona de casa são apresentados como obstáculos a serem enfrentados para os quais a esposa deve pedir coragem e conformação.

Meu Deus, dai-me coragem de retomar cada dia, alegremente, o meu humilde e grande “cada dia”; de recomeçar, como se fossem novos, êsses gestos, sempre iguais de lavar, de varrer, de descansar, de remendar, de limpar o pó. Dai-me a graça de estar sempre de coração disposto e jamais cansado. Dai-me a graça de estar sempre de coração disposto e jamais cansado. Dai-me a graça de ser alegria da casa, também quando estiver com vontade de chorar! Que êsses trabalhos comuns feitos em espirito oração e embebidos de amor se tornem redentores, como os trabalhos, de Jesus e Maria em Nazaré. Fazei que nunca aceite a mediocridade nem para a sopa que devo preparar, nem para a costura que devo terminar, nem para a palavra de paz que devo distribuir... Fazei-me criadora de serenidade e alegria. Que a preocupação dos outros, e a alegria dos outros, domine a minha vida. Não há mais alegria em dar que em receber.⁴³⁶

O casamento definitivamente não é belo, nem mesmo sob as lentes que enxergam mulheres de camadas abastadas urbanas. Talvez seja por esse motivo que a solteirice passou a ser uma opção seriamente considerada, e defendida até, nessa fase da revista. Sobre a solteirice e a figura da “titia”, falaremos no próximo tópico do presente capítulo.

A longa incursão que a seção fez sobre o tema “*Como continuar casado sendo infeliz*”, que tomou espaço em três edições desse período, sinaliza que a ocorrência de casos de infelicidade conjugal era reconhecida pela Igreja e pelas colaboradoras da revista, as quais dedicaram um espaço considerável da revista para aconselhar os casais como, mesmo infelizes em seus casamentos, permanecerem casados de acordo com as diretrizes católicas, que advogava com afinco a indissolubilidade do casamento religioso.

Certos casamentos acabam mal. Trazem catástrofes físicas ou pesadelos psicológicos. O esposo é infiel, a esposa aprecia demais o álcool. Ele torna-se brutal, cruel; ela, ciumenta. Ele volta tarde, ela aceita esta desordem. Ele é “insuportável” e ela “impossível”. Procurai tôdas as razões que quiserdes,

⁴³⁶ Revista Maria, set. 1957. p. 13.

o problema está diante de nós: têm eles o direito de se divorciarem para se casarem novamente?⁴³⁷

A resposta era clara: mesmo infeliz, o casal tinha a obrigação de permanecer casado. Elencando os argumentos daqueles que defendiam o divórcio como solução para casamentos mal sucedidos, a acusação que se levantava era que, no mundo moderno, os noivos eram hedonistas e desprezavam os ensinamentos da tradição. Segundo o texto, essas pessoas argumentavam: *“não podemos viver segundo os 10 Mandamentos nem segundo a moral cristã tradicional, porque ambos não convém mais às necessidades do homem moderno”*⁴³⁸. Nesse impasse específico com os valores da modernidade, a revista não abria mão da tradição e não fazia concessões. Afinal, o divórcio foi para a Igreja Católica uma questão muito importante, contra a qual a instituição se mobilizou política e teologicamente de forma enérgica e inflexível.

No “Decálogo das Esposas” é possível perceber como a revista via as relações matrimoniais e como depositava sobre a mulher a responsabilidade para que o casamento funcionasse devidamente. Preservar o silêncio, relevar os defeitos do marido, ser econômica, naturalizar a falta de afeto de um marido “sem coração”, mas não deixar de servi-lo adequadamente, mantendo-o bem alimentado. Informar-se para saber conversar, mas nunca reivindicar para si a razão, passando para ele a impressão de que é sempre mais inteligente e bem informado, mesmo que não passe de um tolo. O decálogo, ensina, em última análise, que a mulher esteja sempre subjugada ao marido e pronta para servi-lo em todos os momentos sem queixas.

Decálogo das Espôsas

- 1º) – Evitar a primeira discussão porque a esta se seguirão muitas outras.
- 2º) – Lembra-te que não te casaste com um anjo, mas com um homem, não te surpreendas ao encontrares nêle muitas imperfeições e defeitos.
- 3º) – Não o aborreças com incessantes pedidos de dinheiro; vive de modo a não precisares gastar mais do que êle te dá mensalmente.
- 4º) – Pode ser que teu marido não tenha coração – encontra-se às vezes dessa anomalia – mas tem um estômago que te será útil tratar com mimo, cozinhando bem a comida.
- 5º) – Nas discussões deixa-o ganhar uma ou outra vez, conquanto não tenha razão; ficará contente e tu nada perderás.

⁴³⁷ Revista Maria, jun./jul. 1958. p. 18.

⁴³⁸ Revista Maria, jun./jul. 1958. p. 18.

6º) – Não leias apenas os folhetins de jornais, secção de aniversário, anúncios de casamentos e de óbitos, mas procura instruir-se para poderes conversar com êle, sôbre coisas que o interessam

7º) – Mostra-te sempre atenciosa para com êle; recorda-te que quando era teu noivo, o consideravas como um ser superior; não o desprezes agora.

8º) – Deixa-o permanecer na convicção de que sabe mais do que tu conquanto estejas persuadida do contrário; isto lisonjeia-lhe a vaidade e aumenta a confiança em ti.

9º) – Se é inteligente, sê sempre para com ele sincera amiga; se é toleirão procura elevá-lo. Guarda-te sempre de o rebaixar perante os vizinhos

10º) – Respeita-lhe os pais a quem amou antes de te amar; grava profundamente em teu coração, que a afeição que ele lhes consagra, em nada pode diminuir a que te deve.⁴³⁹

A relação com os filhos, as questões que envolviam a criação e a educação estavam presentes constantemente na página do lar. Com o passar do tempo, as pautas da “página do lar” vão se direcionando muito para a criação e educação dos filhos. Os problemas da modernidade iam se impondo no cotidiano do lar, como, por exemplo, a necessidade de pais e mães saírem para trabalhar e ter que delegar a criação dos filhos a terceiros. Nesse quesito, o recorte de classe aparece com toda força nos conselhos daquelas que querem ajudar as esposas e mães.

E quantas crianças inocentes, entregues às suas “babas”, sofrem uma influencia que não está de acordo com a sua posição social, com as tradições daquela família, com a sua educação, etc. (...)

Muitas vezes as empregadas dão mau exemplo às meninas ou aos garotos curiosos e ávidos de conhecerem tudo o que se passa em torno de si. Elas não tiveram formação alguma; portanto não podem dar aquilo que não têm.⁴⁴⁰

Nos textos da “Página do Lar”, a modernidade com suas novas formas de moradia e o mercado de trabalho, irreversivelmente ocupado pelas mulheres, impunham às esposas-mães uma nova dinâmica de organização do lar e, com ela, uma demanda por equipamentos públicos que garantissem um amparo aos filhos das camadas médias urbanas, enquanto suas mães saíam para trabalhar.

O problema da criança criada em apartamento é mais complexo do que parece à primeira vista. Já não falamos no drama da mãe que necessita trabalhar fóra do lar. Infelizmente é fenômeno de âmbito mundial e de difícil solução. A moderna organização social proporcionou à mulher meios e oportunidades de participar mais ativamente nos diversos setores da comunidade, o que foi uma conquista positiva para o chamado sexo frágil. Mas a idade frágil – a infância – foi a grande esquecida nesta complicada

⁴³⁹ Revista Maria, jan./fev. 1962. p. 15.

⁴⁴⁰ Revista Maria, out. 1958. p. 12-13.

engrenagem social porque, no fim, são sempre eles, os pequeninos, as maiores vítimas que irão por sua vês, formar mais um élo nesta corrente que acorrenta a todos.⁴⁴¹

Já não se questionava a saída da mulher para o mercado de trabalho, isso era posto como necessário e inevitável, mas pleiteava-se que o Estado pudesse auxiliar essas mulheres na educação das gerações futuras, afinal, a figura da criança tinha um forte apelo social junto às camadas médias urbanas. Na pauta apresentada pela colaboradora da revista, demandas que ainda permanecem na ordem do dia das mulheres da atualidade.

A grande solução seria a começar tudo de novo já que o problema é de infraestrutura. Como isto parece ser um tanto utópico, resta-nos lutar por soluções secundárias; mais atenção ao fator “criança” na construção dos inevitáveis apartamentos; planejamento racional das cidades, criação de creches e lugares onde a garotada seja assistida enquanto a mãe tenha que se ausentar para prover o sustento do lar.

Escolas para babás, estas “doublés” de mãe e professoras que na maioria das vezes não sabem lêr e, além disso, os colégios de tempo integral.⁴⁴²

As empregadas, vistas como inábeis, imorais e sem educação, precisavam ser vigiadas e ensinadas. Assim essa mulher abastada, que podia ter uma empregada para servi-la, ainda assim precisaria dominar o saber fazer para ensinar a essas pessoas que deveriam servi-la e que, em alguns momentos, mostram-se incapazes de cumprir adequadamente suas tarefas, como podemos ver na pequena nota “Conselhos e sugestões”, que afirma: *Toda dona de casa deve saber como tratar a sua roupa para poder instruir a empregada que o ignora*⁴⁴³. Ao que parece, a Filha de Maria que, quando solteira, deveria se preocupar com a condição social das operárias pobres, quando se casa, não leva para o lar as mesmas preocupações para lidar com as suas serviçais.

A abordagem sobre a educação das crianças que a “Página do Lar” propunha fugia da ideia de uma educação demasiadamente rígida e aconselhava insistentemente o diálogo entre pais e filhos, bem como o entendimento de como funcionava a psicologia dos adolescentes.

Romantizar o casamento ou colocá-lo como um espaço-tempo de felicidade nunca foi uma pauta da revista Maria. Quando o casamento era abordado

⁴⁴¹ Revista Maria, jun./jul. 1963. p. 18.

⁴⁴² Revista Maria, jun./jul. 1963. p. 18.

⁴⁴³ Revista Maria, set. 1958. p. 13.

pelos sacerdotes, nas duas primeiras fases da revista, era mostrado como missão e sacrifício, que deveria ser desprovido de ideais românticos. Já na terceira fase, abordado por mulheres, permaneceu uma aura negativa em torno do matrimônio.

Com um olhar muito focado em problemas e situações reais, as mulheres da terceira fase também não romantizavam o casamento e continuavam colocando o matrimônio como um tempo de resiliência e sacrifício. Mesmo quando retratavam uniões bem sucedidas, essas mulheres não mostravam o casamento como um lugar de encantamento. A ideia de missão sagrada, de formação das gerações futuras, mediante renúncias e sacrifícios permanecia. Talvez por esse motivo que, na terceira fase, podemos ver despontar a figura da solteirona, não mais como uma mulher frustrada que não cumpriu sua missão de tornar-se esposa e mãe, mas como uma mulher que, por vontade própria, decidiu seguir por um caminho diferente. E é sobre isso que falaremos adiante.

5.4 OUTRO SENTIMENTO DE SI – O “APOSTOLADO DAS QUE NÃO CASARAM”

Enquanto a revista parecia tomar rumos que atendiam melhor às demandas e às necessidades de leituras das Filhas de Maria, especialmente no que diz respeito ao seu futuro, consolidando a sessão “Página do Lar” e a “Página das Noivas”, com conselhos práticos e “conversas” sobre a realidade do casamento e as dificuldades e incertezas enfrentadas durante o período de noivado, a revista parece ter se dado conta de que a solteirice também estava muito presente no horizonte de expectativa das Filhas de Maria.

A figura da solteirona, tabu em anos anteriores da revista, mas também imagem facilmente associada às jovens marianas da Pia União⁴⁴⁴, não poderia ou não queria mais ser silenciada. Era preciso repensar a solteirice como uma situação real que deveria ser redimensionada por aquelas que escreviam para a revista. Assim, diversas mulheres, em diferentes momentos da terceira fase da revista, decidiram encarar o tema de frente, muitas vezes, em tom de depoimento.

Entretanto, esse processo de reconhecer-se e aceitar-se como “solteirona” passou por etapas ou nuances diversas dentro da revista. Afinal, é preciso que iniciemos tal debate lembrando que a figura da solteirona enfrentou

⁴⁴⁴ Ver: ANDRADE, Maria Lucelia de. Op. Cit.

(podemos afirmar que enfrenta ainda) muito preconceito na sociedade moderna. Vista muitas vezes como representante de um desvio ou fracasso de uma “ordem natural”, a solteira não cumpre a missão que a sociedade e especialmente o marianismo lhes colocam como inquestionável: ser esposa e mãe.

“Solteirona”, “titia”, “vitalina” eram apenas alguns dos termos utilizados de forma pejorativa para nomear aquelas mulheres que, por não terem casado, teriam ficado “à margem da vida”. Segundo Claudia Maria,

A partir do final do século XIX, porém, o termo solteirona, como representação de um tipo ridículo e desprezível de mulher que não se casou, emergiu em várias modalidades de discurso no Brasil. Dentre esses discursos, a literatura brasileira que passou a oferecer várias personagens solteironas, contribuindo assim, para a construção e difusão desta representação e do celibato feminino estigmatizado no imaginário coletivo.⁴⁴⁵

Tentar provar que não se sentiam assim parece ter sido o impulso inicial de algumas dessas mulheres, mas o desafio de fazerem-se presentes na revista e respeitadas na sociedade passaria por um caminho mais longo e que colocaria em discussão mesmo ideias caras ao cristianismo católico. A primeira autoafirmação da leitora solteira da revista passava pelo desafio de afirmar a solteirice como um estado tão digno e valioso quanto o estado religioso assumido pelas freiras e quanto à maternidade advinda do casamento.

A vida religiosa é uma bandeira cara ao cristianismo, afirmar o celibato religioso como um estado superior a todos os outros foi uma prática constante dentro do catolicismo nos últimos séculos⁴⁴⁶. Auto afirmar a solteirice como um estado tão digno quanto o religioso é algo revolucionário, ao mesmo tempo em que pregava ser a vida de solteira *“mais pontilhada de espinhos e com carência de consolações, porém, por isso mesmo agrada mais a Deus”*.⁴⁴⁷

Porém, não eram todas as leitoras solteiras que viam o fato de não se casar com tranquilidade. Pressionadas pela imagem pejorativa que a solteirona tinha na sociedade, essas mulheres muitas vezes viam o fato de não casar como uma espécie de castigo ou maldição. Assim, a revista, ao encarar a questão da solteira,

⁴⁴⁵ MAIA, Cláudia. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral Minas Gerais (1890-1948). Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011. p. 75.

⁴⁴⁶ Ver: RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. 2. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

⁴⁴⁷ A Filha de Maria e a sua felicidade. *In*: Revista Maria, dez. 1957. p. 08.

busca trabalhar em várias frentes. Era preciso garantir que a sociedade respeitasse a “solteirona”, mas era necessário também ajudar as mulheres nessa situação a aceitarem seu estado civil de forma menos negativa, buscando cultivar nelas certo orgulho de sua condição, incentivando-as a lutarem em busca de valorização na sociedade e pelo fim da ridicularização da “vitalina”.

Etmologicamente a palavra vitalina quer dizer vida, juventude de espírito, rejuvenescimento, assim é preciso vibrar na sua missão de fazer bem aos outros.

Contudo êsse termo é tomado, as vêzes, em sentido quase ridículo, mas é preciso modificar essa mentalidade, e as próprias vitalinas são as que devem elevá-lo sentindo-se orgulhosas e felizes de possuírem êsse nome.⁴⁴⁸

A revista reconhece que não é fácil em uma sociedade que vê o casamento como missão única da mulher e que ridiculariza aquelas que não casaram sentir-se bem com o estado de solteirice, no entanto incentiva a “vitalina” que cultive o orgulho de si, se não por uma questão social, por uma questão divina, afinal, a solteirice aparece na revista não como um fardo, mas como a vontade de Deus e, como tal, inquestionável.

Realmente a pessoa pode sentir-se um pouco frustrada, um pouco irrealizada, mas não é um mal, é um bem, e a humanidade precisa dessa pessoa e a sociedade e a Igreja precisam daquelas que são celibatárias, daquelas que querem consagrar sua virgindade a Deus.

Se não casaram só há um motivo para tôdas: foi Deus que não o quis. E ninguém sabe os designos de Deus. Portanto, é justo uma aceitação livre e satisfeita valorizando essa vocação.⁴⁴⁹

Uma vocação misteriosamente dada, não escolhida e não facilmente aceita. Assim, parte dos escritos que abordam a questão da solteira traz também um toque de consolador, aconselhando as leitoras e induzindo-as a aceitar sua condição. Na posição de mulheres, o tempo lhes parece mais curto, especialmente quando se trata de constituir família e fugir da temida pecha de “vitalina”.

Você me dizia ontem que se sentia como alguém que houvesse ficado “à margem da vida” sem realizar sua vocação de mulher.

Tinha sonhado com um lar feliz, com berços para embalar, com uma caminhada a dois, apoiada num braço amigo que ajudasse a vencer os obstáculos do caminho, mas tudo falhou!...

⁴⁴⁸ “Vitalina”. *In*: Revista Maria, set./out. 1962. p. 12.

⁴⁴⁹ “Vitalina”. *In*: Revista Maria, set./out. 1962. p. 12.

Pouco a pouco foram se passando os anos de sua juventude. Os desenganos se acumularam. Hoje você se sente só, como que “sobrando”, sem estímulo para viver.⁴⁵⁰

Partindo dos textos que aparecem na revista, é possível perceber como a solteirice, para uma parte considerável das mulheres, aparece como um fardo pesado, num misto de fracasso e de perda da razão para viver. Para algumas, a solteirice representava a morte dos sonhos. Enquanto prega a necessidade de conformar-se e de aceitar a vontade de Deus (motivo maior do não casar-se), a revista lembra que a felicidade não é monopólio das que casaram e que, pelo contrário, um casamento ruim pode ser mais frustrante e colocar a mulher em condições piores do que as das solteiras. Se o “sonho dourado” do casamento não se concretizara, era talvez o momento de mostrar que o casamento poderia não ser tão bom assim.

Frustração não é monopólio de mulheres solteiras. Há muitos casamentos frustrados. Há muito lares sem berços, e falo somente daqueles que ficaram vazios sem ser por culpa dos esposos. E há, infelizmente, um grande número de mulheres casadas caminhando a sós, porque aquele que lhe haviam prometido: carinho, proteção, apoio moral, falhou nas suas promessas. E elas ficaram assim, mais expostas à maldade do mundo do que suas irmãs solteiras!...⁴⁵¹

Em todas as situações, o casamento, muito mais do que a vida religiosa, é tomado como parâmetro de comparação. Em seus conselhos, a revista lembra a suas leitoras que a vocação de cada uma é designada por Deus, logo não há vocações frustradas, há vocações incompreendidas.

No seu caso particular você desejava casar-se. Era jovem, prendada, tinha os requisitos necessários para tornar-se uma boa mãe de família. Mas circunstâncias alheias à sua vontade a puzeram de “lado” como diz você, e não casou-se! “Vocação” frustrada? Não. Engano, somente. Deus tinha outros desígnios a seu respeito. Mas o que fazer agora? Ensimismar-se, fechar o coração às alegrias da vida, estiolar-se como um galho murcho que não contribue para a beleza da árvore? Não, Mirtes. Seu destino é muito mais nobre.⁴⁵²

Aquelas que escreviam para a revista, falando sobre ser mulher e solteira, conheciam as dificuldades inerentes à condição de solteirona. A angustiada passagem do tempo para essas mulheres ganhava outro significado e tornava-se

⁴⁵⁰ O problema das solteiras. *In*: Revista Maria, maio 1958. p. 17.

⁴⁵¹ O problema das solteiras. *In*: Revista Maria, maio 1958. p. 17.

⁴⁵² O problema das solteiras. *In*: Revista Maria. ago. 1958. p. 09.

fonte de tristeza, amargura e ansiedade. Para elas, o tempo parece ter passado rápido demais, pelo menos o tempo da juventude e, com prazo esgotado, restava-lhes a angústia do tempo que de repente parece ter desacelerado. Criadas e educadas para serem esposas, essas mulheres teriam que se reinventar quando tais planos não se realizavam.

“Eu não sou uma vencida, minhas amigas!” Embora solteira, não me sinto inferior de modo algum às que são esposas ou religiosas. Não foi uma escôlha minha, este estado de vida. Mas eu o aceitei como uma vocação. Não é preciso dizer-lhes que vivi momentos de luta dolorosa até poder ultrapassar os meus preconceitos.

Tudo na minha educação tinha sido orientado para um futuro de espôsa e de mãe. A minha juventude foi “marcada” pela espera de um “companheiro de vida”. Os anos decorreram uns após outros e depois de alternativas de esperança e de decepção, vi desaparecer, um a um, todos os meus sonhos. Os que me cercavam não perceberam o drama que na minha imaginação era representado. Eu me tornara uma “solteirona”... Já não me falavam mais em casamento...⁴⁵³

Não obstante afirme não se sentir inferiorizada pelo estado de solteirice que diz ter aceitado como vocação, a leitora aponta indícios de como era difícil para essas mulheres, cuja vida foi marcada pela espera. O tempo que passava ano após ano sem que o “companheiro de vida” chegasse é mensageiro da decepção e, ao passar aparentemente rápido demais, para a leitora, essa passagem significa também a morte dos sonhos e da esperança. Para a leitora que espera seu destino planejado se concretizar, o transcorrer do tempo era também ceifador de sonhos e esperanças. Os planos imaginados, o lar sonhado com o passar do tempo fica mais distante, até tornar-se impossível no horizonte de expectativa dessas mulheres. Resta-lhes a “conformação”, atitude cristãmente exemplar, tal como a Filha de Maria deveria ser. O tom de melancolia, no entanto, marcava profundamente esse processo de aceitação.

Tinha sonhado com um lar feliz, com berços a embalar, com uma caminhada a dois, apoiada num braço amigo que a ajudasse a vencer os obstáculos do caminho. Mas tudo falhou! ... Pouco a pouco foram se passando os anos de sua juventude. Os desenganos se acumularam... as esperanças fugiram. Hoje, você se sente só, como que “sobrando”, sem estímulo para viver.⁴⁵⁴

Enquanto tenta despertar nas solteiras um sentimento de aceitação, a revista lança uma ideia que passa a acompanhar todas as falas em torno da

⁴⁵³ Eu não sou uma vencida. *In*: Revista Maria, out. 1965. p. 10.

⁴⁵⁴ O problema das solteiras. *In*: Revista Maria, maio 1958. p. 17.

solteirona: o “apostolado das que não casaram”. O passo inicial desse apostolado era conformar-se com a vontade de Deus e com a vocação que lhe fora atribuída pelo divino, sem ressentimento, amargura ou frustração. Num segundo momento, o apostolado da solteirona tinha uma dimensão social.

A revista aconselha que a “titia” solteira deve ser o “anjo da guarda” e o pronto-socorro da família. A “missão das titias”, caso trabalhassem, era prestar um socorro financeiro aos parentes. Caso sua renda não lhe permitisse, deveria ficar com as crianças para que a mãe trabalhasse sem preocupação. A “titia” deveria aceitar o “fardo” de cuidar dos “pequenos”, mesmo que fossem “desobedientes, terríveis, trelosos”⁴⁵⁵.

Mas o apostolado da solteirona não deveria resumir-se aos parentes. Acreditando que “Tôda mulher tem o instinto materno, quando é cristã e quando imita a Virgem Mãe”⁴⁵⁶. Dedicar-se às crianças passa a ser um conselho constante e essa ação poderia ser através da catequese, do auxílio às mães da família e vizinhança, as boas obras para com as crianças abandonadas e, até mesmo, a adoção. Com a adoção, a “vitalina” se aproximaria, ao máximo, do modelo mariano, experimentaria a maternidade permanecendo pura, celibatária, tal como Maria, comparação que ousadamente apareceu no texto de Ody Azevedo parabenizando as mães adotivas solteiras.

Celebrando o dia das mães neste mês de Maio, saudamos a tôdas as Filhas de Maria que, não desfrutando a glória da maternidade, aceitaram entretanto as suas renúncias criando uma ou mais crianças como se fossem seus próprios filhos.

À virgem mãe que, sacrificando o seu tempo, o seu repouso e mesmo o seu bem estar pela felicidade de uma criança privada dos carinhos de sua mãe, preferiu à glória, todos os sacrifícios da maternidade, hoje saudamos reconhecidos em nome dessas mesmas crianças que não podem avaliar o benefício recebido.⁴⁵⁷

Percebendo o potencial das solteiras como agentes sociais, a revista lança a ideia do “apostolado das que não casaram”, afirmando que fiquem a lamentarem-se por não terem casado, amargurarem, por isso era um desperdício de forças e de vidas. Assim, a revista conclama que as solteiras ajudem umas as outras a saírem da tristeza, do desânimo, do derrotismo e se dediquem às demandas que a Igreja lhes direciona.

⁴⁵⁵ A missão das “Titias”. *In*: Revista Maria, maio 1955. p. 21.

⁴⁵⁶ A missão das “Titias”. *In*: Revista Maria, maio 1955. p. 22.

⁴⁵⁷ Violetas á beira da estrada. *In*: Revista Maria, maio/jun. 1965. p. 17.

Já pensou você no contingente novo de energias e de dedicação que a recuperação das solteiras dará à Igreja?
 Medite nisso e depois conversaremos sobre as perspectivas que se abrem ao apostolado das que não casaram. Elas esperam somente que digamos o “sim” generoso ao chamado (vocação) de Deus.⁴⁵⁸

A ideia de que a “titia” deveria ser uma espécie de suporte a toda a família vai aos poucos cedendo lugar para a ideia de que essas mulheres poderiam e deveriam experimentar a maternidade de outra forma, cumprindo, dessa forma, com sua vocação maternal e dando significado a sua vida. A adoção e o trabalho voltado para crianças carentes passam a ser incentivados pela revista, com a ideia de que tal obra traria sentido e alegria à vida daquelas que viviam aborrecidas com o fato de não terem conseguido constituir família.

Quantas moças levam vida continuamente ociosa quando podiam fazer tanto benefício em prol daquelas cujo tempo se faz precioso e difícil!... o campo cada vez mais se torna mais vasto aguardando apenas ação. Haja vista o número de crianças abandonadas por aí afora que vivem respirando o ambiente infecto das ruas, sem que tenham u’a mão feminina a ensiná-lhes o bom caminho, inclusive, um conhecimento mais perfeito de Deus.⁴⁵⁹

A solteirice como missão era um discurso poderoso, mas não era o único. A solteirice como escolha e como possibilidade real de felicidade também estava presente, especialmente nos relatos daquelas que, sendo solteiras, não se enxergavam como inferiores ou vencidas e buscavam, através de sua escrita na revista, reafirmar sua posição de mulheres realizadas e bem resolvidas com sua não conjugalidade.

Eu não sou feia... tenho mesmo a pretensão de oferecer alguns atrativos; a minha boca e as orelhas são pequeninas.. os meus olhos são vivos e brejeiros... nariz aquilino... estatura mediana... sei sustentar uma conversa e mesmo enfeitá-la com gentis recordações encontradas nos meus estudos ou nas minhas viagens.

Entendo de cosinha e costura. Amo loucamente as crianças e não detesto os homens que considero como felizes complementos do nosso sexo. tive ate mesmo um pequeno romance de amor... (Qual é a moça que já não teve o seu?)

Mas, não me casei! Seduzida por um outro ideal, sobrecarregada, aliás, por devêr, - fiz o sacrifício de um lar, sacrifício êste que continua a ser penoso, mas eu não saberia lamentar. (...)⁴⁶⁰

⁴⁵⁸ “O problema das solteiras”. *In*: Revista Maria, ago 1958. p. 09.

⁴⁵⁹ Em busca de felicidade. *In*: Revista Maria, jul./ago. 1959. p. 18-19.

⁴⁶⁰ Um segredo para não envelhecer. *In*: Revista Maria, set. 1957. p. 16.

Ciente dos argumentos que constantemente ligavam a solteirice à feiura feminina, a leitora já começa enumerando seus dotes físicos, acentuando características que estavam de acordo com os padrões de beleza da época. Aliás, os argumentos iniciais do artigo parecem dialogar no sentido de rebater a maioria das críticas e ideias que se estabeleciam em torno da figura da mulher solteira. Assim, a leitora-escritora sente a necessidade de afirmar de antemão que não odeia crianças, pelo contrário as ama “loucamente” e que não detesta o gênero masculino. Em suma tais afirmações buscam desconstruir também a imagem da mulher antissocial, masculinizada e que foge a sua “natureza” feminina, ligada à complementariedade do sexo masculino e à maternidade.

Embora não explicita no texto que outro “ideal” a seduziu, seu texto dá indícios de que é uma mulher com acesso a estudos e viagens. Suas conversas poderiam muito bem girar em torno desses assuntos, tornando sua companhia interessante a todos que dela desfrutassem.

Além disso, ainda que seus argumentos fossem na contramão das ideias postas sobre a solteirice, ela não ousa romper definitivamente com a ideia de casamento como ideal feminino, colocando o “sacrifício de um lar” como algo penoso para ela mesma, não obstante deixa claro que não lamenta tal “sacrifício”. Ao afirmar que não saberia lamentar o sacrifício de um lar, a leitora acena um ato de rebeldia, que, embora sutil, reafirma a possibilidade de ser feliz buscando outros “ideais”.

Ainda como forma de desconstruir o estereótipo da solteirona ranzinza e amarga, que a todos espanta com seu rancor, críticas e melancolia, ela aponta qualidades que mesmo sendo “vitalina” pode oferecer a sociedade,

Gosto das crianças e amo as pessoas que me cercam porque sempre trabalhei para extinguir em mim a menor chama de ciúme que destrói a amizade. Eu gozo da felicidade dos outros. Sei rir com os que riem em chorar com os que choram. (...) e assim livre-me do defeito em que cáem numerosas “prolongadas” balzaquianas que só sabem criticar as pessoas e as cousas, sentindo um prazer maldoso em espalhar o seu veneno sôbre o próximo.⁴⁶¹

Ao propagandear sua receita de felicidade e seu “segredo para não envelhecer”, a leitora mostra uma nova forma de ser solteira e, ainda que,

⁴⁶¹ Um segredo para envelhecer. *In*: Revista Maria, set. 1957. p. 16.

indiretamente, responde às críticas daqueles que estereotipavam as jovens não casadas.

Percebe-se que novas formas de viver o tempo feminino iam, aos poucos, sendo descobertas pelas leitoras. Novas possibilidades que ultrapassavam o tempo da espera pelo casamento e o tempo da amargura do “não casar”.

Enquanto a revista tentava convencer as leitoras de que o tempo da amargura deveria ser transformado no tempo da resignação (com a vontade de Deus), as leitoras sinalizavam que circulando entre tais tempos poderia haver o tempo da liberdade de ser feliz buscando “outros ideais” e, com essa nova leitura do tempo, o horizonte de expectativa da Filha de Maria leitora da revista se estendia consideravelmente por outros caminhos...

Assim, percebe-se que, quando a revista é assumida por um grupo de mulheres, elas rapidamente dão outra cara ao impresso, embora não ousem fugir demasiadamente dos ensinamentos da tradição. Mais do que um choque entre tradição e modernidade nessa fase, o que vemos é uma tentativa de amalgamar esses regimes de historicidade e engendrar uma Filha de Maria que *“Não seja fútil, mas, também não seja arcaica; não se escandalize com o mundo, entretanto também não o escandalize.”*⁴⁶²

⁴⁶²Filha de Maria do Século XX. In: Revista Maria, out./nov. 1961. p. 12.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista Maria foi um projeto ambicioso. Utilizando-se de um formato de impresso característico da modernidade, foi pensada como instrumento para unificar sob as mesmas orientações e valores, todas as Pias Uniões das Filhas de Maria do Brasil.

Sustentamos, neste trabalho, a ideia de que as Filhas de Maria tiveram, dentro da estratégia de organização dos leigos pela Igreja romanizada, um importante papel, especialmente com as camadas médias urbanas. Não conseguimos apontar em números precisos quantas Pias Uniões e quantas Filhas de Maria existiam espalhadas pelo país. Mas a revista Maria nos deu indícios substanciais de que eram muitas, a contar pelo alcance geográfico que a revista atingia, recebendo e publicando cartas de todos os Estados do país. Outro indício importante eram os Congressos Eucarísticos promovidos pela Igreja e noticiados pela revista, que reuniam Filhas de Maria aos milhares. Para alguns estudiosos da Igreja Católica no Brasil, entre eles Riolando Azzi, esses Congressos faziam parte da estratégia da Igreja para demonstrar poder perante o Estado brasileiro e as congregadas marianas estavam lá, em destaque.

Os congressos eucarísticos nacionais, iniciados na década de 1930, constituem uma das manifestações públicas mais importantes utilizadas pela Igreja Católica para reafirmar sua presença na sociedade. Quatro eram as finalidades principais dessas solenes celebrações. Em primeiro lugar demonstrar publicamente a força da instituição católica, (...) reafirmar a preeminência da fé católica entre o povo brasileiro, (...) mostrar o potencial de força política, subjacente nessa numerosa aglomeração de fiéis. (...) Por último, essas solenes manifestações de fé deviam mostrar que era chegado o momento efetivo de transformar o Brasil num país verdadeiramente cristão.⁴⁶³

A criação de um impresso que colocava em (Re)vista as demandas do presente daquelas mulheres nos indicam como esse projeto de congregação estava sendo, no Brasil, adaptado para um papel que extrapolava os fins iniciais da associação, que eram basicamente devocionais e se encontravam detalhados no Manual da Pia União das Filhas de Maria. No Brasil, esse modelo de associação leiga, que nasceu na Europa, ganhou cores próprias e precisou se adequar as

⁴⁶³ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Terceira época: 1930-1964. Petropolis: Vozes, 2008. p. 436.

questões mais urgentes que diziam respeito ao passado e ao futuro do catolicismo no país.

Assim, a tensão e a interação entre o passado e o futuro, a tradição e a modernidade, ou para utilizar os conceitos de Reinhart Koselleck, o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa*, no então presente das leitoras, constituem o fio condutor que perpassa todas as questões desta tese. Como essa interação entre os *estratos do tempo* influenciaram de maneira definitiva no presente então vivido por aquelas mulheres e nas pautas que deveriam receber a atenção das Filhas de Maria do país inteiro é o que está apresentado ao longo desse trabalho. Sobre esses entrelaçamentos dos tempos, Koselleck nos lembra que

Evidentemente, o que esperamos para o futuro é delimitado de maneira diferente daquilo que experimentamos no passado. Expectativas cultivadas podem ser ultrapassadas; experiências realizadas, no entanto, são colecionadas. Por isso, o espaço de experiência e o horizonte de expectativas não podem ser remetidos um ao outro de forma estática. Eles constituem uma diferença temporal no presente, entrelaçando o passado e o futuro de modo desigual. Com isso, teríamos definido uma característica do tempo histórico que, ao mesmo tempo, pode indicar mutabilidade.⁴⁶⁴

Em cada fase, a interação entre *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*⁴⁶⁵ dava o tom para direcionar ações, ideias e comportamentos dessas mulheres que construíram para si uma identidade própria, que as acompanhava por toda a vida. A construção da identidade da Filha de Maria era algo muito significativo para aquelas moças que tomavam parte na congregação, no mesmo instante que essa identidade servia à estratégia da Igreja de estruturação de um bio-poder, que dispunha de *“técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos”*⁴⁶⁶. Quais renúncias e obrigações estavam na base da construção do prazer de ser Filha de Maria são parâmetros variáveis ao longo do período aqui em estudo.

Procuramos mostrar como a identidade da Filha de Maria não foi uma só ao longo dos cinquenta anos aqui em estudo, justamente porque ela estava sob a influência direta do tempo, aqui pensado como *“construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como*

⁴⁶⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014. p. 308.

⁴⁶⁵ Conforme Koselleck, “o passado e o futuro se entrelaçam na presencialidade da experiência e da expectativa.” KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit. p. 307.

⁴⁶⁶ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 131.

*horizonte de expectativas.*⁴⁶⁷ E foi para entender como essa influência se efetivava de forma variável que dividimos os cinquenta anos de revista em três fases, delimitadas, justamente, por essa variação na interação entre passado e futuro.

Logo percebemos que, na primeira fase, o passado, o tempo da tradição, é o que dava a tônica do discurso da revista. Os valores, as ideias, as instruções e os ordenamentos partiam do espaço de experiência dos padres que compunham o corpo editorial da revista e que reafirmavam a força da tradição, focando grande parte da sua preocupação na tarefa de dominar e normatizar os corpos femininos, negando-lhes os prazeres da carne em nome de um prazer espiritual e místico de ser Filha de Maria, reinventando a percepção de beleza, a qual deixava de pertencer somente ao âmbito carnal para ocupar uma dimensão transcendente e não deixava de refletir nos padrões de beleza corporal.

Para isso, a revista lembrava às suas leitoras sua natureza corrompida desde a criação, com a figura de Eva, como indicativo que não podiam descuidar de seu corpo, pensamentos e ações e, para isso, a orientação do sacerdote, agente da tradição, era indispensável.

O feminismo entrou na pauta da revista como alvo de muitas críticas. Incomodava aos editores a tentativa de emancipação feminina, mesmo nas versões mais moderadas. Ridicularizado de forma recorrente, o comportamento das feministas era atacado com afincos pelos sacerdotes que não se privavam de publicar até histórias inverídicas sobre as mesmas. Mas sabendo ser o feminismo uma discussão da modernidade, principalmente nos centros urbanos, a revista passou a defender a ideia de um “feminismo cristão”, que amalgamava tradição e modernidade, como alternativa aos potentes discursos das feministas modernas. O que fica subtendido é que o feminismo cristão veiculado no periódico reduzia basicamente todo o direito feminino a ser tal como Maria, cujo protagonismo está eivado de uma essência de obediência e elevação pela resignação e sacrifício.

Na segunda fase (1933-1955), concluímos que a modernidade, com sua noção de progresso, que abrangia tanto a técnica, como os comportamentos, trouxe para a revista a percepção de que concessões precisavam ser feitas para que o projeto de grupos de mulheres exemplares não se esvaziasse. Nas tensões entre os exemplos do passado e o futuro imprevisível, essas mulheres foram se constituindo

⁴⁶⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 09.

como sujeitos de si, mas sem abdicar daquilo que as fazia diferentes das outras jovens e que era respaldado pelos valores da tradição: a distinção da Filha de Maria.

As discussões da revista mostraram que nesse período as leitoras já se deixavam influenciar pela modernidade e seus valores. A Filha de Maria que analisamos aqui foge do estereótipo da mulher católica representado pela “beata papa-hóstia”⁴⁶⁸. Questionadora, em muitos momentos se aproximava mais de Eva do que de Maria. A busca por uma existência mais autônoma, menos tutelada, tentando discutir na revista novas formas de agir e pensar no mundo, tira essas mulheres do lugar de passividade e as colocam como agentes que buscam no espaço da revista negociar uma nova forma de ser Filha de Maria. Nesse sentido, elas foram pensando para si um meio termo, em que já não se contentavam em abdicar completamente do que a modernidade oferecia. No mecanismo de compensação de prazeres, a modernidade já ameaçava a satisfação de ser Filha de Maria nos moldes da tradição.

À medida que a modernidade avançava, distanciando cada vez mais a expectativa da experiência, ser Filha de Maria ia aos poucos deixando de ser algo socialmente interessante. O próprio papel de mulher devota perdia espaço para outro modelo de mulher que tinha outras esferas de protagonismo e ação, que não a igreja. Com o avanço do progresso técnico, a abertura do mercado de trabalho e a liberação dos costumes, essas mulheres passaram a enxergar outros espaços que elas poderiam ocupar, com outros parâmetros e outras proibições também, não obstante mais sintonizados com a modernidade do que com a tradição.

Tanto que as Filhas de Maria da terceira fase da revista (1955-1965) já não faziam longas digressões sobre a vida religiosa e contemplativa. Elas tinham consciência que o seu presente estava impregnado de futuro, também outros espaços e outros papéis lhes eram reservados, assim, sobre eles, precisam pensar, escrever e aconselhar. Os valores da modernidade são de outra ordem. A própria felicidade moderna tem outro formato, é mais carnal, mais imediatista e mais preocupada com o material e com o ser feliz no presente. O sacrifício por uma felicidade etérea já não parecia fazer o mesmo sentido. Buscavam, tal como a

⁴⁶⁸ A figura da “beata” faz parte do imaginário brasileiro, reforçado inclusive pela literatura, em que é constantemente representada como feia, “encalhada”, obtusa, que abomina o progresso. Muitas vezes, na literatura, “são concebidas como uma verdadeira massa indistinta, figuras pateticamente impressionáveis e fanáticas, habilidosas em congregar gente que partilha das mesmas crenças supersticiosas”. Cf. SANTOS, Cristian. **Devotos e Devassos**: representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 137.

modernidade impunha, o prazer do efêmero, do consumo e do descanso, num mundo de cansaço que já exigia delas uma dupla ou tripla jornada de trabalho. O “novo tempo”, cada vez mais acelerado, já não dava tanta importância à tradição. Era preciso viver o futuro, já presente.

À medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito, como um “novo tempo” moderno, o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador. (...) E, se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnico e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim a alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida.⁴⁶⁹

Mas não que essas mulheres perdessem totalmente seus laços com o passado e a tradição. A terceira e última fase da revista nos apontou que havia ainda muitas leitoras, Filhas de Maria há muitos anos, que não concordavam com os novos rumos que as Pias Uniões estavam tomando. Afinal, nem todas as congregadas marianas reivindicavam um afrouxamento das regras e das proibições. Para as mais antigas, o rigor no comportamento e no compromisso com a tradição era o que trazia valor à suas fitas azuis. Viviam uma espécie de saudosismo, que enxergava as permissões que se acentuavam, a partir de meados de 1950, como um demérito para todo o grupo. Ser Filha de Maria já não fomentava o mesmo orgulho, a mesma santidade, e a Pia União das Filhas de Maria começava a cair em desuso, como algo de um passado que já não fazia mais o mesmo sentido de antes.

Quando o feitiço da revista foi assumido exclusivamente por mulheres, em 1955, as mudanças na sociedade brasileira eram profundas. O mercado de trabalho feminino estava em expansão e, em virtude da condição econômica do país, cada vez mais as mulheres das camadas médias urbanas precisavam ocupar postos no mercado de trabalho para garantir o sustento da família. As mudanças culturais também traziam outro universo de possibilidades que não dialogava mais com as restrições e proibições impostas pela tradição católica, e essas moças que começaram a considerar se o prazer de ser Filha de Maria compensava os deveres e obrigações exigidas. Receosas de parecerem ultrapassadas, o que na modernidade diminuiria seu prestígio enquanto grupo, essas jovens passaram a pensar por si mesmas como deveria ser a Filha de Maria dos novos tempos.

⁴⁶⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 16.

A percepção de que os tempos eram outros e que o moderno prevalecia, exigiu delas que se repensassem, sob pena do projeto ao qual elas pertenciam extinguir-se. O *espaço de experiência* nos quais estavam os fundamentos do ser Filha de Maria não oferecia mais respostas apropriadas. O *horizonte de expectativa* exigia delas um repensar-se. Elas fizeram isso por conta própria, pois não contavam mais com um conselho de sacerdotes escrevendo normas a serem seguidas. A escrita do grupo estava nas mãos dessas mulheres. Nesse sentido, elas pareciam perceber que a modernidade era uma realidade que exigia novas formas de pensar e agir, além disso nos lembra Koselleck, na

era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então.⁴⁷⁰

A percepção de que as leitoras da revista pertenciam às camadas mais abastadas da sociedade continuou e se acentuou na escrita das mulheres. Em seus textos, com acentuado caráter pragmático, elas expõem suas percepções de hábitos cotidianos que demonstram sua posição socioeconômica. Continuavam também dirigindo às mulheres pobres um olhar de crítica e de “piedade cristã” eivado de preconceitos. Falavam do despreparo das empregadas e babás, de sua ignorância e de como não deveriam confiar completamente nessas pessoas, enquanto mencionavam o usufruto das novidades que o progresso reservava a uma parcela reduzida da população brasileira das décadas de 1950 e 1960, tais como rádio, televisão, viagens de férias, receitas culinárias sofisticadas e até cirurgias plásticas, afirmando: *“Hoje em dia quem não as faz! É comum...”*, e finalizam aconselhando *“Prudência pois, nas plásticas desnecessárias mulheres cristãs!...”*⁴⁷¹

Assim não é de admirar que as editoras da revista tenham prestado homenagem e festejado o advento do golpe civil-militar de 1964, embora não tenham escrito textos apoiando. Seu apoio foi manifestado em pequenas notas de júbilo. A política, aliás, não ocupou espaço na escrita dessas mulheres, nem mesmo o comunismo ocupou espaço nas preocupações da revista.

⁴⁷⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 314.

⁴⁷¹ Revista Maria, jan./fev. 1962. p. 16.

Com as mudanças advindas do Concílio do Vaticano II e sua defesa de uma Igreja povo de Deus, mais igualitária, as Pias Uniões das Filhas de Maria foram perdendo espaço nas paróquias, assim, com esse declínio, sua revista também foi perdendo importância e reduzindo sua circulação. Quando estive na Biblioteca Nacional em 2013, folheei exemplares de 2010 da revista Maria. Aquela que outrora havia circulado por todo o país e sido porta voz de um projeto caro à Igreja Católica fora reduzida à praticamente um folheto, e sua circulação passou a ser local.

A revista Maria compõe um acervo muito rico. Ao longo desta pesquisa muitas escolhas foram feitas, mas outras também seriam possíveis. É interessante questionar por que uma revista que teve uma circulação tão ampla seja praticamente desconhecida pela historiografia que trabalha imprensa e Igreja Católica. Talvez um dos motivos seja o fato de que se espera que um grupo de mulheres leigas que pautem sua vida a partir de uma congregação religiosa não tenha muito a mostrar além do controle dos corpos. Entretanto, a revista Maria nos permitiu perceber diferentes dimensões dessas mulheres, que “Não são deferentes o tempo todo, mas também não se constituem apenas em atos de rebeldia”⁴⁷² e que tiveram uma participação considerável nos projetos da Igreja Católica no Brasil, bem como marcaram enquanto grupo a memória daqueles que viam suas aparições públicas com admiração e desejo. E, quando a Igreja, com as mudanças do Vaticano II, passou a dar menos importância às congregações pias, as mulheres à frente da revista Maria buscaram reinventar a figura da Filha de Maria, mas as expectativas pareciam entrar num descompasso, afinal

expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.⁴⁷³

⁴⁷² Ver THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

⁴⁷³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 310.

Nesse futuro presente, característico da terceira fase, o apego a ser Filha de Maria, a manter o prestígio social do grupo, abre espaços de reelaboração desse modelo da tradição. Mas, uma Filha de Maria “moderna” ainda seria realmente uma Filha de Maria? Tudo indica que não. Na modernidade, a Filha de Maria parecia não se enquadrar mais, ou pensando a partir de Foucault, a positividade das sanções que as cercavam pareciam não fazer mais sentido.

FONTES

Hemerográficas

REVISTA MARIA. Recife: [s.n.], 1915-1918. Disponível em formato de Microfilme na Biblioteca Nacional

REVISTA MARIA. Recife: [s.n.], 1919-1965. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fon Fon. Ed. 0047. 24/11/1923. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal do Recife do dia 10/06/1928. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Diário de Pernambuco do dia 16/01/1920. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Manuais

GENTELLES, Madame de. **O dia de uma Filha de Maria**. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz, 1942.

MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. Tradução Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro: [s. n.], 1926.

MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. 6. ed. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1942.

ROWER, Basílio (comp.). **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. 16. ed. Petrópolis: Tipografia Vozes, 1933.

ROWER, Basílio (comp.). **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1957.

ROWER, Basílio (comp.). **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1960.

TEPPA, Padre. **Jesus falando ao coração das Filhas de Maria**. 6. ed. Pôrto: Edições do Apostolado da Imprensa, 1934.

Outros

LEME, Sebastião. **Carta pastoral de Dom Sebastião Leme saudando a sua Archidiocese**. Petrópolis: Typ. Vozes de Petrópolis, 1916.

NASCIMENTO, Luiz. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**: Recife: Arquivo Público: Ed. UFPE, 1962-2013. 15 v.

PEDROZA, Cônego Alfredo Xavier. **Letras Católicas em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939

Livros publicados por colaboradoras da revista Maria.

AZEVEDO, Ody. **Apostolado Moderno da Filha de Maria**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1955.

AZEVEDO, Ody. **Formação da Filha de Maria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1955.

AZEVEDO, Ody. **Páginas de Formação para moças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1952.

FONTE, Guiomar de Sá. **A moça moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1941.

Fontes Orais

ELIETE SARAIVA - Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 17 de fevereiro de 2008.

MARIA MENAS DA SILVA - Entrevista concedida à autora em 08/01/2004, gravada na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.

RAIMUNDA FRANCISCA ANDRADE - Entrevista concedida à autora em 22/11/2002, gravada na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marta. **O Império do Divino**: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- A REVISTA no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. **O sexo devoto**: normatização e resistência feminina no império Português – XVI-XVIII. 2003. 132 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- ANDRADE, Maria Lucelia de. **“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”**: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- ANDRADE, Maria Lucelia de. **Nuanças de um ritual de fé**: as procissões católicas em Limoeiro do Norte (1940-1980). 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2004.
- ANDRADES, Marcelo Ferreira de (org.). **Editora Vozes**: 100 anos de história. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARY, Zaíra. **Masculino e feminino no imaginário católico**: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume, 2000.
- AZEVEDO, Ody. **Apostolado Moderno da Filha de Maria**. Rio de Janeiro: Vozes, 1955.
- AZEVEDO, Ody. **Formação da Filha de Maria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1955.
- AZEVEDO, Ody. **Páginas de Formação para moças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1952.
- AZEVEDO, Ody. **A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida, SP: Santuário, 2008.
- AZZI, Riolando. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). In. MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **A mulher pobre na história da Igreja Latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BELTRÃO, Kaizô I. (Kaizô Iwakami). **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1425.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2019.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador". In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.

BOXER, C.R. **A mulher na expansão ultramarina ibérica**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 1, p. 24-46, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/download/9986/6590> visitado em 16-02-2019. Acesso em: 5 maio 2019.

BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

BUITONI, Dulcilia Schoroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. Tradução Renato Ambrosio. São Paulo: Senac, 2008.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940)**. São Paulo: UNESP, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHARTIER, Roger (org.) **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação da liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução Mary del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. *In*: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

CORBAIN, Alain (dir.). **História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 3.

CORBAIN, Alain (dir.). **História da virilidade: O triunfo da virilidade – O século XIX**. Vol. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. v. 2.

CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História do Corpo: As mutações do Olhar. O século XX**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. v. 3.

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro**. São Paulo: Alameda, 2002.

DARNTON, Robert. **O grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DARNTON, Robert. **Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. Tradução Hidelgard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**: o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: Mídia, Cultura e Revolução. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **Poesia e Polícia. Redes de comunicação na Paris do século XVIII**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DARNTON, Robert. Textos, impressão, leituras. *In*: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno**. São Paulo: Unesp, 1997.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, UNESP, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo do século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva**: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. *In*: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

FARRELL, Amy Erdman. **A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular**. Tradução Renata Laureano. São Paulo: Barracuda, 2004.

FERNANDES, Luciana Maria Pimentel. **Irmandade, Devoção e Romanização**: a vida material da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Quixeramobim-Ce (1896-

1923). 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *In: Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13930.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2019.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra**: introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Universidade de São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FERRO, Marc. **Os tabus da História**. Tradução Maria Angela Villela. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FONSECA, Cláudia. Solteironas de Fino Trato: reflexões em torno do (Não-) Casamento entre pequeno-burguesas no início do século. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 18, p. 99-120. ago./set. 1989.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: Discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

FREITAS, Marcos Cezar de. **Integralismo**: fascismo caboclo. São Paulo: Ícone, 1998.

GENTELLES, Madame de. **O dia de uma Filha de Maria**. Rio de Janeiro: Vera Cruz, 1942.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). *In: FAUSTO, B. (org.). História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1983. v. 3.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HARTOG, François. “Tempos do mundo, História e escrita da História”. *In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.) Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

HARTOG, François. **Evidência da História**: O que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: UnB, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOLANDA FILHO, Pedro. **O Barão da caridade**: a morte de Guilherme Studart e a invenção de uma vida exemplar (1856 – 1938). 2018. 123f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800)**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

IGLESIAS, Francisco. **Constituintes e constituições brasileiras**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. “ ‘História’ como conceito mestre moderno”. *In*: KOSELLECK, Reinhart, *et al.* **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

KUNZ, Martine. **Cordel**: a voz do verso. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda dourada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LEME, Sebastião. **Carta pastoral de Dom Sebastião Leme saudando a sua Archidiocese**. Petrópolis: Typ. Vozes de Petrópolis, 1916.

LIBÂNIO, J. B. **Concílio do Vaticano II**: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na independência – 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **A mulher pobre na história da Igreja Latino-americana.** São Paulo: Paulinas, 1984.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil.** Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2018.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de Republica, São Paulo (1890-1922).** São Paulo: FAPESP, 2008.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945).** São Paulo: DIFEL, 1979.

MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira: 1890-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX.** São Paulo: Olho d'água/Fapesp, 2001.

MOREIRA, Igor Alves. **Do bispo morto ao padre matador (Dom Expedito e padre Hosana nas construções da memória – 1957/2004).** 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto. **Em guarda contra o “perigo vermelho”:** O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

NEVES, Guilherme Pereira. A religião do império e a Igreja. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial: Volume I – 1808-1831.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

NEVES, Lucia Maria Bastos P., MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.) **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder.** Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898).** 2010. 156f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

OLIVEIRA, Claudia, VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera (orgs.). **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto: censura católica à leitura de romances.** Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PEDROZA, Cônego Alfredo Xavier. **Letras Católicas em Pernambuco.** Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 2012.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas.** São Paulo: UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX.** São Paulo: Hucitec, 1997.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.) **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTO, Márcio de Souza. **Modernidade e catolicismo: o episcopado de Dom José de Medeiros Delgado no Ceará (1963-1973).** 2014. 201. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

PORTO, Márcio de Souza. Catolicismo Laico e Catolicismo Romanizado no Ceará: Tensões, Conflitos e Resistências, na transição do século XIX para o XX (Esse estranho Felismino). **MNEME, Revista de Humanidades**, v. 7. n. 17, ago/set 2005;

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil: 1890-1930.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Frei Tito – Cartas de com-paixão.** Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013.

RANKE-HEINENMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

REIS, Edilberto Cavalcante. **Pro Animarum Salute: a diocese do Ceará como vitrine da romanização no Brasil (1853-1912).** 2000. 123 f. Dissertação (Mestrado História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na Década de Vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

RIBAS, Ana Cláudia. **A “boa imprensa” e a “sagrada família”**: Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)**. São Paulo: Unicamp; Hucitec, 1988.

RICOEUR, P. *et al.* **As culturas e o tempo**: estudos reunidos pela Unesco. São Paulo: Vozes, 1975.

ROCHA, Clara. **Revistas literárias do século XX em Portugal**. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1985.

ROCHE, Daniel; DARNTON Robert (orgs.). **A Revolução Impressa**: A Imprensa na França, 1775-1880. Tradução Marcos Maffei Jordan. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem**: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica/FAPESP, 2005.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1920**: Os anos que mudaram tudo. São Paulo: Ática, 1997.

ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, Heloisa Turini & GUTIERREZ, Gustavo Luis (orgs.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Transformações do Corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 2, p. 24 - 33, 2010.

SANTOS, Cristian. **Devotos e Devassos**: representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema.** São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995,

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro.** São Paulo: Summus, 1991.

SILVA, Diocleciana Paula da. **Do Recato à Moda: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920.** 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife.** Recife: UFPE, 2006.

SILVA, Severino Vicente da. **Da Guerra à Neocristandade: A Tribuna Religiosa – 1917-1919.** Curitiba: Prismas, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Diego Omar. Mãos à obra, que o tempo urge: considerações preliminares sobre o tema da Boa Imprensa nas Cartas Pastorais do Episcopado Brasileiro. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 25., 2011. São Paulo, **Anais [...] São Paulo: ANPUH**, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e história.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOFFIATTI, Elza S. Cardoso. **Igreja Católica, política e Pio XII: O Estado Democrático.** Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SOUSA, Noélia Alves de. **A liberdade é vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX.** 1997. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

SOUZA, Ney. “Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II” *In: Revista de Teologia e Cultura*, n. 02, out./nov./dez. 2005. Disponível em: http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/2009/05/contexto_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 5 mar. 2019.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

TEPPA, Padre. **Jesus falando ao coração das Filhas de Maria**. 6. ed. Pôrto: Edições do Apostolado da Imprensa, 1934.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

TRINDADE, Hélgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente – da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo. Petrópolis: Vozes, 2016.